

Anátema

de Camilo Castelo Branco

ÍNDICE

Prefácio da 2ª edição

Introdução

Capítulo I – No qual se prova que o autor não tem jeito para escrever romances

Capítulo II – Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambado aparece a conversar com sua mulher, Jacinta Rosa, e do mais que a seu respeito se disser

Capítulo III – Quem era a cozinheira destes fidalgos, que ditos ficam, e de outras coisas muito para se lerem, e menos para se imitarem

Capítulo IV – No qual se tratam coisas muito tristes

Capítulo V – Vários sucessos a respeito da fidalguia destes remos

Capítulo VI – Em que o autor diz o que pensa a respeito das mulheres; pedindo vénia para ousadia tamanha

Capítulo VII – Que é necessário ler-se para entender o que vier depois. O autor esquece-se do romance algumas vezes

Capítulo VIII – No qual o autor teve pretensões a estilo sublime. De como as más-línguas só dizem às vezes metade do que é. Vê-se que as mulheres pouco adiantaram em civilização e romanticismo desde 1701. E de outras coisas dignas de se lerem a muitos respeitos

Capítulo IX – Metade do qual é para metade dos Leitores, e a outra metade para todos

Capítulo X – Prova-se que o reumatismo e o amor são incompatíveis. Prova-se que honra e cem mil réis, afora o arrendamento de uns moinhos, também são incompatíveis. De como é preciso abolir estes argumentos jocosos, quando se tratam assuntos sérios. Dizem-se coisas piedosas de se ouvirem

Capítulo XI – De como ninguém sabe para o que nasceu. Diz-se como a salvação de um cavalo depende de um triângulo. Espírito das matemáticas nos irracionais, e outras coisas tristes. De como Cristóvão da Veiga era um trabuco. Franquezas de uma criada de servir, e outras coisas não menos maravilhosas

Capítulo XII – Em que o autor tem a honra de apresentar a Sr^a Joaquina da Luz, e pede que a tenham na devida consideração, como do capítulo melhor se verá

Capítulo XIII – Grande capítulo, em que a Sr^a Joaquina da Luz suspeita que o Diabo se metesse no corpo de D. Inês da Veiga, e as dúvidas do sapateiro a esse respeito. Vê-se o que é um fidalgo se lhe tocam na família, e o que seria dele se por grande viltas nascesse plebeu. Salto prodigioso que o autor dá para trás, e convence-se o leitor que seria pior saltar para diante

Capítulo XIV – Dizem-se coisas interessantes, como por exemplo o encontro de Pedro da Veiga com três falansterianos intempestivos, e outras muitas coisas que não se dizem aqui por causa da surpresa

Capítulo XV – Os mistérios do castelo de D. Chama, e os de um abade misteriosíssimo

Capítulo XVI – Em que o padre Carlos da Silva inquestionavelmente narra a famosa história, não sabemos por ora de quem, mas com a ajuda de Deus a mais inteligível de todas as histórias. Obra de muita moral e edificação. Temos a anunciar interrupções, que nos não deixam gozar estes contos do princípio ao fim, com aquela fleuma lógica e imperturbável de uma novela inglesa

Capítulo XVII – O editor destas coisas dá a sua palavra de romancista em como a história do padre Carlos da Silva não será interrompida

Capítulo XVIII – Contam-se passagens que só o Demónio era capaz de adivinhar!

Capítulo XIX – Grande maçada

Capítulo XX – Vê-se que o editor desta verdadeira história não . quis desfalcar a ordem do manuscrito, e por isso deu aqui remate ao lamentoso diário de Antónia Bacelar

Capítulo XXI – Vê-se que o duelo foi sempre uma caricatura em Portugal, e há-de sê-lo sempre enquanto a dor física for mais pungente que a moral. E mais se diz que mestre António sapateiro foi o único que lucrou vinte cruzados nestas águas turvas de tão infaustos sucessos

Capítulo XXII – De como mestre António era um refinadíssimo agiota, e destarte cumpre a promessa que nos fizera de fazer-se ladrão. Imaginações que conspiram na cabeça do padre, e levam por diante aquela bernarda moral, à custa de ferro e fogo

Capítulo XXIII – O padre assenta a primeira bateria. Vê-se o que são as vinganças nos caracteres perversos. Antiguidade das cartas anónimas. De como uma tulha é o melhor valhacouto contra corregedores e meirinhos. Descobrem-se três familiares do Santo Oficio, que por força ou por jeito deviam entrar no romance

Capítulo XXIV – Traição e vingança

Capítulo XXV – Que vale a pena ler-se por ser o último, e por encerrar a acção de mais de meio século, coisa por certo nova e admirável, não só pelo muito que se diz, mas pelo muito mais que se poderia dizer, se o autor quisesse escrever o seu romance em quatro volumes

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO (1858)

Este romance foi, há oito anos, a estreia do autor. Ele mesmo considera-o agora uma tentativa que a crítica tolerante aceitou. Os merecimentos que ela então lhe viu, talvez, hoje, lho acoime como faltas. O autor lava as mãos desses velhos pecca dos.

O livro reimprime-se com algumas emendas, e reimprime-se porque a 1ª edição está consumida. Os retoques desta são tão ligeiros que não remedeiam os vícios da forma primitiva.

A critica justiceira há-de inculpar o autor pela reincidência na culpa que se lhe perdoou às verduras dos vinte e dois anos.

A isto responde o autor submissamente que há velhos que regeneram os desvarios da mocidade, reproduzindo-os: este, que hoje se repete, é dos menos ofensivos.

INTRODUÇÃO

Não queremos enviesar apontados de palavras eufónicas ao avelhado véu de mistérios com que por aí se enroupa o romance chamado da *época*. Filho legítimo da literatura *palpitante de actualidade*, chamam-lhe uns:

outros dizem que não é nada, ou por muito favor – uma ginástica de contorções dificultosas de estilo, opulenta de pontinhos, e *ahs!* e *ohs!*

Não subscrevemos a alguma das opiniões.

A primeira é um revoltante empirismo da ciência, pavoneando-se como o arlequim cintilante de lentejoulas. Tem de seu uma prodigiosa colecção de palavras elásticas até o infinito das reticências. O que escreve magnetiza a inteligência do que lê, e manda-o adivinhar. Os temperamentos de nervoso afinadíssimo, à custa de grandes cargas de electricidade, vergam ao sonambulismo, e dormem com meia página do *Judeu Errante* no meio: A literatura *que palpita* está para a literatura que não Palpita como menino de colégio, todo vibrante de viveza, que vem no sábado a casa perguntar ao bom do pai:

– *Mon père comment se porte-t-il, bien?*

O pai, que é português, como uma página de Frei Bernardo de Brito, responde:

– Estou bom, louvado seja Deus.

Depois, o traquinas esperto e inquieto, cansado das carícias do pai, diz-lhe assim com uma indolência apaixonada:

– *Je suis fâché... Je m'en vais jouer la cavatine en Torquate Tasse.*

– Quem foi Torcato Tasso?

– Torcato Tasso... foi um poeta de aspirações etéreas, rico de estilo luxuriante, vivido de paixões ardidas e incisivas, estro inspirado do grandioso da arte, fadado para os séculos como o pregão de uma luta que se há travado no primitivo das crenças...

– Muito bem – interrompe o pai. – Donde era Tasso, em que anos floresceu, e qual dos cantos do seu poema é o mais importante?

O *palpitante* menino (que já tinha escrito prosa em bíblico e versos a uma mariposa) pede uma resposta a reminiscência, e esta dá-lhe o que pode: um trecho de uma *revista semanal*, em que o escritor, analisando a ópera *Torcato Tasso*, escrevera assim: «*Da harmonia ressalta o pensamento: o pensamento, vibrado pelo impulso místico da arte, é como a harpa íntima de Tasso a modular tristezas. A dor e o rondó! a cavatina e o pranto! a demência e o allegro! A alma que se rasga, e a harmonia que se quebra, rápida e improvisa como o expirar do fulminado!...*»

.....
Estas palavras bem as decorara o colegial; mas isto, que muito vale, não era resposta para um velho biógrafo, cronológico, e, diga-se o que é, *sem palpitações de actualidade!*

Se o estilo é o homem, como dizem os que sabem, não nos desaprovem este recurso de emparelhar o saber dos velhos com o dos novos.

Segunda opinião:

Dizem que o escrever de hoje é dessorado de erudição, leviano, vaporoso, ginástico, estridente, cabalístico, bafagem de brisa, balão aerostático, fogo chinês, vijejante, ondulante, estrepitoso e abismador!

Não é tudo assim.

Popularizada a literatura, era necessário despojá-la das alfaias graves e sinceras da ciência, trazê-la da profundidade da erudição à superfície das inteligências vulgares, e vesti-la do maravilhoso surpreendedor, já que o lógico verosímil é repellido da biblioteca

burguesa e do artista. Para captar a benevolência da leitora, precisava-se da história de uns amores trágicos, urgentes e lamentosos. Para a do artista, cumpria ampliar-lhe a órbita do espírito apoucado, ostentando-lhe no molde do romance a forma real, augusta e humanitária da arte. O estilo devia ser exagerado como o pensamento: quimérico, híbrido e mentiroso como todas as teorias, criadas no caos de todas as práticas.

Trabalho exclusivamente do coração, artimanha política, método *civiliza dor*, era aquele, e único adaptado para cabeças sem cultura, sem sistema, preches de utopias e fumos de socialismo, como ele se escreve em jornais e romances. Criou-se, pois, uma escola militante. E o povo aplaude esses estereótipos baratos consagrados *ao povo*, entenda ou não entenda o que lê, possa ou não possa digerir e dirigir o que entende.

As capacidades mesquinhas incham com a adulação. Uma ode laudatória a um estúpido vale um jantar. Uma solene e patriótica dedicação da inteligência à matéria é uma das poucas vilezas bem pagas, não digo cá, mas por esses países onde se lê. Raro aqui a mão do turíbulo tem a certeza no óbolo de rotos Mecenas.

Cada uma dessas asserções tinha uma demonstração, a querermos ampliar um quadro de maiores dimensões que a nossa galeria.

O certo é que existe uma escola romântica, democrática, social e regeneradora. Não tem academias, nem paragem determinada. É imensa, eléctrica e onnipotente. Lá é que se aprende a agradar às turbas, delas se inspira *esta mocidade coroada e corajosa*, é dela, finalmente, que surdem os apodos e vaias literárias para os que sacrificam ao passado o cabedal de inteligência negativa para esta *sociedade aspiradora*.

O escritor destas coisas ainda não abriu matrícula, nem pede que o inscrevam ainda à custa de uma boa reputação de folhetinista. Se a escola, em nome do século, do futuro e da humanidade, o interrogar pela substância útil deste apontado de palavras, o autor não lhe dá resposta alguma.

Dito isto, começa-se.

CAPÍTULO I

No qual se prova que o autor não tem jeito para escrever romances

Este começa por onde acabam os outros.

Pedro da Veiga e D. Custódia Osório de Mesquita casaram com todas as cerimónias do santo sacramento, aos 17 dias de Janeiro de 1750, pelas duas horas da tarde, na matriz de S. Pedro, em Vila Real, província de Trás-os-Montes. (Vide *Livro de Óbitos e Casamentos, Rubricado e Visto em Correição, pelo Padre João das Chagas, em Março de 1746.*)

Aquela senhora era de uma linhagem que, por muito brilhante, se perdia nas trevas fabulosas da mitologia!

O cavalheiro encontrava tiaras e coroas em quantas gerações derivavam do paraíso terreal até ele. Chegando ao requinte genealógico de Adão e Eva, Pedro da Veiga chorava, como Alexandre, por não achar mais avós que conquistar para a sua genealogia.

A vergôntea que brotasse deste enxerto tinha na *Odisseia* a prosápia gentílica de sua mãe e no *Génesis* a árvore patriarcal de seu pai. Representaria Aquiles e Abraão, Sara e Calipso, Neptuno e Noé.

Vamos agora ver se tiveram filhos, que viveram felizes.

Nove luas depois daquele casamento, o mesmo abade abria no livro dos baptizados o assento do baptismo solene de Manuel, filho legítimo de Pedro da Veiga e D. Custódia Osório de Mesquita. Certo do bom serviço que faço ao leitor, não copio aqui na sua íntegra o assento do livro, até porque este romance não comporta uma miríade de avós maternos e paternos, afora os títulos do padrinho, que, diga-se de fugida, era chanceler-mor do reino, e, pelos modos, primo da casa, por Noronhas, e Meneses, e Porto-Carreiros, e Albergarias. (Vide *Genealógico do Conde D. Pedro, Faria e Sousa, Frei Manuel dos Anjos, e outros.*)

Convém aqui dizer que o guardião dos Franciscanos, Frei Amaro do Corpo de Deus, por ocasião do baptismo da criança, compôs uma dissertação didáctica e apologética, e em latim, que intitulou *De accurata juventutis educatione* (Torre do Tombo, gav. 2715, maço 17210.) Era como a *Ciropédia*. Na segunda parte (porque o todo tinha três) era Frei Amaro de voto (de combinação com os fados) que o menino se formasse *placuit fati puerem doctorem esse*. Vereis que a opinião dos fados, interpretada pelo frade, que era sabedor de todas as línguas mortas e moribundas, teve depois grande influência nos destinos do recém-nascido.

Além do discurso em latim, as musas, ainda gongóricas na províncias consagraram alguns rimances e estribilhos à aparição.

*Do menino que menino
Era velho em cristandade
Pois que novo de seus velhos
Era já cristão de herdade.*

Este fragmento, que é do poeta, deve ser acuradamente sergido à novíssima impressão da *Fénix Renascida*, para glória do bisneto, que hoje representa seu bisavô, cantando, mais independente que ele, *brisas travessas, e estrelas louças, e olhos negros, negros.*

E tudo era pouco para saudar a aparição daquele primogénito enfaixado em

primorosos cetins, e alentado em berço de pau-cetim, com embutidos de ouro, e as armas da casa gravadas na cabeceira.

Manuelzinho crescia viçoso como o jasmim entre perfumes de rosa, e... alecrim! E qual jasmim em acetinadas mãos de donzela, o estremecido menino embalava-se nos braços de sua mãe, como que balouçado pelas brisas da inocência e da íntima felicidade.

Cresceu, desenvolveu-se, e encantou seus pais com a viveza prematura. Era esperto como um alho – dizia a criada da cozinha, a boa Micaela, muito contra o melindre de D. Custódia, que não consentia fosse o filho das suas entranhas comparado a um alho!...

E tinha razão, que o alho é coisa de feitiço, e não sei que diabólica história de alhos tinha havido com um seu avô por parte de Albuquerque. (Vide Frei Bernardo de Brito, no capítulo «Alhos».)

Era uma vez nos anos do menino. Fazia doze, e dizia a Tia Micaela que estava *espigadinho como uma couve troncha*. Teima de velha! não achava comparação fora do reino vegetal.

Aos doze anos, Manuelzinho sabia o novo *método* que lho ensinara aquele bom Frei Amaro, guardião dos Franciscanos, admirável em Latim, Teologia e Oratória, estômago e cabeça de porco com feijão branco. Durante o jantar, que celebrava os anos do menino, falou-se em latinos, e com especialidade do bispo Jerónimo Osório, ascendente colateral de D. Custódia Osório de Mesquita. Frei Amaro recitou com enfática entonação os melhores trechos *De rebus Emmanuelis*. D. Custódia sabia de cor a carta escrita pelo seu parente el-rei D. Sebastião, e Pedro da Veiga fechou este curso de história, recitando em esboço as cenas lamentosas de Alcácer Quibir, como lhas deixara escritas o seu parente Jerónimo de Mendonça.

Ora, nas academias e grémios literários de hoje não se diz tanto em dia de sessão. Aquele frade sabia mais que três ou quatro como eu, exceptuando os meus conhecimentos sobre macadame, falanstério e gás.

Jerónimo Paturot não cederia também os seus conhecimentos sobre o *bitume imperial de Marrocos*.

Perdoai, leitores, estes repetidos mergulhos que dou no mar da erudição, que se me encapela debaixo da pena. Queria dar-vos obra que palpitasse de actualidade, romance de estilo perfurante. Camaleão romântico, sustendo esta imaginação das auras do passado: aspiro o pó que se volatiza de um manuscrito roído da traça, que aqui tenho a meu lado, e do qual vou extraindo esta mirífica história.

Do qual consta que, findo o jantar, cada um dos convidados foi para sua casa. Frei Amaro, se bem que recolheu à sua cela, pode dizer-se que não foi para sua casa, por isso que foi demonstrado depois que um frade não tinha casa nenhuma.

Vamos fechar este capítulo.

– Com que lance dramático? – pergunta õ leitor.

– Nenhum! – respondo eu.

E vai ele replica:

– Porque não inventaste um encapotado que viesse perturbar este festim, como o *Mane Tacel Phares*, de Baltasar?

– Era uma invenção lorpa – respondo eu.

– Pois não houve mais nada!? – torna o importuno.

Houve o seguinte:

O menino, que fazia anos, meteu-se na capoeira das galinhas e degolou-as todas!

Acaba melhor do que eu imaginara.

CAPÍTULO II

Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambada aparece a conversar com sua mulher, Jacinta Rosa, e do mais que a seu respeito se disser.

Desde a fundação, talvez, de uma das sobrelojas da casa apalaçada de Pedro da Veiga, morava ali uma linhagem de sapateiros, mais ou menos remendões, e representados em 1750 por João Rodrigues, vulgo *o Cambado*, e sua mulher, Jacinta Rosa.

A inoculação imemorial daquela família de artistas no solar do fidalgo era devoção do fundador, ou um segredo doméstico, se optarmos por uma das duas opiniões mais razoáveis, entre as muitas engendradas acerca da moradia perpétua destes inquilinos.

João Rodrigues era um homem redondo, vermelho e carnosos. Teria quarenta e cinco anos, e era líquido que se não lavara, durante a sua vida, quarenta e cinco vezes. As mãos eram o repositório de alguns arrâteis de pez amassados em graxa, o que tudo justaposto em camadas compactas, rugosas e petrificadas representava (se nos permitem um símile ressaibado de actualidade) o monumento da arte, consagrando à memória de quantos sapateiros, ascendentes do Sr. João Rodrigues, atravessaram as gerações, alinhavando viras, tombas e entrecóspias.

Jacinta Rosa era uma mulher alta, de cabelos eriçados como uma estriga, escavacada e angulosa na face, seca do peito como um bacalhau, e cortante de braços e de pernas como as quatro lâminas de uma roda de navalhas. Tinha trinta anos e um filho de nove. Este era gago e desmentia prodigiosamente a fealdade de seus progenitores, obrigando-os a julgarem-se, se não lindos, ao menos, simpáticos, à vista da revoltante cara de seu filho.

Era medonho ver-se o grupo entretecido por aquela mãe e aquele aborto, se ambos, em êxtases materno e filial, se apertavam contra as mútuas costelas, em muito recíproco e retheadíssimo abraço! Diríeis que um aranhão de grandes pernas cavalgava uma carocha, ou que um filho de Lúcifer se divertia com uma das fúrias!

Numa dessas posturas entre o selvagem da realidade e o burlesco da fantasia estavam uma tarde a Tia Jacinta com o seu filho Anacleto, enquanto o marido e pai destas criaturas inverosímeis dava sebo a umas botas de cano alto pertencentes ao reverendo escrivão do eclesiástico, bulas e casamentos.

O pequeno Manuel da Veiga descia para a rua, e, parece que tocado pela caricatura familiar do sapateiro, parou no limiar da porta, que dizia para o pátio. Daí, com um sorriso afidalgado de sarcasmo, disse lá para dentro:

– Que diabo fazes tu aí, rapaz de nove anos, pendurado no cavername de tua mãe? Pareces-me uma lesma enroscada num molho de grelos!...

Ninguém lhe respondeu, à excepção do Tio Rodrigues, que agradeceu o sarcasmo assim:

– Se V. Ex^a me desse um bocadinho de sebo para engraxar esta botina...

– Tira-o ali das queixadas do teu rapaz, que está gordo como os porcos dos meus foreiros.

– Pois não é pelo muito que ele come... É que os filhos dos pobres são de boa medrança...

A esta tímida razão da pobre Jacinta, que era mãe, respondeu o estouvado menino:

– Engordam com a graça de Deus e com a água do chafariz, não é assim?

O silêncio sucedeu à ironia. Manuelzinho continuou inquieto como um truão:

– Essas botas são do padre Luís da Cunha... Bem as conheço... vêm descritas no *Clarimundo*, de João de Barros... São mais velhas que o meu vínculo... Já em 1640 o alcaide desta vila, querendo felicitar o Sr. D. João IV com uma iluminação, mandou pedir esse par de botas ao avô do padre Luís.

– Pra quê? – perguntou o sapateiro.

– Para quê? Sempre és muito selvagem! Para servirem de colunas à iluminação.

– De colunas?!... Como?!...

– Como? És muito estúpido! Embrulhando-as em algodão, e deixando-as arder, porque essas botas são todas de sebo. Há quem tenha visto, na força do calor, o padre Luís com elas embrulhadas em grandes folhas de repolho para se lhes não derreterem.

A Tia Jacinta não pôde suste-r à riso, o filho fez uma careta inimitável e o sapateiro pousou a bota para se rir e cheirar uma pitada de simonte.

O fidalguinho não era estranho à tríplice risada daquela gente. Ao rapaz, que escancarava umas goelas amuradas de dentes amarelos e acavalados, disse-lhe:

– Tapa lá essas fauces de Cerbero! A tua boca parece-me uma gaiola cheia de grilos! És feio como o Diabo!

A mãe também a mimoseou:

– Não te rias, que me fazes chorar de medo. Olha esses 05505 da cara, que me parecem as ancas das vacas do sonho de Faraó!

Ao velho foi-lhe pelo simonte:

– Que estás tu aí a meter nesses buracos? De que te serve aí essa rolha, sem garrafa, espetada nesse enorme tomate, a que tu chamas cara?

– Seja o que V. Ex^a quiser – tornou o sapateiro com uma visagem de cólera sufocada –, cada qual é como Deus o fez.

O implacável motejador prosseguiu:

– Vós tendes cão morto em casa, ou bacalhau podre. Cheirais a esterco... Porque não queimais aí um carro de alecrim? Eu direi aos moços que vos metam no poço Romão, em dia de cheia, para dardes estrume para os meus lameiros da Portela...

– O menino hoje está muito mauzinho! – disse a Tia Jacinta com o acanhamento do respeito e do medo.

– *Menino!* ouviste? Olha que tenho quinze anos... Se me tornares a chamar «menino», hei-de embainhar-te a cabeça numa das botas do padre Luís, que hás-de ficar encadernada em sebo *per omnia saecula saeculorum*.

– Amen – respondeu o sapateiro, que era sacristão interino das freiras de Santa Clara e ajudava quotidianamente a quatro missas.

Manuelzinho saiu, assobiando; gritou à porta da cocheira pelo lacaio; montou o seu andaluz e galopou, galgou e fez tremer as ruas de Vila Real, salpicando de lama as alas dos passageiros, que se cosiam com as portas.

Deixemo-lo ir e volvamos à casa do sapateiro, se é que não está aí leitora de olfacto tão susceptível como o de Manuelzinho.

Diga-se o que é verdade em abono do fidalgo. A casa do sapateiro não cheirava bem: porquanto a mobília constava de um catre, tarimba, plataforma ou tablado composto de dois bancos com quatro tábuas, tudo embrulhado nuns farrapos, espécie de estufa de história natural, rica de classes e famílias e géneros vivos e inteiros de insectos, cujo primeiro elo da escada zoológica era o sapateiro e a sua família, quando todos aí estavam embrulhados, enovelados, consubstanciados e metidos uns nos outros como uma ninhada de leitões.

Item. Uma cómoda de bilros de pau-santo, com lavores e escaninhos, e pó, e lama, e folhas de couve, e uma vela de sebo na boca de uma garrafa, e uma panela de barro negro com um pouco de unto embrulhado em alface, e quatro pares de sapatos, e uma

broa, e a primeira edição de *Carlos Magno*, e uma dúzia de formas à mistura com meia dúzia de sardinhas.

Item. Uma tripeça, e um rebolo, e uma sovela, e fios, e linhas, e aparas de sola, e a mais ferramenta provada, gasta e safada nas botas do padre Luís.

O mais eram os andrajos da miséria; costume perpetuado, vivo e inalterável, não obstante o direito de associação, e os jornais, e o *Judeu Errante*, e os *Mistérios do Povo*, e a civilização, e o socorro mútuo.

Ouçamos agora estas criaturas mefíticas, simbólicas, sofredoras e muito dignas de terem praça num romance com seus palpites de humanitário, social e regenerador.

A Sr^a Jacinta Rosa principiou:

– Muito malcriado é este fedelho!... Se é rico, que coma duas vezes... Nem parece, fidalgo!... Eu te arrenego!...

– Cala-te, mulher! – replicou afavelmente mestre Rodrigues, cosendo a octogésima tomba na bota do padre Luís.

– Que me cale!... inda mais essa!... Um pobre não lhe bonda bem a fome e o para cá virem estas crianças ricas fazerem escárnio da miséria... Quando eu lhe pedir alguma esmola...

– Cala-te, mulher... Olha que eu sou um sapateiro, e tu és minha mulher... Cala-te...

– Tenho muita honra em ser pobre, mas não da graça de Deus...

– Mas eu não tenho honra nenhuma em ser posto na rua com estes farrapos e sem um cruzado para aluguer de uma casa...

A razão era de algarismos: Jacinta cedeu à evidência da aritmética e aplacou a porção de bílis irritada que lhe refervia nas veias túmidas e escarlates da testa. O filho apresentou o seu memorial sobre alimentos e documentou-o com um grunhido lamentoso, que mais cortava as cordas do ouvido que as do coração. Era um chorar ríspido, agreste e incisivo, que, junto às pragas da mãe e ao rebolo do pai, compunham uma assonância estranha, grotesca e sublimemente infernal. Depois um bocado de pão e outro de cebola crua serenaram a laringe bárbara do pequeno *Quasímodo*. As outras partes cantantes, como obrigadas àquela, calaram-se.

Anoitecera.

Anacleto dormia com o gato na cinza da lareira. O mestre Cambado veio para a porta da rua cheirar simonte. Jacinta carregou a roca e sentou-se ao pé de seu marido, torcendo, entre os dedos magros e calosos, o fuso, a cujo frémito monótono e regular o sapateiro parecia dormir.

– Tu dormes, João?

– Não... estava cá a cismar.

– No que disse o fidalgo?

– Não... Já estou muito afeito a isso...

– Então... em quê?!

– Cismava no pouco que deixa o ofício... Nós, a falar a verdade, vivemos pobres como ninguém. Nem os que pedem pelas portas vivem assim!...

– E então?... que queres tu, João? a nossa sina é esta...

– Isso lá é verdade... a nossa sina é esta... É preciso ver se se quebra este fado... Aí vem o fidalgo... Anda para dentro, mulher, que nos não venha ele pisar com o cavalo...

– É o que faltava!... – replicou indignada a Sr^a Jacinta.

– Anda pra dentro, já to disse... Olha que esse rapaz é de mau coração.

A mulher obedeceu, e o marido, à meia porta, esperou a chegada de Manuel da Veiga.

– V. Ex^a quer que chame o laçaió?

– Chama! – respondeu soberanamente o menino.

O laçao tomou conta do cavalo e recebeu de seu amo as seguintes ordens:

– Manhã, sobe com esse cavalo ao alto do monte da forca e empurra-o pelo despenhadeiro abaixo, que quero ver cá da janela se ele recua nas ladeiras.

– Então quer matá-la?

– Quero; antes que ele me mate.

O fidalgo condenou e saiu.

Jacinta foi reintegrada no seu lugar à porta da rua.

– Eu que te disse, mulher? O rapaz tem um coração de tigre!... Lá mandou matar o cavalo...

– Não te lembras o que ele fez o outro ano?

– É verdade... que degolou as galinhas...

– No dia em que fez anos...

– Pois vê tu lá!...

– E o pai e a mãe beijaram-no e disseram-lhe *benza-te Deus*.

– *Lá irão para onde o paguem... Veremos a quem S. Pedro abre primeiro as portas do Céu... Se ao nosso filho, se ao deles...*

– Dizes bem, homem... Quem faz mal, pra si o faz... Ao menos temos essa consolação... O nosso é filho de pobres; mas tem mais educação. Às vezes chora e grita, mas...

– Mas é com frio e fome... e no Céu entra-se nu como se nasce... Vai tratar da ceia.

Jacinta acendeu umas aparas; atirou às chamas três sardinhas amarelas, salitrosas e retesadas; nisto se cifrava a culinária desta família.

Durante a ceia e num intervalo de quietação aos grasnidos do rapaz faminto e insaciável, o sapateiro, trasfegando o último púcaro de vinho, assumiu uma postura imponente, séria e parlamentar, e disse para a sua digna metade, entretida ainda com o esqueleto de uma sardinha:

– Ora, mulher, esta vida não pode levar-se assim!... Será sina, mas também pode ser preguiça este nosso estado... E preciso mudar...

– De casa?

– Não: de vida.

– E como?

– Logo.

Este *logo* equivalia a dizer: deixa adormecer o rapaz, porque há certos modos de vida que os pais podem exercer sem os transmitirem aos filhos e que os filhos às vezes desempenham prodigiosamente sem os herdarem dos pais.

É por isso que, meia hora depois, o mestre Cambado, deitado muito licitamente no tálamo conjugal com sua mulher, lhe dizia a meia voz:

– Vou fazer-me ladrão.

Primeiro um grito de surpresa estrugiu os ouvidos do sapateiro. A candeia tinha expirado, de contrário, esta vítima de tentação gelara-se de medo diante da visagem rugosa, trapezóide e enverrugada da Tia Jacinta. Era a expressão da mulher feia indignada: o transluzir de uma boa alma no aspecto incendiado de uma fúria incrível.

– Ladrão! meu marido... ladrão!

Estas palavras, cortadas de gemidos, ecoaram, um instante, nos ouvidos do infeliz, como uma súplica do anjo da guarda.

Calaram-se...

Uma hora depois, mestre Rodrigues roncava em dueto com seu filho. Jacinta Rosa chorava e soluçava.

CAPÍTULO III

Quem era a cozinheira destes fidalgos, que ditos ficam, e de outras coisas muito para se lerem, e menos para se imitarem

Quem lesse o primeiro capítulo desta bonita história, com a atenção de que ela se faz digna, lembrar-se-á de uma certa Micaela, cozinheira em casa dos fidalgos e indiscreta em comparações de couves e alhos. Pois, atenciosos leitores, seria não corresponder à vossa reconhecida bondade omitindo-vos a interessante nova de que esta Micaela era nem mais nem menos que irmã de Jacinta Rosa, a serpente matrimonial de João Rodrigues Cambado.

Micaela é uma figura de cinquenta anos. Espécie de capricho do sistema reprodutor, não tem um contorno, um órgão, uma moldura na face, um gesto, uma insignificância anatómica, que a faça parecer irmã da mulher do sapateiro. O romancista é como o estatuário: este, na escultura de um busto decente e modesto de mulher, não se entusiasma copiando os lugares-comuns da natureza. Eu imito o primeiro e o segundo.

É porque aquela mulher fora bela como a criação de um sonho delicioso. Como a visão de um sonho, essa beleza esvaíra-se-lhe aos vinte anos, sumindo-se num véu melancólico de magreza lívida e profunda. Micaela era uma dessas existências misteriosas de martírio, cuja condição social é muito baixa, para que os olhos altaneiros da sociedade desçam ao abismo da sua dor. Que importava a improvisa transição de uma frescura gentil e graciosa para as rugas da velhice? E o rápido embranquecer de uma trança ondulante de cabelos negros? A rosa solitária e abandonada em chão agreste, quem vai carpi-la esfolhada, se o vento lhe sacudiu a corola mal aberta, na primeira manhã da vida? Não obstante, trinta anos antes, houve quem assim reflectisse:

- Que terá aquela folgazã Micaela, que tanto se acaba e amarelece?
- São maleitas – diziam os parentes.
- Que terá aquela presumida de Micaela, que tanto se definha e esconde?
- Quer abraçar o Céu e a Terra, cosendo e fiando – diziam as raparigas preguiçosas e desalinhavadas.
- Que terá ela, que perde os sentidos e cai no chão?
- São flatulências – diziam os médicos e os barbeiros.
- Que terá aquela rapariga, que já não vai à missa?
- É pecado mofento... Tem o porco-sujo no corpo, salvo este!... – diziam as velhas.

A filosofia é mais circunspecta nas suas respostas. O escalpelo do romancista vai mais dentro e afasta fibra a fibra as camadas de tecidos exteriores, de que as turbas se impressionam para os seus juízos sempre errados, empíricos, ou estúpidos. A fisiologia da dor é mais subtil que a teoria das flatulências dos médicos e o porco-sujo das velhas.

Micaela e sua irmã Jacinta eram filhas de um cuteleiro natural de Guimarães e desde 1708 estabelecido em Braga. Se não fosse o contraste da irmã, dera-vos aqui em testemunho real da opinião de formosura por que são tidas as filhas de Guimarães, um tipo de especial lindeza e graça nesta donairosa Micaela entre os quinze e os seus vinte e quatro anos ¹.

¹ Virey, no seu tratado *de la femme*, diz o seguinte: «La ville de Guimarães et ses environs sont peuplés des plus charmantes portugaises, la plupart courtes et vives, qui présentent en général beaucoup de gorge, tandis que les castillanes n'en ont presque pas. Toutes ont de beaux yeux noirs, cette taille svelte et souple, ce teint pâle, cet air sérieux, dédaigneux même, qui peuvent enflammer les grandes passions, et rebuter les hommages frivoles ou vulgaires.»

O viver do artista remediado tem um perfume de inocência e honestidade, uma regularidade tal nos seus costumes, uma singeleza tão sempre a mesma e tão patriarcal naqueles seus recreios familiares, que não há vida mais poética na sua simplicidade e mais preciosa na sua mediania. O artista probo, como ele deve ter sido antes da falsa importância com que as imaginações candentes bruniram a ideia da arte para lhe darem a fosforência das utopias socialistas: o artista, tal como António Gil, couteleiro de Braga, era realmente o homem feliz, estranho às comoções da República, independente nos seus recursos relativamente fartos, vivendo para sua mulher, a muito honrada e gorda Anastácia Mendes, e para suas duas filhas, que o leitor já conhece mas que muito importa conhecer muito dantes.

Aí por 1720, Micaela tinha os seus dezoito anos, trajava mantilha de durante muito honestazinha, e frequentava o Santíssimo Sacramento, com grande temor de Deus, na vigilante companhia de sua mãe e de sua irmã mais nova, a quem os ordinandos seminaristas chamavam a *Megera por antonomásia*. Nesses conflitos, Micaela pregava os olhos no chão e atravessava envergonhada por entre as alas de estudantes, cujos galanteios e chistes enrugavam, com muita razão, a testa da Anastácia Mendes.

– Ora passe, menina, que é objecto de consumo e de primeira necessidade...

– E que não paga direitos por isso...

– É uma pomba celestial...

– Mas parece-me uma franguinha terrestre...

– É filha das Graças e de algum estudante...

– Nego! Olha lá se essa velha, que aí vai de testa franzida, como os canos das botas do padre-mestre, tem coisa por onde se pareça com uma Graça?!

– Não, que esta velha é uma Vénus desmoronada...

– Se é Vénus, nasceu do sangue da cabeça de alguma tartaruga.

E a pequena corava destas chufas sensaboronas, enquanto sobre sua irmã choviam sarcasmos e ironias desapiedadamente.

– Olha a Megera a esconder a grenha no forro da mantilha, que é mais branco que a sua cara!

– Não, que ela tem compaixão de nós!...

– Deixe lá ver essa careta eterna, horrorosa menina!

Dentre os estudantes saiu uma voz pousada e severa:

– Isso é muito vil, amigos! Calai-vos, que a vergonha dessa família reflecte nas vossas faces...

A velha fitou o escolar que falara e alguma coisa disse. A turba dos minoristas ergueu uma grita estrepitosa de risadas mofadoras, não sabemos se pelo aspecto sério e tristonho de Timóteo de Oliveira, se pela observação lisonjeira da velha, se pela atenção envergonhada com que a linda Micaela procurava, entre os estudantes, aquele que sua mãe elogiava. Nesse seu olhar instantâneo, mas penetrante, Micaela viu um rosto oval, imberbe, pálido, de olhos apaixonados, fronte espaçosa e de uma magreza simpática e melancólica. Afastado da roda dos condiscípulos, Timóteo olhava, senão com indiferença, ao menos com compaixão por esse insípido folgar à custa de uma velha, de uma feia e de uma formosa.

A falar a verdade, os escolares invejavam o talento de Timóteo e aborreciam-lhe a sisudez intempestiva com que as mais das vezes se impunha de carácter austero, aguando-lhes com textos, filosofias e questões teológicas as distrações e os brinquedos. Algum deles menos sofredor de reflexões propalava no seminário que Timóteo de Oliveira era um *franchinote*, que, por esses tempos, equivalia a *jesuíta*.

O estudante de dezoito anos era admirado como um prodígio de ciência infusa e

de proféticas e indeterminadas aspirações para a ciência. Prestigiosamente conceituado, a sua reputação de sabedoria firmava-se na fé popular, mais que na opinião de seus examinadores de Humanidades no Colégio das Artes de Coimbra, onde diziam que Timóteo de Oliveira se iniciara nos profundos mistérios da filosofia. Era a estes que seus condiscípulos imputavam a misantropia e pertinácia estudiosa do estudante. Chamavam-lhe alquimista, hermético, *Bandarra*, e sobretudo *embrião jesuítico*. Quando muito, nos lábios de Oliveira, sempre cerrados para o insulto, volitava um riso indefinível de ironia ou compaixão por seus motejadores.

– Lede os vossos livros ainda virgens, vazias criaturas.

É o que ele raramente contrapunha aos desdêns insossos dos condiscípulos.

Em compensação, lá estavam os frades, as freiras, os pais de família, o cuteleiro António Gil e as velhas para lhe fazerem justiça.

Não eram só as velhas.

Entre as homenagens de respeito que Timóteo, modesta e seraficamente, recebia dos seus numerosos amigos, algumas havia, filhas legítimas do coração, tímidas e indecisas num corar pudibundo em faces virginais, e porventura as primeiras e as menos inocentes que Micaela consagrava a homem.

Homem! Esta palavra começou no coração a incorporar-se-lhe numa ideia e esta ideia lá a definiu ela como pode, sem recorrer à ideologia das escolas. Amava com esta poesia universal de todas as almas que se estreiam nas afeições. Era uma paixão surda, dita muito baixinho ao confessor, relatada em lágrimas ao travesseiro, travada nos sonhos da donzela, que não pode comprimir-se, e confessada muitas vezes num gemido espontâneo a uma velha mãe, cuja sensibilidade está safada de reminiscência para recordar-se de um gemido, que soltara igual, quarenta anos antes.

Timóteo de Oliveira não podia sacrificar ao artifício de seu carácter exterior as vocações da alma, sempre ardentes na sua idade e no homem do seu temperamento. Etéreo e fantástico nas subtilezas espirituais da teologia, disperso nas diáfanas regiões do infinito, Timóteo, no desalento das inconsequências metafísicas, devia ansiar a realidade, buscar a mulher como ela se diviniza nos primeiros amores, e, vazando-a no molde poético da sua imaginação errante, adorá-la como se adora de uma vez somente.

É o que ele fez.

A fácil admissão que teve em casa do cuteleiro, cujas faculdades admiradoras se expandiam e extasiavam à maneira que a eloquência sacerdotal de um S. Paulo jorrava por entre os lábios de uma criança; as reverentes atenções da muito veneranda Anastácia Mendes, sempre pronta a chorar todas as vezes que um ultraje à religião era pateticamente comemorado pelo estudante: o acatamento monástico da severidade, que Timóteo praticava com a feia Jacinta e com a linda Micaela promiscuamente; e, sobretudo, uma colecção de nóminas, bentinhos, bulas, livrinhos e imagens de indulgência plenária, com que todas três eram mimoseadas pela sua visita quotidiana; tudo isto era uma venda opaca, impenetrável, para os olhos lince da mais fina das nossas leitoras de cinquenta anos, quanto mais para os de uma obtusa e cerrada mulher de Braga, nascida e criada para seu marido, para os seus filhos e para as suas galinhas!

Deveria, sensíveis amadores de duas almas e dois corpos que se amam, deveria dar-vos aqui meia dúzia de diálogos, tocantes de ternura, lamentosos e apaixonados, se porventura nas paixões violentas militassem sentimentos e palavras diversas das sancionadas para toda a casta de paixões amorosas, desde a mentira do cínico, que atraíçoa, até ao sagrado juramento do crente, que suplica uma esmola de amor. A sintaxe é a mesma. Acreditai que Timóteo de Oliveira era um prodígio de latinidade, para poder faltar aos preceitos de uma gramática correcta.

Ora aconteceu que, ao dar das onze horas de uma noite de muito vento e muita

chuva, um rapaz, que tinha jeito de aprendiz de sapateiro, parava defronte da porta de António Gil e dizia espantado consigo mesmo:

– Que diabo de vulto é aquele que está pendurado na janela do cutedeiro?!... Espera... que ele mete-se para dentro!... Oh diabo!... lá se fechou a janela!... será ladrão?... Agora é!... será conversado da minha Jacinta?!... Quem sabe?... Vou bater à porta...

E, com efeito, a suja e ciumenta criatura escoucinhoou estrondosamente à porta. Uma voz tremida e débil, através de uma rótula, perguntou:

– Quem é?

– Sou o Cambado.

– Que queres?

– E que entrou lá para dentro...

– Vai-te embora e cala-te, por alma das tuas obrigações... vai-te embora, João...

Não acordes meu pai...

– Ah!... vossemecê não é...

– Não sou a Jacinta... não... Vai-te embora...

O pequeno Cambado foi-se, mas dizendo consigo:

– Ora vejam o que são as mulheres!... Fiem-se lá!...

CAPÍTULO IV

No qual se tratam coisas muito tristes

António Gil, considerado cidadão, artista e pai, era exemplar de virtude, de honra e de ternura. Amava o género humano na sua totalidade. Estremecia os seus filhos e os dos outros. Acariciava sua mulher, e, se não podemos dizer que fazia o mesmo às dos outros, estimava-as respeitosamente, sendo o primeiro a perdoar-lhes as faltas. Não achara, durante vinte e sete anos, vergonhas em sua casa para corrigir. Era abençoado o suor do seu rosto!

Mas o artista vai sofrer um golpe incurável na sua honra.

Eu creio cegamente nos pressentimentos. Não falo já daquela providência dolorosa, de que o espírito se atribula, quando a consciência nos vaticina a próxima ou tardia expiação de um crime. Neste sentimento, por assim dizer, lógico e rigoroso, é o remorso que magoa, é o castigo que se anuncia por um pavor estranho.

Quero falar daqueles tremores de dentro, que nos assaltam a alma, derramada nos folguedos de um baile ou concentrada na meditação de um livro.

Não pulsa um coração debaixo do céu que não sofra.

Vede esses espíritos frívolos, essas cabeças ardentes, essas almas cínicas e estéreis, esses fortes de sentimentos apaixonados; aí está um feixe de espiritualidades confusas, cujo atilho é a dor.

Não pulsa um coração debaixo do céu que não sofra.

O sol abrasador, que tigna o sargaço na raiz do penedo da montanha, queima também o lírio mimoso de gracioso jardim. É como a dor pressentida no coração do miserável aconchegado de vermes e andrajos, ou no do homem, que aí vai revendo-se nos listrões prateados da sua libré.

Não perguntarei ao primeiro se na série continua dos seus padecimentos há um pesadelo de improvisa amargura, que o surpreenda no abismo insondável das suas dores. É possível que para esse esteja cerrado o horizonte da esperança, e então, não há previsão que lhe infunda o vago terror de uma nova desgraça. À consciência do segundo é que aqui se fala.

Não pulsa um coração debaixo do céu que não sofra.

Pergunta-se à virgem dos dourados sonhos, no gozo das suas poéticas e inocentes realidades, que nuvem pálida de sofrimento lhe assombrou, um instante, a púrpura das faces?

Pergunta-se ao homem de muito dinheiro, e muitos amigos, se é possível dar a uma bacanal vinte horas de deliciosa vida, sem a mescla de um palpito doloroso, que é, às vezes, Como o pensamento repentino de uma tragédia apensa a estes festins?

Pergunta-se o que é essa tenaz de fogo, que nos entala o coração de uma dor compressiva, quando um momento antes se nos dilatava este amor do mundo folgazão num descuidado sorriso de eterno prazer.

E a donzela, o mancebo, o rico e o miserável sentem a necessidade de uma lágrima sem causa, sem definição, para soltar a vida de umas peias pesadas e atrozes!...

Não pulsa um coração debaixo do céu que não sofra.

Que resposta daria António Gil se lhe perguntassem:

– Que sofres? Que pressentimento é esse, que te baixa os olhos embaciados de lágrimas? Porque não ergues essa face sem manchas, esse pregão de uma alma sem remorso?

O couteiro não responderia.

Pois ninguém duvide que era dilacerante a sua melancolia.

– Não sei o que tenho, Anastácia! – dizia ele a sua mulher, àquela boa consorte, que, à falta de outros recursos higiénicos ou espirituais, tratava de curar a enfermidade moral de seu marido, desafiando-lhe o apetite com os melhores guisados que pôde amanhar, afora os muitos que lhe ministraram as vizinhas. – Não sei o que tenho, Anastácia!

– Ora, que hás-de tu ter, homem! Isso são invejas e maus-olhados... Havemos de ir aos *inzorcismos* ao Sr. Frei João da Falperra... Vê se comes... olha esta asinha de frango... Tudo se há-de fazer pelo melhor, com ajuda de S. Torcato e da Sr^a Sant'Ana.

– Oxalá... – respondia o cuteleiro com um cepticismo que não era dele, mas que o sofrimento lhe infiltrara na consciência, que se não acusava de um crime. – Olha, mulher... aqui nesta casa, alguma desgraça está para acontecer... Não vês como a nossa Micaela anda triste... e descorada?... É que ela também alguma coisa adivinha...

– Lá isso é verdade... a rapariga não anda boa, mas...

E aqui não sabemos que palavras a senhora Anastácia disse a meia voz a seu marido... Ou fossem confidências matrimoniais, ou alguma insignificante reflexão – respeitemos estes segredos de casados, visto que não podemos deduzir nada da fisionomia do artista, depois que o segredo lhe foi comunicado.

– E então... não te parece?...

– Não sei... mas ela chora quando me vê chorar... Não me aparece às vezes oito dias... e eu não sei...

– É que está aqui sempre a rezar, e mais a Jacinta.

– É verdade... e a Jacinta tão triste sempre... também!... Mulher! Alguma desgraça está para vir a esta casa!... Tenho dito isto ao Sr. Padre Timóteo e ele não me responde nada... Ele bem vê que a alma adivinha.

Este diálogo foi interrompido por Jacinta, que vinha esbaforida:

– Ó rapariga, que é isso, que tão atrigada vens?

– Não é nada, minha mãe... olhe aqui...

E, levando-a de parte, disse-lhe ao ouvido:

– A nossa Micaela deitou-se, porque estava muito mal e pediu-me que viesse chamá-la...

As lágrimas rebentavam duas a duas nas faces de Jacinta.

– Então que tem ela? É alguma pontada? Manda o aprendiz buscar um vintém de óleo de amêndoas doces...

– Pois sim... mas vá lá, minha mãe... vá lá, por alma da avó... e não diga nada ao pai...

– *Ó rapariga! tu fazes-me doida!... pois eu não hei-de dizer a teu pai que tua irmã está doente?*

– Não... não... logo lho dirá...

António Gil era estranho a este suspeito diálogo, porque se entretinha à porta da oficina, conversando com o padre Timóteo de Oliveira: *padre* chamavam-lhe eles, porque, por esses tempos, o ordinando apenas tinha prima tonsura.

– Então que diz a esta minha doença, Sr. Padre Timóteo?... Não haverá água benta que me cure?...

– Que hei-de eu dizer-lhe, Sr. António!... As enfermidades de espírito é o tempo e a distração que as cura... Vossemecê aqui na sua oficina tarde melhorará... E um dever religioso, que o pai de família tem a cumprir: o da sua conservação... Busque distrair-se noutros ares e com outros trabalhos... Deve sair de Braga, ir até Guimarães. fortalecer-se de ares pátrios e finalmente cumprir os encargos de um bom pai, e, sobre todos os encargos, o de um bom cristão...

– Diz bem, Sr. Padre Timóteo; mas eu hei-de aqui deixar esta família, sem amparo, com as portas da oficina fechadas?!... Não sabe o Sr. Padre que não temos outras rendas senão as do ofício?! Vossemecê diz bem... mas...

– Mas é preciso contarmos com os amigos na hora das tribulações. Os preceitos da caridade estão gravados na minha alma, como os da virtude na sua. Vossemecê é verdade que tem uma família a viver do trabalho do seu chefe, mas veja que também tem um amigo... e esse amigo...

– E o Sr. Padre... Eu bem o sei e toda a minha família o diz... Ora pois, nesse caso, eu vou até Guimarães espaiar, se puder... Vossemecê olhará por esta família. Cá em casa ainda há algumas moedas, e, louvado seja o Senhor, não me cansa crédito por aí; mas, valha-me Deus, eu não gosto de pedir nada a ninguém...

– Nem há-de precisar de pedir. Faça de conta que tem um filho, se não pelo sangue, ao menos pelos laços da religião, que manda amar o próximo sem distinção de parentescos... Não haja demora nesta saída... Eu tratarei de lhe mandar aqui amanhã a cavalgada e veja lá do que precisa...

– Não preciso senão da graça de Deus e das suas orações... Mas que me diz vossemecê à doença da minha filha Micaela?

O rosto de Timóteo de Oliveira perturbou-se de um palor instantâneo; a testa franziu-se-lhe, como comprimida por dois dedos de fogo; e palavras, se as tinha, expiraram-lhe na garganta como a exprobração blasfema, fulminada na boca do ímpio por um anátema do Céu.

António Gil prosseguiu:

– Pobre rapariga!... está acabada aos dezanove anos!... Verdade é que a minha Anastácia me disse aí há pouco umas coisas... eu sei cá?... A gente apanha as doenças e não sabe donde elas vêm... E ela, que não era nada atreita a enfermidades...

– Às vezes... uma constipação mal curada...

Timóteo ia, na comoção de um réu que mente, dar as suas razões patológicas e locais da doença de Micaela, quando um grito agudo, tremido e prolongado estrugiu lá do interior da casa, como um brado de socorro.

Timóteo, antes de soltar um *ah* de espanto, paralisou numa suspensão de todos os sentidos e transfigurou-se nalguma coisa tétrica e inamovível como a estátua do terror.

O artista, espécie de autómato impelido por aquele grito despedaçador, desapareceu no interior da casa e deixou, na postura em que o vimos, o seu interlocutor e serviçal amigo padre Timóteo.

Deixá-lo-emos nós também e sondaremos aquele coração de pai, que respondia ao grito agudo de uma filha.

António Gil não podia saber por onde ia, mas achou-se à porta do quarto de sua filha. Esta porta estava fechada: lá dentro era o silêncio da morte e fora do quarto não apareciam mãe nem filhas.

Pasmado e irresoluto, o artista indicava, pela ampla abertura da boca, querer aspirar todas as colunas de ambiente que dessem uma palavra, um som, outro grito, para que a sua inteligência pudesse deduzir uma ideia daqueles fenómenos.

A desgraça e a natureza satisfizeram-lhe a vontade. Um novo grito convulso, estridente e penetrante abalou aquele homem de pedra, encostado à taipa do quarto, como uma estátua à porta de um túmulo. E então conheceu que era um brado extraordinário, uma invocação à Virgem das Dores, um surdo chorar de umas poucas de vozes e, finalmente, o improvisado silêncio dessa voz lamentosa, que ele bem percebeu ser a de sua filha.

Bateu à porta, ninguém lhe respondeu. Chamou sua filha, ouviu um ai de terror. Chamou sua mulher, sentiu um chorar de gemidos sufocados. Pediu que lhe abrissem a

porta em nome do Céu, e não houveram anjos que lhe erguessem aquele sudário das misérias da Terra.

Depois, muito depois, que o mais desgraçado dos pais somente ouvia o ranger de dentes, que era a dor sufocada, estrangulada, retraída pela vergonha impotente... depois, que a alucinação de António Gil parecia caracterizar-se do indiferentismo do idiota, aquela porta foi meio aberta para deixar passar o vulto respeitável de Anastácia Mendes.

Esta mulher vinha como a mãe que acabasse de dar o extremo abraço em seu único filho, lançado às fogueiras da Inquisição... vinha como só podia vir uma dessas raras mães para quem a desonra de uma filha é a perdição eterna da sua honra e a vergonha das suas faces. Encarando o marido, lançou-se-lhe nos braços; quis embalde articular uma palavra; sentiu mesmo que a aflição lhe convertia as lágrimas em brasas íntimas e traspassadas no coração.

Era a desgraça no terrível grandioso da sua poesia fúnebre! Duas existências enlaçadas pela religião, pelo amor e pela virtude, eram despojadas naquele momento de todo o seu cabedal de reputação: desonradas e pobres do pouco que só a perdição de uma filha podia roubar-lhes...

Os gritos tornaram-se insofridos e indomáveis. Micaela invocava todos os santos: bradava já por seu pai; pedia perdão ao mundo inteiro e o mundo inteiro entrava em casa do artista para perdoar-lhe. Era a vizinhança, que vinha assombrada saber se alguém tinha morrido, ou se o fogo devorava as entranhas de alguma vítima.

Anastácia Mendes tinha desmaiado, sem dar a seu marido uma palavra. Este, invocado três vezes, entrou no quarto de sua filha.

Viu uma face pálida, desfigurada de contorções, vertendo suor de todos os poros nos cabelos empastados, revolvendo-se no chão em desesperado desalinho, estendendo os braços nus e ensanguentados para um crucifixo, pedindo-Lhe a morte e a salvação da sua alma... E depois, aqueles braços penderam maquinalmente do pescoço do artista... aqueles lábios soltaram-lhe um gemido desfalecido na face lívida, e...

António Gil ouvia uns vagidos a seus pés... olhou... e viu uma criança recém-nascida.

É indefinível a sua postura! Os grandes conflitos da vida com a morte, o aspecto da natureza transfigurada no sublime do terror, o homem transportado de si para as regiões fantásticas e indescrevíveis do delírio, pertence aos Canovas e aos Velázquez.

Ao incompreensível da vida, confusa em todas as suas potências, sucedeu a síncope.

António Gil desfaleceu e Micaela caiu nos braços de sua irmã.

.....

A essas horas, Timóteo de Oliveira, o seminarista de prima tonsura, não curava das despesas de um bom baptizado. Metido na sua cela, apoiava a face cadavérica entre as mãos e chorava.

CAPÍTULO V

Vários sucessos a respeito da fidalguia destes reinos

Se está decidido que os caranguejos não andam para diante, nem são estacionários, este romance é uma espécie de caranguejo literário: recua, pelo menos, vinte anos em cada capítulo! É preciso, talvez, um esforço de mnemónica para enfaixar estas personagens de retrocesso, esta dispersão de caracteres duvidosos e imperscrutáveis! A originalidade, a verdade, a natureza e o mundo moral são coisas desalinhasdas como o meu romance. O autor que não tem, como Afonso X, as pretensões de organizar um mundo melhor do que ele vai, entende que também não deve algarimar à dedução analítica de uma novela inglesa os transportes de um génio livre, que traçara em campanuda letra do século passado estas coisas que aqui se dizem.

Não quero ser tido por uma imaginação inquieta e anárquica; mas antes quero que me chamem romancista descosido e extravagante do que me adivinhem o pensamento. O meu manuscrito, cujos episódios e peripécias constituem um grande zigiguezague da inteligência, é justamente como eu, como a minha índole, como o meu romance e como eu quisera que fossem os meus leitores, para, sem o menor constrangimento, me acompanharem a transcendentales coisas passadas em 1701.

Numa aldeia, distante de Vila Real um quarto de légua, chamada Lordelo, outrora elevada à categoria de vila, existiu uma grande casa de arquitectura manuelina, com alguns destroços de gótica, cuja serventia era armazenar os foros, rendas, pensões e laudémios que se pagavam à casa dos Távoras pela sua comenda de Panóias. Perto daí erguia-se um castelo gigante com seus adarves, ameias e seteiras, conquanto a irregularidade da sua construção, actualmente, nos afiance que tal fortaleza, colocada numa baixa, e dominada pelos cabeços das montanhas, a custo poderia defender-se de uma agressão de pastores de ovelhas, que bem soubessem tanger uma pedra de funda. Este castelo existe ainda: o povo chamava-lhe a Torre de D. Chama.

Se consultardes o Tio António da Maria, que actualmente conta noventa e cinco anos, sobre os pormenores da torre e a explicação de D. Chama, vê-lo-eis encostar-se ao cabo da sua sachola, assumir a perspectiva severa de uma crónica viva e contar assim uma história interrompida por acessos de um decrépito catarro:

«Tinha meu pai dez anos quando este caso aconteceu. Era em uma noite de lua cheia: via-se como de dia, e meu pai estava acolá naquele outeiro à espera que desse a meia-noite para tornar a água para os nossos lameiros da Chã. Contava ele que, vendo umas luzes a correr por detrás dos balcões da torre, tivera seu medo, porque bem sabia ele que ninguém cá morava, havia muitos anos. Fez o sinal da Cruz, encomendou-se ao seu anjo da guarda e esteve olhando, olhando, olhando e fazendo o credo em cruz, sobre o lado esquerdo do coração... Como vinha dizendo, meu pai estava assim a tremer, quando ouviu uns gritos assim a modo de ruim agouro de pássaros que cantam de noite nas matas e nos pinhais. *Enfitando-se* mais naqueles gritos, pareceu-lhe que eram de gente. Esteve, esteve, esteve, e por fim, meu amiguinho, viu abrir-se aquela janela do meio, viu uma aventesma, amortalhada de branco, chegar à janela e atirar-se dela abaixo! E depois uma voz medonha diz que bradara aqui para estes sítios: *Chama!... Chama!...* Meu pai ficou, como o outro que diz, sem pinga de sangue!... As luzinhas apagaram-se, ficou tudo calado e meu pai, vindo para casa contar a passagem, veio aqui quase meio povo e não encontrou nada!... Enquanto a mim aquilo era moura que quebrou o seu encantamento, à voz do seu mouro que pelidava por ela: *Chama! Chama!* E é por isso que estes pardieiros são a Torre de D. Chama. Ora aqui está o que há a este

respeito!»

E, rematando assim a sua história, o Tio António da Maria convida o curioso para sua casa para beber vinho verde e comer um bocado de broa com azeitonas. Conquanto o repasto seja pouco apetitoso, vale a pena de acompanhar o velho, que, depois da Academia Real das Ciências, e Dionísio de Halicarnasso, é a melhor coisa que conheço em antiguidades.

Vamos agora cotejar a lenda do povo com o manuscrito.

Manuel Carlos da Cunha e Távora, conde de S. Vicente, fora, com um cortejo de nobres e pajens, honrar os seus senhorios de Trás-os-Montes. Muitos anos havia que tão luzidio préstito não estacionara por aquelas agrestes penedias, nem tão garbosos cavaleiros se requebravam com as inocentes serranas daquelas paragens! A nobreza de Vila Real ostentava em dispendiosos sacrifícios quanto luxo de província cabia em forças humanas, para dignamente receber esses troncos de reis, essas vergôntes de fidalguia antediluviana, essa corte ambulante, que vinha aí desenfasiar-se em folguedos de caça e cavalgadas, como bem convinha a tais senhores.

Cristóvão da Veiga, alcaide-mor de Vila Real, fidalgo de raça estreme e imaculada, era de entre todos o que abria mais esplêndidos salões com mais variadas folganças, à nobre turba dos representantes dos Mens, dos Fuas, dos Albuquerque, e Castros, e Roupinhos! Mais fulgurantes que os seus candeeiros de vidros multicores, mais purpúreas e douradas que os seus opulentos panais da Pérsia, eram as formosas fidalgas, que matizavam nos seus espaldares de veludo aquele todo severo de riqueza e etiqueta, como ela se usava na corte do príncipe regente D. Pedro II.

Linda, a mais linda de todas, era D. Inês da Veiga, filha de Cristóvão da Veiga, bem que a Grécia, podendo adivinhá-la, reservara na sua mitologia uma vacatura para uma filha do *Sol* e da *Primavera*. Valiam menos as espiras de ouro que lhe ondeavam da cintura aos pés, do que um trancelim de seus cabelos, enovelando-se-lhe num pescoço, onde lábios ardentes de um agonizante de sede poderiam sorver perpétuo hálito de vida e frescura eterna!

Que a não havia mais linda na corte, dizia o conde de S. Vicente.

– Eu repudiara a duquesa de Nemours, se fosse Pedro II, para me casar com ela! – acrescentava ele.

– Henrique VIII casara oitava vez, se a visse – dizia o conde das Galveias.

– David fizera uma boa colecção de poesias amorosas, se a sonhasse – dizia D. Pedro de Sá.

E D. Álvaro Pereira, que era amante da arquitectura, acrescentava a tudo isto que, depois da fachada de Belém, era a melhor criação dos homens que tinha visto!

Estas opiniões, mais ou menos emboscadas no perfume do galanteio, eram-lhe reveladas a ela por lábios que tremiam, por olhos que se abaixavam timoratos e por pulsações violentas que ela fazia não sentir sob os prateados mantos dos seus adoradores. Insensível como um ídolo de jaspe às reverências religiosas dos seus turibulários, D. Inês, o anjo dos salões, a fada de magos sonhos, cismava numa esperança que lhe nascera de um desejo, e este desejo era... se não ser rainha... de poder, ao menos, à sombra de um dossel real, valer mais que o coração de um homem... valer tanto como um grande título, valer mais que sua mãe e sua avó!

No coração de uma linda mulher, quem ousa sindicicar ambições? Não é certo que os maus pensamentos, ao transluzirem nos olhos imperiosos dela, depuram-se ali da sua maldade, para despertarem grandes virtudes no coração do homem? Que é a mulher neste mundo, senão um ente privilegiado, para quem as leis repressivas são uma injúria?, Como é que o homem, com a frágil feitura da seu código de leis, ousa intimidar, punir, julgar e condenar uma aspiração sempre grandiosa, como são todas as

aspirações desferidas na harpa íntima do coração da mulher-anjo?

D. Inês da Veiga, interessando-se de leve na adoração de Távora, pagava-lhe uma destas raras paixões, que matam, se não vingam. Ela pressentia-o; distinguia-o entre o seu cortejo por um olhar afectado de descuido, simbolizava o seu amor numa saudade que lhe pendia esquecida no regaço, desprendia um destes suspiros indefiníveis para um amante que não sabe se deve atribuí-lo a saudade, ou amor que nasce.

Numa dessas noites faustosas de alegria, de pérolas e de formosuras, D. Inês da Veiga, debruçada no peitoril da sua janela de balaústres, ouvia, ou não ouvia, um cavaleiro de gentil presença, de marcial postura e de expressões meditadas. Era o conde de S. Vicente, que renegara da sua humildade apaixonada, para se contrafazer em uma independência de espírito, carácter difícil de se impor o hipócrita mais austucioso.

– Porventura, senhora, a formosa que fascina pelos encantos da sua face deve ter um pé que impiamente esmague o coração do atrevido que a fitou?... Não vê que a

Lua vai passando tão alta no céu e, menos orgulhosa que V. Ex^a, não nega os seus resplendores ao que a namora?

– Está muito poeta, conde!... Não tem composto algum rimance de justas, algumas trovas como as do Bernardim?!

– Tenho-as aqui, senhora...

– Aí?! Dê-mas...

– Aqui no coração... onde rasga uma dor como a de Bernardim Ribeiro... Escrevi-as de sangue e de lágrimas... Deixá-las aí estar... estão no seu sepulcro...

– Está tão fúnebre, Sr. Conde!... Ouço sempre essas palavras da corte... são da corte, pois não são?

– Senhora!... uma ironia é um ultraje para mim... Manhã deixá-la-ei com os seus remorsos... Oh!... deve de tê-los... ou é...

– Que sou?

– Um anjo... que extermina!... Adeus, senhora...

– Conde!... Olhe...

– Senhora!...

– Não vê acolá, no céu, aquelas duas estrelas... tão juntas... tão cintilantes... que parecem namorar-se? Vê... acolá?...

– Vejo-as... a brilharem uma na outra... a incorporarem-se na mesma luz...

– São lindas!...

– E então?!

– Vejo-as assim desde criança... às mesmas horas, no mesmo céu...

– E como o mesmo brilho...

– Porque não serão assim os amores da Terra?

– E não são?!

– Não, creio eu... porque os astros do céu não se deslumbram... reflectem-se do mesmo sol... e nós, neste planeta, deslumbramo-nos uns aos outros...

– Que quer dizer?

– Que o conde de S. Vicente, se quiser viver da sua luz, deve buscar uma condessa; se quiser ser eclipsado, busque uma duquesa; e se quer deslumbrar o tímido fulgor de uma luz embaciada, busque... uma Inês da Veiga...

– Que diz, senhora?!

– Ama-me... e muito... quanto deve?

– Oh!... muito... perdidamente!...

– Sabe que meu pai tem um direito sobre a mais obediente das filhas?! Peça-me... fale-lhe... e ele que decida de mim, que o meu coração já se tem decidido... É seu... conde.

Távora emudeceu. Este silêncio era suspeito. D. Inês parecia querer adivinhá-lo pela astrologia judiciária; demorou-se examinando as suas duas estrelas... e esperou uma expressão mágica do seu amado, que, revestindo-a de um título, lhe garantisse a entrada no salão com a galhardia de um triunfo.

Essa palavra não a ouviu; mas muito alto lhe falava o seu orgulho, para que ela a desafiasse. Era de ambos o silêncio. Nele o amor e o orgulho; nela o orgulho e as suas ambições: e amor? também: esse amor que pede ao ouro um brilho emprestado; esse amor de reflexão, cuja base assenta num cálculo e por milagre pode uma vez elevar o vértice às vulgares inclinações da alma.

Parecia.

Cristóvão da Veiga tinha um experimental conhecimento da corte. João IV e Afonso VI foram um prisma, através do qual as nódoas de uma nobreza intrigante e viciosa avultaram de mais, para que um educado na sua corte, como Cristóvão da Veiga, se despedisse dela sem um cabal conhecimento dos mistérios do paço e da índole dos cortesãos. Severo com os seus, dizia ele que a virtude se não graduava pelo número de retratos de avós, que se penduram de uma galeria. Os reis, de instituição divina como ele os supunha, conspiravam-se nas mais hediondas instituições humanas. As impudências de Afonso VI e as crueldades de Pedro II tinham-no tornado céptico da realeza, estóico dos negócios públicos, e cínico a respeito do que convinha pensar de fidalgos rapazes e estouvados à laia de Manuel de Távora.

Muito lhe aproveitaram estas reservas, para não ser O último a perceber as tendências do conde. Interrogando sua filha, achou-lhe um coração propenso para o amor, mas maleável ainda para o molde de um bom conselho, e fácil de docilizar-se às teorias do cálculo. Aconselhou-a: inspirou-lhe talvez aquele amor de parábola que lhe ouvimos e revestiu-a do carácter arteiro, de uma dama tão experimentada como insinuante.

Távora era o que são os requintados amantes de hoje. Cômicos do mais heróico processo de matar as grandes paixões, é raro passarem-nas pelo filtro do casamento, que é de todos os laboratórios sociais o mais provado aparelho para se manipularem estas muito enérgicas reacções do espírito no estado de fusão. Demais a mais convém distinguir o sétimo sacramento da Madre Igreja entre fidalgos e peões. Os primeiros, ainda inoculados na substância paterna, já são esposos prometidos, no caso de virem ao mundo. Os segundos é cá no mundo que engendram, e elegem, e deixam, e tornam a eleger, e tornam a deixar as suas simpatias, até que finalmente lhes chegou a sua hora, e casam, com todas as alternativas e preparatórios dignos de um tão solene acontecimento.

D. Inês, pelos pergaminhos, estava na esfera dos primeiros; pela riqueza, pois que era filha segunda, não podia ainda atingir à grande importância actual de uma burguesa nobilitada nestes nossos dias de nobres merceeiros.

O conde de S. Vicente estava prometido a D. Isabel de Noronha, dama da rainha D. Maria Sofia.

Que importava tê-la visto duas vezes e não a ter amado de nenhuma? Era uma vocação, uma necessidade tão santa daquele amor *honorário*, como podeis supor o de qualquer outro cidadão casado, que dá a sua mulher o exemplo da tolerância dos cultos e lhe proíbe expressamente o desfalque dos bens havidos comumente à face do mais respeitável, do mais imprescritível dos sacramentos, o matrimónio!

Cristóvão da Veiga sabia como estas coisas eram. Confiado no predomínio que exercia sobre sua filha, deixava-a rever-se donairoza nas suas seduções, e gostava até de vê-la armar a sua rede de pescaria, como uma fina Cleópatra, simbolizando no seu anzol lançado às trutas das margens do Nilo a boa pesca de imperadores que fazia no Tibre

orgulhoso.

Távora era chamado à corte; mas para ele, enquanto se alimentasse de uma esperança, não havia ordens régias que não fossem os caprichos de D. Inês, nem corte luzida que não fosse a sala de D. Cristóvão.

Grave incidente!

Questionava-se uma noite sobre fidalguias: Cristóvão da Veiga representava o rei de Leão; o conde de S. Vicente representava o rei de Granada; este tinha títulos até II. Tedon, e D. Rosendo, cavaleiros mais velhos que Pelágio; aquele contava documentos até o primeiro dos Garcilasos de La Vega. A questão acalorou-se, espinhou-se, feriu-se e por fim jogou-se de remoques e risos sardónicas. O cortejo do marquês era uma máquina de riso, ria com o amo e com o amigo: dependia dele. Cristóvão da Veiga era só: a filha, se ali estivesse, colocara seu pai entre as estrelas, fizera-o árcade, mais velho que a Lua, egípcio, mais velho que a Terra, japonense, representante directo dos deuses!

Cristóvão da Veiga fora ulcerado gravemente no órgão mais susceptível da sua alma. Apodaram-lhe a sua fidalguia! Perdoaria mais depressa ao assassino de seu pai!

Quando se viu a sós com sua filha, estendendo-lhe um braço à roda da cintura e gravando-lhe um beijo estremecido de amor, disse-lhe com uma expressão legítima de ternura e do coração:

– Minha querida filha! Manhã que o conde de S. Vicente te quisesse para esposa e me implorasse de joelhos o meu consentimento, eu... cuspir-lhe-ia na cara!

–Mas eu...

–Mas tu?!...

– Creio... que o amo.

– Silêncio!... que me envergonhas!

CAPÍTULO VI

**Em que o autor diz o que pensa a respeito das mulheres;
pedindo vénia para ousadia tamanha**

A mulher não tem valor determinado como uma pérola. Abstracta como os espíritos, espiritual como os anjos, não há teólogo, nem matemático, que a defina pelo dogma, ou a calcule pelas operações infalíveis. Sabe-se que vale muito; mas não é ela que o sabe. Sabem-no aqueles que sofreram por ela, embora as flores do triunfo pendam murchas na sua coroa de martírio. Sabem-no os que tiveram alma sedenta de paixões, embora bebessem alfim por taças de ouro esse licor, que embriaga, sacia, entorpece e paralisa.

Não quero argumentar com este século, em que as coisas, as pessoas, os astros e as divindades está tudo subordinado ao materialismo da análise. Esta autópsia, grave e circunspecta de ciência, por que tudo vai passando, desata aqueles enlaces subtis que prendem docemente a avidez penetradora do homem à poesia incógnita do objecto. Hoje está tudo real de peso e de medida. Não há segredos. A fome do ouro, esta pedra filosofal dos herméticos da actualidade, tem raspado, pulverizado, fundido e depurado, no cadinho da avareza, todos os mistérios, todas as idealidades, até lhe extraírem o átomo palpável, luzente e incomparável, da moeda cunhada, sonante e tangente.

A mulher era o ente mais poético da criação. Firme no seu trono, se quisesse ser rainha incorruptível, veria baldarem-se as conspirações da avareza, quando ela estendesse o seu olhar angélico e imperioso sobre as legiões assoldadas ao demónio do egoísmo. Ela, a comissionada do Céu, poderia assentar os seus arraiais de conquista sobre as ruínas dos empórios traficantes e maniataria às rodas do seu carro triunfal essas fronte empenachadas que varrem os estrados da cabeça do bezerro. Nem o templo teria *publicanos*, nem a lei sálica, nem os haréns teriam cuspidos uma afronta na alfaia mais preciosa, que adornou o Ente Supremo no dia da criação.

Mas a mulher, embaciada no seu verniz ideal, desenfeitada desses adereços, cujo cofre de misteriosas chaves era o coração do homem, a mulher, sem poesia, é um barro mais quebradiço que a tradicional costela do homem.

Faça-se justiça ao homem. Não foi ele o depressor da mulher. É ela que pediu o seu quinhão à mesa das ambições. Quis ser contemplada em interesses havidos e por haver. Fez-se carnal em todas as suas potências. Calculou com as lágrimas e com os risos: vendeu-se nos seus afectos e protraiu o grandioso da sua realeza, decretando que o turbulo de seus perfumes contivesse mirra, incenso e *ouro* também. Constituída mercancia, esta engenhosa feitura de Deus, tornou-se um objecto de permutação, uma compra de contento, uma coisa de fastio como o casaco usado, as pantalonas velhas e o chapéu do ano passado.

É mentira! A mulher não pode e não tem direito de se baratear. Não é fadada pelos homens; representa uma lei imutável do Eterno: não pode invalidar-se. Tem épocas de soberania, estação de cultos, fértil colheita de adorações, que a consolam na sua decadência.

Foi surpreendida por uma traição, quando se impunha fascinante ao seu cansado adorador?

É uma desgraça, mas não cansam outros lábios vigorosos de amor que lhe beijem os pés. Há muitos corações a reflectirem-lhe o seu esplendor. Não é uma só nuvem a que turva a face do Sol...

Quem pudera dizer lhe o que ela é!... Não lhe bastam as íntimas revelações do

instinto, não bastam, que bem o sabem todos... Era necessário dizer-lhe que o orgulho é a mais bela das suas feições... Dizer-lhe que a perfídia astuciosa é a sua pérola de maior quilate e que mais vale um seu riso sarcástico que o mais apaixonado suspiro. Era preciso, em resumo de outros conselhos, que me comprometem, dar-lhe um espelho, sujeitá-la a um compêndio, mandá-la estudar naquela D. Inês da Veiga, que tão linda e requestada nos ficou no capítulo anterior.

Depois que Crista disse em vão: *Não furtarás* – ninguém deve esperar nada do mandamento de um pai que diz a sua filha: *Não amarás*. Cristóvão da Veiga trovejou do alto do seu *Sinai* paterno, quando quis gravar a sua lei, não em tábua imorredoura como a do Altíssimo, mas no coração impersistente de sua filha. D. Inês, cuja paixão era condicional, entendeu que bem podia, sem sacrifício de suas afeições, obedecer a seu pai, visto que era ela a primeira a duvidar que o conde de S. Vicente viesse um dia pedi-la em casamento.

Mas... quem sabe se viria?...

Os salões dos Veigas fecharam-se pouco a pouco. É que o rancor das questões genealógicas viera derramar as trevas silenciosas nesses recintos, onde, dias antes, remoinhavam cetins, diamantes, fidalgos, bandejas e músicas.

Cristóvão da Veiga rectificava com um antiquário franciscano algumas dúvidas que lhe restavam da sua linhagem; cada dia encontrava um avô perdido na corte de Mauregato e Rodrigo; enfunava-se-lhe a alma nestas íntimas expansões, que só o frade testemunhava; e, algumas vezes, chamando sua filha, apresentava-lhe um novo ascendente, esquecido por descuido na exuberância de tão intrincada progénie.

Távora não tinha que fazer com os gados. A actualidade pesava-lhe de morte no coração. Repeso daqueles sorrisos indiscretos, melancólico nos seus sombrios casarões de Lordelo, não haviam galgos nem lebres por essas matas que o distraíssem. À tarde, quando o Sol no ocidente toucava de púrpura as ameias do seu castelo, o conde, passeando sozinho nas açoteias, buscava, entre as igrejas de Vila Real, a torre de S. Dionísio, com a ansiedade do nauta que fixa os olhos incansáveis, em noite de tormenta, na luz indecisa do farol. É que à sombra dessa torre estirava-se o orgulhoso palácio de Cristóvão da Veiga. Vivia lá esse tesouro defeso, inacessível, a filha do fidalgo altivo, que poria menos em encerrá-la num claustro do que em fechar as suas portas à primeira nobreza de Lisboa.

O conde, abandonado à sua paixão, esquecera sérios compromissos com o rei, com seu pai e com sua destinada esposa. No dilema de *casar ou abandonar* vinha o amor, requintado pelas dificuldades, estabelecer o segundo dilema: *casar e gozar; abandonar e morrer*. Era prepotente essa imagem, que lhe volteava dia e noite na fantasia de fogo! A saudade despedaçava-o, e muito desigual era a luta do homem apaixonado, com as convenções prestigiosamente honrosas de compromissos, para que D. Inês da Veiga não vencesse.

Venceu como vencem todas as Ineses, e Catarina, e Beatrizas, que comprimem a gonilha na garganta de fidalgos e peões, até que as palavras sacrossantas do altar venham, como uma espécie de *pg* comercial, saldar essas contas em que o homem representa o devedor de muito boa fé e temor de Deus.

Resolve o muito nobre conde de S. Vicente, na vanguarda do seu cortejo deslumbrante, afagar as iras do fidalgo ofendido, exalçando-lhe tão acima a sua prosápia, que, em cúmulo de todas as provas, não restasse a Cristóvão um ligeiro ressentimento. Acima de todas as satisfações públicas e particulares, a maior lisonja para um Veiga, pensava o conde que decerto era o parentesco de um Távora.

Os raciocínios do amor-próprio não gozam do crédito das melhores consequências.

A luzida cavalgada despertou os ecos todos do amplo pátio de Cristóvão da Veiga. Sendo-lhe anunciada a visita de um Távora, dizem que aquele sorria para o frade, ou o frade, no seu livro de lembranças, escreveu este diálogo que tivera com o fidalgo:

– Cuidei que este neto de reis teria já recolhido aos seus paços reais!...

– Virá despedir-se agora... É de crer que não partisse sem vir oferecer-se a V. Ex^a... Ele bem sabe que um Távora está sempre em dívida de homenagens a um Veiga...

Note-se que o frade acabava de almoçar, e bem. Com este dito conceituoso e laudatório ficava pago o almoço, e alguma coisa tinha dado por conta do jantar. Cristóvão da Veiga continuou sempre com o seu riso malicioso:

– Bem pode ser que a visita não seja para mim...

– Então?! Essa é boa!... Pois ele está aí na sala, esperando por V. Ex^a...

– Pois sim, ele espera por mim... mas se a minha Inês lhe fizer as honras da sala, pode ser que ele me desculpe...

– Nada... A presença de V. Ex^a nunca se desculpa... Veigas foram sempre o lustre dos salões... Na corte de Filipe II, Garcilaso de la Vega, o gentil-homem de Castela-a-Velha, esse nobre avô de V. Ex^a, era o mais rutilante adorno do paço... Bem é que no seu solar a mais brilhante personagem seja o representante dos Veigas...

Desta vez alcançou Frei José da Natividade paga e

quitação do jantar. Que frade tão parecido com os nossos leigos!

Cristóvão vestiu os seus calções de broches de prata, empolvilhou o longo rabicho de sua marrafa, vestiu a casaca de seda amarela de longa cauda e entrou no salão acompanhado do frade.

O cortejo foi breve, airoso e diplomata. O conde de S. Vicente indicou a necessidade de falar a sós com Cristóvão da Veiga. Justamente no acto de se apartarem à sala próxima, entrou D. Inês. Os cortesãos formaram um semicírculo, e inclinaram-se profundamente, como era devido à futura condessa de S. Vicente.

Deixemos D. Álvaro Pereira, o infatigável admirador do baixo-relevo, explicando a D. Inês da Veiga as belezas arquitectónicas do seu palácio. Não nos importa que D. Luís de Melo aproveite a ocasião para descrever a raça imemorial do seu galgo, que ousadamente pousava o pontiagudo focinho no regaço de D. Inês. Ainda que algum dos cortesãos tenha dito na sua consciência: *Quem pudera ser galgo!* não deve esse dito inocente e consciencioso demorar-nos em comentar o tempo que nos falta para assistirmos ao colóquio privado de Cristóvão e conde de S. Vicente.

Falavam assim:

– Eu sei que incorremos, e os meus companheiros, numa falta com V. Ex^a.

– Que falta?!

– Aquelas nossas indiscretas questões genealógicas...

– Ora... não falemos disso, Sr. Conde...

– Eu quero dar um solene desmentido às minhas argúcias imprudentes...

– Não é preciso, senhor... não é preciso... Eu estou capacitado da sua boa-fé e da dos seus amigos... Rapazes, rapazes...

Era muito sardónica a risada do Veiga, e muito sentimental a séria polidez com que Távora a recebia. Ambos estavam bonitos e interessantes.

O conde de S. Vicente, alentando-se daquela consciência superior, que dá a presença de espírito, continuou:

– O meu objecto, Sr. Veiga, é simples de tratar-se... Sua filha, a Sr^a D. Inês, a quem, se me não engano, eu não sou indiferente, tenho-a destinado para minha esposa...

– Errou no destino que lhe deu, Sr. Conde. Primeiro que V. Ex^a a destinasse sua esposa, Deus a destinara minha filha...

– É possível que V. Ex^a recuse conceder-ma?...

– É, e tanto é que recuso.

– Posso saber porquê?

– Em primeiro lugar, porque não tenho outra, e amo esta muito. Meu filho morgado esta na Itália há quatro anos, e Deus sabe quando ele virá; preciso ter um filho comigo. Em segundo lugar, minha filha não tem fortuna que lhe garanta, depois do primeiro ano de casada... a amizade de seu marido. Finalmente, Sr. Conde, é minha vontade que ela não case com V. Ex^a.

O conde ergueu-se de improviso e entrou na sala, em que

D. Inês da Veiga estava com os demais cavaleiros. Entrando, e com ele entrando Cristóvão da Veiga, bem conheceram os circunstantes, e ela bem mais que eles, alguma coisa extraordinária no riso petrificado do velho, e na postura que Távora vem assumir diante de D. Inês.

– Senhora! – diz ele –, quando um Távora lhe revelou uma paixão, não mentia. Se ele a amava, era preciso que as consequências desse amor fossem sagradas como a honra do cavaleiro e a virgindade da donzela. *O meu coração tem-se já decidido... é seu.* Foram estas as suas palavras, D. Inês; animado por elas venho de pedi-la a seu pai, que formalmente ma recusou. Dei-lhe esta derradeira prova da minha estima; e tanta honra ela me faz, que aqui a publico perante meus amigos.

Momentos de silêncio, pasmas em Frei José da Natividade, e uma lágrima na face de D. Inês.

O conde prosseguiu:

– Passados dois dias recolho-me a Lisboa...

D. Inês estremece visivelmente.

– Lá, e em toda aparte, Sr. Veiga, tem V. Ex^a um amigo, e a Sr^a D. Inês um irmão.

Trocaram-se mais algumas palavras sacramentais de despedida, mas na troca não se ouviram as de D. Inês. Quando Távora, com a voz tremida de um suspiro indomável, fazia à sua adorada um convite de irmã, a mais amorosa, que fraternal menina, levantou-se, cortejou brevemente os fidalgos e recolheu-se ao seu quarto. Aí, antes de enxugar as lágrimas, dobrou uma folha de papel e escreveu.

É justamente neste instante que acaba a independência senhoril de D. Inês: abdica da sua coroa de orgulho, converte-se mulher flexível e sente a precisão de ser grata a um marido que lhe é roubado por seu pai. Daqui em diante dou de conselho às leitoras que a não imitem.

D. Inês da Veiga principia a ser romântica, ou desgraçada, que é quase sempre o mesmo.

CAPÍTULO VII

**Que é necessário ler-se para entender o que vier depois.
O autor esquece-se do romance algumas vezes**

Lá vem, caminho de Lisboa, a bagagem do conde de S. Vicente. Descem os povos das aldeias montanhosas para verem, à beira das estradas, a cavalgada dos nobres, que vai passar.

A pomposa comitiva da fidalguia circunvizinha apeava de suas mulas, ricamente ajaezadas à porta dos Távoras. Era uma vida estranha e fantástica para aquelas aldeias todo aquele bulício de ricos homens, e ricos mantos verdes, amarelos e vermelhos.

Cristóvão da Veiga, vingados os seus caprichos, não duvidou contribuir com a sua pessoa, machos e liteira ao préstimo da despedida. O conde, traduzindo mal uma ironia em todo aquele aparato, ofereceu a Veiga um de seus cavalos de estado, que ele não aceitou por justos motivos de reumático crônico.

Távora assistira ao profuso almoço com que brindou os seus amigos, antes da partida. Cada conviva era uma paixão incendiada, segundo a sua natureza e temperamento. A não ser algum mestre-de-obras, ninguém, como D. Álvaro Pereira, falou tão apaixonadamente em arquitectura! D. Luís de Melo foi sublime na questão dos galgos; e D. Pedro de Ataíde, em raças de cavalos e alveitaria, não deixou nada a desejar, como dizem os jornais. Em mulheres falou o conde da Ponte, e, começando pela sua, desafiou todo e qualquer *Tarquínio* que fosse capaz de deixar em dúvida a honra da sua *Lucrecia*. Em literatura ninguém falou, porque o único frade presente era o guardião dos domínios de Vila Real, homem gordo e chão, que tinha as horas de tal sorte divididas, que, contra toda a acumulação de empregos, não podia comer e conversar.

Mas o conde de S. Vicente não conversava nem comia. O amor infeliz entristecia-o com todas as suas torturas. Fora desabridamente motejado no seu orgulho por um repúdio arbitrário e inconsequente. Sofria do coração e da cabeça: dois grandes sofrimentos novos para homem que se prezava de manter ilesas na sua pessoa as nobres virtudes de seus avós.

Conquanto feliz nas suas aventuras amorosas, Távora não contribuíra com uma infâmia para o sudário das muitas que desvirtuavam uma corte exemplar de torpezas. Era honrado como fidalgo e como mancebo. Doía-lhe muito acerbo um aviltamento sem motivos, porque a sensibilidade em almas bem formadas é varada até aos seus abismos pelo punhal da afronta injusta. Não sucede assim à do homem que ofendeu antes de ser afrontado, porque alguma coisa lhe diz lá dentro que estão saldadas as contas. Se quiséssemos escrever aqui uma página de fisiologia da alma, mostraríamos que ao espírito mais aguçado para o desforço de uma bofetada, há uma lima que o desgasta e embrutece... é a do remorso. Se não basta essa primeira expiação, quando vier a segunda, infligida pela sociedade, o homem de mais corajosos alentos recebe-a com a impassibilidade da vítima manietada. Há algemas íntimas de uma formidável tenacidade!

Tornando ao que é verdade, o conde tinha jus a uma vingança, mas não a delineava nesse melancólico silêncio que o avexou, durante o almoço. Era uma tristeza inofensiva, como é a dos bons infelizes.

No começo do almoço foi dito ao conde que um mendigo esperava no pátio ensejo de poder falar-lhe. Era imprópria a ocasião para atender a esta exigência. Távora lembrou-se que tinha de dar uma esmola; enviando-a, não lhe foi aceita, porque o

mendigo rigorosamente queria falar ao fidalgo.

Foi ainda desatendido o suplicante: era, talvez, um delator de foros sonogados na mão deste ou daquele caseiro, ou a denúncia de algum despotismo vexatório de arrematante da comenda de Panóias...

Enfim, vai o pobre importuno ter ocasião de falar ao Sr. Conde. Os ruidosos fidalgos ergueram-se da mesa e vão montar. Távora prolonga o olhar saudoso do último adeus até onde não pode chegar a lágrima aflitiva que lhe brilha no rosto. *Talvez... para sempre!* Quando assim se partem num adeus surdo e profundíssimo os ténues fios que prendem o homem a um anjo, esse é o primeiro instante sublime de agonia; é o último bago de areia que da ampulheta da vida sem esperança cai irremissivelmente no túmulo.

O mendigo aproxima-se:

– Tenha V. Ex^a feliz jornada, fidalgo.

– Que queres?

– Dar-lhe este papel, Excelentíssimo Senhor.

– De quem é isto?

– Saberá V. Ex^a que não sei.

O conde abriu e leu:

Meu pai não pode impor-me o sacrifício da minha felicidade. Amando-vos, conde, diz-me o coração que sou feliz; sendo vossa, meu pai e todo o mundo me julgará ditosa. Quem me obrigar a perder-vos, quer a minha desgraça... não direi à vossa. É verdadeiro o vosso amor, conde? Se é, eu devo ser-vos grata à custa de tudo, menos da minha reputação, que essa... sois vós muito nobre de sentimentos, para que tema por ela. Esforçai-vos em que eu vos pertença. Pela minha parte não haverá estorvo invencível.

O mendigo, ainda que fosse romancista, não poderia contar-vos as cenas mágicas de transfiguração por que passou o rosto de Távora. Ninguém pôde descrever ainda a fisionomia do naufragado desesperado de salvação, quando o seio de uma onda lhe arremessa a tábua que o salva. Ninguém sabe donde vem aquele raio celeste, que incendeia de júbilo a face de uma boa esposa ao anunciarem-lhe a salvação do marido enfermo, cujo coração se esvaía de pulsações retardadas debaixo da mão febril da sua angustiada consorte. São lances perceptíveis, mas indecifráveis, como tudo o que se incorpora com o celeste por um nó espiritual, que o sentimento percebe, mas que a descrição não desata.

Távora sentiu tudo isso. O mendigo, pois tal era a sua missão, não esperou resposta. Os cavaleiros instavam pela marcha; e Cristóvão da Veiga, vazando a cabeça pela portinhola da liteira, perguntava ao conde se era aquela a ocasião de receber cartinhas das pastaras! O boa fé paternal! tu vieste até nós pura e imaculada; conserva-te assim, ó mãe perene de folgados risos!

Grandes reflexões:

Há casos de alucinação, êxtasis incendiados de fantasia, em que o homem subjugado ao seu transporte as férreas considerações saci ais, fazendo-as reflexivas de todo o brilho da sua alegria. É por isso que as grandes paixões estão em divórcio com o juízo prudencial. No mar da vida, o fanal do amor é o que mais resplende. Cegam-se os olhos e entendimento ao que mais ansiosamente o fita. Com a mente fixa nesse claro esperançoso, que tão frouxas réstias de luz nos dá em paga de tremendos trabalhos, transcuram-se vagas e baixios que nos assaltam o pobre baixel. O amor indómito, fremente e tempestuoso é um naufrágio que se ama, uma dor com que se brinca, e,

enfim, um delírio *honroso* em qualquer criatura.

Almas venerandas de lógica e geometria! corações que podeis vencer cinquenta anos de tecidos trôpegos, arfando pausadas convulsões de amor numa destas lânguidas tardes de indolente Primavera: e vós, também, cabeças judiciosas e meditabundas, vereis um espírito sereno e pensador no coração febril de um mancebo apaixonado!

O conde de S. Vicente não intimou os seus lacaios para descarregarem a bagagem, nem fingiu uma pontada repentina, nem ao menos confiou de algum amigo a alegria que lhe extravasava do coração raso de fel um momento antes. Suspenso naquela íntima luta das trevas com a luz, do desalento com a esperança, lá vai calado, e triste no semblante contrafeito, seguindo a marcha destinada, e estranho aos curiosos murmúrios dos que intentavam decifrar o enigma do mendigo.

Que admirável espelho de juízo prudencial!

Na subida do Marão, Cristóvão da Veiga despediu-se, visto que os ares da serra lhe irritavam o reumático. Os demais fidalgos da comitiva despediram-se também, e não consta do manuscrito que o conde nas estalagens, onde pernoitou até ao Porto, tivesse coisa que o afligisse, a não falarmos das corpulentas galinhas cozidas em água de arroz, coisa detestável, imemorial, e única, que um homem depara por esses caminhos de cabras, a que as câmaras municipais chamam *estradas*, pela mesma razão que elas se chamam *câmaras municipais*.

Cristóvão da Veiga, recolhendo livre de perigo a sua casa, encontrou sua filha taciturna, triste, ou caprichosa de mimo, como era de uso. Na qualidade de amigo, interrogou-a pelos motivos da sua melancolia; como pai, repreendeu-a pela desobediência em não responder-lhe. D. Inês não fingia ressentimentos, nem ambicionava carícias: queria-se sozinha com as suas lágrimas e com as suas esperanças.

O autor não mentiu, quando anunciou ao público que esta menina estava romântica. Se estava!

Que lindas não devem ser estas criações etéreas da vaporosa imaginação de uma virgem! Como será aquele ansiar indefinido que ela tem pela realidade de uns sonhos diáfanos, em que lhe sorriam lindos mancebos de cabelos louros, em palácios de missanga e nuvens cambiantes de todos os reflexos da inocência!...

Porque não há-de ser romântica D. Inês da Veiga, se ela vê e compara judo isto, que o homem, o mais poeta e o mais fantástico, não é capaz de ver nem comparar!

E assim começam todos os amores: assim vai até ao altar a menina que se casa; acompanham-na até lá quiméricas legiões de espíritos lúcidos, cujas asas se enlaçam, para a embalarem num coxim ideal de aspirações e santos desejos. E, depois, é muito triste vê-la, passados dois meses, a fazer um rol de roupa suja, a acertar a gravata do marido, que vai ver o câmbio, ou, oh essência do materialismo!, a pregar um botão nas calças conjugais!

Esta é a ordem do mundo, leitores! Cinjamos os rins de cilício, cubramo-nos de saco, e baixemos a cabeça ao mundo conveniente, qual ele é, porque o método é uma necessidade prima, até no romance.

Valha-nos o calmante de pergaminho, porque o leitor deve saber que as filosofias são todas do copista.

– Então, manhã seguimos para Lisboa, não é assim, conde?

Esta pergunta é do conde das Galveias ao conde de S. Vicente, na estalagem da Júlia Benta, moradora que foi na Rua de S. Sebastião, na cidade do Porto.

– Tomara-me eu já daqui fora – acrescentou D. Álvaro Pereira. – Monumentos, tirem-lhe o da Sé, que não há coisa que preste aqui... Terra de tripas e dos tamancos, eu t'arrenego, em nome da arte e da ciência!

– Pois, amigos – respondeu o Távora –, parti quando quiserdes, que eu fico aqui...

– Tu, conde!? tu ficas aqui!

– Preciso ficar... exigem-mo negócios da minha casa, por causa da minha comenda de Margaride e Refojos de Basto.

– E inda agora tu sais com essa?

– É verdade: mas muito a tempo... Esperam-vos esposas, pais e amigos... A mim... se me esperam... que me desculpem... Eu vou escrever a meu pai e vós advogareis perante o rei a minha causa... não é assim?...

– Deveras... conta connosco...

No dia imediato os fidalgos partiram de manhã; e o conde de S. Vicente, com dois lacaios, às dez horas da noite passava em Valongo, e às seis da manhã entrava por uma porta escusa na sua quinta de Lordelo. Um quarto de hora depois, poderia estar a porta de D. Inês da Veiga.

Mas não estava. Adormecera, depois de obrigar os caseiros a um juramento, pelo segredo da sua residência ali.

Eu, que não admito uma desgraça sem um pressentimento, juro que, à mesma hora, Cristóvão da Veiga acordou com um pesadelo de morte; e D. Inês da Veiga sentiu-se banhada em lágrimas.

CAPÍTULO VIII

No qual o autor teve pretensões a estilo sublime. De como as más-línguas só dizem às vezes metade do que é. Vê-se que as mulheres pouco adiantaram em civilização e romanticismo desde 1701. E de outras coisas dignas de se lerem a muitos respeitos

Vai alta noite. As escarpas cinzentas, que formam a eterna peanha de Vila Real, rugem uma toada soturna e sussurrante; é o frémito dos pinhais e dos arbustos balouçados pelo sopro cortante e gelado do Marão. Mais longe desenha-se, sob o esplendor indeciso da Lua, o vulto pardacento, fantástico e movediço do castelo dos Távoras. Na base despenha-se o regato que muge soberbo da sua onda, engrossada pelas águas do céu: é o retrato do homem improvisado na sua majestade caduca. De entre as matas e florestas surdem guinchos melancólicos de aves, que parecem lamentar-se na sua perpétua condição das trevas. E ao poente, nuvens, que, téticas e carregadas, coram os cabeços das serras, mais tarde crescem, recrescem, e absorvem o fulgor mortiço das estrelas.

São três horas: o céu é fechado e triste como abóbada de mármore negro.

Um homem atravessa a ponte do Prado. Vai só com os seus pensamentos: devem de ser tristes, porque é sinistra a perspectiva daquelas sombras de salgueiros e choupos, que se reflectem na torrente verde-negra do rio. Sobe a encosta e senta-se no adro da Capela da Senhora de Almudena. A seus pés profunda-se o abismo, que negreja como o fosso descomunal de uma enorme cidade acastelada; defronte avulta o castelo dos Távoras, toucado de nuvens, que se penduram nas quebradas da serra; mais perto, os velhos torreões de el-rei D. Dinis recortam o horizonte e assombram o palácio carrancudo e sepulcral de Cristóvão da Veiga.

O homem em questão não é salteador, nem fugitivo, nem criminoso político, nem amante. Hoje podê-lo-íamos supor outra coisa, porque as classes noctívagas aumentaram com a civilização. Poderia ser, por exemplo, um regedor de paróquia, que, em vésperas de eleição, sai de sua casa, para, na alvorada, romper com bons auspícios o ataque eleitoral! ²

² Ajeita-se aqui uma nota, que deve aproveitar-se para a história joco-séria dos governos constitucionais de campanário.

Em 1843 era eu rapaz de dezoito anos, tão estranho como hoje à política eleitoral. Achava-me nos subúrbios de Vila Real, em uma aldeia; e sendo-me forçoso à meia-noite passar para outra, encontrei-me na estrada com um grupo de homens, à testa dos quais sobressaia uma criatura de casaca, niza, ou o quer que era que tinha abas, em disputa de maioria com os respectivos colarinhos. A três passos arredados de mim, gritaram todos, para melhor se fazerem ouvir:

– Quem vem lá?

–Sou eu.

– E quem é você?

–Sou... eu.

– Faça alto, ou... *morre!*

Fiz alto para viver. «São ladrões com disciplina militar», disse eu comigo. &e pelos seus regulamentos o corpo for inviolável, não me podem prejudicar muito na fazenda...»

Aproximaram-se.

– Então que faz você por aqui?

– O que faço?... Sigo esta estrada que vê.

O comandante da força pôs o gatilho no descanso. O meu espirito sossegou.

– Está preso! – bradaram todos.

–Preso... porquê?

– Vossemecê é algum *agiota* (queria dizer *agente*) dos setembristas, que vem aos votos à freguesia

O vulto saiu do adro e encaminha-se ao centro da vila. Quem o seguir pode adivinhá-lo, talvez; e quem o vir parado à porta do quintal de D. Inês da Veiga vai jurar, sendo preciso, que é o conde de S. Vicente! Pois jurava falso!... Assim é que se perdem muitas reputações! Vejam o perigo que corria a mocidade de D. Inês, se alguém, que não fosse o discreto autor do manuscrito, que viu tudo pelos modos, tivesse observado a direcção daquele vulto!

Mas sempre há coisas e casos!

Não sucede às vezes que as más-línguas só dizem metade da verdade? É o mais palpitante exemplo este que ides ver.

Que poderia dizer o público de soalheiro a respeito de D. Inês?

Isto:

«Às três horas e meia, um homem embuçado num grande manto encostou-se à ombreira da porta travessa de Cristóvão da Veiga. Às quatro horas abriu-se a mesma porta, e alguém falou de dentro com quem estava de fora. Às quatro e meia chegaram dois cavalos selados e equipados à porta do mesmo quintal, e foram imediatamente montados por dois cavaleiros embuçados. Depois partiram, galoparam, pararam a cem passos, um deles apeou-se, tornou a montar... e desapareceram...»

Mas o que ninguém poderia dizer é que o conde de S. Vicente estava, havia dois dias, no quarto de D. Inês da Veiga.

Aí está quando as más-línguas só dizem metade das verdades!

O benévolo leitor recorda-se da entrada clandestina que o conde fez na sua casa de Lordelo. No dia imediato, graças à perspicácia do caseiro, nas ruas de Vila Real foi intimado um mendigo para vir a casa do fidalgo. Este mendigo era precisamente o mesmo diplomata da cartinha, que já conhecemos. Interrogado por Távora, disse o pobre que aquela carta lhe fora entregue por mestre António, sapateiro estabelecido nos sótãos da casa de Cristóvão da Veiga; acrescentou que a comissão lhe rendera dez cruzados e que, pelo muito que desejava ser útil ao seu semelhante, não se lhe dava de continuar aquelas negociações.

Em virtude do que, Manuel de Távora, ajuramentado o mendigo pelo segredo do que se passava, escreveu a D. Inês da Veiga, com toda a efusão de uma felicidade imprevista; e, o mais decisivamente que pôde, convida-a a abandonar o pai, se ele cruelmente lhe repelir as obedientes súplicas, que ela, uma vez ainda, deve humildemente fazer-lhe.

Uma carta assim conceituosa e franca abona o carácter de Manuel de Távora. Bastara que os afectos da linda Inês fossem a simples inclinação de uma simpatia frouxa, para que uma tal carta os acalorasse até ao incêndio do amor forte e insensato.

Eram de alegria as lágrimas que D. Inês vertia nesta carta, lida tantas vezes,

de S. Gonhedo...

– Eu!... aos votos!... Ora deixe-se disso... eu começo por não saber que havia um santo chamado

Gonhedo... Deixem-me passar...

– Está preso, já lhe disse... e não se bula...

Não me buli.

– Quem é o senhor?

Não me convinha dizer quem era: dei um nome tão desconhecido para eles como para mim. Empataram-me as vazas vinte minutos, e deixaram-me, depois de lavrado a lápis, au *clair de lune*, uma espécie de auto de inquérito, num sobrescrito de carta.

O regedor da freguesia de S. Gonhedo, e a sua escolta de cabos de policia, armados de enxadas e fueiros, entenderam que era assim que se entendia o espírito da Carta. Dentre todos os intérpretes não eram aqueles os mais sandeu».

.....
No dia seguinte o Governo venceu as eleições em S. Gonhedo. O regedor teve hábito de Cristo: mereceu-o.

quantas ela se deixaria beijar nas faces virgens, se aí estivesse quem tão nobremente lhe galardoa a sua paixão. A fortuna e o amor tinham-se decidido por ela... Seriam impotentes os caprichos de seu pai, depois que os do coração tão graciosos lhe sorriam!

Era feliz! Só, com a sua vida tão ideal de esperanças, brincava ela puerilmente com as suas flores, com a borboleta inquieta, com o murmúrio das águas, com as brisas da tarde, com esses ricos *nadas* da natureza, animados e dourados pelo júbilo radiante daquele espírito infantil!

Romântica, quando ainda não havia mulheres românticas, passava-lhe às vezes no rosto um véu subtil de melancolia, que tanto encarecia aquelas feições retintas do pudor instintivo do casamento. Era um véu que ela amava, como as belas de hoje amam essas gazes transparentes de que se alindam, quando simulam temer que o hálito audacioso do homem lhes vá profanar o sacrário da sua formosura.

Numa dessas horas de engraçada melancolia, foi uma vez a menina surpreendida por seu pai. Velho experimentado em amores, bem sabia ele que o coração da pequena não era só um centro de circulação, um órgão anatómico, uma contextura de vários tecidos.

– Tu estás apaixonada, minha filha...

– Sim, meu pai.

– E apaixonada por quem a estas horas corteja as damas da corte, e sorri da credulidade das fidalgas de província...

– Isso não é assim, meu pai...

– Como? tu insultas-me!... Atreves-te, Inês, a desmentir teu pai!?... Quem te fez assim ousada?!...

– É a verdade, meu pai... e a verdade não insulta ninguém, porque o próprio Deus quer que ela se lhe diga aos pés do confessor, ainda que seja um crime...

– Basta... Eu não concedo que me argumentem moral... Tenho descido da minha dignidade em ouvir-te... Visto que o conde de S. Vicente não está na corte... és tu que o afirmas... e tu, minha criminosa inocente, saberás onde ele está... Já vejo que há segredos... eu vou partir esse nó górdio com a espada da razão e do meu dever... Apronte-se, senhora... que dentro em oito dias há-de entrar nas Ursulinas em Braga...

– Eu... freira!... meu pai!... oh! não... não... por piedade... não, que me mata...

– Bem... mui... to... bem...

Estes monossílabos, entrecortados de risos, davam ao aspecto de D. Cristóvão pronunciados relevos de maldade. Não havia nada de paternal naquele sardonismo: era a cruel expressão de um desígnio inabalável. E continuou sorrindo:

– Recolha-se ao seu quarto, filha rebelde! não é o sangue dos Veigas que lhe causa convulsões... Retire-se...

Quem visse de perto o rosto abatido e desmaiado de D. Inês presenciaria o improvisto clarão da esperança que lhe fulgurou de entre as trevas do claustro a que seu pai a condenara. Batia-lhe o coração de prazer; porque entre o alvo amículo e o lindo seio que arfava escondia-se a carta do seu amante, onde fora traçado o seu destino... Antes da condenação, haviam-na os amores falado para o mundo... Antes da morte... fora-lhe a vida prometida... O seu anjo de resgate estava perto, e viria salvá-la das iras de seu pai...

Mestre António, o sapateiro, essa individualidade de eterna representação nos sótãos dos Veigas, foi encarregado de transmitir ao conde as últimas resoluções de D. Inês. O mendigo exerceu uma actividade sobrenatural, ao ponto de ceder a muleta por aquele dia, com grande admiração do público, e perda de interesses por haver.

Na noite do mesmo dia, sem acompanhamento, e no mais bem fingido disfarce, Távora, prescritos certos deveres ao seu fiel escudeiro, partiu para Vila Real, e ouviu a

meia-noite, encostado à porta do quintal de D. Inês. Aberta essa porta, o conde, que esperava um rosto mimoso e envergonhado debaixo de mão rival do jaspe, tomou uma cara orbicular, barbada, vermelha, e espantadiça; e umas mãos calos as, pretas, e debruadas de alcatrão. Era mestre António, potência aliada a estes amores românticos, força plástica entre estas duas linhagens nobres, nobilíssimas, mas dependentes da vontade officiosa do artista.

– Então... isto que é?... – perguntou o conde, espantado em demasia.

– Não é nada que espante... fidalgo... Venha V. Ex^a comigo, e não tenha medo...

– Não tenho medo, não, bom homem... mas dize-me, onde vamos...

– Vamos esperar na cozinha que a fidalga venha... V. Ex^a há-de ter paciência, que a casa não é lá muito própria, mas, como o outro que diz, quando há fome não há pão mal feito...

– É verdade...

Quieto o espírito do conde, fechada a porta do quintal, e aberta a da cozinha, faltava D. Inês. Távora não podia ver, mas sentiu, nos próximos corredores, um pisar subtil, um frémito de sedas, uma respiração tremida... e então alvoroçou-se-lhe o sangue, como se as grandes felicidades se anunciassem por um profundo terror,

– Onde está, Sr. Conde? – ciciou uma voz celeste, uma harmonia de anjos, a voz de D. Inês, tímida e resoluta, firme e admirada da sua coragem, receosa e feliz do seu muito amar.

– Aqui, meu anjo!

– Aqui?...

E, estendendo maquinalmente a mão, passou-a de leve no rosto do conde, que, sem ser maquinalmente, lhe imprimiu dois beijos frementes e ansiosos.

– Não pode demorar-se, conde... Meu pai está a pé... e desconfia... Tenho muito que dizer-lhe... hoje não posso... amanhã... amanhã... talvez...

– Mas escute-me um instante...

– Não... não... as minhas tensões são sair daqui... mas quero falar-lhe primeiro... chorar primeiro este amor que me faz esquecer tudo... manhã... manhã...

E nisto ouviram-se passos remotos: o ruído avizinhou-se, e D. Inês conheceu que era seu pai.

– Fuja, fuja, conde, que é meu pai!...

E mal pronunciadas estas palavras, ligeira como uma sombra, D. Inês desapareceu. O conde vai direito à porta do quintal, e encontra-a fechada. O sapateiro imprevidente tinha levado a chave, por não supor tão rápida a entrevista. Intenta transpor o muro, e não acha uma juntura de pedras em que se estribe. Era uma cantaria hermética e justaposta como a de um cárcere feudal. As vozes de Veiga retumbavam lá no interior da casa:

– Quem abriu a porta da cozinha nova?!

Dava, por consequência, ideia de existir uma cozinha velha. Justamente situado ao fundo do quintal estava o pardieiro da velha cozinha. O instinto do esconderijo encaminhou o conde para lá. Mal transpusera o limiar do casarão, descia ao quintal Cristóvão da Veiga, armado de um arcabuz, e mais adiante um criado com uma candeia. Távora hesitou um momento na aflição de um conflito de consequências. Quis tirar uma pistola do cinturão, e falhou-lhe o impulso... Era pai de D. Inês aquele homem que ali vinha! Felizmente para todos, apaga-se a luz. Ainda assim, Cristóvão da Veiga entra no pardieiro: os patos e galinhas e cães acorrentados alvoroçam-se: grasnidos, chilros, latidos e berros junta-se tudo diabolicamente. A este tempo o conde está enovelado debaixo de uma ampla mesa de pedra, que, depois das reformas culinárias, servia de poleiro de galinhas.

Foram-lhe desagradáveis ao olfacto e à sensibilidade alguns contactos que teve debaixo da mesa com corpos externos. Conheceu uma situação nova, e porventura um novo prazer, quando sentiu a retirada do arcabuz. Fechadas as portas da cozinha, tudo se calou, menos os cães, que farejavam um corpo estranho muito perto de si.

Soaram duas horas e o conde não sabia ainda o processo de evasão; sondava portas e paredes, frestas e postigos, mas tudo era cerrado e compacto como por cima dele a face do céu bronzeada de nuvens, agoureiras de tempestade na madrugada. Távora tiritava de frio, e descorçoava da esperança de sair sem prejudicar D. Inês. Às quatro horas os tufões enregelados do Marão impeliram uma nuvem de grossa saraiva sobre Vila Real. O conde aninhou-se a um canto do pardieiro, e principiou a reflectir naquela maravilhosa cena da sua vida! Vinha-lhe às vezes um riso de compaixão de si mesmo dilatar os lábios contraídos pelo frio da manhã; mas, por mais estoicismo que tal riso tivesse, era muito desagradável a postura e as circunstâncias de Távora. Homens, familiarizados com estas e outras piores situações, chegaram muitas vezes a convencer-se de que a mulher não valia tanto...

Uma janela de rótulos, que dizia para o quintal, ficara aberta por esquecimento. Embatida pelo ímpeto do vento, produzia um insofrível estrépito. Uma criada erguera-se para fechá-la, quando, ao romper do dia, descortinou um homem no quintal. Vê-lo e gritar brutalmente foi o resultado do seu estúpido raciocínio:

– Quem é que está aí?

– Não grite assim, mulher!... – respondeu a meia voz o conde, surpreso e enfiado.

– Mas que faz aí a estas horas?

– O que faço?... faço diligências por sair daqui... Ouviu, menina, manda... ou vem-me abrir uma destas portas do quintal?...

– Nenja eu... Deus me defenda... eu sei cá se Vmc. é algum ladrão...

– Não sou, não, rapariguinha... Sou um guarda dos cães, e das galinhas de seu amo...

– Ah! é verdade... viria você às galinhas...

– Não vim, não... venha abrir-me a porta, e verá que não levo nem sequer um ovo, quanto mais uma galinha...

– Ah! Vmc. está a mangar?... pois vou chamar os criados...

– Não chame, que faz uma loucura... Ouviu... Vá perguntar à Sr^a D. Inês se quer que me abra a porta...

– Eu!... pois eu hei-de ir!... Então quem é o senhor?

– Vá... vá perguntar-lhe... e não me queira aqui ver morrer de frio...

A criada, depois de benzer-se três vezes com a mão esquerda, botou o saiote pelo pescoço, e foi ao quarto da menina. Bateu, e a porta foi-lhe logo aberta. A fidalga não se deitara nem pudera adormecer; mas bem longe era ela de suspeitar que o seu amante encontrara fechada a porta do quintal!

– Tu a esta hora aqui, Gertrudes?... a que vens?...

– Minha senhora... eu ia fechar a janela da despensa que ficou aberta, e vi um homem...

– Viste um homem... no quintal?

– Sim, minha senhora... e disse-me... que lhe viesse dizer...

– Ah! era ele?!

– Ele!... quem?

– O conde de S. Vicente?...

– Àgora! Eu não sei, fidalga... mas ele disse-me que lhe viesse dizer...

– Diz... diz...

– Se queria que lhe abrisse a porta do quintal para ele sair...

– Oh! meu Deus!... o que ele não terá sofrido com esta noite tão fria... *ú*
Gertrudes... tu és minha amiga... não és?...

– A fidalga bem o sabe...

– Pois então vai abrir-lhe a porta da cozinha... sim?

– E depois?...

– Depois... eu não sei!... espera... deixa-me pensar, Gertrudes... se ele aqui viesse
para o quarto... ao menos... meia hora...

– Mas olhe que é quase dia...

– Então dez minutos só... só cinco minutos... sim, Gertrudes?

– Credo!... e seu pai?

– Meu pai não sabe nada... dou-te vestidos, dinheiro, e arrecadas... vai, minha
Gertrudinhas... senão... vou eu...

– Pois eu vou, minha menina, não chore...

Não sabemos se o espírito romântico, se as promessas clássicas se infiltraram no prosaísmo da rapariga; o certo é que o conde, poucos segundos depois, entrava no quarto de D. Inês. Frio, gelado e hirto como entrou, é crível que, cinco minutos depois, marcasse no termómetro oitenta graus acima de zero! Há certas mulheres que influem sobre certos homens como o sol da zona ardente,

D. Inês da Veiga era uma dessas poucas do século passado: hoje, graças aos romances, são quase todas.

CAPÍTULO IX

**Metade do qual é para metade dos leitores,
e a outra metade para todos**

Depois que o conde de S. Vicente entrou no quarto de D. Inês da Veiga, o público espera um fervoroso diálogo, em que de parte a parte se digam coisas de amor fortes e incendiárias. E desta vez as exigências do público autorizam-se na prática de todos os romances! Onde é que Eugénio Sue, ou Dumas, prepararam o conflito de dois amantes sozinhos no mesmo quarto, que os não fizessem dizer quatro páginas de nervosas exclamações, afora uma de reticências?

Pergunta é esta a que eu vou, ó critica, humildemente responder.

Todo o homem é poeta.

A religião e a mulher são duas colunas de fogo, cujas centelhas luminosas, cintilando por todos os corações, despertam este anelante sentir, esta vida espiritual, esta harmonia ingénua na humanidade, a que o acórdão universal de todas as inteligências chama: *poesia*.

Leitor! se desperdiçaste vinte e cinco anos da tua vida, semeando-a em esperanças, que não vingaram, por este brejo sáfaro da sociedade, onde à farta se desenrosca a serpente traiçoeira do positivismo atroz...

Se te apraz volver a esse terreno bravio de cruas experiências, e, por entre espinhos de saudade, juntar as pétalas murchas da tua grinalda de inocência...

Se te não aterra revocar do coração dores fundas, como aquele que foi ao cemitério entoar o *memento* para recordar a hora de lágrimas em que o cadáver de seu pai, entre os crepes negros do esquife, descia aos sete palmos do leito eterno...

Leitor!... É sublime de angústia esta prova de martírio; mas ajuda-me nestas choradas memórias do que fomos, do que éramos para um mundo ingrato, e como dessa face poética do mundo, ervado de materialismo, mal podemos saborear um riso mentido, para lhe amargarmos o travo inconsolável das lágrimas.

.....

Todo o homem é poeta.

E a religião e a mulher sentam-se à beira do seu berço. Está ali uma existência melindrosa e tenra, confiada aos desvelos de mãe, trémula à incerteza de um futuro, que seu filho vai deparar talhado ao molde de uma sociedade péssima.

A mulher é a mãe, em cujo regaço as primeiras augustas imagens da religião são entalhadas no espírito do filho. Dos lábios dela filtram-se palavras de Deus, as primeiras sensações para o coração virgem, despovoado, e anelante da criancinha, que repete de mãos postas para o oratório de sua mãe as três ave-marias da oração da tarde.

A mulher, é essa que passa entre as multidões do templo com o seu filho ao colo, para ajoelhar com ele sobre a pedra polida de um túmulo. A criança aí prega olhos ávidos nos lábios de sua mãe, que ciciam a oração da hóstia; ergue as mãos para o altar, onde bruxuleiam nas suas luzes os fulgores vagos da pátria dos anjos, e reza um murmúrio solto de palavras que não compreende. Mas debaixo de seus joelhos, à sombra do baptistério, onde as portas do Céu lhe foram franqueadas, estão os ossos de seu avô; e a criança reza um padre-nosso, porque sua mãe lhe ensinara que as preces do inocente pode alcançar de Deus o perdão para o criminoso.

A mulher, é essa que chorou, quando seu filho, após o irresistível instinto da vida livre, repartiu as horas do dia e da noite entre as novas sensações do mundo mentiroso, e

as doutrinas evangélicas de sua mãe. E ela chorava, porque tão poucas eram as horas que sobejavam a seu filho para escutá-la, e tantas as visagens de impaciência que divisava naquele rosto já deslustrado do verniz da candura.

Mas o filho da mãe virtuosa não era ímpio. A *mulher* e a *religião* dominavam-no ainda.

À noite, viram-no, muitas vezes, absorto ante a face do céu, errar com olhos de lágrimas nesse manto de estrelas, como se de entre elas lhe fulgurasse em letras de fogo a palavra mágica, que lábios de mulher lhe não tinham dito àquele seu ansiar de coração.

Ao sopé da cruz, onde, criança, balbuciava preces de vida para seus pais, viram-no de joelhos, fervente, choroso, e aconchegado da sombra, como envergonhando-se do homem que passa coberto, assobiando chocarrices do prostíbulo.

Nas orações do mancebo travava-se a imagem celeste da mulher.

Viu-a entre as estrelas, e à sombra da cruz, e por entre as nuvens odorosas do incenso do sacrifício incruento, e nas harmonias místicas do órgão, e nas vibrações melancólicas do campanário.

E esta mulher não era já sua mãe: imagem iluminada pela projecção de uns olhos divinos; fantasia inquieta, resplendente, e trémula como a centelha de entre as que fulguravam no trono do eterno; perspectiva lúcida e deslumbrante da sociedade, que tanto lhe dizia aos enlevos da sua alma...

Era o reflexo de sua mãe: era a bênção de Deus personalizada num anjo de consolação, descido a abençoar a mãe que educara, e o filho que obedecera:

Era o amor e a religião: a religião e a poesia!

Vereis que a poesia, onde rescendem perfumes de religião, não é uma quimera. O malvado sonha atrocidades, mas o que adormeceu com os lábios serenos da saudação ao Crucificado viu imagens do Céu no esvaír do sonho. Desperto, prostrou-se aos primeiros raios do Sol: e, debaixo de uma réstia desse pregão do Infinito, purplearam-se umas faces de mulher que lhe sorriam de júbilo. Esta é a visão do que adormece acalentado por pensamentos imaculados.

.....

O mancebo adorava essa mulher. O mundo era lindo para ele, lindo de todos os encantos sobre que assentava o trono da rainha dos seus cultos. Os transportes vigorosos da sua alma afogueada refrigeravam-lhe esta dulcíssima tristeza do homem, que pena em amores umas saudades repassadas de êxtasis e poesia...

Quando o férvido coração desse homem apaixonado pulsou debaixo da mão trémula e tímida da mulher, por quem arfava, quem ouviu os juramentos dele tantas vezes repetidos no ermo das suas melancolias?!

Ninguém!

Os olhos turvaram-se-lhe de lágrimas, o coração batia-lhe com a sezão do delírio, as mãos tremiam-lhe no acesso da surpresa, as faces tingiu-lhas um pudor receoso e acanhado... mas os lábios emudeceram, e o espírito paralisou na exaltação da febre.

Esta, à leitor, é uma cena de infância; é o primeiro amor: é a harpa do coração ainda não estreada, é o amor infantil, cujos vagidos não têm pronúncia.

É o amor e a religião, a religião e a poesia.

Não venha algum, vanglorioso do seu cinismo, desmentir-me! O relapso, desmemoriado dos tempos em que creu e esperou, não se envergonhe do respeito religioso que lhe idealizara as suas primeiras paixões.

Todo o homem é poeta!

.....

Era esta a poesia do conde de S. Vicente, quando cruzou o limiar da porta do quarto de D. Inês da Veiga. Ela tão resoluta, e despreocupada um momento antes, tremeu na presença de um homem, cujo carácter tanto receio lhe inspirara vinte dias antes.

– Sr. Conde... eu não sabia que estava... fechado...

Foi D. Inês que quebrou a mudez interessante de dois amantes que se fitavam extáticos, surpresos, e, demais a mais, prodigiosamente admirados, e, creio, censurados pela criada Gertrudes, que, apesar do frio e do sono, pé ante pé, veio aninhar-se à porta.

Senhora... – respondeu o conde, tomando-lhe timidamente a mão, que horas antes beijara avidamente às escuras – qualquer que fosse o meu sofrimento... estou bem recompensado...

– Mas devia ter muito frio, e medo...

– Medo, não, minha querida... Medo, sim, de fazê-la sofrer ainda mais, se fatalmente eu fosse descoberto...

Uma conversa assim tépida e familiar não interessa ao leitor, nem lisonjeia a minha fidelidade de copista. Não obstante, o manuscrito reza mais algumas perguntas e respostas, constantemente alusivas ao frio, à chuva e ao vento do quintal. Não protrairemos este colóquio, cheio de naturalidade e acanhamento, até porque não tarda que a boa Gertrudes, espécie de pêndula surda, ou sineta importuna de *missa de alva*, venha anunciar que é dia claro, e o conde de S. Vicente deixará, como prova irrefragável da sua honra, a nota de um sisudo cavalheiro.

Ocorre um incidente imprevisto.

Távora, não afeito à frialdade de uma noite de Inverno em Vila Real, passada ao relento, e face a face com um céu inclemente, devia ressentir-se, logo que uma improvisa mudança de temperatura lhe actuasse sobre os tecidos enregelados. Além do calor animal que necessariamente lhe injectou a calorífica presença de D. Inês, um farto braseiro de carvão de torgos abrasara a atmosfera do pequeno quarto da menina, cujas paredes, já então, argamassadas de tijolos, não tinham um orifício respiratório, que temperasse aquele ar deletério.

O conde, entretido com as mudanças súbitas e variadíssimas do espírito, não atendeu às do corpo, nem que atendera, má ocasião seria aquela para adivinhar que o ácido carbónico era contrário à respiração...

Empalideceu; afastou os cabelos que lhe escorriam bagadas de suor aflito pelas faces; queixou-se de uma violenta dor de cabeça; pendeu-a languidamente sobre o encosto encourado e marchetado de uma cadeira... e cerrou as pálpebras com grande susto e terror de D. Inês.

Felizmente, Gertrudes bate à porta de mansinho. Inês, aflita, chorosa, e perturbada, vai abrir, e olha para a criada como quem emudecesse no acto de implorar socorro. Gertrudes estacou petrificada como a estátua do idiotismo. Deixando por esquecimento a porta aberta, uma coluna de ar gelado e cortante arejou momentaneamente o quarto. Távora estremeceu; quis erguer a fronte lívida, oscilou as pálpebras um instante, e recaiu no torpor do magnetismo.

D. Inês, receando que a aragem fria agravasse o pesadelo do enfermo, mandou desgraçadamente fechar a porta. A criada, que pouco mais ou menos passara pelas vicissitudes frigoríferas do conde, estonteou da cabeça, cambaleou um pouco dentro do seu saiote de baeta amarela, e tombou noutra cadeira defronte do Távora.

Aqui temos D. Inês, respeitada pelo ácido carbónico, presidindo a uma cena de tragédia, que fará rir as almas insensíveis! Metia dó ver esta menina, ignorante de asfixias, enleada num labirinto de conjecturas, que todas por fim lhe não explicavam a

razão de tão estupendo caso! De quem há-de ela valer-se?

Mestre António, o sapateiro, tinha a cama posta na linha vertical da de D. Inês. Se ele ouvisse... Quem sabe?... A sobressaltada menina bate com força no pavimento três vezes, e alcança uma resposta, espécie de ronco, grunhido, ou arroteo flatulento. Inês bate quarta e quinta vez, até que finalmente mestre António responde como homem, que era. Por muito que ela gritasse, difícil era fazer-se entender num andar inferior; mas o sapateiro, lembrado do que lá fora por cima, e do que por lá iria, enfia os calções de belbutina, embainha as primeiras botinas do freguês que encontrou, entra pela porta do quintal, acha a da cozinha cerrada, investe pelo corredor, e perfila-se ao lado dos moribundos, com a severidade de Pedro João Nunes, cirurgião, físico, e barbeiro que então era em Vila Real.

– Esta gente está afogada!... – disse ele para D. Inês, que chorava continuamente.

– Afogada!... que dizes, António?

– Sim, fidalga!... está afogada com o fumo do carvão... Deixe-me abrir estas janelas e portas, para sair o fumo...

Mestre António explicava o fenómeno como hoje se explica muito soma de medicina. A patologia interna não é às vezes mais analítica que este mestre sapateiro, homem de inteligência química. muito acima da ciência do século passado.

E, abertas as janelas, mestre António, pegando desenganadamente na cabeça do conde, tratou-a como costumava tratar o seu rebolo.

– Élé... Élé! há *ámeno*, ou não há *ámeno*?!

E tais solavancos lhe dava, que Távora abriu os olhos, aspirou com toda a força dos seus pulmões uma nova torrente de ar, e mediu com os olhos baços e estupefactos D. Inês, o sapateiro, e a pobre Gertrudes, cuja cabeça lá estava posta em movimento entre as mãos operatórias do maldito, capaz de deslocar as vértebras cervicais de S. Cristóvão, que reza crónicas ter duas braças de pescoço!

Gertrudes, restituída às funções vitais, *despediu-se em latim*, como disse mestre António. O conde mal podia falar, porque a não ter o crânio estalado entre as mãos do *salvador de afogados em fumo de carvão*, pelo menos grande constipação se lhe tinha *arrumado para os miolos*, como declarou o sapateiro, aplicando-lhe umas *fumaças de rosmaninho*, e *erva-santa colhida em dia de Nossa Senhora das Candeias no adro da igreja*.

Era dia claro. Távora não podia gesticular, nem mover as articulações femurais: a circulação, desordenada pela irregularidade da pressão atmosférica, produzira-lhe essa atrofia *in partibus*, como diria um enfermeiro que tivesse lido o seguinte aforismo de Hipócrates: *Frigidum vero convulsiones, tetanos, nigrores et rigores febriles*.

O conde, gravemente enfermo, e muito instado por D. Inês, deixou-se conduzir para o leito dela, cuja armação de bilros de pau-preto deviam criar-lhe imagens grotescas. Vítor Hugo diria que o enfermo, na alucinação da febre, vira *grandes velhas com grandes rosários*, para dar importância aos bilros. Esta nada ficava a dever àquela imagem, em que ele compara a torre de Notre Dame a uma grande verrume que tentasse furar o céu! E fala sério!

Há coisas notáveis a contar-se no capítulo seguinte. Qualquer que seja o palpito dos previdentes leitores, será sempre falso, quando envolva desonra para D. Inês da Veiga.

Enquanto ao conde de S. Vicente, mostrem-me um na actualidade tão nobre como ele, que eu não irei aos séculos, que foram, mendigar tipos de honra para os meus romances.

CAPÍTULO X

Prova-se que o reumatismo e o amor são incompatíveis. Prova-se que honra e cem mil réis, afora o arrendamento de uns moinhos, também são incompatíveis. De como é preciso abolir estes argumentos jocosos, quando se tratam assuntos sérios. Dizem-se coisas piedosas de se ouvirem.

Cristóvão da Veiga não vivia só para os pergaminhos. As paixões amorosas desmentiam nele o gentil pensamento de Staël. Não fora o amor um simples episódio na vida folgada do velho amator de mulheres e prazeres. Amara sempre uma infinidade de primas daqueles arredores; e quando o reumatismo o absteve das entrevistas nocturnas, a ponto de transformá-lo em decrépita vestal de calção e meia, Cristóvão da Veiga tratou de sustentar o fogo sagrado com as criadas da casa.

De entre as muito esquivas que este velho *lidador* de affectos deparou nas suas últimas batalhas, Gertrudes foi uma dessas honradas cozinheiras que não compreendeu as cinzas fumegantes do coração de seu amo. O fidalgo, vendo assim repellidos os nobres carinhos de sua alma, deu consigo no inferno do ciúme, e protestou na primeira ocasião despejar um bacamarte nos intestinos do miserável que ousasse pôr mãos plebeias naquele pomo que lhe era vedado a ele, entre panelas, tachos e caçarolas.

A víbora do zelo enroscara-se-lhe na fibra mais sonora do coração, quando àqueles ouvidos afinadíssimos de amante chegara um ruído de passos, e um cochichar de beijos femininos lá por dentro nos desvãos da casa. Fervem-lhe no mecanismo da circulação os brios corajosos de envolta no sangue dos Veigas; alenta-se-lhe o pulso, de uma coragem digna de um arcabuz, e, com efeito, aí vem o velho à cozinha, como o vimos no outro capítulo procurar uma vítima, um rival, um cadáver à luz da candeia!

Muito convém, portanto, que em vista do fielmente exposto, ninguém se persuada que Cristóvão da Veiga viera ali, suspeitando os amores da filha tão postos em contacto, e tanto contra as regras da nobreza e cavalaria. Eram temores do muito amar os que intimidaram D. Inês, que tão apavorada comunicava ao conde as suspeitas de seu pai.

Mas ciúmes funestos foram aqueles! funestos e injustíssimos! Gertrudes dormia como a pedra da lareira, no seu nicho com a porta aferrolhada à prova de incorruptível aos empuxões do amo. E ele, sem respeito aos bons costumes, à paz doméstica, e principalmente ao reumático, veio, assim ao frio e à geada, sujeitar à dura prova das intempéries uns membros melindrosos, que deveram, pelo que dizia o sapateiro, estarem sempre empastados em felpudas peles de carneiro!

Desculpá-lo nesta imprudente loucura.

Tu só, tu, puro amor, que a tanto obrigas...

Foram deploráveis as consequências. Ao outro dia, Cristóvão da Veiga quis erguer-se para consolar sua filha das palavras ásperas que lhe dera, num excesso de zelo paternal, e não pôde erguer-se. Doíam-lhe agudamente os ossos das pernas com aquele doer rude, insofrido, e grosseiramente prosaico do reumatismo. Era alguma coisa que se lhe agarrava mais aos joelhos que o ciúme ao coração: era finalmente um sacrifício atroz que as suas articulações femorotibiais celebravam à imaculada virtude da Sr^a Gertrudes, cujos amores, nesta vida, eram dormir em toda ela, como prova da sua constância.

Acontecimentos estes, honrado leitor, que muito concorreram para a paz e quietação do conde de S. Vicente no quarto de D. Inês.

Alto dia, quando a inteligência e coração de Távora se desanuviaram daqueles vapores e aturdimentos do ácido carbónico, era celestemente sonhada a perspectiva do quadro real de que seus olhos se feriram! Inês, a tão linda enfermeira, pálida de uma noite de sobressaltos, vertia-lhe sobre a respiração cortada raios de amor daqueles olhos, onde luziam os resíduos das muitas lágrimas que chorara em extremos de aflição! Dos lábios vinha-lhe a saúde num sorriso de alegria, cândida e singela como a luz humilde da estrela matinal, ao desempecer-se da compressão das trevas. Bem trevas fora a tristeza que parecia enlutar-lhe a infância para toda a vida. Tinha sofrido o que só podem sofrer mulheres espiritualizadas por brios de uma grande afeição.

O conde, extático nos arroubos desse amor, que, uma só vez na vida, os anjos emprestam a homens, estendeu-lhe a mão, insensível há pouco aos beijos... Perdão] O manuscrito não reza destes beijos, e eu, no mundo da verdade, não quero responsabilidades. -

Inês apertou com meiguice aquela mão, aqueceu-a entre as suas, comprimiu-a ternamente, como se receasse perder uma jóia que lhe custara prantos do coração... Olhava o conde com ansiedade... esperava-lhe um monossílabo, que a animasse a dizer-lhe uma palavra, e esta palavra refluía-lhe da alma aos olhos, dos olhos ao tremor convulso das mãos, das mãos à consciência do mais feliz dos amantes... Amo-vos! Era preciso que ela lhe dissesse esta palavra... e contudo não podia... não sabia dizê-la...

E ele? o conde, se tinha pensamentos, voejavam-lhe no Céu.

Era ainda a religião e a poesia, absorvendo-lhe os sentidos e palavras para o íntimo ideal da vida que parece librar-se nas altas regiões do infinito!

Pesa sobre o homem a condenação dos momentâneos prazeres... Távora despertou do êxtasis.

- Inês!... minha... Inês!...

- Sua... conde?

- Oh!... minha... como este coração que me não atraiçoa... É um amor que não comprehendes... é um amor...

- Que não compreendo?!...

- Sabes como eu te amo?

- Sei como o amo, conde... É o que sei...

- E é tão pequena a vida... para estas paixões, que Deus... Não sei, Inês... não sei!

- Não sabe? Diga... *estas paixões, que Deus...*

- Deve proteger na eternidade!

- Sim, sim... Tem febre... está tão corado...

- Febre... não... E tu, sofreste uma noite inteira...

- E viu-me?...

- Sonhava-te neste pesadelo... Devia morrer então, se há ainda quem possa privar-nos...

- Não... não pode haver...

Esse diálogo, que tanto prometia, quebrou-o a entrada de Gertrudes, risonha e afável, como se o *fumo do carvão* lhe não influísse na cabeça com toda a gravidade das teorias do mestre sapateiro. A boa da mocetona trazia uma farta malga de caldo de galinha, porque aproveitara a enfermidade de seu amo para do mesmo púcaro restabelecer o digno hóspede. Em justos louvores à sua caridade, diga-se, sem reboço, que a rapariga dividiu fraternalmente o caldo pelos dois, sem embargo de certas antipatias lá com o amo, espécie de demónio tentador, que a queria fazer perjurar a palavra dada ao João da Tomásia, seu conversado de quatro anos e sete meses feitos nas orvalhadas de S. João.

Távora sorriu à singeleza da criada e não pôde esquecer-se do impagável serviço

que lhe fizera.

– Então, pequena, queres ser a minha enfermeira?

– Não... o fidalgo tem lá coisas melhores... Eu cá, como o outro que diz, sou de outra nascença... quero rapazes cá da minha igualha...

– E então que tem lá isso? basta-te um bom coração...

– Lá isso, a falar verdade, é que eu não posso ver ninguém doente. Já lá em Ferreiros, onde eu fui nascida e criada, quando o Sr. Padre Zé da Eira estava com as maleitas, era eu que fazia os caldos...

– Está bom... e então queres ir connosco?...

– Pra onde? pois os fidalgos vão-se lá por aí abaixo para Lisboa?

– Vamos; queres ir?

– Não, que lá andam as guerras dos Espanhóis... Credo Santa Apolinária virgem!

– As guerras já lá vão... queres ir?

– Ia, e, assim eu viva; mas *prà'mor* do meu João não me fica bem...

– Então tens algum João?

– E o João da Tomásia, que Deus lhe fale na alma.

– Ele já morreu?

– Agora, com bem o digamos; quem morreu foi a Tia Tomásia, faz agora um ano prá's castanhas.

O tinido da campainha, vibrado pelos recôncavos dos] salões, veio varrer as ideias fúnebres e cronológicas de Gertrudes. Era o impaciente fidalgo, que se achava lesado nos seus direitos de estômago, pela muita demora de um caldo, ou talvez pela muita saudade da rapariga.

Iremos com ela ao quarto do velho, porque já agora não desengraça aqui um diálogo de contraste, depois que ouvimos o muito metafísico do conde, e, pelo que ele disse, da futura condessa de S. Vicente.

Já sabem que D. Cristóvão estava na cama, formando com as pernas várias figuras de geometria, em que predominava o triângulo. Liam-se-lhe no semblante enrugado e amarelo uns vislumbres de ternura por aquela vermelha e espadaúda Gertrudes, que, à excepção de uns enormes pés, não era mal talhada. Desde muito que Cristóvão, céptico das organizações melindrosas, preferia mulheres carnosas, compactas, e robustas. Dizia ele, com alguma carnalidade, ao seu amigo franciscano, que dos cinquenta anos para cima eram muito difíceis os triunfos sobre o espírito; e muito lhe convinha a ele, portanto, requestrar mulheres subordinadas à matéria. O frade, com toda a modéstia e respeito monacal, replicava que sendo para ele Veiga a matéria sinónimo de carne, grande pecado era travar batalha com o mais poderoso dos *três inimigos da alma!*

A isto nada respondia o pouco ortodoxo Cristóvão, porque era defeso ao leigo, dizia ele, questionar em matérias de religião.

Gertrudes entrou com olhos baixos, e esperou as ordens de seu amo.

– Onde estavas tu metida, minha ingrata?

– Estava na cozinha a cuidar do almoço.

– Sim!... E então... não tens pena de me ver aqui passadinho de reumatismo?...

– Lá ter, tenho; mas eu não posso dar-lhe saúde...

– Podias... podias... É por tua causa que assim estou.

– Credo! anjo bento!... eu que lhe fiz?

– Fizeste-me erguer esta noite, com aquele frio de arrepiar...

– Credo! e pra que se ergueu o fidalgo?

– Cuidei... sim... cuidei que tinhas por aí algum conversado...

– O meu João? Inda mais essa... Ele só cá vem ás domingos, quando o fidalgo dá licença que me ele fale lá de fora do quintal. Mal o haja eu se ele cá veio de noite...

- Não é isso... não é isso... Cuidei que fosse algum outro escudeiro ali dos Nisas, ou dos Melos...
- Cega seja eu dos olhos ambos.
- Não jures, rapariga... Ora chega-te para aqui...
- Que me quer?... aqui estou...
- Escuta. Eu vou-te agora falar com o coração nas mãos...
- Eu não entendo o que o fidalgo diz.
- Escuta, Gertrudes. Eu tenho-te amor, e quero-te como apouca gente...
- Vou buscar o caldo?
- Não me interrompas, mulher! ouve o que te digo...
- Eu não sei o que o fidalgo diz... Se me não quer assim cá em casa, vou para a minha mãe. Eu só sei falar com gente da minha igualha...
- Pois sim, escuta-me; e depois, se quiseres, vai-te embora... Eu quero-te fazer feliz. Tu tens lá o teu conversado com quem queres casar, não é assim?
- Pudera não...
- Ora, pois; tu não tens nada, e ele que tem?
- Pouco é; só temo cabeça da tapada da Chã...
- E que rende isso de pão?
- Dez rasas de centeio, e às vezes mais em ano bom.
- Que desgraça, rapariga!... isso que é?
- Afora duas dúzias de palha.
- Mas vocês não comem palha, pobres parvos!... Como hás-de tu sustentar-te, e mais o marido e os filhos?
- Trabalha-se de dia para comer à noite. Ele vai dar o dia, que são quatro vinténs, eu fio o meu arratelinho de estopa, que são setenta réis, com quatro vinténs... faz... faz... oito vinténs menos dez réis...
- Pobre gente, como haveis de viver, rotos e esfomeados!... e vestir?... e calçar?...
- Deixe lá, que o Sol, quando nasce, nasce para todos...
- Estás enganada, rapariga, muita gente morre de fome ao sol...
- Isso é quem não puxa pelos braços a trabalhar, e o meu João é o melhor jornaleiro da freguesia.
- Será, será, mas olha... eu quero dar-te um dote de cem mil réis...
- O fidalgo está a mangar...
- Não estou... quero dar-te um dote para comprares umas leiras...
- Umhas leiras! ... e é verdade que a Tia Rosa quer vender as suas no Reguengo.
- Demais a mais, dou-te de meias os meus moinhos de Peneda.
- Isso perdoe o fidalgo, mas não quero ser moleira... Sempre ouvi dizer que é desprezo pagar-se a gente pelas suas mãos...
- Mas tu podes arrendá-los, tolinha.
- Ah! arrendá-los?... então, sim, senhor... Deus lhe pague a esmola, E quando é que hei-de ir à igreja com o meu João?
- A igreja?... isso... veremos quando há-de ser... Eu quero que vivas aqui comigo dois ou três anos, e depois dou-te os cem mil réis...
- Os cem mil réis?
- Sim... ou se tu não fores tola como tens sido, dou-tos já para os pores a render...
- A render?... e dá-mos já? E se a fidalga ralha?
- A fidalga não há-de saber nada...
- Ah! ela não há-de saber?
- Não, porque para a semana vai ela para um convento.
- Vai?!

- Vai, sim... e depois ficaremos aqui sozinhos, à nossa vontade...
- Pois a menina vai meter-se freira?
- Isso lá veremos; mas não a quero em casa, porque...
- Ela não deixa dar-me o dinheiro?
- Não é isso! mas trago cá as minhas suspeitas...
- Coitadinha!... E ela já o sabe?
- Já lho disse ontem; mas manhã é que hei-de mandá-la preparar-se... E tu não gostas de estar só comigo?
- Se cá estivesse o meu João... *támen*...
- O teu João terá tempo de mais para estar contigo... Daqui a dois ou três anos, quando a menina tornar para casa, então casarás...
- Três anos!... Não sei o que me parece isto...
- Ora anda, vai buscar-me o caldo, e conversaremos depois sobre o teu casamento, e os cem mil reis...

Gertrudes, desde que ouvira falar em cem mil réis, perdeu aquele trato grosseiro das maneiras, e ganhou uma certa docilidade parva, uma franca e estúpida alucinação de si mesma, como se o pudor e fé jurada ao seu João fossem coisas cuja responsabilidade caducasse à vista de cem mil réis, e o arrendamento de uns moinhos.

Antes de entrar na cozinha foi ao quarto da fidalga, e, já maliciosa como a mulher civilizada pelas ideias do dinheiro, contou do diálogo apenas o que interessava a D. Inês. Disse-lhe que seu pai a faria entrar num convento por tempo de três anos; e que no dia seguinte havia de aprontar-se para partir na semana que vinha.

Inês estremeceu e chorou. O conde animou-se, e sorriu.

- E, portanto, é preciso sair hoje, não é verdade, Inês? – disse o conde.
- Sim, é preciso; mas... meu pai morrerá de saudade...
- Não morrerá... Que pode demorar-se o nosso casamento? Ele há-de abençoar-nos depois...
- Quem sabe...
- Quem sabe!? Sei-o eu, que pedirei a Cristóvão da Veiga uma satisfação pública de seus caprichos que me aviltam... Hei-de ser louvado pela nobreza, quando seja falsamente acusado por ter a audácia de gracejar um instante dos seus orgulhosos fumos de fidalguia...
- Conde!...
- Perdoa-me... ele é teu pai, e... é meu pai...
- Quero que o ames.
- Amo, Inês, respeito, e nunca o odiei, por não poder... Ele é teu pai... criou-te para mim, que te adoro perdidamente... Minha filha, espera-nos muita felicidade.
- És o meu marido?
- Perguntas-mo, anjo da minha alma?!...

O conde tirou um anel do dedo, onde, na face polida de uma preciosa pedra, brilhavam as armas dos Távoras, e um botão sobre esmalte, no inverso, com a seguinte legenda: *Reges descendunt a nobis*. Inês estendeu a linda mão a ele, que lha pedia, sentiu derramar-se-lhe por ela o calor de uns lábios abrasados, e deixou-se em amoroso abandono investir do anel de esposa. Com um destes sorrisos indistintos de tristeza e alegria, foi que a virgem desposada agradeceu a imensa ventura que lhe brilhava no resplendor daquele anel. Távora sentia-se embriagar nas libações dos anjos. Via em toda aquela efusão de júbilo a obra do seu amor, a refração da lava que o escaldava por dentro.

– Este anel, conde... é um penhor tão sagrado... tão consolador para mim, que te adoro sobre todas as coisas deste mundo...

– Eu te agradeço... Inês!... agradeço-te com as lágrimas nos olhos... Um dia... oh! é impossível...

– Que é impossível, conde?

– Se um dia Manuel de Távora atraiçoar Inês da Veiga... este anel... ela que lho mostre... e ele suicidar-se-á; porque antes da traição... nestes dias de felicidade roubados à vida do Céu... ele fará assim um juramento: Inês! o meu sangue lavará de tua face o estigma da perfídia...

– Conde... eu tremo, e sofro cruelmente. Oh meu Deus!... ouvi uma coisa nova... Tu... traíres-me... a mim, que não posso amar-te mais!...

– Inês!... não me compreendeste... Condói-te de mim, que essas lágrimas martirizam-me... Eu!... o teu traidor!... Por Deus, que este pensamento é uma inspiração do Demónio...

Não era inspiração do Demónio. Era o espinho acerbo do pressentimento, surdo rasgar de fibras, mordedura de víbora que sangra e cauteriza momentaneamente. Desciam lágrimas nas faces de ambos, era de ambos o terror; mas escondiam-no, calavam-no, e nenhum queria dizer: *Brada-me uma voz inteligível nos abismos da alma; não a compreendo; mas o som do falar de mortos deve ser assim!*...

O presságio passou como o profeta da destruição por entre as turbas festivas da Babilónia opulenta. Eram muito felizes os dois, que se amavam, para soçobramem à passageira compressão da angústia. Não creram, não podiam crer... era a *inspiração do Demónio!*

– Inês... diz-me alguma coisa... falemos do nosso amor... Estamos tão distraídos... com quê?...

– É verdade... com quê?...

– Nada, meu querido... não era nada? sonhávamos...

– Dá-me papel... É preciso escrever ao meu escudeiro... Esta noite, sim, Inês?... esta noite...

– Sairemos?... ó conde!...

– Recusas!... É incrível!... Depois... tudo perdido...

– Não, não... escreve... Sou tua... mais que irmã a quem deves amor de irmão... mais que mulher infeliz, a quem deves protecção de cavalheiro... tanto como tua amante... tua...

– Esposa!...

Távora escreveu. Mestre António partiu. D. Inês enfardou as suas preciosidades. Cristóvão da Veiga conversou largamente com dois franciscanos, acerca da segurança do Convento das Ursulinas. Gertrudes deu-se tratos por adivinhar o volume que fariam cem mil réis; e o resto do mundo girava naturalmente no seu eixo.

Está explicada parte dos mistérios daquela noite do capítulo VIII. Vimos um homem parado à porta do quintal de Cristóvão da Veiga: era o escudeiro do conde de S. Vicente a explorar terreno. Vimos dois cavalos selados e equipados: eram ainda pertenças do conde. Depois montaram dois cavaleiros: não é verdade; mas parecia que o era, porque o manto de D. Inês Veiga, airosa e destemida sobre um andaluz orgulhoso nos seus corcovos, parecia realmente um cavaleiro. Dizia-se, depois, que um dos cavaleiros, a cem passos, apareara.

É verdade.

D. Inês da Veiga sentira escorregar-lhe o anel dos desposórios; caiu-lhe; queixou-se; e pediu que lho procurassem, por tudo quanto havia de sagrado.

Foi bem procurado: rastejaram, como serpentes pela lama da rua, os dois lacaios, o escudeiro, e o próprio conde: mas não encontraram o anel.

A garantia do juramento estava perdida! O que eles sentiram ninguém o sabe...

Pensamentos amargurados, recônditos na escuridade do coração, como o anel nas trevas da noite.

Avante, nobres desgraçados!

CAPÍTULO XI

De como ninguém sabe para o que nasceu. Diz-se como a salvação de um cavalo depende de um triângulo. Espírito das matemáticas nos irracionais, e outras coisas tristes. De como Cristóvão da Veiga era um trabuco. Franquezas de uma criada de servir, e outras coisas não menos maravilhosas

A faixa negra da noite cinge o véu dos horizontes. A lâmpada mortiça do crepúsculo não a ergueu ainda a mão invisível do Eterno, por detrás das cumeadas do Levante. Cruzam-se os tufões, que rolam dos visos penhascosos das serras de Santa Bárbara, Mesio, e Marão. Ao fundo, na balça escura dos povoados, vai passando o vórtice do desbarate. Lascam-se as florestas vergadas pelos braços flexíveis da tempestade movediça. É o gigante da destruição, que finca um pé sobre as açoteias do castelo dos Távora, outro nos torreões de Vila Real, e fustiga com o látego do destroço aquela natureza, que geme, estorcendo-se nos braços da procela.

Debaixo deste céu passa uma virgem débil, mimosa, e resignada. É como o arcanjo, no dia final, por entre as ruínas do mundo!

Esta é a noite em que Manuel de Távora, e a sua linda fugitiva, atravessam os plainos alagadiços do Prado.

- Depressa, Inês!... depressa, meu anjo de sofrimento...
- Não posso, conde... Estou gelada de frio... Não sinto as rédeas na mão...
- Depressa, Inês!... depressa...

Depressa! – dizia ele – porque os córregos, rápidos e caudais, desciam das montanhas para o pobre regato que, há pouco, se escondia entre salgueirais, a cem passos do castelo. A passagem era a que ainda hoje tem: algumas poldras resvaladiças, vidradas, com dois palmos à superfície da água.

Depressa! porque, em cinco minutos, o passadiço incerto e perigoso viria a corrente absorvê-lo.

E galopavam, galopavam por aquele terreno brejoso, e cavado de lorgas e abismos. Os bulções de ventanias contrárias brincavam com as nuvens, impeliam-nas de um para outro cabeça das montanhas, fendiam-nas umas contra o seio das outras, e os bagos de chuva glacial, e frígida, cortavam a face enregelada de D. Inês.

- Conde!...
- Inês!... não podes sofrer tanto... não é assim, minha querida!?...
- Posso... que ainda vivo... Tenho medo de cair... mas... depressa, depressa!

E galopavam, galopavam, porque, a cem passos. o relâmpago do Sul tingia do seu clarão fúnebre os balcões e as quadrelas do castelo, cujas seteiras dir-se-iam gargantas enormes desse monstro de pedra, soprando os furacões da tempestade!

D. Inês adiantara-se alguns passos. O andaluz, embravecido pelo açoute da chuva, ansioso pela manjedoura que lhe acenava de lá, ou, como o tritão de Camões, de soberbo com a formosa carga, atirava-se desenfreadamente por subidas e descidas, fragoedos e lameirais, até que finalmente as patas lhe resvalaram para o álveo do regato, cuja enchente fora mais rápida que o *depressa* de Távora.

Eram trevas. Inês, se um relâmpago lhe alumiasse o abismo esvaíra-se de forças a sofrer as rédeas do cavalo; mas nem o vira, nem o conde lhe advertira que as sofresse. O cavalo estacou. A cavaleira, por uma destas inexplicáveis paralisias dos sentidos externos, não ouviu, sequer, o mugido fragoroso das catadupas.

Afoutou o ressentido animal, retesando-lhe as bridas: era de mais para que um velho andaluz, dos esquadrões do Ameixial e Badajoz, recuasse espontaneamente às

bravezas de um regato!...

– Pára... pára!... Inês, que te perdes... – gritava ansiosamente o conde.

Já era tarde!

Inês julgou-se morta; e, como essas almas marasmadas de remorso, que vêm visões do Inferno, petrificou-se, digamo-lo assim, no frenesi da agonia! As unhas, consistentes de ferro, na vertigem- do terror, cravaram-se nas crinas do cavalo. Era como no sonho, em que o homem, pendurado na boca do abismo, enterra as unhas na aresta lisa do rochedo, que parece oscilar... abalar-se... despenhar-se com ele! Os cabelos eriçaram-se-lhe. Os dentes crepitaram-lhe um estalido convulso e doloroso. A face assombrou-se-lhe de uma lividez patibular. E os olhos, raiados de betas sanguíneas, cravaram-se espavoridos nos topos dos salgueiros, que, na outra margem, balouçando-se, rugiam uma ária de escárnio como cantar de demónios!

A infeliz não pôde ao menos gritar para Deus! Está perdida, se a misericórdia divina carece de súplicas para salvar a vítima dos homens no extremo da perdição!

Mas a Providência dera o instinto aos irracionais.

O cavalo entestara a cabeça contra a torrente: cortara-a, não em linha recta, porque então ninguém valera à perdição de Inês: o instinto ensinou-lhe a traçar um triângulo no dorso das águas, rompeu o rolo da onda em direcção oblíqua; e, quando mais impetuosa descia a torrente, o irracional deixou-se derivar com pouco esforço de natação, até abicar na margem oposta.

Estava salva; mas entorpecida, fria, e inanimada como o cristal de uma estátua, O cavalo sustinha-se retido por compressão violenta. Inês esperava... o quê?... nem ela sabia!

O conde... ninguém deve pedir-me o seu retrato. Entre o demente e o cadáver há um anel de existência, uma crise de animação: era a dele. O suicida, que se despede do mundo por um olhar vertiginoso, ou o que, fitando a espuma da onda que há-de amortalhá-lo, parece beber a morte no seu extremo olhar de desesperado, é como o conde de S. Vicente.

A mão do terror suspendeu-o pelos cabelos em toda a alteza do seu infortúnio. Depois, entre ele e a desgraça que morria por ele, estava aquele agonizar do afogado, que é um morrer atroz de ânsias incomportáveis. Viu as gargantas, as lavaredas, e os aparelhos da morada dos réprobos... A consciência gritou-lhe: «Condenado!»; mas mais sonora que o grito da consciência, de entre os lábios convulsos de desesperação coou-lhe uma palavra dorida de todo o sofrimento humano:

– Oh CRISTO!

E despertou...

– Inês!...

– Já está da parte de além – responderam os criados.

– Salva?

– Salva...

– Conde! – murmurou de lá uma voz desfalecida.

– Inês!... estás salva?

– Estou viva... Vem depressa, que estou passada de tremuras.

O cavalo de Távora gemeu entre dois acicates salpicados de sangue. Não havia caminho a torcer, nem cômodo de picaria a transpor, nem esquadrão de espanhóis a rasgar. Era o seio de uma torrente que descia em cachoeiras sobre os troncos acurvados dos arvoredos da margem. Para o conde não haviam cálculos nem rodeios. Cortou a direito por essas ondas que remoinhavam pelos corcovos do cavalo...

Um relâmpago alumiu à flor da água alguma coisa estupenda que fez empalidecer e soltar um grito aos criados do conde. Era um vulto arrastado na esteira da

corrente: era Távora, vencido pelo ímpeto do cachão, e mal firme sobre o cavalo, fatigado, mergulhado, e morto, talvez...

Os criados horrorizaram-se; ajoelharam; e também pela sua vez bradaram:

– Oh CRISTO!

– Conde!... não vens?...

Era um chamar lamentoso, desfalecido, e quase imperceptível.

– Inês!

– Espera... – disse um dos três criados – não ouviste chamar lá em baixo...

– Inês!

– É verdade... é ele... está vivo... – bradaram todos simultaneamente com o coração, com os lábios, com a alma, e com as lágrimas!...

Inês reconheceu aquela voz, quando um novo pasmo e esvaimento de forças iam lançá-la por terra, para ser, talvez, erguida quando o esquife viesse ao cadáver, engastado nas ramagens dos amieiros, dar-lhe o asilo do cristão.

O conde salvara-se. Inês tinha-o junto de si, quisera abraçá-lo, mas os braços tinha-os hirtos, retesados, e inflexíveis.

– O teu cavalo, Távora?

– Morreu... Nadou comigo até à margem direita: parou contra as raízes de uma árvore; abracei-me às ramas, e às pedras, e a tudo que pude abraçar-me no conflito da morte... Tenho ainda aqui chumbada nesta mão a rédea que me salvou... não posso jogar os dedos... tenho-os ensanguentados... mas o meu generoso cavalo... morreu!... Vamos... vamos... Inês!...

– Sr, Conde!... – gritaram de além os criados.

– Ide-vos, rapazes... esperai passagem para o dia...

– Está tudo salvo, fidalgo?

– Tudo; menos o fouveiro...

– O fouveiro morreu! – disseram os criados uns para os outros com paixão, e saudade, e tudo que há sublime de dó em coração de homens.

– O meu fouveiro!... – repetiu Gervásio, moço de farda, cuja afeição neste mundo, a mais independente, depois do vinho, dizia ele, ser uma, uma só, a do seu fouveiro... E chorava!...

.....
Eram seis horas da manhã. A tempestade não adormecera ainda, nem a estrela de alva, através da cerração, pudera abrandar-lhe a fereza com a sua imagem serena e consoladora. Diríeis que as trevas, como os homens pavorosos cá de baixo, conspiravam contra a luz, e erguiam o seu trono de escuridade debaixo da face lúcida do céu.

As velhas velavam, acercadas de filhos e netos, rezando a *Magnificat*, os versos de S. Gregório, e as orações de Santa Bárbara, S. Jerónimo, e outros santos advogados contra trovões e terramotos, como S. Francisco de Borja.

Cristóvão da Veiga, muito relacionado com a electricidade atmosférica por intermédio do reumatismo, passara uma noite dolorosa. A fim de mitigar as dores, ergueu-se, agasalhou-se no seu farto capote de saragoça forrado de baeta vermelha, tudo nacional, e passeou algumas voltas no seu quarto.

Gertrudes não se deitara. Desde que Inês saíra, fora um enfiar de responsos de Santo António, coisa admirável, mas muito aflitiva para ela, que não pudera rezar um só sem se enganar. Ora, deveis de saber que um responso de Santo António, se não vai direito desde o princípio até ao fim, ruim agouro é para a coisa ou pessoa responsada. Além disso, e para maior aflição da pobre rapariga, às três horas em ponto, no relógio de S. Domingos, um cão uivara três vezes por ali perto de casa; e, se o medo a não engana, uma coruja grasnou sobre o telhado. Mas o que acabou de agourar grande

desgraça àquela boa, Gertrudes foi uma borboleta negra, que se afogou no azeite da candeia! Então, sim! a rapariga, se não receasse as *conveniências*, que já nesse tempo andavam pelas cozinhas, e de lá vieram pára as modernas salas... ia meter-se no quarto do amo!

Como dito é, Cristóvão da Veiga, que não era medroso de trovões desde que um franciscano lhe confiara alguns segredos de electricidade, lembrou-se que a sua Ines estaria de joelhos diante da Virgem, transida de medo, e assombrada dós relâmpagos. Lembrou-se, outrossim, que a sua presença iria confortar a pequena, e parecia-lhe que não era má a ocasião de convencê-la, ao som dos trovões (que eram os brados do Altíssimo) da vida monástica, como veículo da gloriosa eternidade.

Tantas e tão sólidas eram as razões, que foi.

A porta do quarto de D. Inês estava aberta, como ela a deixara. O velho disse lá consigo: «Querem ver que a pequena teve medo e foi meter-se na cama com alguma criada! A ser, foi com a Gertrudes... porque das outras não gosta ela muito...»

Com estes e outros pensamentos, o homem das conjecturas entrou no quarto, e confirmou a sua opinião. Sem perda de tempo, foi ao quarto de Gertrudes, que rezava em voz ininteligível o

*Ó meu padre Santo António,
Que em Lisboa foste nado,*

.....

– Bem!... – disse o velho – elas cá estão conversando!...

E, batendo à porta, disse com ar afectuoso:

– Ó lá de dentro!... Se estão vestidas, abram a porta.

– Quem está aí? – gritou Gertrudes, assustada.

– Sou eu... abri...

– Agora abro... *Ó meu padre Santo António, que em Lisboa foste nado...*

– Ó Inês... Inês!...

– Cá não está a menina, fidalgo...

– Pois ela não está aqui?

– Não está, não, senhor... *Ó meu padre Santo António, que em Lisboa foste nado...*

– Pois eu não vos ouço conversar?...

– Sou eu, que estou a rezar o responso de Santo António.

– Mas onde está a menina?...

– A menina!?... Eu sei cá!...

Cristóvão da Veiga não era homem, era um aríete, um trabuco! Tamanho encontrão imprimiu na porta, que o ferrolho, a tranca, a fechadura, os pregos, e uma nuvem de pó, foi tudo dentro, e à cara de Gertrudes, que despediu um grito estridoroso.

Veiga, formalizado e severo como quem acabava de levar uma praça de assalto, interroga a prisioneira:

– Onde está minha filha?

– Faz favor de fazer-me as minhas contas, que me quero ir embora...

– Onde está minha filha? responde... onde está minha filha?...

– Vir cá estropear à porta, metê-la dentro com esta àquela... Isso não é cortesia...

– Gertrudes! eu estouro-te com um pontapé... onde está minha filha?

– Já lhe disse, que foi...

– Tu que dizes, mulher? tu que dizes!... Jesus, santo nome de Jesus!... A minha filha! que é da minha filha?!

– O fidalgo não está *bô*...

– Tu falas a verdade, ó rapariga?... A minha Inês não está em casa?

– Não, senhor, foi-se, com um senhor fidalgo de além de Lisboa... Foram-se casar...

– Foram-se... meu Deus!...

Cristóvão da Veiga deixou pender cabeça e braços para o chão, como se para cair no túmulo tivesse apenas de vergar ao peso de toda a sua dor.

No túmulo não, mas caiu sobre uma arca; e, quando quis levar a mão ao suor frio que lhe borbulhava na testa, não pôde erguê-la. Desmaiara.

CAPÍTULO XII

Em que o autor tem a honra de apresentar a Sr^a Joaquina da Luz, e pede que a tenham na devida consideração, como do capítulo melhor se verá

Eram oito horas da manhã do dia 7 de Fevereiro de 1701. Os moradores de Vila Real apinhavam-se nas cristas das colinas para admirarem a cheia nunca vista do rio Córrego, que referia lá em baixo debatendo-se no angustiado leito de rocha viva. Contavam-se os destroços da tempestade. Consignava-se a noite passada, como uma dessas revoluções da natureza, que anunciam a próxima dissolução do universo. Viam-se choupanas inteiras com os seus colmados a branquejarem nas águas lodosas da torrente, toros enormes de árvores, tombadas do pendor das matas, aparelhos e armações de moinhos, e reses afogadas em seus currais.

Os olhos dos espantados observadores convergiram todos para um ponto. Lá em baixo, ao fundo de um barrocal, via-se uma clareira de terreno encharcado, onde, um dia antes, os doze moinhos de Cristóvão da Veiga campeavam entre o seu cinto de fragas como um gracioso chalé na Suíça, revendo-se nas águas serenas do Engadine.

– Louvado seja Deus!... O que são as coisas deste mundo!... – dizia uma das muitas velhas que se benziam com grande aparato de devoção, à vista do tristíssimo espectáculo dos moinhos destruídos.

– Que grande perda não teve o fidalgo, à Joaquina!

– Deixa lá, que isto é castigo de Deus... – respondia a respeitável Joaquina da Luz, mulher decrépita e entendida em feitiços, quebrantos, maus-olhados, e de sólida religião dos *setenta anos em diante*, como diziam por ali os velhos da sua criação.

– Assim será!... Deus não dá com pau nem pedra... Ora vejam... quem há-de dizer que estiveram ali doze moinhos!...

– Vocês não sabem da porca dos sete leitões?

– É verdade, Tia Joaquina, diga-nos isso como foi...

– Eu vos digo, raparigas. Vasco da Veiga, pai deste fidalgo, que Deus lhe fale na alma, era um mau homem para as donzelas, Não havia nenhuma que ele não tirasse de casa por bem ou por mal, e depois tinha-as ali naqueles moinhos...

– E elas deixavam-se lá estar? – interrompeu uma rapariga espevitada e travessa.

– Cala-te lá, que não sabes o que dizes... inda ontem te vi nascer... Estavam lá, porque estavam enfeitiçadas por arte de bruxaria... ora sabes?

– Ah!

Este *ah* era a espontânea expressão de uma miríade de bocas abertas.

– E como é que as enfeitiçava, à Tia Joaquina? – perguntou um rapaz de cara bicuda, expondo uma fileira de enormes dentes como provas de admiração.

A velha, que tinha bem fundados escrúpulos em não dizer àquele idiota o processo de conquistar mulheres

– pois bem sabia ela que pelos processos ordinários não seria ele capaz de arranjar uma –, disfarçou por pouco tempo a conversa, e continuou-a depois a meia voz:

– Ora *como é que as enfeitiçava!*... É de tolo a pergunta!... O fidalgo fez pacto com o Diabo... e Deus me perdoe, se peço.

– Cruzes!... Cruzes!... T'arrenego!... – responderam em coro as ouvintes.

– E depois – prosseguiu a velha na sua horrenda história, cuspiendo três vezes para o chão, e raspando com o pé por cima –, depois o Diabo disse-lhe que apanhasse uma víbora entre o pino do meio-dia e as duas horas.

– E depois?... e depois?...

– Depois... disse-lhe que lhe passasse pelos olhos, salvo tal lugar, uma agulha enfiada em torçal preto; e que fosse ao dar da meia-noite à porta da igreja da freguesia, e dissesse três vezes umas palavras, que são assim: *Almas! almas) três enforcadas, três afogadas, três mortas a ferro frio...*

– Não digas, Joaquina, que não vá Deus castigar-te...

Esta edificante reflexão privou-nos de uma preciosidade de serventia para muita gente, que se desse ao incómodo de apanhar uma víbora, e furar-lhe os olhos... Agradeçam esta perda à senhora Brázia do Cabo da Vila, mulher temente a Deus, e forneira das melhores broas daquela terra.

– Tens razão... – continuou a velha – nem tudo se deve dizer... Vai depois, o Diabo... (Deus me perdoe!)

– Credo!... credo!...

A historiadora era interrompida todas as vezes que a fidelíssima naturalidade do contourgia a palavra *Diabo!*

– O porco-sujo apareceu ao fidalgo, em aventesma, e disse-lhe: *Pelos poderes que te dou, toda a mulher, que quiseses para ti, será tua, se lhe deres na saia, ou na camisa, ou no lenço da cabeça, um ponto com essa agulha enfiada nos olhos da víbora.* E, dito isto, o Demónio desapareceu, deixando maus cheiros.

Silêncio e terror!... A velha continuou em tom misterioso e sibilino:

– Não havia rapariga que ele não...

– Santo nome de Jesus!... Nossa Senhora de Guia... Cala-te, mulher...

Esta Brázia do Cabo da Vila é inimiga das orações completas. Devemos ao fanatismo das velhas, à censura do Santo Ofício, e à Congregação do Oratório, a privação de interessantíssimas notícias de costumes, que tinham para o Portugal de então a veneranda importância que hoje nada tem por cá, a não serem os jornais; porquanto, os contos das víboras e o pão quotidiano, a par dos jornais conscienciosos e da fome e da vergonha... Silêncio!... *Cavete a scribis...* Foge dos literatos, disse S. Mateus.

A velha devia ir por diante com esta crónica de inteligências entre Satanás e Vasco da Veiga, e a *porca dos sete leitões*, que é o texto da história. Se a Brázia do Cabo da Vila não vier tolher-lhe a liberdade do pensamento, poderemos conseguir um quadro de edificantes moralidades.

– Era uma vez. O fidalgo ia acolá a descer naquele altinho que faz um cotovelo para trás, assim a modo de quem quer rebentar sobre a sua direita... Vedes, mulheres?

– Vemos, vemos.

– E vai... que há-de acontecer?... uma porca, com sete leitões, veio prantar-se diante do fidalgo... a grunhir... a grunhir, de trás para diante, e de diante para trás. E vai o fidalgo puxa da espada, e dá com ela na porca, mas foi o mesmo que dar com ela numa sombra...

– Apelo eu!... Ó mulher... tu fazes-me medo!... – interrompeu a Sr^a Brázia... – acaba lá com isso...

– E depois o fidalgo, com os cabelos arrepiados, disse assim: *Pelo poder que Deus te deu, quem quer que és, alma do outro mundo, em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo, diz-me a que vens, e o que queres.* E vai a porca respondeu assim: *Eu sou a alma de Ana Catarina, a quem tu deste um ponto no vestido, que estive contigo em pecado mortal sete anos e sete dias, e tive sete filhos que tu sumiste de meus olhos, e que morri sem os ver, mas encontrei-os depois como aqui os estás vendo, e não posso entrar no Céu nem no Inferno, enquanto não fizeres penitência.*

Aqui não se calculam as caretas da Sr^a Brázia! O resto do auditório pregava os olhos lá em baixo no lugar dos moinhos, e estava capaz de afirmar que via as pegadas

da porca! A velha, cheia de crenças, e árbitra de terrores, via naquelas visagens apopléticas o efeito da sua palavra profética e fulminante.

Estas e outras cenas convenceram-na da superioridade do seu espírito entre as outras velhas. Consultada para o desmancho de vários sortilégios, e para levantar espinhela e cortar as lombrigas, tudo isto eram critérios de sobra para a sua reputação de *mulher de virtude*.

No capítulo imediato veremos se esta respeitável *mulher de virtude* nos ilustra com a história de alguma outra porca, ou bicho daninho, ou outros quaisquer malefícios, como ligamentos, obras de veadeira, carântulas, e feitiços dados na comida a alguém, para querer bem ou mal a outrem, ou adivinhar em cabeça de homem morto, ou passar doente por debaixo de troviscos, ou em lameiro virgem... etc.

CAPÍTULO XIII

Grande capítulo, em que a Sr^a Joaquina da Luz suspeita que o Diabo se metesse no corpo de D. Inês da Veiga, e as dúvidas do sapateiro a esse respeito. Vê-se o que é um fidalgo, se lhe tocam na família, e o que seria dele, se por grande viltá nascesse plebeu. Salto prodigioso que o autor dá para trás, e convence-se o leitor que seria pior saltar para diante

O grupo de criaturas, assombradas pelo espectáculo da tempestade, conservava-se ainda ruminando a história da porca e sete leitões, quando mestre António, o bem conhecido sapateiro, abordou por ali concentrado, meditabundo, e assim a fugir para o romanesco,

– Ora, salve-as Deus!

– Deus o salve, mestre António – responderam as velhas à saudação fria e melancólica do sapateiro.

– Então?... estão Vm.^{cês} a verem os estragos da noite passada, hem?...

– Bendito seja Deus, e Sua Santíssima Mãe!... Não consta assim uma coisa!... – respondeu a Sr^a Joaquina, dando à fisionomia certas rugas de santidade.

– Que me dizem aos moinhos do fidalgo!?

– Que lhe havemos nós de dizer, Tio António!... é um louvar a Deus!...

– Quer não... o fidalgo não há-de empobrecer com isto

– disse a Sr^a Brázia do Cabo da Vila.

– Inda o pior não é isso...

– Então, Tio António, então?

– A fidalga fugiu esta noite.

– Que diz Vmc., mestre António?! – bradou o grupo inteiro com um só brado, com uma só visagem rústica, para, e alvarmente estúpida.

– É como vos digo... A fidalga fugiu, e ninguém sabe com quem, nem por onde, nem para onde... Parece que anda aqui...

– Sortilégio de bruxedo, não é isso, mestre António?... – interrompeu a Sr^a Joaquina.

– Mais do que isso... é obra do Diabo, como diz Frei António das Dores...

– É obra do Diabo, não pode ser outra coisa... – afirmou ainda a Sr^a Joaquina.

– Ora pois... mais teremos ainda pra ver... Cada qual encomende-se ao seu anjo da guarda, pra que o livre de maus-olhados, e vizinhos da porta... Anda daí, Maria, vamos pra casa, que são horas de amassar a tornada.

Já vêem que era Brázia, a padeira, fechando a sessão pelo que dizia respeito a ela e a sua neta Maria.

O grupo desconjuntou-se, ramificou-se, e dispersou em fragmentos pelas vielas tortuosas da vila velha. A Sr^a Joaquina, porém, sentada na única escaleira da capela-mor de S. Dinis, dava-se tratos por decidir o processo de que o Demónio se servira para tirar de casa a nobre e casta filha de Cristóvão da Veiga.

– Ó Tio António! se lhe não custa, olhe aqui.

O sapateiro, que dali perto contemplava os destroços da cheia, veio-se chegando da velha com certos visos de impaciência e aborrecimento.

– Então que quer, Tia Joaquina?

– Vmc. nunca ouviu dizer que o Demónio costuma meter-se no corpo dos homens para tentar as mulheres?

– Nada; eu nunca ouvi dizer isso dos anos que tenho.

– Pois olhe, eu cá não sei, mas... a modo de dizer, augura-se-me que a fidalga... sim... isto é um modo de falar...

– Que a fidalga, o quê?

– Vmc. a modo que está de mau humor! Olhe que aqui onde me vê tenho setenta anos, e tenho visto muita coisa... Já me lembro da aclamação do Sr. Rei D. João IV, que Deus tem, e das guerras dos Espanhóis, por sinal que meu pai, Deus lhe fale na alma, pôs luminárias de casca de laranja, que foi uma coisa falada em casa do Sr. Rui de Nisa, que também já lá está, que era alcaide-mor desta vila, e que agora está ali enterrado naquele carneiro em S. Domingos, carregando prà esquerda como quem entra pela porta da ilharga...

– Acabe lá com isso, mulher! Que me importa cá saber dessas coisas a mim?!

– Não, que isto é pra Vmc. ver que tenho visto coisas, que não sei o que lhe diga...

– Se não tem que me diga, fique-se com Deus.

– Olhe cá, mestre, eu estou que a fidalga fugiu com homem, ou coisa que o valha...

– Ora, deixe-se disso. Tape lá essa boca...

– O quê? Que tape esta boca!? Então, diga-me Vmc., que é tão atilado, que fim levou a fidalga!?

– Se quer que lhe fale a verdade... – disse de manso o sapateiro, como quem quer transigir amigavelmente.

– E o fidalgo... como não estará ele?!... coitado...

– Está com umas fúrias, que parece endemoninhado!

– Então foi espírito ruim que se meteu na família...

– Seria, seria... Até logo, Tia Joaquina... Se souber onde a fidalga está, faça favor de mo dizer a mim... ouviu?...

– Pode ser que saiba... Se for demónio, com ajuda de Deus, hei-de sabê-lo.

– E se for demónio à laia de homem?...

– Isso lá...

– Isso lá a modo que sempre tem que se lhe diga... Se botar as cartas, Tia Joaquina, dê parte do que souber... Adeuzinho.

Mestre António não precisava consultar o espírito das trevas. Bem sabia ele que o Demónio, que presidira à fuga de sua ama, era de natureza de homem, e muito homem. Escarnecia lá por dentro das adivinhações da velha, e, abandonando-a, com um riso crítico-filosófico, era, sem ele o saber, a preexistência destes enciclopédicos do dia, que lá têm as suas razões para se rirem de espíritos pequenos, que recorrem ao sobrenatural no entendimento de coisas, que, no saber dos grandes, estão muito abaixo da maravilhosa descoberta das minas da Califórnia.

Todavia, o sapateiro não estava em bons lençóis. Era de presumir que aquela boçal Gertrudes o comprometesse. Era natural que Cristóvão da Veiga o mandasse despejar o sótão, quando se não lembrasse de lhe mandar zurzir o forro da camisa. Era possível que o fizesse responder da cadeia pelos amores de D. Inês. Tudo podia ser, e em tudo ia pensando seriamente o sapateiro, quando, já perto de casa, viu brilhar entre duas pedras, descalçadas pela enxurrada da chuva, alguma coisa que o fez curvar, e até distrair das suas previsões sinistras. Depois, entre os dedos verrugosos de mestre António luzia um anel de ouro e diamantes, com umas letras que ele não entendeu, mas que supôs serem, em latim, o nome do dono ou dona do anel.

Em consultas consigo e com sua mulher, mestre António resolveu por fim guardar religioso silêncio acerca do anel, visto que, oferecendo-o em venda a ourives da terra, correria o risco de restitui-lo, por causa daquelas letras, que, também na prudente opinião de sua mulher, representavam o nome da pessoa, cuja fora o anel.

Nestas e noutras práticas prudentes estavam mestre António e sua mulher, quando mui terminantes ordens o chamaram ao quarto de Cristóvão da Veiga. O sapateiro era homem de presença de espírito, mas o sangue alvoroçou-se-lhe lá dentro, e a Sr^a Bernarda Maria viu que seu marido não estava bom. A pobre da mulher ignorava tudo! A não constar do manuscrito, eu não acabe este capítulo, se desse crédito ao segredo do sapateiro com sua mulher! Pois é assim que o manuscrito reza, e diz elegantemente no aranzel bonito do século XVII:

Que tão acautelado pensava ele das mulheres, que como quem por elas deve ter cautelas mil no pensamento, que muito era não confiar segredos amorosos à própria mulher, pois que da alheia de tamanhos amores confiança recebera. E posto que por mais sagradas mais segredos, não foi capaz o sapateiro de achar em sua mulher capacidade para revelar-lhe coisas que por mais reveladas mais perdidas, que perdidas são as mulheres a outras reveladas.

Ao certo não diremos se a pura versão desta bonita algaravia é dizer que a Sr^a Bernarda não merecera a confiança de seu marido; parece-nos, porém, que o manuscrito, sempre em harmonia, estabelece as provas deste fenómeno, no seguinte diálogo:

- Ó António, tu parece-me que não estás escoreito!
- Àgora não... É que não sei para que o fidalgo me manda chamar ao quarto...
- Pra que há-de ser? pra te mandar a algures saber da fidalga...
- Será, mas eu tenho medo que o diabo da Gertrudes...
- Da Gertrudes? que tens tu lá com a rapariga?... Diz, homem, pareces-me tolo!
- Não é nada, mulher... Deixa-me, não vá o diabo da rapariga...
- Não vá onde? A Gertrudes foi-se embora há migalhinha...
- Foi-se embora!...

– Foi; o fidalgo parecia coisa ruim, e a rapariga deixou-me aqui os farrapinhos dela, e disse-me que cá os mandaria buscar...

Nova intimação ao mestre sapateiro. Desta vez lá vai com cara de parvo, e capaz de se dar ao Diabo e mais a sua preponderância nos amores de D. Inês.

Na presença de Cristóvão da Veiga, e de alguns franciscanos e dominicanos, todos mudos e severos como em trintário cerrado, estava o bom do sapateiro, trémulo e encolhido como em presença de inquisidores. O fidalgo não dera pela entrada do sapateiro. Com o rosto escondido entre as mãos e o peito, na postura mais aflitiva do homem que sente devorar-se no íntimo, Cristóvão da Veiga, aborrecido das consolações monásticas de seus numerosos amigos frades, ergueu a veneranda cabeça, quando mestre António exclamou com melíflua entonação:

– *Às ordens de V. Ex^a!*

Veiga levantou-se, e acenou ao sapateiro que o seguisse.

Na sala mais remota, fidalgo e sapateiro fecharam-se por dentro.

- Sabes, António, as desgraças que me vão por casa?
- É verdade, fidalgo, já lá me chegou a triste nova...
- Da fugida de minha filha... daquela que eu esperava ter comigo até morrer...
- Ora, pois, como diz lá o ditado, «o bom filho à casa torna».
- Quem sabe, António, se a estas horas... Maldita ideia!

– Olhe, fidalgo... (Note-se que o sapateiro recuperara todo o seu vigor moral.) Eu não sei quem foi a culpa destas desgraças... Por aí dizem que o Sr. Conde de S. Vicente pedira a fidalga em casamento, e que V. Ex^a não quisera dar-lha a troco de umas desavenças sobre o sangue de cada um... Olhe, fidalgo, lá os antepassados de V. Ex^a são de sangue real, mas os do senhor de Panóias, também diziam os velhos que não era somenos em linhagem que os Veigas...

- Quem te pergunta a ti por essas coisas!? Eu o que quero é a minha filha em

casa...

– Honra lhe seja feita, Sr. D. Cristóvão, isso é que é ter coração de pai... Eu logo disse à minha Bernarda que V. Ex^a tarde ou cedo chamava os dois esposos para a sua companhia...

– E chamo, porque não posso viver sem ela... Não quero estas vergonhas, que me matam... É preciso segui-los, e não tenho alma de pedir a algum dos que por aí estão nessa sala o encargo de os chamar... Se tu fosses, António, seguindo-os até os encontrares...

– Vou, fidalgo, e hei-de topá-los, se Deus quiser, porque não podem ir muito longe, que a noite não esteve para andar muito...

– Pois então vai, parte, que te aparelhem um macho, depressa, e diz a minha filha que venha para casa, que seja esposa do conde de S. Vicente, mas que o seja sem envergonhar seu pai... Entendes-me, António?... como hás-de dizer-lhe?

– Que venha para casa quando quiser, e que o Sr. Conde pode também vir, que a troca do casamento não há-de haver nada...

– Bruto! – rosou por entre os dentes D. Cristóvão. – Espera... Eu vou escrever-lhe...

É o que o fidalgo ia executar no quarto próximo, quando o tintinar das campainhas de uma liteira, e depois o burburinho de muitas vozes lá no interior dos salões o sustiveram encostado à ombreira do quarto.

– Quem chegaria?... – perguntou D. Cristóvão ao sapateiro.

– Se V. Ex^a quer, eu vou saber.

– Naturalmente é o primo de Simões, ou o primo Osório de Mondim... Seja quem for... Dá ordem ao meu capelão que mande esperar...

Mestre António encontrou o capelão, que vinha em cata do fidalgo.

– Mestre António, onde está o fidalgo?

– Está lá para o quarto, e diz que mandasse V. S^a esperar o morgado que chegou.

– Vá dizer-lhe que é seu filho Pedro.

– Seu filho Pedro!

– Ande, não se demore...

Fizemos dizer uma vez a D. Cristóvão que tinha um filho chamado Pedro. Este Pedro, com que abrimos esta história, segundo nos era permitido pelas leis do romance moderno, e justamente o filho de Cristóvão da Veiga.

Não são bem líquidas no manuscrito as razões que levaram o jovem Pedro da Veiga fora da pátria, por esses dias que o viver dos nossos fidalgos de província era a negação absoluta do saber, pelo viajar, e do viajar pelo recreio. O fidalgo de então tinha a sua liteira, a sua parelha de bons machos, a sua casaca de seda para a solenidade de *Corpus Christi*, e a sua galeria de retratos a pincel de ladrilhos, coisa admirável! A sua vida era fluente, sossegada, e descansada como um gordo volume da academia dos humildes. Era uma vida de estagnação, apenas serenamente agitada na ocasião das ceifas, em que o fidalgo se levantava um pouco mais cedo para contar os almudes de vinho que entravam no tonel, e os alqueires de milho que atulhavam as caixas. Depois, o neto dos Castros e Coelhos e Ataídes acordava só em dias de feira para perguntar o preço dos cereais.

Maravilhoso é, portanto, o pensamento de Pedro da Veiga, nas suas viagens por Itália, durante quatro anos; e persuade-nos o próprio gosto de romances que não é coisa que faça pena esta falta de esclarecimentos. O que deveras se declara, para maior realce desta história, é que Pedro da Veiga ficou seriamente assombrado, quando deu de cara numa dúzia de frades, que cercavam lugubrememente o fogão onde ele esperava encontrar seu velho pai e sua linda irmã, saudosos por o abraçarem, e surpresos de o verem

inesperadamente.

Os frades, não menos espantados, ergueram-se a abraçá-lo, e sentiram dolorosamente anunciar-lhe a infausta nova da fuga de sua irmã.

– Meu pai não está em casa? – perguntou o mancebo mal contente dos venerandos amplexos das duas Ordens de S. Francisco e S. Domingos.

– Sim, senhor... seu pai está em casa, adoentado, é verdade, mas vai vivendo – respondeu Frei António da Encarnação, mestre de Latinidade, Retórica, e Doutrina no seu convento.

Neste meio tempo é que o padre capelão se apressara a anunciar a Cristóvão da Veiga a boa-vinda de seu filho. O velho sentiu-se indemnizado de todos os desgostos, quando lho anunciaram. Seguindo os primeiros impulsos do coração, dirigia-se para a sala, quando o filho impaciente lhe saiu ao encontro, abraçando-o em transporte de saudade. Pobre velho, as lágrimas e o silêncio eram a saudação que ele teve para a metade que lhe restava do seu tesouro! Como se precisasse do coração da sua Inês para quinhoar de tamanha alegria, Veiga, como suspenso entre o prazer e a amargura, parecia um pai de entranhas frias, obrigado pela hipocrisia a receber um filho nos braços.

– Meu pai!... eu desconheço este modo de receber-me...

– E não me desconheces estas faces acabadas pelo sofrimento?... Vem comigo ao quarto, meu filho... Antes de chorarmos ambos, tenho que dizer-te...

Mestre António, perfilado a respeitosa distância, quando viu transformarem-se os planos do fidalgo, observou com a costumada humildade:

– V. Ex^a quer que eu siga o meu destino?

– Não; por ora não: espera um pouco, e veremos depois.

«Ora, queira Deus que a chegada do morgado não venha cá fazer mais desarranjos!» Assim disse lá consigo o sapateiro, muitas e repetidas vezes, até que adormeceu serenamente sobre um escabelo da imensa fileira de escabelos que decoravam os salões e corredores de D. Cristóvão.

Os frades, desenganados da incompatibilidade do almoço com os acontecimentos do dia, saíram um a um até coarem-se todos juntos, pelos áditos dos respectivos refeitórios, e, resignados com a vontade do Senhor, diz o manuscrito que passaram o resto do dia sentindo azedamente as desordens da casa dos Veigas, e pedindo nas suas orações a pacificação da família, para melhor harmonia dos almoços e jantares.

Pedro da Veiga ia perguntar se sua mana estaria doente, quando o pai lhe atalhou a pergunta por este singelo e terminante anúncio:

– Tua irmã fugiu esta noite de casa!

Pedro cruzou os braços, fez-se branco como os folhos da sua camisa, cravou olhos de terror e delírio nos do pai, que choravam de cólera ou de amor, e esteve assim longo tempo lesado de espírito e de corpo.

– Parece que te assombraste de mais, rapaz!... – continuou D. Cristóvão – tua irmã fugiu; mas a Providência quer que a honra não fugisse com ela de nossa casa...

A estátua parecia animar-se. Era já menos carregado o semblante de Pedro da Veiga; mas à ansiedade do terror, confuso de uma tal nova, sucedera a da curiosidade. Há pouco era o sangue que lhe refluía ao coração, e ameaçava quebrar-lho; agora é todo esse sangue que lhe ferve até às pontas dos cabelos agitado pelo sentimento rancoroso de uma vingança provável. Mais de três vezes o convulso moço perguntara ao pai os pormenores da fuga de sua irmã. O velho preparava-se para contar as ocorrências deste infausto acontecimento, desde a chegada do conde de S. Vicente a Vila Real, mas o filho embaraçava-o com as suas atitudes impacientes.

– Eu te conto, meu filho... Tu sabes que a nossa família primou, entre as primeiras, na nobreza imemorial...

– Sim, meu pai, sei; mas diga-me o que mais preciso saber... minha irmã foi seduzida por algum vil sevandija da plebe?...

– Não: louvado seja Deus!... não; não é da plebe, é nobre como tu, e tão nobre como ela; mas... eu não sei quem teve a culpa desta desgraça...

– Que desgraça... meu pai?... fale, senhor, que me aflige com meias palavras... quem é esse homem?

– É o conde de S. Vicente, é o morgado dos Távoras.

– O conde de S. Vicente! Quem é aqui o morgado dos Távoras, para violar o decoro de nossa casa!?

– Meu filho!... serenidade. O decoro de nossa casa não está violado... Fui eu que me enganei nos meus caprichos...

– Explique-se, meu pai!...

– Tua irmã foi-me pedida...

– Poro conde?

– Sim, e recusei-lha, porque antes disso...

– O quê?

– A nossa linhagem foi menosprezada por esse fidalgo irónico, frívolo, e incapaz de respeitar a nobreza de sua mulher.

– E depois?

– Não há mais nada. Tirou-me a filha, e não sei com verdade...

– O que ele fará dela, não é assim?

– Decerto...

– Mas devemos sabê-lo, hoje mesmo, senhor. Já pelo trilho dos seus cavalos, já, e imediatamente... Eu, eu só, perguntarei ao conde de S. Vicente se um Távora, mais nobre que um Veiga, praticando a infâmia de um rapto, é capaz de manter, à ponta da espada, a puridade do sangue vil que lhe farei saltar das veias...

– Pedro... é necessário que me atendas. Tens um pai, não menos que tu, brioso no seu pundonor. Se este desgraçado acontecimento fosse mancha de desonra na face limpa de meus braços, crê que estes braços de velho não se ergueriam a mendigar estranhos para defesa própria... Sou pai: quando os teus olhos vertessem lágrimas, estes verteriam sangue, meu filho. Não é à ponta da espada, e neste século, que se vingam estas ofensas íntimas e recônditas de família. Desgraçados de nós, se nos é preciso lavar com o sangue do raptor uma perpétua mancha de atroz desonra de tua irmã... Não o creias... Deus não quer este enorme peso de aviltamento sobre o meu túmulo...

– Meu pai, não vale aqui chorar... Diga o que cumpre fazer...

– É aquilo que eu estava praticando no momento da tua vinda. Enviemos um homem pela estrada do Porto até encontrar o conde. Mande-se-lhe uma carta de boas palavras; e outra a tua irmã, para que ambos venham a esta casa, e se unam sem escândalo, sem subterfúgios clandestinos, e vergonhas daquela pobre pequena...

– *Daquela pobre pequena*, diz meu pai! Bem pobre que ela é de sentimentos grandes!... Bem pobre dessas virtudes, que eu esperava vir aqui encontrar em uma irmã que deixara inocente, singela e isenta no seu nobre orgulho... Tenho-lhe ódio...

– Cala-te, Pedro!... Que é do fruto de longa experiência que devias colher nas tuas viagens? Passaste de olhos vendados pelo mundo! ignoras mesmo o que está dentro de ti!... Não sentes esse impulso de coração, que despedaça as mais duras prisões do orgulho humano? Compreende-te, Pedro. Se tiveste uma dessas poucas fascinações de rapaz... se amas como na tua idade teu pai se não envergonhava de amar...

– Basta, meu pai; eu obedeço-lhe, e calo-me.... Irei eu mesmo; quero ser o mensageiro dessas cartas. Falarei a ambos; não serei vil com o conde, nem cruel com minha irmã... Se as intenções forem sagradas, eles virão aqui mesmo ajoelharem-lhe,

meu pai, e depois... seremos outra vez felizes; e nem mais uma lágrima, nem mais uma desonra, porque se outra irmã me restasse... não seria ela o espelho do vilipêndio em que minha face...

- Não fales assim... Não falemos em desonra... Queres partir, meu filho?
- Já, se mo consente.
- Prometes-me a maior prudência?
- Juro-a.

Em consequência destas discretas resoluções, o leitor de boa-fé, e as mães de família, a quem a notícia deste acontecimento chegar, sentem-se possuídos da romântica alegria que – digam lá o que disserem os estóicos – vem sempre consolar-nos da ingrata leitura de cenas amarguradas. Aqui a consolação dá-no-la a proximidade de um casamento que deve celebrar-se a contento de ambas as partes, e sem vergonhas do mundo. Se as nossas esperanças se realizam, o copista destas coisas não dará mais crédito a agouros de anéis perdidos, e de noites tempestuosas, e contrafeições de quantas Joaquinas das Luzes lhe vierem dizer onzenices neste vale de lágrimas e parvoíces. Nós mesmos ignoramos o que vem adiante no manuscrito. Há aqui uma espécie de tábua quebrada neste pontilhão romântico; e aí vamos nós galgar o passo, porque não temos outra vereda segura que nos encaminhe a D. Inês da Veiga e conde de S. Vicente.

Por uma espécie de pelotica romântica, fomos, por debaixo de chuva e trovoadas, sindicar o que era passado em casa de Cristóvão da Veiga, e deixámos a salvamento os fugitivos, além do ribeiro, fazendo suas reflexões trágicas aos perigos passados e à morte do cavalo. Sigamo-los agora, e não esqueçamos que os três lacaios do conde, por não poderem transpor a torrente, ficaram da parte de cá, ou de lá, segundo a linha em que o leitor estiver colocado.

D. Inês, de espírito robusto e varonil, bem menos melindrosa que as nervosas senhoras da actualidade, sentiu-se gravemente dos incómodos corporais. A vida exagerada, que lhe pulava no coração, como as contorções musculares de quem sonha cemitérios e cadáveres, resfriara subitamente, e a débil menina, como despojada de empréstimo de vida, mal podendo suster-se na sela incómoda, nem forças tinha para responder às palavras de animação, que o conde, mais tímido que ela, lhe falava.

O pior estava passado. Muito perto rugiam os soutos e pinhais que circundavam a vasta aposentadoria do senhor de Panóias e Margaride. D. Inês apeara, e sobraçada com o conde, subia lentamente a encosta, em cujo cimo negrejava, erguido entre espessuras de sarças, o gigante de cantaria, o castelo dos Távoras, grave e carrancudo. Era negro o pensamento que voejara do coração de D. Inês para os miradouros angulares do castelo! Com a vista túrbida e perplexa, a amante de Távora parara diante daquelas paredes, como se a negridão, que as entristecia, fosse o enorme crepe do gigante levantado em seu sarcófago. Que era lá de fascinador nesse monte de pedras, que assim tratava do espírito flébil e timorato de uma virgem de dezoito anos!? Não o sabia ela mesma, talvez; não o sabia o conde; mas poderia adivinhá-lo quem, por dorida experiência de infortúnios, criasse um método de explicação entre o coração e o terror, o pressentimento e o futuro.

- Queres aqui ficar assim extasiada diante do teu castelo, Inês?

Era inútil o sorriso com que o conde embalsamava esta sua pergunta jovial e despertadora. Ela não respondera, e permanecia, sustendo-se no braço dele, a olhar, a olhar para cima como a cotovia, aninhada no restelo da várzea, para as asas negras do milhafre, que esvoaçavam libradas sobre ela.

- Então, minha filha, vamos?
- Ah! conde... eu estou sofrendo tanto!... Tenho aqui o coração a dizer-me tantas

coisas tristes... Este teu castelo aterrou-me de um modo tal...

– E tens medo a esse morro de pedras?

– Medo!... eu sei cá o que é este sentimento?...

– É medo!... Ora *surriada*, minha criancinha que tem medo do papão!...

– E tu não sentes nada, ó Távora?

– Eu!

– Sim... tu não tens aqui dentro nos segredos do coração uma ameaça para o futuro?

– Não, Inês. Dentro daquelas portas espera-nos a paz de toda a vida. A tua saúde, e o teu amor, minha querida, é o que eu peço a Deus e a ti. Não será Deus nem tu que me tornem depois infeliz... Não me diz nada o coração, que me atemorize... O teu... diz-te muito?

– Oh!... muito...

– Pois já que o ouviste, ouve-me também agora. Vamos daqui: estás gelada, precisas de agasalho e descanso... Não me ouves, Inês?

– Ouço-te, sim: mas... livra-me desta agonia, que me tira a respiração!...

Era realmente incompreensível o sofrer daquele anjo. As lágrimas, descendo-lhe nas faces frias, gelavam-se, e, nem ao menos, lhe descontavam na dor a porção que vem travada no amargor do pranto.

A breve distância do castelo à aposentadoria foi custosa de vencer para D. Inês, que, finalmente, se deixou encaminhar, quase passiva como um autómato, e como se o espírito lhe ficasse consubstanciado nas ameias dentadas do castelo.

Em torno da casa era o profundo silêncio das ruínas. Os molossos açaimados no quinteiro rugiam a seus incógnitos amos, e os caseiros, que velaram toda a noite, apareciam nos patamares das escadas com as clássicas candeias para receberem os novos esposados.

– Como vem enfiada, minha fidalga!... benza-a Deus, que tão bonita e delicadinha é!...

Assim dizia a Tia Benta do João, quando a nossa linda fugitiva lhe lançava o braço esquerdo em volta do pescoço, para se amparar na subida dos cinquenta degraus da escada.

D. Inês sorriu-se à simplicidade da Tia Benta do João, cujo apelido era o nome do seu homem, geralmente conhecido pelo João da Benta.

O interior dos casarões dos Távoras, ou da *casa da renda*, como, com mais propriedade, os foreiros lhe chamavam, era uma sombria fileira de salões irregulares, escuros e vazios. A voz e os passos despertavam por lá uns ecos soturnos a reboarem por aqueles desvãos, coisa melancólica de ouvir-se. À excepção de um sobrado quadrangular, tecido no tecto por grossas vigas de castanho, com a sua rosa de arabescos abertos a enxó, o resto desse longo dormitório de aranhas e ratazanas prodigiosas em corpulência, eram caixas de pedra, tapadas de ripas e colmo, respirando por grandes fendas góticas e manuelinas.

Esta é a fugitiva descrição da moradia de D. Inês da Veiga e conde de S. Vicente na madrugada de 7 de Fevereiro de 1701.

A falarmos do quarto do mordomo, na ausência do senhorio, nada teríamos a contrastar com o aparato das salas. Era um quarto de cantaria, sobradado de tábuas carunchosas, e forrado de castanho com alguns labores grosseiros, informes e descomunais. A mobília resumia-se a um catre de pau preto, com armação de velhos damascos, afora uma guarnição de espadas e clavinas, que ao mesmo tempo lhe davam o aspecto belicoso de um arsenal de monteiro-mor de província.

Inês atravessou por todos esses tristonhos salões até ao quarto; aí, quebrada de

forças, e enregelada de frio, mal sentiu a ausência do conde, que se despedira, recomendando à Sr^a Benta do João que fizesse deitar a Sr^a Condessa, despindo-a e agasalhando-a com quanto desvelo pudesse.

O conde, feitas as necessárias mudanças nos vestidos molhados, partiu para o castelo. Já dissemos, no rápido esboço desse mal denominado castelo, que não era pelo aparelho de uma só peça quadrangular, coroada de ameias, e aberta em primorosos balcões a meio pano, que devíamos considerá-lo fortaleza ao molde de algumas ruínas, que mui raras se deparam em Portugal. Não temos notícia de outra máquina de pedra assim construída e duvidosa no seu uso. Folheando, quanto nos foi possível, os solares dos extintos Távoras, e ainda os forais da terra de Panóias ou Panónias, encontramos o silêncio semelhante não sabemos porquê a esse enorme túmulo, que nada diz de si aos que ainda hoje quiserem, na solidão do seu pardieiro, chamar ali o seu nobre fundador à razão de arte. O povo, ao menos, baptizando-o Torre de D. Chama, explica um facto adulterado segundo o seu costume. Até onde o manuscrito for com o seu escalpelo, na descoberta deste facto, iremos nós também. Se a crença popular não for mentida, a história da moura, que nos foi contada por o Tio António da Maria, deve ter o seu desfecho trágico neste ano de 1701.

Temos gasto muitas palavras para dizermos que o conde de S. Vicente, para transpor o fosso do seu castelo, não precisava tirar da buzina um som agudo, a fim de lhe descerem a ponte levadiça, com grande estrondo de ferrolhos, e aparato de pajens e escudeiros.

Só, com o Bento da Maria, homem de socos, véstia de saragoça, e enxada às costas, o neto dos reis de Aragão entrou dentro do seu castelo, e insinuou-se pela espiral de uma perigosa escada a pendurar-se no alçapão que se abria para o interior de uma sala. A decoração desta sala era a primorosa de cinquenta anos anteriores. Largas cadeiras de espaldar estofadas de veludo carmesim, mesas de douraduras sinuosas, e relevos de riquíssimo lavor, dois reposteiros de rás vermelho, onde, em torno das floreadas armas dos Távoras, brilhavam, em tecido de prata de muito custo, as palavras: – REGES DESCENDUNT A NOBIS, NON NOS A REGIBUS – tais eram os objectos que resplandeciam ao trémulo clarão do archote, que, momentos depois, foi substituído por quatro lumes, coisa muito para ver-se, e mais para admirar-se. Eram quatro serpentes vomitando as quatro luzes das jubas encarniçadas pela refacção do fogo, ao mesmo tempo que pareciam estorcer-se de magoadas entre o bico de uma orgulhosa águia que, do fecho do tecto, as represava pela extremidade escamosa da espinha dorsal.

O conde de S. Vicente, depois que friamente aí passou por tudo, virando-se para o caseiro, e apontando para um dos quartos, vedados pelo reposteiro, disse:

– É preciso que este quarto se desocupe; que o altar da casa da renda seja para ali mudado, e que o abade de Vilamarim venha aí, amanhã dizer uma missa.

Dito isto, que realmente é misterioso, o conde saiu, o castelo adormeceu com as suas quatro luzes, como o féretro alumiado pelo oscilar funéreo dos círios, e depois aquele homem misterioso, mudo e severo como a alma penada que passa, entrou na casa da renda, abriu mansamente a porta da câmara de D. Inês, escutou-lhe a respiração, viu que dormia profundamente, limpou-lhe as bagas de suor que lhe borbulhavam da face, e sentou-se à cabeceira do leito com os olhos fitos no anjo, que dormia no regaço da virgindade.

CAPÍTULO XIV

Dizem-se coisas interessantes, como por exemplo o encontro de Pedro da Veiga com três falansterianos intempestivos, e outras muitas coisas que se não dizem aqui por causa da surpresa

Dissipados os primeiros fumos de fidalguia no estado de fervura, Pedro da Veiga era mancebo razoável, discreto, e reflectido. Defenda-nos Deus que o brioso infanção, de alma galhardamente endurecida a conselhos paternais e mal-ferido em seu pundonor por cavaleiro de ruins manhas, viesse a demandar o roubador de sua irmã, como quem, à ponta de espada, e repto a todo o trance, busca de insofridas vilanias desafrontar-se! Oh! a que meia dúzia de clássicas cutiladas não teria o leitor de piedosamente assistir!

Ou porque a metafísica dos grandes bríos nada fosse por esses tempos, ou porque o autor do manuscrito, que lealmente anotamos, era homem pacato nestes assomos de pancadaria, o certo é que aí está o romance, mais de meio do seu primeiro volume, sem nos falar de uma tremenda sova de pau, como é de uso lá por cima; ou de duas punhaladas, em noite de cerração, atraçoadas no medonho de sombria viela; ou, ao menos, e para maior realce do copista, se, no embrulho destas ensossas filosofias, tivéssemos uma vista de cárcere, com o seu preso pálido e arrepiado, afora a bilha de água e as palhas e o carcereiro de vesga olhadura, e depois... (isto era bonito!) um encapotado a surdir de um alçapão com uma lâmpada de furta-fogo e uns bigodes tiranos, e aquele homem tétrico bater no ombro do preso, que treme nas suas carnes maceradas, e este, que reconhece o seu rival, gritar *inferno! maldição!*... e rir, e rir, e rir de um riso enfurecido e vibrado de todo o rancor das suas entranhas, e... finalmente, fechar assim o capítulo, para começar o outro por: *Era alta noite!*... Isto é que era romance, palavra de honra!

Já agora, condenado o manuscrito de insuficiente, e salva a minha reputação literária pelo muito que isto me pesa, sigamos resignadamente a história até onde, mais vizinha da actualidade, e independente do gelado formulário do viver no século XVII – possa ela desafrontadamente barafustar por palácios e lupanares, cárceres e cadafalsos, tudo com uma linguagem que nos fale ao coração, e faça verter lágrimas de edificante moral aos nossos pequenos.

A história continua:

A fuga de D. Inês da Veiga deu que falar em Vila Real; mas na critica da vinda imprevista, e rápida saída do irmão, estafaram-se os mais robustos pulmões de soalheiro.

Pedro da Veiga, que uma hora apenas se demorara na casa paterna, descia vagarosamente a encosta de Almudena, que, por esses dias, à excepção de um escabroso caminho de carro, era coberta de urzes, sargaços, e fraguras. Esta notícia topográfica, parecida com uma frioleira, não é o que parece. A critica é diabólica. Se me contestassem por inverosímil o advérbio *vagarosamente*, que aduzi à descida do cavaleiro, em trio apressada comissão, iria eu à Câmara Municipal de Vila Real extrair actas comprovativas da péssima estrada que Veiga descia, parajustific à-lo da sua fleuma, ou do meu contra-senso.

A história continua:

Nas raízes da montanha, Pedro da Veiga esporeou açodadamente o seu ginete. Por detrás das agulhas pardacentas do Monte de Ordens levantava-se o lindo sol de Fevereiro com a face desassomburada de nuvens. Quem tão sereno o visse no seu trono de fragas, assim radioso de vida por aquelas veigas açoutadas e varridas da sua

vegetação, diria que o SENHOR das tormentas quisera, em vinte e quatro horas, ostentar-se na sua grandeza de aniquilação, e na sua exclusiva soberania de Criador. O brilho do Sol depois do clarão do raio, a ervinha a cintilar no prado sob uma réstia de luz, e o ruidoso baquear do carvalho da encosta arqueado pelo furacão indomável da tempestade, estes são os contrastes da onipotência do Eterno.

Ao longo das amuradas de serrania agreste, por entre aquelas várzeas refulgentes em seus glóbulos de chuva, relinchava o fogoso ginete de Pedro da Veiga, corcovando-se em reforçados galões, quando, atufado em lamaçais, as esporas do cavaleiro impaciente lhe picavam os ilhais. O castelo dos Távoras, na aldeia de Lordelo, ficava à direita do viageiro, que mui longe levava seus pensamentos para; por eles adivinhar o que ali, àquelas horas, se passava no interior daquele severo e calado monumento de pedras enegrecidas. Ao sopé da povoação chamada a Vila de Mondrões, Pedro da Veiga sofreu as rédeas do cavalo, vendo-se cortado pela corrente caudalosa, que livremente coleava, como empavonando-se de arrancar pelos alicerces o robusto pontilhão que durante um século o dominara. Não era tão enérgico o íntimo estímulo, que levava o nosso fidalgo às margens daquela torrente sem passagem, como, horas antes, outro estímulo impelira sua irmã ao vau daquele mesmo rio. Pedro da Veiga parou e reflectiu. A não se arriscar às incertezas da natação, o melhor, se não o único dos recursos, era voltar no mesmo trilho, cortar a estrada para o castelo dos Távoras, atravessar aí nas poldras com o cavalo à rédea, e costear os desfiladeiros de Penelas, até deparar as vastas campinas da Campeã, dominadas pelos cabeços nevados do Marão.

Nestes planos, em que o fleumático Pedro da Veiga pesou seriamente as suas comodidades, vierem-no distrair três homens, que ao mesmo tempo estacaram diante do rio invadiável. O seu trajar era uniforme. Fardas compridas, e carcelas orladas de vivos azuis e verdes, chapéus de sola e aba larga com estrela vermelha a um lado, gola e canhões da cor das divisas, calção amarelo de camurça, e bota de bezerro cru, fendido externamente entre dois broches de metal; esta era a libré do conde de S. Vicente, e estes os lacaios do mesmo senhor.

Pedro da Veiga, pouco sabedor de librés, não atinou com o senhorio daquela gente, mas protestou não sair dali sem conhecê-lo.

– Então querem também passar para além? – perguntou o Veiga com esta curiosidade de quem quer armar ao conhecimento.

– E verdade que sim, senhor, mas parece-me que desta vez não vamos lá... – respondeu o mais velho dos três, que por sinal se chamava Gervásio Pires.

– O remédio que temos – continuou o fidalgo – é ir às poldras de Lordelo...

– Isso era bom... de lá vimos nós, mas levam mais de três palmos de água.

– Se houver homem que lá passe – acrescentou o Caetano Alves –, eu ponho aí já de aposta um cruzado contra um tostão... E então, ainda que eu seja confiado, V. Ex^a vai para a estrada do Porto?

– Vou; e vocês vão também?

– Nada – respondeu Gervásio como o mais autorizado –, nós vamos cá noutro caminho mais perto... V. Ex^a já vem de longe?

A esta pergunta Pedro da Veiga demorou-se na resposta. Não é milagre nenhum que tais homens assim vestidos, e caminheiros de sítios próximos, lhe fizessem, além da impressão da curiosidade, a da suspeita mais ou menos relacionada com o conde de S. Vicente. Antes, pois, de responder, perguntou o Veiga:

– Ora digam-me: a quem pertencem vocês com esse fardamento, que me não parece provinciano?

– Nós – redarguiu Gervásio Pires –, nós pertencemos a nosso amo, que é um fidalgo tão conhecido na terra de Portugal, como o grão-turco nas Europas.

– Apre! vosso amo deve ser coisa que não cabe cá nestas províncias do Norte!... Ele é homem que anda cá na Terra como os outros?

– Anda na terra, e na água, quando é preciso, meu fidalgo.

– Quem lhe disse que eu era fidalgo?

– Diz-mo esse capote de pelicas com broches de prata, e essas botas de bezerro lavrado com esporas douradas. Enquanto à espada, muitos a trazem por aí na bainha como cacifro de enfeites de mulher...

– Isso é que é falar às direitas... mas o pior é não podermos passar... Vós sois de longe, ou ides para perto?

– Vamos para perto... se pudermos iremos aí para...

A não ser uma cotovelada do sisudo Gervásio Pires, é natural que o ingénuo Caetano Alves acabasse o recado.

– Então não deixas falar o teu companheiro?

Esta reflexão de Pedro da Veiga ao acotovelar do mais velho vinha muito ferida de suspeitas. Desde logo a irritabilidade do mancebo espinhava-se em ares severos com aquela gente, muito vil para ser misteriosa.

– De quem sois lacaios? – interrogou Pedro da Veiga imperiosamente.

– Somos *lacaio*s, sim, senhor, não nos envergonhamos disso, Sr. Cavaleiro.

– Vamos – replicou iradamente o mancebo –, quem é o vosso dono?

– Somos criados do Sr. Conde de S. Vicente – respondeu Gervásio.

– Onde está o conde de S. Vicente? – replicou Pedro da Veiga, contrafazendo-se nos assomos coléricos que um tal nome lhe aferventara lá dentro.

– Não sabemos: nem podemos responder a mais nenhuma pergunta.

– Não podeis responder?

– Não, senhor.

– E se eu vos mandar conduzir às cadeias de Vila Real?

– Iremos... – respondeu o João Lisboa, que até então estivera mudo. – Iremos, lá se quiser... mas chame três ou quatro como o senhor.

A vontade do nosso fidalgo era atirar o cavalo para cima daquela gente; isso era; mas o juízo prudencial, a experiência, e tudo que quiserem, menos o temor, contiveram-no, e demais a mais mascararam-no de uma certa jovialidade e prazenteria, que os lacaios entenderam mal. Dos três, o que mais brutalmente ajuizou da placidez risonha de Pedro da Veiga foi o tal João Lisboa, cujas fumaças de valente, garantidas por alguma facada em rixa de boleiros, autorizavam-no a insultar e bater, sendo necessário meia dúzia de lambadas nas costas franzinas do fidalgo. Esta persuasão não é muito boa coisa nos conceitos do animal feroz e estúpido chamado boleiro. Mau é que esse alvar elemento da escala moral, anel entreposto ao, arreeiro e ao aguazil, se convença da grandeza relativa do seu instinto, sempre cervical e nauseabundo! Alma, que aliás a tem, e não lho questionam os *reformadores*, converte-se em demónio inflamado, se fatalmente as peias do terror lhe estalam no seu estrebuchar de tigre. Há dessas feras com abundância neste nosso sertão, onde a filantropia de alguém forceja em domesticá-las, com a teoria da igualdade e fraternidade, como se meia dúzia de javalis, metidos fraternalmente numa gaiola, pudessem conciliar-se com estes domadores de feras.

Já se disse que Pedro da Veiga não estremecia das iras asselvajadas do João Lisboa. Ver, viu ele como na grosseria daquela cara material assomava o torcer dos olhos, e o carregar da sobrançelha, que realmente são coisas de aterrar nesses aspectos ferozes no contentamento e na dor.

– Então, amigos... – disse Pedro da Veiga – vós deixastes ir os vossos amos por essa estrada sozinhos?

– Os nossos amos! – replicou em ar de escárnio o João Lisboa – Nossos!... –

repetiu, soltando uma gargalhada ridícula e sarcástica – Os nossos amos!... por ora não temos senão um...

– É verdade – confirmaram os outros–, cá por estes penhascos endiabrados só temos um, e tomáramo-lo nós daqui para fora, senão cá morreremos de frio nesta terra de broeiros e tamanqueiros.

Pedro da Veiga, cujos olhos principiavam a fuzilar, continuou:

– Mas disseram-me que o vosso amo levava para Lisboa a que há-de ser sua esposa...

– Isso lá veremos... senhor passageiro. O nosso amo costuma fazer dois ou três casamentos destes em cada ano...

– Que queres tu dizer com isso, miserável!?

Este interrogar cheio de desprezo, indignação e cólera fez trepidar o laçai. Depois a mão direita de Pedro da Veiga, travada no punho da espada, e o salto improvisado do cavalo para o lugar dos três, que mais velozmente se afastaram, foi acção de mais para que os vilões formassem, no seu bestunto uma ou outra ideia do adestrado cavaleiro.

– Que queres tu dizer, miserável? – repetiu Pedro da Veiga, como quem mal pode suster o golpe que, depois de uma resposta, deve desafrontar o injuriado.

– Tenha lá mão, Sr. Fidalgo! – respondeu Gervásio Pires – nós não sabemos com quem falamos...

– Responde, bruto, onde está teu amo?

– Saberá V. Ex^a...

Esta humilhada resposta, espécie do último arranco daquele feroz orgulho popular, foi mal pronunciada, já quando a espada do irmão de Inês parecia ensaiar-se para o primeiro golpe. Os laçaios olhavam-se mutuamente, como se cada um quisesse conferir aos outros a glória de responder, e a primazia de uma cutilada.

– Respondes, selvagem? – tornou Pedro da Veiga, esporeando outra vez o cavalo para o reduto que subitamente os parvos desamparavam.

– O Sr. Conde de S. Vicente está no seu castelo de Lordelo – respondeu Gervásio, que diz o manuscrito ser de todos o mais tolo, o mais covarde e o mais prudente.

– E uma mulher que ele trouxe fugida?

– Também lá está, creio eu, senhor...

– Olá! Todos adiante de mim até esse castelo... Ao primeiro que sair da estrada disparo-lhe uma clavina nas costas...

– Mas saberá V. Ex^a que se não pode passar nas poldras...

– Adiante, canalha! O primeiro que ousar fazer-me reflexões, parto-lhe o crânio em pedaços...

Viva o povo soberano! Eles aí vão, os répteis esmagados na cabeça, mansos como borregos, a tremerem do chouto do cavalo que os força a caminhar mais lestos do que vieram!

Mas o João Lisboa tinha más entranhas, e imaginava alguma das suas. Pelo que ele fez não é fácil conhecer-lhe as tenções. O caso é que por uma azinhaga estreita e resvaladiça o tal herói de taverna, como quem se desvia por melhor trilho, ficara um pouco atrás do cavaleiro. Pedro da Veiga, profundamente atribulado pela visão de cenas que se lhe antepunham, foi estranho àquele passo traiçoeiro do laçai. Este, quando mais oportuno o ensejo lhe pareceu, galgou o socalco de uma tapada, pareceu baixar-se por uma pedra, fez a postura de arremessá-la, e sentiu falecer-lhe o braço no mais interessante do movimento, porque uma bala, quase à queima-roupa, lhe cortara os tendões do ombro. Justamente o porco-montês depois de ferido, João Lisboa saltava por entre aquelas estevas e matos, coisa prodigiosa de ver-se; pelas bandeirolas de variadas

cores que a sua libré deixava nos espinhos das sarças e tojais. Os dois, faça-se-lhes justiça, não se mexeram, nem sequer lamentaram a sorte do seu companheiro. Com a mesma presença de espírito, Pedro da Veiga foi indo o seu caminho, e mostrando a seus passavantes a estrada que tinham a seguir.

Iremos ver o João Lisboa, correr, correr, até, naturalmente, cair de esfalfado, e exangue nalgum barrocal. Bem longe disso. O homem tinha boa carnadura: por efeito da equidade providencial, sobrava-lhe de robusta matéria o que lhe minguava de espírito. Seria vaidade querer mostrar por isso que alguns homens nascem para o cortejo da estupidez, com os seus braços musculares, rijos e tersos. Estes é uma loucura social mandá-los às universidades, quando a agricultura e o comércio exigem pulsos para uma enxada, e espáduas robustas para uma alfândega.

João Lisboa era um ente pensante.

«Este fidalgo, que me deu para baixo (disse ele lá consigo mesmo) é um rival de meu amo; e meu amo não é mais homem que ele. Se eu não for adiante avisar o Sr. Conde, e alarmar os labregos da aldeia, este malvado é capaz de ir dar com a boca de meu amo na botija, e alguma sova lhe dá, como, pelos modos, costumam dar estes cabreiros da província. Eu, por mim só, não posso dizer-lhe: "Tenha lá mão! se dá um passo, aleijo-o!"; e os meus companheiros é gente com que se não conta, covardes como o diabo que os leve! Devo, portanto, chegar primeiro que eles a Lordelo. E demais, eu tenho o braço direito esburacado; se arrefeço, não sou capaz de me mexer... Mau raio parta o caminho, que é de cobras e lagartos... Animo! meu João Lisboa, que deste com o teu homem...»

Não há dúvida: era um ente racional, e tais eram os pensamentos que ele cogitava caminhando pelos alagares e ribanceiras da margem esquerda do regato. Chegando às poldras, atalhara um quarto de légua, muito a salvo das iras de Pedro da Veiga, que, segundo ele confessa, não era homem para brincadeiras. O ferimento não lhe estorvava o bracejar: o sangue colérico e alvoroçado readquirira a sua ordinária temperatura.

A cheia do regato diminuía quantos palmos de água lhe emprestara a tempestade. A passagem nas poldras era livre de perigo para João Lisboa, que as transpôs com ligeireza e felicidade. Do cabeço da encosta, coroado pelo castelo dos Távoras, o lacaio, abatido e alquebrado de cansaço, olhou para os montes de além, e viu Pedro da Veiga, marchando solenemente na retaguarda dos seus pobres companheiros. A sua vontade foi berrar-lhe para lá uns epítetos frisantes, que ele sabia, mas, muito mais que à ofensa moral, doíam-lhe os músculos e ligamentos do braço. Chegando ao quinteiro da casa da renda, João Lisboa sentiu-se estonteado por calefrios e agonias. A ferida principiava a aterrá-lo. A dor física é a que faz trepidar os homens daquela têmpera; por ela .é que o lacaio do bonde de S. Vicente se deu mais consideração no seu curativo que nos interesses amorosos de seu amo. A Sr^a Benta do João, que não sabia das aventuras do moço, matou-lhe a sede com um púcaro de aguardente, que, segundo ela, provava a preceito em catarros e constipações. João Lisboa, de uma vez, armazenou tanta aguardente, que o resultado foi dar-lhe na fraqueza, como acertadamente disse a Tia Benta, a ponto de o estender em terra, sem acordo, nem distúrbios de embriaguez.

A mulher estava realmente atrigada com aquele tombar silencioso e assustador! Não valeram borrifos de água, nem fumos de alecrim, nem esfregações de carqueja nas solas dos pés. João Lisboa era o bêbedo no sublime do seu estoicismo! Impassível, carrancudo, e entorpecido, de vez em quando sussurrava um destes arrotos ácidos e odorosos como a explosão da fervura a saltar da torneira de um alambique.

– Esse homem está bêbedo... é o que ele está... – disse o Tio João da Benta, com entonação de ciência e certeza.

– Parece-me que não dizes mal, João – respondeu a Tia Benta –, vamos nós despi-

lo e agasalhá-lo?

– Deixa-te disso: calor tem ele de sobra; deixa-o dormir as vinte e quatro horas da lei, e ele que se dispa depois à sua vontade...

– O homem!... isto era uma caridade... e não vês que ele é criado do Sr. Conde?!

– Seja ele o Diabo, que o leve, e mais o amo. Eu sei cá desapertar essas aldrabas que ele aí traz nas pernas!... E sabes tu que mais, mulher?

– Diz, homem...

– O fidalgo não veio cá fazer boas obras...

– Então? ele, pelos modos, veio casar com a fidalga dos Veigas...

– Eu sei cá se ele... Enfim, isto não me cheira!... Olha lá esse diabo como ressona!... É a minha aguardente a fazer dez graus...

– Deixa lá o homem...

– Olha lá, João... não vês aqui por entre o souto um cavaleiro e dois homens a pé?

– Pudera não!... e queres tu ver que são os outros dois lacaios do amo?...

– E olha que são... Mas quem é o homem que lá vem?... parece fidalgo, assim me Deus salve!

Efectivamente chegava Pedro da Veiga.

Não era já o homem de paz que víamos abraçar seu pai três horas antes. Comissário de uma vingança, inflamada pelo estúpido motejo de um lacaios, o jovem irmão de Inês exprimia nas contracções do rosto incendiado a febre da desafronta que lá dentro o queimava. Nem sua irmã, nem o traidor, nem mesmo o seu velho pai, teriam a esperar misericórdia, amor, ou sujeição àquele que ali ia vingar uma geração de pura fidalguia – geração *inteira*, porque as últimas nódoas são sempre as primeiras.

CAPÍTULO XV

**Os mistérios do castelo de D. Chama,
e os de um abade misteriosíssimo**

Temos de entrar no quarto de D. Inês, onde a deixámos em sono de sobressaltos, vigiada pelo seu carinhoso conde.

Seria falta de franqueza tornar misteriosa essa noite, que, sem ofensa das mães de família, pode ser historiada até ao nascer do Sol, sem o subsídio de reticências, e engenhosos subterfúgios.

Távora contemplava um anjo. Assoberbava-se de ser o homem para quem descera do Céu a mulher que ali dormia, às vezes serena como a virgem no regaço maternal, outras vezes convulsa como a virgem beijada, em sonhos de amor, por um desses beijos fantásticos, que filtram ao coração o calor de certa chama, que a donzela, se o for, não saberá dizer o que é... e eu, sabendo-o, não o diria.

D. Inês, na tão linda agitação do seu sonhar febril, expunha aos olhos de um amante sequioso as mimosas molduras de seus braços. Como se o anjo da guarda lhe protegesse o pudor dos seios, a orla rendada do lençol, menos alvo que eles, enredara-se-lhe nas . tranças desgrenhadas e soltas em roscas voluptuosas.

Távora, eléctrico nos olhos, nos lábios e na imaginação, aspirava naquela atmosfera inebriante as partículas subtis de um éter que lhe vibrava espírito e corpo com estremecimentos vertiginosos, e cálidos de ansiedade.

E tudo isto era incendiário; mas o conde de S. Vicente respeitava o sagrado penhor da sua confiança como o avarento que não ousa tocar num tesouro que ali tem, certo, seu e indisputável.

Às vezes, quando a febricitante repelia de sobre o peito rociado pelo suor a franja diáfana do lençol, Távora, sofrendo a respiração convulsiva, aconchegava-lhe do pescoço o lençol com tanto carinho, com tão mimosa subtileza, que, nesse estremecido cuidado, revelariam anjos toda a sua ternura pelo Criador, se, numa hora de repouso, lhes fosse confiada a sua segurança.

D. Inês da Veiga estava enferma: o cansaço de per si não fora bastante para aquele dormir, se assim pode chamar-se à luta do espírito com o torpor dos sentidos.

Sobre a madrugada, as faces da futura condessa de S. Vicente eram de fogo. O pulso arfava-lhe pulsações desordenadas. O coração elevava e abatia no seu arquejar o cetim vermelho da coberta, que tanto se alindava naquelas molduras de jaspe.

O conde temeu, e, querendo animar-se de um olhar da sua enferma, chamou-a com uma voz de maviosa intimidade, com certo receio, pejo, affecto, ou tenor, que tudo pode chamar-se a esse místico sentir que obriga o homem ao sofrimento surdo, para se não matar na esperança, interrogando um futuro incerto.

– E poderá ela responder-me? – dizia o conde na sua secreta atribulação. – E se me não responde... terei eu presença de espírito para esperar o conforto de Deus! Mas ela respira... Agita-se-lhe neste seio uma vida tumultuosa... Ressalta nestas faces o sangue ardente de uma infância robusta... Se esta febre lhe consumisse as forças... Se logo, no abrir amortecido destes olhos, brilhasse a lágrima do desalento mortal... Não!... isto seria um capricho atroz... meu Deus! eu peço o vosso amor para este anjo, que mais me avizinhou da vossa onnipotência... É uma vida imaculada, que a sociedade perversa manchada, se antes de ligar-se à minha voasse ao seio do Criador!

Estas doridas súplicas, que mais vezes se fazem do que se escrevem em romances, suspendeu-as um gemido de D. Inês. Távora, quase pousando o ouvido esquerdo sobre

os lábios dela, quis despertá-la, agitá-la, mas, não sei porque magia de reverente pudor, a mão trémula não ousou ainda.

– Inês! – murmurou o conde.

Nem um movimento em resposta.

Depois, ouvira ele umas palavras soltas, e indefiníveis: começava o delírio. Um espírito livre e inocente ia agitar os lábios da virgem, onde a mentira e o orgulho poderiam ter falado uma vez, O conde, com a face encostada sobre a mão direita, e segurando com a esquerda a coberta, tantas vezes repelida, esperou, ansiou, até que enfim ouviu o febril. tumultuar daquela alma inquieta e adejante num cárcere de fogo.

– Deus não quer este amor... Tu tens alguma grande restituição que fazer... Toda esta gente se conspira contra nós... Estou amaldiçoada... Este castelo é negro como o meu túmulo...

Não sabemos pintar as torturas recônditas, sem um grito, sem uma lágrima, no coração do homem. Távora sofria as cruezas da sua dor, e os prejuízos do seu século. Era com ele aquele falar... – *Tu tens alguma grande restituição a fazer.* Teria? A sociedade, a corte, e os seus inimigos não o condenavam por ela. O próprio manuscrito fez-nos já conceituar lisonjeiramente o amante de D. Inês... Tudo parecia abonar-lhe virtudes nos fastos impudentes da corte do seu rei, O que João Lisboa dissera a Pedro da Veiga: «*Meu amo faz destes casamentos dois cada ano*» deve eliminar-se da muito circunspecta história que vamos anotando.

D. Inês, depois de alguns minutos e tremores, delirou ainda:

– Se o altar do nosso juramento... fosse a cruz do túmulo de nós ambos!... Sou tão nova para morrer! Eu queria viver muito para amar-te muito tempo... Que frio! que estrada tão má... Que gelo!... conde!...

– Inês... estou aqui... ouves-me?

As circunstâncias eram já outras. Távora precisava convencer-se de que tudo aquilo era mentira, e delírio. Para o seu fim ninguém dirá que o processo que ele adoptou seria o mais lógico, mas, bem ou mal, o conde, entendendo que devia despertar Inês, agitou-a com todo o melindre; elevou-lhe um pouco a cabeça sobre o seu braço esquerdo, chamou-a com muita brandura, com muito amor; e vendo alfin a mudez daqueles lábios, apenas trémulos de uma crispação nervosa, Távora, por um desses nobres desvarios de amante, colou um beijo compressivo e abrasado...

Um beijo!...

Serenai, respeitáveis mães de família! D. Inês da Veiga estremeceu... abriu os seus grandes olhos... sorriu, e pareceu agradecer aquele beijo...

Naquele singelo sorrir da linda enferma estava uma dessas grandes paixões que dão assunto para trinta páginas. Não é de hoje esta espécie de taquigrafia amorosa aplicada, nos olhos e no sorriso, à revelação de imensas sensações. Quanto mais longe de nós, mais afinado o sentimento, menos astuciosa a linguagem, e mais necessária a expressão muda nos olhos baixos, ou nos castos sorrisos de uma donzela do século passado.

O conde também sorriu, o que é muito natural. Pareceu-lhe que ia ser arguido da sua muita liberdade, ali, a sós com aquela virgem submissa à sua briosa protecção. Há destas presunções nos homens que muito amam, ilusórias quase sempre, porque enfim é domínio da muita experiência a ingrata opinião em que são tidos os grandes espiritualistas do amor.

Não chamem a isto *cinismo*.

Numa estação analítica e material como esta vai em autópsia de sentimentos, uma ou outra verdade, escrita com discrição e sisudez, deve ser bem-vinda, se ela tiver as molduras da consciência universal. Consulte-se cada um, depois de transfigurar-se em

conde de S. Vicente. Debruce-se sobre o leito de uma donosíssima mulher, no desalinho da febre buliçosa, ou ainda na inquietação de virgem, que se cansa instintivamente em vedar os seus primores de beleza, cuja fascinação ela mal compreende. Se essa for a mulher amada com paixão, é guardada, com a santidade do respeito, pela atonia moral em que resfriam os enérgicos estímulos do homem.

Que será? É o que o conde de S. Vicente perguntara à sua inacção, depois que D. Inês, acordada por um beijo, parecia interrogá-lo pelos compromissos de um juramento. Qual este juramento fosse, adivinha-o o leitor, contanto que uma vez na vida escrevesse uma apaixonada carta de namoro, com este trivialíssimo remate: «*Eu prometo, debaixo da minha palavra de cavalheiro, manter seguro e desafrontado O vosso pudor. Depois deste sacrossanto protesto, seria cruelíssima de ingratidão uma recusa vossa em conceder-me o uso de uma chave falsa, que, para maior prova do muito que por vós me abraso, acabo de mandar fazer.*»

O leitor está torturado com esta profusão de graça. Não há nada mais importuno que a demora do relatório de uma cena tão bonita, como é uma menina acordada por um beijo ficar sorrindo e olhando carinhosamente para o que a beijou!

– Sentes-te melhor, Inês? – É mais uma dessas perguntas sinceras clínicas, que todo e qualquer amante dirige ternamente à sua querida, no estado patológico.

– E tu?... estás aqui há muito tempo?... – replicou D. Inês com indecifrável admiração e susto.

– Há duas horas...

– Há duas horas? Então é dia já?...

– Sim, é dia... São sete horas... Dormiste duas horas e meia, não é assim?

– E tu?

– Eu fui ao castelo... Fiz preparar o teu quarto, e o nosso... altar.

– Altar! para a missa?!

– Sim, e para a sagração deste nosso amor, desta nossa fuga... Não querias casar tão cedo, Inês?

– Conde!... – respondeu Inês, transportada de júbilo – eu não sabia que era aqui, e tão cedo... hoje mesmo...

– E para toda a vida, anjo da minha alma... Mandeí chamar o abade de Vilamarim...

– Ah! não, não... – interrompeu D. Inês com estranho sobressalto.

– Porquê? donde vem essa tua agitação?

– Esse padre é... conde, não me obrigues a dizê-lo... Chama outro padre, outro, meu querido, esse homem é nosso inimigo...

– Inimigo!... e isso que importa?

– Importa muito...

– Está bom... Poderei ceder a esse tenor pânico, mas quero saber que misteriosas ligações... Sim, Inês... disseste-me *esse homem é... quem é esse padre?*

– Porque não hei-de eu dizer-to, se tu vens a sabê-lo? É um filho bastardo de meu pai... é um homem que nos odeia, a mim, e a meu irmão, por termos nascido de uma outra mãe... Vês, conde, se este meu terror é pânico?!...

– E muito! É uma obrigação imposta pela Igreja, a que ele tem de cumprir.

– Oh! tu não sabes como esse padre é mau... Dizem que ele amaldiçoara meu pai, entre a hóstia e o cálix!

D. Inês dissera isto como quem revela o segredo de uma conjuração sanguinária! Távora estremeceu involuntariamente. Pragas rogadas no momento solene da sagração da hóstia tinham para nossos avós um cunho de realização cruel e irrevogável. Os menos lidos, como o conde de S. Vicente, afrontariam mais depressa vinte dos

espanhóis que vieram a Badajoz, que um só cura da aldeia, fulminando anátemas propinados entre a hóstia e o cálix. Demais, a visagem aterrada e sibilina, de que D. Inês acompanhara a infernal revelação, assombrara o espírito religioso do conde, a ponto de afeminá-lo até às previsões fanáticas, que, a seu pesar, o estavam atemorizando.

– Eu bem te dizia, conde... Tu não querias crer...

– O quê, Inês?! É impossível que Deus acolha essa maldição do filho ao pai... Onde estão os sinais visíveis da cólera de Deus sobre a tua... a nossa família!?

– Começarão agora... quem sabe?...

– Pois bem... já agora, que o mandei chamar, deixá-lo vir... Se ele souber que este casamento se faz contra a vontade de teu pai, mais depressa nos unirá, supondo que assim se vingá...

– Ah!... isso é verdade... Lembraste muito bem... cuidará que assim se vingá, não é verdade?

– É... e verás como ele folga de achar uma ocasião de contrariar a vontade de teu pai...

– Se tu soubesses o medo que os fregueses lhe têm!... Diz-se tanta coisa má deste padre!... Deixá-lo!... não é assim? Não vês que estou boa... sem febre... e tão contente?!...

– Somos muito felizes, não é assim?

– Decerto... Tu não adivinhas nada, pois não, conde?

– Que hei-de eu adivinhar, condessa?... Estás sempre a ver ao longe...

– Não, agora só te vejo a ti... – dizia ela, passando-lhe a mão pequenina por entre os cabelos que lhe ondeavam nos ombros.

– Há quantos dias não empoaste o teu cabelo, meu Távora?... Hás-de hoje vestir de festa, não é assim?!

– E tu, também?

– Eu não tenho quê... Vou casar-me com o meu vestido molhado... Não importa... pois não? Tu gostas de ver-me vestida à moda da província?

A inocência com que D. Inês dissera isto desculpa o terceiro ou quarto beijo do conde neste quase pueril diálogo. Foi bem recebido, como um beijo de fogo matrimonialmente lícito. Era um furto perdoável, como o de um filho que tira da gaveta de seu pai uma moeda, que ele incontestavelmente, e sem prejuízo de terceiro, viria a herdar no dia-óbito³. Estas concessões avulsas estão quase constituídas em prólogo de casamento. É o anel das eras passadas.

Era muito dia. Bem sabia o conde que D. Inês, espiritualizada pela próxima realidade de suas esperanças, ou, menos provável, restabelecida da enfermidade que, um pouco antes, fizera crise, de boa mente se vestiria para passar ao castelo. Era preciso que ele se ausentasse, intimando-a docemente que se vestisse. São estas mui necessárias explicações, que devem ser tomadas em conta de medidas preventivas contra reflexões de críticos, como os eu conheço, capazes de se enroscarem num romance até que o pobre se desfaça em razões de etiqueta e pudicícia, acerca de uma donzela que se vestiu diante do seu apaixonado. É justo, é justo, e não serei eu o último a dar a razão do meu dito, em questões de decência, todas as vezes que ela me seja pedida, em nome da moralidade pública e decoro nacional.

Como reza o manuscrito, a Tia Benta do João teve a distinta honra de ser a cuvilheira, aia, ou criada grave, como hoje se diz com muita gravidade, da nossa desposada. A boa da velha sentiu amargamente não ter espelho, quando a fidalga lho pediu. Em compensação, ofereceu-lhe um borrifador muito luzidio, onde a cara do Sr.

³ Assim na 1ª edição.

João, seu marido, se retratava semanalmente no aperfeiçoamento das suas barbas honradas.

– Está tão coadinha!... – dizia a velha, beijando-lhe a mão com fervoroso respeito – benza-a Deus, que tão casadoira está, por muitos anos e bons...

Não consultamos Bluteau sobre a genuína significação do adjectivo *coadinha*. É uma palavra que nos retrata a fisionomia de D. Inês. As faces pálidas, languentes, e amortecidas, chamam-se *coadas* na linguagem do povo das aldeias do Norte. A expressão é tão difícil de dissecar-se por derivação, como é problemático o colorido de Miguel Ângelo.

Manuel de Távora estava impaciente. Parecia inquietá-lo o receio de lhe não vingarem as esperanças de marido, por alguma contrariedade repentina. Tímido e sobressaltado, bem se via que ele sofria na consciência os temores de quem se desviara um pouco da praxe matrimonial, transgredindo assim o austero ritual dos casamentos aristocratas.

D. Inês da Veiga ataviou-se das poucas alfaias que trouxera. O rosto dela era toda a opulência de uma esposada. Descorada, atenuada e amortecida, ainda assim, tão linda estava, no parecer do autor do manuscrito, que *sem requebros nem louçainhas era como a face do Sol que menos cortejado, em seu nascer de douradas nuvens, mais formoso em seu subir de ardentes raios*. Muito bem se explicava aquele bom homem do manuscrito!

A Tia Benta do João disse à boca cheia que D. Inês, a respeito de boniteza, era o que ela tinha visto. Seu homem, que não era espantadiço, nem mesmo se lhe dava da pouca ou muita simetria das caras alheias, deixou falar a consciência por esta vez com toda a sua poesia selvagem:

– Ó Benta!... olha que ela sempre é fêmea de uma vez! O amo, se casa com ela, pode dizer que leva a melhor *verónica* destes arredores!...

– E é... Tem uma pele de rosto que parece de cera; e os dentes tão pequeninos e tão alvos, que é uma coisa por de mais... Olha como ela vai contente com o noivo... e como anda depressa com aqueles pezinhos tão mimosos pela estrada... Eles vão-se casar ao castelo, não vão?

– Pelos modos, acho que sim... Eu já fui chamar o Sr. Abade de Vilamarim, que a falar a verdade... não sei, mas...

– Diz, homem...

– Parece-me que não é lá dos mais próprios para este arranjo...

– Para se casarem?

– Sim, mulher... Eu não quero dizer nada, mas não há muito que ele me perguntou se o fidalgo ia muito a casa do Sr. D. Cristóvão da Veiga; e vai eu respondi que sim, e ele riu-se assim a modo de escárnio; e eu disse-lhe: – *Então o Sr. Reverendo Abade porque pergunta isso?* – e ele pôs-se a esfregar as mãos, e a dizer *abissus, abissu voca...*

– E que quer dizer isso?

– Eu sei-te cá... é latim, ou coisa que o valha... Já perguntei ao Frei Julião de S. Francisco o que queriam dizer estas palavras, e ele pôs-se a rir, e mandou-me cortar a lâ aos carneiros... E vai depois, eu tanto repisei nos tais latinórios, que lhe disse o que tinha passado com o Sr. Abade... Enfim, mulher, eu não sei o que isto quer dizer; mas Frei Julião, depois que lhe falei no Sr. Abade, deitou a cabeça nas canas dos braços, e esteve, esteve, esteve a cismar até que me mandou embora como quem queria ficar só...

A Sr^a Benta ia aduzir mui pensadas reflexões, quando o abade de Vilamarim entrava no quinteiro com a sua mula.

– Guarde-os Deus – saudou o padre, apeando com a destreza de um robusto moço de vinte e seis anos.

– Deus Nosso Senhor o salve, Sr. Reverendo Abade... O fidalgo lá está já para o castelo...

– Com a noiva... – acrescentou a mulher do caseiro.

– Com a noiva?! – perguntou o padre com ares de hipócrita inocência. – Quem é a noiva do vosso amo?

A mulher ia responder, quando o marido, acotovelando-a, se adiantou com a resposta:

– Saberá Vossa Reverendíssima que não conhecemos. É uma fidalga bonita como ainda não vi outra, louvado seja Deus...

– Onde é ela? – interpelou o abade, cada vez mais surpreendido.

– Também não sei dizer, porque Vossa Reverendíssima bem sabe que o fidalgo não conta nada à gente *rústega*... Eles para lá estão à espera do Sr. Abade...

A Tia Benta sofreu torturas diabólicas por não poder falar. O que ela queria para descarga da sua língua, em cuja ponta morava a consciência, era pôr para ali tudo que sabia, e ouvir o que lhe faltava.

O abade passou a mão pela testa, comprimiu as pálpebras, esfregando-as desesperadamente, montou a mula, que se entretinha a mastigar uma espiga de milho, oferta da Sr^a Benta, e, sem mais nem menos, choutou a toda apressa pelo caminho do castelo.

– Que te parece?

– Ele não ia bom... – respondeu a Sr^a Benta. – Ó João, sabes que mais... vai até lá ver o que se passa...

– Parece que não dizes mal... sempre me vou até lá...

Iremos nós também.

.....

O padre Carlos da Silva era homem de vinte e seis anos, e de presença tão franca, gentil e desembaraçada, que, por uma singular aberração do clero de província, muito custava a crer que vocações religiosas imperassem tão santamente naquele mancebo de olhos ardentes, faces pálidas, e maneiras profanamente apaixonadas. Elegante nas suas vestes eclesiásticas, apuradíssimo no sapato, fivela, e meia de seda lavrada graciosamente, o abade de Vilamarim, se não era a inveja do clero seu patrício, mais de uma vez arcara vitoriosamente com a crítica monástica e secular dos intérpretes da *constituição do arcebispado*, que piedosamente lhe estranhavam o aprimorado e pecaminoso de seus vaidosos trajés.

Assim vestido e airoso é que o padre Carlos da Silva desmontava da sua mula na barbacã, ou coisa que o parecia, do castelo do conde de S. Vicente. Logo depois, a sineta, cuja toada soturna parecia ter pretensões a campanário de castelo feudal, fez estremecer D. Inês, que, encostada ao parapeito de um balcão, contemplava o grupo cinzento e melancólico das torres de Vila Real.

O conde, espreitando por uma seteira, reconheceu um padre, e esse era decididamente o homem da excomunhão e das pragas terríveis. D. Inês, espreitando também, descorou, e sentiu-a o conde estremecer.

– Inês... isso que é?!...

– Não posso vê-lo sem sofrer... Estou a tremer toda... Não quero estar aqui ao princípio... Fala tu sozinho, e se ele não resistir ao nosso casamento, chama-me então... sim?

Távora, antes de responder, titubeou em estranhas conjecturas. Parecia-lhe tão misterioso este tenor!... cismava tanto nas incongruências de um espírito corajoso com estes medos assim afeminados!...

O abade esperara na sala de espera poucos minutos; todavia, mais de um salto de impaciência, numa cadeira de couro e lâminas de cobre, revelava o seu orgulho ofendido, contra toda a paciência evangélica.

Aparecera o conde.

O padre ergueu-se com altivez e severidade: cumprimentou com uma ligeira curva da espinha dorsal, e sentou-se ao lado do conde, que balbuciava as trivialíssimas expressões de um cortejo afidalgado.

– Convidei, há tempos, o Sr. Abade para assistir a um almoço de amigos e rapazes...

– Creio que por ocasião da sua saída para Lisboa? – interrompeu o padre com um sorriso de péssima bondade.

– Justamente... da minha artificial saída para Lisboa... mas não tive o gosto de possuí-lo em minha casa...

– Era num dia de urgentes obrigações para mim, que sou o pastor deste rebanho disperso, que muito quero levar ao redil da bem-aventurança...

A seriedade seráfica do padre não enganou Manuel de Távora. A prevenção colocara face a face dois homens de má-fé.

– Felizmente – continuou o conde –, deparou-me o acaso a fortuna de conhecê-lo, quando é também religiosa obrigação do seu augusto ministério a que o conduz ao meu castelo...

– Quererá a desventura que V. Ex^a tenha moribundos em casa, a quem eu deva ministrar o Sagrado Viático?

– Não, senhor... É a bênção nupcial...

– Sim!?! Pois é crivei que o nobre senhor de Panóias, Mirandela e Margaride viesse da corte a estas serras eleger a companheira da sua vida?!

– É verdade... encontrei-a linda, virgem e inocente como a sonhara, para a não deparar nos festejos da corte...

– Deveras, Sr. Conde, V. Ex^a casa-se na província de Trás-os-Montes, na comarca de Vila Real, e na freguesia de Nossa Senhora de Vilamarim?! ... Fenómeno!... fenómeno!

– E muito natural, Sr. Abade, quando o coração, ansioso e apaixonado, não sente a precisão de outras comoções...

– Talvez um capricho... uma ansiedade invencível... um apetite sequioso...

O padre falava como um elegante experimentado: abria-se num sorriso tão franco, e tão casquilho, que o conde, à parte o medo, as prevenções e o respeito, não pôde esconder um franzir de testa que equivalia a uma cutilada em questões de cavaleiros.

– Soaram-lhe mal estas hipóteses, Sr. Conde?! – prosseguiu o padre, acenando majestosamente com a cabeça. – O ministro do altar cumpre as suas obrigações, quando lembra ao cristão, que vai casar-se, as mil e uma hipóteses em que pode ajuizar-se de um amor improvisado que vai atar duas existências por toda a vida...

– Sr. Abade... Eu tenho examinado todas as conjecturas possíveis – redarguiu o conde com firmeza e resolução.

– Ah! sim, nesse caso... não lhe lembrarei ainda uma, que é muito de considerar-se no casamento de nobres, já que o matrimónio para os que herdaram brasões é uma coisa diversa, e diversíssima, Sr. Conde, do que ele é para os que apenas herdaram um coração independente, um desejo fogoso, e uma vida simples e despejada dos juízos da posteridade.;

– Que quer dizer?

– Fui prolixo de mais... perdão: eu me explico, se puder. Não vejo por aqui mulher cujo pai ao menos prestasse para pajem de fidalgos como V. Ex^a... Será disforme e

repugnante o seu casamento, senhor, com a filha gentil de algum lavrador obscuro e rústico... Depois, os que tal virem rir-se-ão da simpatia... Risos desses ferem corações orgulhosos. A meditação reclama o arrependimento. Este conduz pelo estrada da indiferença ao sentimento opressivo do desprezo... e ultimamente, Sr. Conde de S. Vicente, essa indiscreta filha do lavrador ficará para aí privilegiada como condessa, mas cuspidada nas suas afeições até à morte... afeições que ela repartida por toda a vida com um homem do seu nascimento...

A fisionomia do padre estava insinuante! Às vezes, durante esse discorrer pausado e reflectido, vacilava-lhe a voz com uma certa comoção, quase sempre em outros homens excitada por lágrimas. Revelava mais calor nervoso que preceito cristão. Conhecia-se-lhe a precisão de falar uma linguagem que lhe não entenderiam os lavradores e os jornaleiros da sua abadia. O conde ouvira-o primeiro com indignação, e depois com profunda reverência. Os olhos do padre fascinaram o seu interlocutor, a ponto de lhe tolherem uma resposta rápida e decisiva.

O abade continuou, dando à voz a inflexão da caridade religiosa:

– Permita Deus, Sr. Conde, que esse seu silêncio valha uma séria meditação no passo que vai dar...

– Tenho meditado... – redarguiu o conde com veemência. – Tenho meditado... está enganado, senhor... É nobre a que vai ser minha esposa... Demorei-me nesta resposta, porque as suas suposições obrigam a meditar aqueles que, como eu, lhes são inteiramente estranhos... Concluiremos, porque assim o pede a santidade dos meus deveres... e não sei mesmo se a dos seus... A que é minha mulher chama-se Inês da Veiga, e é filha de Cristóvão da Veiga...

– Conheço essa família – respondeu o padre sem a menor alteração de voz, de postura, de gestos, e mesmo de sorriso, que este, na apatia ou no entusiasmo, fora-lhe colado para sempre aos lábios, como a coroa sacerdotal lhe fora aberta no alto da cabeça para todo o sempre.

– Já vê, Sr. Abade – continuou o conde –, que este meu casamento nada tem de extraordinário, para que venham à realidade as suas sinistras previsões.

– Inquestionavelmente – respondeu o padre, dando às sílabas daquele grande advérbio uma pausa de cantochão –, D. Inês da Veiga é uma nobilíssima fidalga: seu pai todos sabemos quem ele é...

– Um honrado cavalheiro, que não desmente a fama de seus avós...

– De seus *avoengos*, é como se diz em linguagem do nobiliário – interrompeu o abade com o seu costumado sorriso, e continuou, depois, affectando uma seriedade jocosa, que lhe ficava a matar pela variedade dos tons que modelavam as suas palavras sempre em harmonia com os trejeitos da fisionomia. – Inquestionavelmente, o Sr. D. Cristóvão da Veiga é o sangue azul da nossa província... deixe-me dizer-lhe mais, sem ofensa dos nobres Távoras, é realza feudal destes nossos burgos um pouco domesticada pelas tendências humanitárias do nosso século... Por consequência, Sr. Conde, eu declaro irritas, nulas e de nenhuma valia as minhas expressões tanto mais perdoáveis quanto inocentes... Inquestionavelmente eu não sabia quem era a eleita de V. Ex^a... Mas... não é sem muito pesar que me acho colocado na singular e tristíssima posição de não poder, sem grave infracção das leis canónicas, abençoar este rapto, que outra coisa não pode chamar-se à maneira por que V. Ex^a e a sua digna esposa se me apresentam para casá-los...

O conde balbuciou, como desarmado de quantas razões tinha em seu favor:

– Um rapto!... – dizia ele com uma espécie de pasmo irrisório – Um rapto, Sr. Abade, quando esta senhora me é negada por seu pai, e se entrega voluntariamente para lhe eu dar uma felicidade, cuja posse lhe é disputada por caprichos de D.. Cristóvão?

– Tanto pior – redargui o padre Carlos, com muito sentimento cómico. – Mais agravante ainda se torna o rapto perante a lei, visto que a fuga da Sr^a D. Inês, cujas intenções louvo e respeito, se praticou depois da formal recusa de seu pai...

– Mas, senhor, ela está pura e virgem...

– Quem o duvida, Sr. Conde?... E quem sou eu, simples pastor de três pobres aldeias, para que V. Ex^a me confie os íntimos segredos da honestidade de sua senhora!? Nem eu, nem o meu prelado, nem os doutores do cível, ousariam interrogar mistérios dessa natureza... Inquestionavelmente, Sr. Conde de S. Vicente, a questão é toda de foro externo. O da consciência trata-se no confessional... quando se trata... Se me permite, contar-lhe-ei uma história...

– Sim, Sr. Abade, ouvi-la-ei com prazer: mas diga-me se em suas forças e virtude está abreviarmos esta ligação, de que depende o bom conceito de D. Inês da Veiga.

– O bom conceito!... Pelo amor de Deus, Sr. Conde... Este povo é muito bom e muito estúpido para conceituar mal a Sr^a D. Inês... Por cá, meu nobre senhor, como por lá, na corte do Sr. Rei D. Pedro, há muitas libertinagens e imoralidades de fidalgos, que o povo não é capaz de devassar através de um reposteiro de rás com um grande brasão...

– Não o compreendo, Sr. Abade...

– Dizia eu que a pureza da filha do Sr. D. Cristóvão está imaculada como as estrelas, e estará enquanto V. Ex^a for para ela um amante brioso e protector. Inquestionavelmente, eu não posso abreviar o seu casamento. Sua Eminência, o Arcebispo Primaz, esse pode e deve santamente permitir que a filha do mui ilustre D. Cristóvão seja, contra a vontade de seu pai, esposa do Sr. Conde de S. Vicente; mas eu não posso realmente... Inquestionavelmente...

– Todavia – retorquiu o conde com um sorriso de amargura –, se esta, que é filha de D. Cristóvão, fosse a filha de um meu caseiro, pobre e desvalido...

– Isso era outro caso – interrompeu o padre Carlos, esfregando as mãos –; ora daí verá que eu sou rigorosamente lógico e coerente nos meus princípios. Lembra-se, Sr. Conde, que eu lhe pusesse algum obstáculo a este casamento antes de V. Ex^a me dizer quem era a sua noiva?!... Por certo que não... É que eu, longe de a imaginar tão alta, supunha-a uma pobre mulher do povo, a quem fazem conta todos os casamentos e que nunca infringe as leis, porque as leis nem se ocupam delas, nem se dão por ofendidas... E, se me permite, aquela história que pedi há pouco licença para contar vem trazer um exemplo inquestionavelmente gravíssimo para o nosso assunto...

– Não valem os exemplos, Sr. Abade; eu creio nas péssimas disposições da lei, mas sinto-me com forças de as vergar em meu favor...

– Nesse caso... – redargui o padre, encolhendo os ombros.

– Mas é preciso que o casamento se realize já e já, porque não soffro que me separem de D. Inês para a terem em depósito até à final solução destes negócios, que prejudicam a sua honra...

– E nobre, e inquestionavelmente airoso, o seu procedimento... mas, meu... (permita-me que lhe chame *amigo*...) eu muito queria fortalecer os meus argumentos com aquela passagem que, pela terceira vez, peço humildemente licença para contar... O caso é simples... rápido... interessante... e trágico...

O conde erguera-se aflito e desesperado: era-lhe manifesta a maldade do padre no momento em que o hipócrita lhe pedia licença para o tratar de *amigo*. Os temores de D. Inês estavam de mais justificados.

Padre Carlos não suspeitava das prevenções do conde. Longe de supor que D. Inês, menina recatada, e inteiramente fora das coisas do mundo, o conhecesse, menos ainda, no seu retiro, devera rezear do conde de S. Vicente, que há muitos anos não visitara as suas comendas. A história,

essa é que o padre. não esquecia por coisa nenhuma.

CAPÍTULO XVI

Em que o padre Carlos da Silva inquestionavelmente narra a famosa história, não sabemos por ora de quem, mas com a ajuda de Deus a mais inteligível de todas as histórias. Obra de muita moral e edificação. Temos a anunciar interrupções, que nos não deixam gozar estes contos do princípio ao fim, com aquela fleuma lógica e imperturbável de uma novela inglesa

Sr. Conde de S. Vicente – prosseguiu o padre –, V. Ex^a, se não ganha com a minha história, também não perde. O tempo é uma dádiva da munificência de Deus, que só falta a quem o não aproveita; a experiência, essa é que não chega a todos, porque são poucos os escolhidos para a prova do infortúnio.

– Eu sei pouco mais ou menos o que vai dizer-me –interrompeu o conde.

– Sabe?! É incrível! V. Ex^a sabe com quem está, ou vê na minha testa o pensamento que me queima o cérebro?!

– Sei que o reverendo é filho bastardo de D. Cristóvão da Veiga.

– Mentira!

O padre era a explosão de cólera menos evangélica que tem resfolegado pelos respiradouros de um sacerdote... Erguido e provocante diante do conde, parecia dispor-se a aceitar o repto da desafronta, se o conde julgasse ferido o seu pundonor.

Mediaram instantes de silêncio. Távora não sofreu irritações perigosas no seu orgulho: iluminado por um raio de juízo prudencial, pareceu-lhe que o padre era mais um mistério de profundos enigmas que um simples segredo de família.

– Enganar-me-iam, nesse caso, Sr. Abade... – replicou Manuel de Távora –já vejo que nada sei, e interesse-me em saber a história do seu segredo, se porventura...

– Eu não disse a V Ex^a que ia contar a história do meu segredo; mas, se é necessária a franqueza como desabafo para este ódio maldito que me aqui encravaram no coração, Sr. Conde, é o meu segredo que vai ouvir, é de mim que se fala, e, antes de mim, há-de falar-se de um crime insolúvel na terra, porque não há vingança nobre que me indemneze.

O padre perdera tudo da sua ironia calculada, logo que a exaltação natural, e também nobre como a altivez das suas posturas veio desassombrá-lo da tal fingida humildade monástica.

Aqueles lábios, que pareciam crispar cintilas nervosas, não tinham nascido para murmurar a oração da hóstia. Eram de um talhe e vigor rígido bastante para arengar, com grande prestígio, a um aguerrido esquadrão daqueles que desmantelaram os arraiais do duque de Alva.

O diálogo, como o leitor vê, era, a cada palavra, interrompido pelo silêncio de ambos. O conde tinha prejuízos, uns filhos das crenças, outros da ignorância, e outros vinculados à fidalguia destes nossos remos. Padre Carlos ia-se-lhe transfigurando num homem extraordinário, imponente de grave respeito, e, quer mo acreditem, quer não, uma espécie de mito religioso que era necessário temer e reverenciar.

É que o padre, além do brilho fascinador dos olhos, tinha a supremacia da inteligência, e um ressaibo trágico nas vozes e nos ademanes, que lhe davam o condão soberano de anular os adversários com o magnetismo da sua vontade imperiosa.

Há destes homens ainda hoje, que é mais farta a comunhão das inteligências, e menos auxiliar a magia dos prestígios humanos.

O padre começou assim a sua história:

– Este Cristóvão da Veiga, Sr. Conde de S. Vicente, é o representante de um

crime hereditário. Há nesta família um vínculo moral de perversidade. As traições cavilosas vêm-lhe de muito longe. No dia em que o primeiro Veiga recebeu a cruz de cavaleiro abriu o Demónio um reservatório de fogo para todos os Veigas. O Inferno não é uma fábula. É necessária uma aflição infinita, uma eternidade atormentada de expiações para homens como Cristóvão da Veiga... desculpe-me, Sr. D. Manuel de Távora... Eu perco-me às vezes no mundo, onde suponho que reina a justiça de Deus, quando mais me forço em rojar pelo chão amaldiçoado dos homens...

O conde não respirava, e o padre suspendia-se de vez em quando, como quem espera a inspiração avara, ou a vaga memória de esquecidos acontecimentos.

Continuava depois:

– Cristóvão da Veiga tinha dezoito anos; e D. Antónia Bacelar tinha dezasseis. Eram ambos nobres...

A porta, que dizia para a câmara próxima, abriram-na de improviso. D. Inês da Veiga, assustada e aflita, cone aos braços do conde. O padre necessariamente quebra o fio da sua mal começada história, e o conde com dificuldade percebe Inês, que, a desmaiar, turbadamente diz que vira seu irmão. O padre Carlos, que a entende, vai ao balcão, olha, e reconhece Pedro da Veiga, apeando-se à porta do castelo.

– Sem dúvida – afirmou ele –, é Pedro da Veiga que aí está...

– Sozinho? – perguntou o conde...

– Sozinho, ao que parece.

D. Inês esvaíra-se de terror e surpresa, ainda que os trabalhos da noite, que, com tanta coragem, suportou, a não enfraquecessem até ao último enervamento do corpo e do espírito.

Pedro da Veiga fizera-se anunciar por um dos próprios criados do conde.

– Diz a teu amo que está aqui o filho de Cristóvão da Veiga. Não me tardes a resposta.

A intimação foi textualmente feita ao conde. D. Inês retiraram-na para a câmara. O padre Carlos mostrara interessar-se pelas melhoras desta menina; mas o diabólico sorriso lá o tinha ele outra vez litografado nos lábios.

Pedro da Veiga, o único senhor de si naquele estranho lance, com gentil confiança na sua galhardia de vinte e quatro anos, subiu até ao último degrau que entrava no salão do castelo.

O conde de S. Vicente foi ao meio da sala, e, cortejando-o silenciosamente, gesticulava com a polidez de quem oferece a sua casa ao que espera que lha ofereçam.

Não era preciso. Veiga, se parou um momento, encostado ao batente da porta, é porque não se tivera antecipado em coordenar os elementos de seu discurso.

Ora é certo que os discursos desta natureza são difíceis entre pessoas que não começam por distribuírem-se fraternalmente um trocadilho de socos, ou um tmnidp desagradável de floretes.

O padre, esse, ninguém deve supor que estava a rir-se. Quem diz que o homem adoptara um sorriso de eterno sarcasmo, não quer dizer que o insensato do clérigo estava em perene gargalhada.

Mais presença de loquela, se não podemos dizer de espírito, quem nesta conjuntura a sustentou foi ele.

– Bem-vindo seja o nobre visitante... Boas novas, e estranhos costumes traz ele de mimo para aqueles que, como eu, não viram cem palmos de horizonte adiante do nariz...

O gracejo do padre fez uma ligeira impressão nos lábios de Pedro da Veiga. O conde murmurara palavras tão confusas ao seu hóspede, que nem o autor do manuscrito lhas devassou. Pois já foi!

– Eu não tinha a ventura de conhecer V. Ex^a... – dizia o Távora, espiritualizando-

se do quebranto, que parecia tolhê-lo nos corajosos alentos de sua fidalguia.

– É natural – respondeu Pedro da Veiga – e parece-me que nada temas a sentir... nem tempo a perder... Preciso ficar a sós com V. Ex^a... Eu encarrego-me de desculpá-lo aqui com o Sr. Abade... se bem me lembro que é de Vilamarim...

– Sou justamente o abade de Vilamarim, inquestionavelmente o mesmo abade de há quatro anos...

– É que eu supunha encontrá-lo cónego, arcediogo, ou... cardeal... – replicou Pedro da Veiga, sorrindo com os seus ares de zombaria.

– Nada, nada, meu fidalgo – tornou o padre –, eu não quero alongar-me destes pitorescos prados de Lordelo... Gosto muito de contemplar esta natureza selvagem com que fui criado. Já agora morrerei pastor de ovelhas bravas... Horizontes largos e esperançosos tem-nos V. Ex^a, que é a vergõntea de um tronco, rico de nobre seiva e de gloriosos frutos. Eu cá, padre sem ambições, sem orgulhos, sem prejuízos de nobreza... filho do amor ou do crime, ou não sei do quê...

As últimas palavras traziam o fel do sarcasmo. Os dois fidalgos pareciam impacientar-se com as demasias eloquentes do padre. Este, conhecendo-os, atalhou-se por uma transição espirituosa.

– Que saião de plebeus é este, que não tem um fogão no dia 7 de Fevereiro? Ora, senhores, eu retiro-me, porque não tenho um temperamento tão cáldo como VV. Ex.^{as}

– Não, Sr. Abade – replicou o conde. – V. S^a há-de esperar... que talvez estejam removidos os obstáculos que contrapôs à bênção nupcial...

– À bênção nupcial?... – perguntou Pedro da Veiga com Vivo entusiasmo de todo o seu contentamento.

– Sim, senhor – respondeu o conde com solenidade e altivez – V. Ex^a seria já meu irmão a esta hora se este escrupuloso sacerdote conviesse em esposar-me com a Sr^a D. Inês.

Pedro da Veiga estendeu a mão ao Távora, esquecendo-se um pouco dos seus orgulhos. O padre nem sequer contribuiu com uma interjeição de alegria para esta cena patética. Sorria-se, achava que tinha manifestado pela sua parte o contentamento de um bom padre que vê acabarem as coisas a contento de ambas as partes, sem o desgosto de um venialíssimo pecado. Mas quem pode imaginar o que este padre era?!

– Aproveito a ocasião para lembrar a VV. Ex.^{as} – exclamou o padre Carlos com uma importância joco-séria e momentosa – que a Sr^a D. Inês da Veiga está desmaiada naquele quarto.

– Desmaiada! – bradou Pedro da Veiga.

– É verdade!... – afirmou o conde com maviosidade. – Assustou-a a sua chegada imprevista... E depois os incómodos da noite passada... incómodos tão escusados, filhos de capricho...

– Já sei – tornou o Veiga –, caprichos... é verdade... mas não discutamos essas graves ninhadas... Quero vê-la! É aqui?...

E dirigia-se à câmara que fora indicada pelo abade de Vilamarim.

– É aí – respondeu o conde; e adiantou-se a abrir a porta. A porta estava fechada por dentro.

– Fechada! – exclamou Pedro da Veiga.

– É que D. Inês – disse o conde – achou-se melhor, e julgou-se mais protegida nos seus temores com a porta fechada.

– Sim – tornou o sacerdote com uma entonação circunspecta e irrisória –, sim, inquestionavelmente está melhor, aliás tínhamos aqui os profundíssimos mistérios de um castelo...

Pedro da Veiga olhava o padre com uma vista atravessada e de ruim agouro. A suposta bastardia não é que o irritava assim, pois muitos irmãos bastardos ele tinha, que lhe não alteravam a santa paz e quietação do espírito; é que lá dentro, no órgão das antipatias, circulava-lhe o sangue de um rancor ingénito, ou inspirava-o o espírito profético de péssimos futuros.

O irmão de D. Inês, abalando levemente a porta, chamou com um tom de voz carinhosa a irmã. A este chamamento inútil juntou o conde o seu também inútil. Ambos franziram o sobrolho. O padre é que estranhava o silêncio da linda menina e dos seus mimosos receios.

– Se querem – diz ele – um padre que a invoque em nome de Deus, vou lá.

Pedro da Veiga não estava em hora de facécias, aliás responderia uma argúcia menos estimulante que esta:

– Sr. Padre... V. 5,a é dos padres o menos autorizado para invocar alguém em nome de Deus. Não se trata aqui de chamar o espírito das trevas, nem isto é festim em que hajamos mister um truão de fazer rir com dictérios e chocarrices.

– Eu não faço rir, Sr. Veiga, com chocarrices... Quando gracejo, se fosse compreendido, faria chorar. Truão, nenhum entrou nos vossos salões, senhores fidalgos, com esta cara tão franca para penhor das verdades amargas que digo, sem o privilégio das liberdades cómicas de um bobo...

– Não vale a pena irritar-se, Sr. Abade – atalhou o conde com a inflexão da bondade e do pesar. – A ocasião não é boa para chascos e remoques que ferem muito. Se V. S^a quer auxiliar-nos numa boa obra, num acto augusto e grandioso, que vai salvar a reputação de uma família respeitada, e a minha de cavalheiro, e a sua de ministro do Evangelho, fique embora, que Deus e nós lhe agradeceremos o cumprimento dos seus deveres sagrados. Se, por desgraça, protesta envenenar impiedosamente com a sua presença a união de duas famílias, que não querem odiar-se, então é melhor sair com o coração seguro de que um de nós é incapaz de uma vingança mesquinha.

– Vingança mesquinha! Não me faleis em vingança, senhores! – retorquiu o padre Carlos da Silva. – É necessário que me ouçam... – continuou ele com uma exaltação imprevista e colérica –, é necessário que me ouçam, porque eu sou um enigma infernal entre todos. Sou um delegado de uma mulher que jaz no túmulo com uma ferida rasgada no peito. Há um sangue inocente, que transuda a pedra do túmulo! Há um grito de vingança, que quer uma longa expiação de lágrimas! Há um ANÁTEMA de conjuração diabólica, que vai até à última geração de uma família como um rastilho de sangue!

O padre parecia possesso. A linguagem de uma sombra de cadáver, que se ergue sobre a lápide onde o lançaram apunhalado inocentemente, não aterrada mais aqueles dois homens!

A exaltação suprema, a que o abade subira, despenhara-o depois. O respirar forte, arquejante e frenético prostrara-o de cansaço moral. Sentado com a rapidez de quem sente falecer-se, o padre Carlos entrelaçava os dedos da mais aristocrata mão pelos cabelos negros, e parecia querer refrigerar a cabeça que lhe calcinavam pensamentos de fogo.

A sua postura era respeitável, embora os dois não atingissem o mistério daquela angústia devoradora.

Pedro da Veiga, esquecido um instante de sua irmã, parecia comovido daquela impressão, quando, aproximando-se de seu irmão bastardo, como ele o julgava, lhe disse com falsa ternura e afeição de amigo:

– Mas, senhor, diga-nos em que somos cúmplices desse terrível segredo?!... Que fizemos nós, tão pouco relacionados com o senhor, para nos vermos aqui numa posição tão estranha, e nesta ocasião, que tanto precisamos em esquecer as desgraças dos outros

para remediar as nossas?...

– São irremediáveis as vossas desgraças, senhores!... Chamem essa menina que aí está nesse quarto. Ela que venha ouvir uma história... a história de seu pai, Sr. Pedro da Veiga... a história de seu sogro, Sr. Conde de S. Vicente, a história deste homem, chamado Carlos da Silva, nobres mancebos, que ides festejar umas bodas nupciais!...

– E será essa história nova para mim?! – interrompeu Pedro da Veiga.

– Nova, como são novos os crimes incríveis desse homem que vive invulnerável para o remorso, e guardado para a eternidade dos suplícios de um outro mundo, onde o crime não tem a máscara dos respeitos sociais.

– Que homem? – interpelou o conde de S. Vicente.

– Cristóvão da Veiga! – respondeu o padre com decisão de rancor.

– Mas é melhor – tornou o conde – evitarmos a presença dessa menina inocente das culpas do pai, e sensível de mais para ajuizar dos grandes crimes de um homem, se é de grandes crimes que nos quer falar.

– É verdade, Sr. Conde, não quero que minha irmã se doa de tais revelações... Eu entro no seu quarto, e o Sr. Abade, se não prescinde da sua história, aí tem o Sr. Conde que lha ouça.

Pedro da Veiga casualmente volveu os olhos para a porta da câmara, e viu-a abrir-se cautelosamente. Depois os lindos olhos de Inês espreitaram de mansinho, e encontraram os de seu irmão rindo-se para ela, porque os lábios também se riam. A linda menina, como a açucena que descai se os raios do Sol a afagam muito, retirou-se de envergonhada, mas não quis, ou já não pôde fechar a porta. Seu irmão, ligeiro como um amante, e com o coração ansioso por ela, tão mimosa no seu pudor surpreendido, entrou na câmara, e, avaro do abraço fervoroso que ia dar-lhe, fechou-se por dentro, e deixou, sem saudades, o padre historiador, e o pobre conde com as tristes honras de auditório.

CAPÍTULO XVII

O editor destas coisas dá a sua palavra de romancista em como a história do padre Carlos da Silva não será interrompida

O padre Carlos da Silva está sentado na extremidade de um escabelo, e estende o braço direito sobre uma mesa de faia com labores dourados. Enquanto os nervos se lhe conservam mansos e quietos, no decorrer da história, o padre fala com os olhos fitos num dragão, serpente, esfinge, demónio, ou coisa que o valha, aberta no centro da mesa, cujos contornos vai traçando distraidamente com o dedo indicador.

O conde de S. Vicente está sentado numa corpulenta cadeira de couro lavrado, e matizado de metais. Vê-se-lhe primeiro a inquietação buliçosa a distrai-lo das gravidades históricas do padre: mais tarde a história prende-lhe a inteligência e os sentidos, como não há prisões de mulher que tanto apertem.

Agora, cumpridas as leis do romance moderno, fastidiosamente localista, não há nada que se intrometa na história do padre mais romântico de que há notícia.

Atenção. É ele que fala:

«Eu disse a V. Ex^a que Cristóvão da Veiga tinha dezoito anos e que D. Antónia Bacelar dezasseis. E eram ambos nobres: ele de pergaminhos; ei a de virtudes.

«É certo, Sr. Conde, que uma menina de dezasseis anos carece da experiência e do triunfo repetido de muitas tentações, para ser canonizada em virtuosa; mas a virtude, que se herda, à beira de um leito pobre, onde morreram avós e pais honrados, está purificada, e vinculada ao coração de uma órfã, como a fortuna do fidalgo poderoso ao senhorio de seu filho.

«Esta D. Antónia Bacelar dizem-me que fora um rosto formoso, e o coração de um anjo. Também me dizem que era de uma sensibilidade aflitiva... No dia em que seu pai lhe morreu, chorou lágrimas, que não deviam estagnar-se. A órfã emancipou-se no domínio de perpétuas desgraças. A tutela da honra, neste século de imoralidade, é uma protecção irrisória para a mulher pobre, que não pode vender-se em bazar de esposas endinheiradas...

– Não é sempre assim, Sr. Abade... – interrompeu o conde – há muito quem se não curve ao ouro da mulher, se ele não é o mais pobre dos seus adornos...

– Haverá – tornou o padre –, mas V. Ex^a não lucra em argumentar-me excepções, porque dilata mais a minha história, que eu muito queria lhe não molestasse a generosa paciência.

«Cristóvão da Veiga era por esses tempos o morgado da casa dos Veigas, e o representante das *virtudes* fidalgas de seu pai, cujo nome é hoje uma novela de crimes nas lendas populares, que, as mais das vezes, são, com verdade, a tradicional crónica dos seus escândalos...⁴

«A mulher que nasceu boa do coração e cresceu com as suas ilusões inocentes, quando o homem lhe aparece por detrás dos seus sonhos, exala, como a flor de Abril, os perfumes da sua candura, abre-se ao sol do amor com todo o viço da sua generosa afeição, e, como a flor de Abril, morre na manhã dos seus amores, queimada por um raio desse sol que lhe fecundara no seio a esperança florida dos afectos puros.

«Esta menina, Sr. Conde de S. Vicente, era um anjo assim. Estava arriscada a perder-se com facilidade quando a quisessem perder. Iria com o riso nos lábios e o perdão no coração cair cheia de amor nos braços do seu algoz. Numa época de

⁴ A Sr^a Joaquina da Luz confirmou as imputações do padre. Vide cap. XII.

compaixão e misericórdia pelas mulheres infelizes, faltaria o algoz... Nesta, a vitória era do primeiro que a tentasse. Quem primeiro a tentou foi Cristóvão da Veiga.

«Antónia Bacelar vivia de uma parca mesada que lhe esmolara um seu tio corregedor em Viseu, e da renda de uma propriedade rural, pequena e mal granjeada, que V. Ex^a poderia ver desta janela, se valesse a pena ver-se... Lá ao pé não desagrada aos olhos, e dá ao coração umas tristezas que fazem chorar os que souberem esta história, que é também a história da vida e da morte daquela menina... Debaixo de uma ramada estão lá umas plantas que reverdecem na Primavera, e florescem como há vinte e sete anos, que ali foram plantadas por mão dela. Está lá uma pedra onde ela se assentava... o musgo cobriu-a como a ervagem que nasce nos sepulcros... É ali tudo muito melancólico, principalmente à tarde, quando se ouvem sinos a finados por estas aldeias, ou as mulheres do campo descantam estas cantigas de por aqui, passadas de uma tristeza que dói e consola... perdoe-me V. Ex^a... eu esqueci-me de mais... com pequenas coisas da alma, que pouco valem para mim ou para V. Ex^a...

O conde entristecia-se com estas pinturas, cuja maior gravidade lhe vinha do tom baixo, tremido e entalado com que o padre falava, O próprio abade tinha os olhos húmidos, e as feições amortecidas, como elas se figuram no homem quebrado pelo desalento. Calou-se, e cismou. O conde parecia esquecer-se da esposa e do irmão, para escutá-lo. Como o silêncio do abade se prolongava, Távora interrompeu-o:

– Prende-me bastante o coração com a sua tristeza, Sr. Abade. Já adivinхо que há amarguras muito grandes no desenlace, não é verdade?...

– É, Sr. Conde, é uma verdade das mais doridas de recordarem-se... Eu tinha dito que...

– D. Antónia Bacelar vivia de uma mesada, e de...

– Ah! sim... e desta propriedade, que pouco valia; mas abundava-lhe o que tinha, e tinha muito quem lhe invejasse o seu património de virtude...

– E não vivia com algum parente? – interrompeu o conde.

– Não, senhor. Tinha consigo a criada, que já fora ama de sua mãe. Era uma segunda mãe... o símbolo de uma família inteira, e a recordação das acções nobres e íntimas dessa família, que ela conhecia há setenta anos. Seu tio corregedor confiara as filhas desta mulher; mais depressa lhe confiaria a sobrinha, que é um amor secundário para um tio, quando há filhos, e não sobram os ganhos de um magistrado probo...

«Quando a pequena vinha sentar-se nas tardes do Estio debaixo da ramada da sua herdade, Cristóvão da Veiga aparecia-lhe como de passagem, e cortejava-a com muito respeito, que é a primeira expressão de um profundo amor. D. Antónia amava este homem, que foi necessariamente de uma boa presença. É certo que as formas elegantes muito influem quando as decoram os prestígios sociais, os atavios da educação, e a auréola da fidalguia opulenta, que muito é para a mais independente das mulheres.

«Quem venceu D. Antónia Bacelar foi a tentação incessante. Não posso dar outra razão, porque ninguém disse que diálogos houveram, e que lágrimas se verteram antes de esta inocente menina renunciar a sua coroa de virgem... Depois é que veio à luz a promessa, a sedução, e a vilania... Foi depois... mas antes, Sr. Conde, esta menina sentia-se... mãe... Tenho de memória umas linhas escritas por mão de D. Antónia... Escreve-as a uma amiga professa nas religiosas Claras de Vila Real... São estas, sem alteração de uma palavra:

Estás senhora da minha vida. Daqui apelo para a morte, se fui enganada. Até hoje só Deus via os meus crimes; de ora em diante eu sou criminosa aos olhos do mundo... Compreendes-me, Rita? A minha situação... o meu estado... meu Deus!... Adivinha-me, minha querida amiga,

antes que eu to diga... Estranho-me... É um sonho terrível de que não acordo!... Que seria de mim, se este homem me atraísse!... É impossível!... Ninguém escarneceu assim de uma órfã, de uma infeliz que se perdeu por amar muito... E não me arrependo de o ter amado!... Arreponder-me e morrer será a mesma coisa... A paixão sinto-a aumentar-se, quanto mais se agravam as minhas culpas... Rita! A Virgem ouviu-te, porque tu és boa, e pura, como eu era há quatro meses. Pede-lhe de joelhos por mim... pede-lhe pela, criminosa, e tem fé nas tuas súplicas, que Ela há-de inspirar aquele que me pode fazer virtuosa no conceito do mundo, ou abandonada por torpe e maldita de vergonhas...

– Esta carta, Sr. Conde, revela uma suspeita a D. Antónia... uma descrença que começa... um presságio tormentoso do seu desamparo... Há uma segunda carta à mesma freira... Eu sei-a... É a minha lição de vinte anos. Eu tinha doze, quando a li pela primeira vez...

Abandonou-me a Virgem, que nunca me abandonara, quando eu fui pura como as mais dignas da sua protecção e do seu amor. Nem uma esperança... Eu estou triste como ninguém esteve no mundo. Sinto-me morrer, minha amiga, e nem escrever-te me é desafogo... Cristóvão da Veiga é outro homem... vejo-o impacientar-se, quando tímida e chorosa lhe falo na minha honra e nas suas promessas... Com ares de enfadado pede-me que não ultraje o seu cavalheirismo, supondo-o capaz de faltar-me... mas não é o coração que lhe dá o melindre... não é, não, Rita, eu conheço que o não é, e não sei dizer-te a razão por que o conheço... As horas parecem-lhe longas... eu sei que lho parecem, e ele, contudo, ainda me não deixou antes da hora costumada. Dantes, não me consentia que eu lesse, quando ele me repetia os juramentos e as palavras apaixonadas sempre com viveza e variedade nos pensamentos... Agora é ele que me pede que leia... Não será isto o amor que se acaba, minha querida amiga?... Diz-me, não terei eu motivos para chorar de noite e de dia?... Dantes as flores do meu canteiro rio Prado eram-lhe tão caras... contemplava-as com uma ternura tão lisonjeira para mim... e hoje dessas flores dou-lhe uma rosa húmida com as minhas lágrimas, e ele desfolha-a insensivelmente... Não será isto uma mudança, um anúncio de que sou muito desgraçada?... Poderás tu consolar-me, Ritinha?... Poderás dizer-me se eu devo ter esperanças nas promessas deste homem, deste anjo, que eu hei-de adorar quando até sinta um seu pé esmagar-me o coração?... Que pensarias tu, no meu caso... responde-me, vale-me... enxuga-me estas lágrimas, e a Virgem nossa Senhora te conserve para amparo da tua desgraçada amiga.

– Há outras cartas, senhor, mas reproduzi-las é retardar o desenlace. As cartas de desenlace... essas é indispensável que as eu repita...

– Todas... todas... – interrompeu o conde com ar de suplicante bondade, e compassivo interesse.

O padre Carlos ia continuar, quando a porta da câmara foi aberta, e Pedro da Veiga com sua irmã pela mão entrou na sala. O padre ergueu-se e adiantou-se dois passos a cortejar Inês, que, com muito acanhamento, correspondia aos cortejos do padre.

– Perdoem a interrupção... – disse Pedro da Veiga – eu queria que o Sr. Abade conhecesse minha irmã... que talvez não tivesse visto...

– Não, senhor – respondeu o padre com intenção –, eu não tinha a honra de conhecer sua irmã... Bem sabe V. Ex^a que eu não frequento as sociedades onde a Sr^a D. Inês é rainha de formosura... e de virtudes... Deus permita que também...

– Muito agradecida – disse D. Inês com brandura e animada um pouco mais.

– Eu espero – tornou o Veiga – que de ora em diante o padre Carlos da Silva seja amigo de Pedro da Veiga, e da sua irmã, e daquele que mais direito tem à sua estima e veneração.

– Quem, Sr. Veiga? – interpelou o padre com acrimónia.

– Cristóvão da Veiga...

– Por Deus! – replicou o padre, estendendo o braço com majestade e soberania – por Deus, Sr. Pedro da Veiga!... se não é escárnio, peço-lhe que me não insulte de boa-fé!... V. Ex^a não sabe a página hedionda da vida de seu pai... Permita Deus que esse livro negro de atrocidades o não esfolhem as mãos inocentes de sua irmã... Uma súplica... retirem-se por algum tempo... Sr. Conde, diga V. Ex^a se devem retirar-se os filhos de Cristóvão da Veiga enquanto eu sou o historiador dos crimes e vergonhas de...

– Sim... – respondeu o conde, que nada dissera ainda depois da aparição de D. Inês – eu peço que se retirem algum tempo... Vão ver o castelo... tem pouco que admirar, mas as vistas dos adarves têm beleza...

– Pois sim, vamos... – instou D. Inês, que se assustara com as palavras do padre. – Sim... vamos... – repetiu ela, puxando pelo braço do irmão.

E foram, não obstante a hesitação calada de Pedro da Veiga, e a má vontade que lhe estorcia a vista para o padre. É crível que D. Inês sofresse muito. Apreensível, ou nervosa, como hoje se diria, a débil menina devia prever muitas desgraças, embora seu irmão tentasse convencê-la de que não previa nenhuma.

O padre Carlos susteve-se um pouco a prender o fio da sua interminável história, ou a repousar da fadiga e ansiedade com que falara na presença dos filhos de D. Cristóvão. O conde estava como vendido e desencorajado no lance de cenas tão variadas e estranhas. Nem a ele, e a nós menos ainda, era possível antever as consequências destes maus princípios! Vamos onde o padre nos levar, já que é ele o fecho iluminador deste romance tenebroso.

– Peço-lhe que continue, Sr. Abade.

– Um pouco de silêncio, Sr. Conde – respondeu o padre.

– V. Ex^a escuta-me talvez com toda a serenidade do seu sangue-frio, e eu não conservo, nem reproduzo novelas de entreter o espírito... ergo o crepe negro do cadáver de minha mãe, desnudo-lhe o seio da túnica borrifado de sangue, e com os meus próprios dedos aparto-lhe os lábios da ferida que lhe rasgaram no coração, para que V. Ex^a veja e se doa da profundidade do golpe...

– Eu já tinha adivinhado que D. Antónia Bacelar era sua mãe...

– Era minha mãe... Sr. Conde.

O tremor doloroso e entalado com que o padre soltou aquelas palavras relatava a dor no mais sublime da sua poesia angustiada! Mais que a paixão, mais que a saudade aflitiva, superior ao extremo adeus de um pai agonizante a seus filhos desvalidos, aquele *era minha mãe*, acompanhado de lágrimas copiosas, resumia em, si uma vida de padecimentos, uma viuvez de coração com desesperança profunda nos consolos do mundo.

Távora compadeceu-se deveras do homem que chorava como criança. Nunca os seus folguedos de nobre tinham sido perturbados pelo espectáculo das lágrimas na face de um homem. As que ele vira na corte eram as lágrimas do capricho, a expressão do ódio impotente, as lágrimas cortesãs que a esponja do fel enxuga muitas vezes, e jamais a unção religiosa pôde acarinhar com os seus afagos de resignação.

– Este não é o chorar afeminado do coração fraco, Sr. Conde – prosseguiu o padre, comprimindo os sobrolhos com violência –, chorar por quem se não conheceu, quando nos contam desgraças que deram ao sepulcro uma mulher sem crime para tamanha punição, é motivo de mais para chorar, não é verdade? Eu falo da que aqui me deixou no mundo com um livro da sua vida e morte, escrito com o sangue das suas entranhas... Também me legou a alma débil, que Deus lhe fadara para sentir e chorar... Porque não chorei o resto das lágrimas, que ela deveria verter, se a sua vida não fosse tão breve entre os que a mataram?... Esqueci-me de que me atendia, Sr. Conde. Estava eu agora a pensar alto como penso, noite e dia, na solidão da minha consciência... Eu vou satisfazer-lhe a sua curiosidade...

– Não só curiosidade, Sr. Padre Carlos... é também o interesse do dó...

– Dó... não, Sr. Conde! – interrompeu o padre com impetuosidade – eu não quero dó de ninguém! Não troco a minha vingança pela compaixão dos felizes do mundo... As cores tristes do sentimento que dou à minha história, senhor, não são figuras de retórica para comover... São a fidelidade do texto, e os documentos que hão-de servir-me em saldo de contas depois da vingança... Perdão! Sr. Conde... perdia-me outra vez nas abstracções... Eu não sei que tinha dito...

– Acabara de repetir a carta de sua mãe, em que ela desconfia de estar acabado o amor de Cristóvão...

– É verdade... E a segunda carta, que termina assim «Poderás dizer-me se eu devo ter esperanças nas promessas deste homem, deste anjo, que eu hei-de adorar, quando já sinta um seu pé esmagar-me o coração?...»

– É justamente o final da segunda carta... V. S^a disse depois que para abreviar o desenlace ia repetir as últimas

– As últimas... – respondeu o padre com um sorriso amargurado – as últimas não foi ela quem as escreveu... O padecimento mata a inteligência... Houve quem escrevesse os últimos dias daquele anjo... Foram as mãos que lhe ampararam a face amortecida, e lhe cerraram as pálpebras humedecidas das últimas lágrimas que chorou... É um diário, Sr. Conde de S. Vicente, que faz sofrer a alma do mais perdido e insensível pelo endurecimento dos crimes.

– Existe esse diário? – perguntou, vivamente comovido, Manuel de Távora.

– Tenho-o eu, e não tenho mais nada neste mundo! Enfureço-me e sinto lágrimas de piedade quando o leio... Parecem impossíveis estes dois sentimentos! Ela morreu, perdendo... e eu vivo há vinte anos atormentado na alma pela peleja do perdão contra a vingança... O meu manuscrito, Sr. Conde, quero que o leia...

– Permita Deus que seja hoje – disse o Távora sinceramente compadecido.

– Hoje, não... É cedo ainda – retorquiu o padre com intenção calculada.

– Cedo?!... porque é cedo?

– Cedo para a minha vingança!

Era admirável a mutação rápida nas feições do abade! A compaixão dorida e serenamente religiosa, que, há tanto tempo, lhe irradiava a bela fisionomia, convertera-se instantânea naquele franzir severo e ríspido de cólera que os frenologistas imprimem nos seus Robespierres e Marats de fantasia.

O conde de S. Vicente sentia-se abalado, cativo, e fascinado deste homem extraordinário, que ansiava uma vingança misteriosa, e impossível de descortinar-se nas trevas dos ódios humanos. Emprazo o mais esperto dos meus leitores para adivinharem que trágico pensamento reluta naquele coração de homem a arfar, possesso de maus espíritos, debaixo de uma veste sacerdotal!

Vamos estabelecer alguma hipótese antes de virar folha ao meu precioso manuscrito. Supomos que o padre... Não supomos nada, que é o melhor... Sigamos

textualmente a prática dos dois, cujas divagações me fizeram quebrar a palavra de romancista, que, de tão boa-fé, vos dei, honrados leitores, no argumento do capítulo.

– Cedo para a minha vingança – repetira o padre, estendendo com majestade o braço direito para o conde.

– E que vingança medita?

– Que vingança medito!... – respondeu o abade, acenando com a cabeça, e sorrindo com aquele sorriso indefinível entre a ironia e o martírio. – Que vingança medito?... pergunta V. Ex^a: Pergunte ao órfão que reza sobre o túmulo de um pai que lhe mataram que vingança medita!... Pergunte ao pai da virgem prostituída e abandonada à porta de um hospital que vingança medita!... Pergunte ao filho a quem mataram sua mãe com infâmias e traições e escárnios e vergonhas... que vingança medita!... É a minha vingança, Sr. Conde de S. Vicente!...

– Não fira alguma vítima inocente, Sr. Padre Carlos... replicou o Távora com a brandura de uma boa alma...

– Não era tão inocente minha pobre mãe!? Quem mais inocente de que a pomba que estende o pescoço debaixo do pé que a sufoca?! Sr. Conde de S. Vicente... Não sei como estas horas se passaram... Suponho que V. Ex^a me não convidará a consagrar o seu casamento com a filha de D. Cristóvão da Veiga. Retiro-me, e levo comigo a certeza de ter-lhe inspirado compaixão pela desgraçada, que já não pode agradecer-lha...

– Decerto... assim eu pudesse já agora saber que flagelos o privaram dessa mãe infeliz...

– Sabê-los-á, manhã, já que o quer...

– Confia de mimo seu *diário*?

– Não o confio de ninguém, Sr. Conde... Hei-de ler lho Quero sondar as impressões que ele lhe causa...

– Aqui?

– Além!

O padre erguera-se, e por um dos balcões da torre apontava para uma pequena granja que se toucava de espessas árvores na margem direita do rio de Prado.

– Além?! – perguntou maravilhado o conde.

– Não lhe disse eu já que era aquela a herdade de D. Antónia Bacelar?! Eu, nas cenas de grande amargura, procuro harmonizar tudo que é dor por quantos modos inventou a tristeza... Já li o diário de minha mãe sobre o seu túmulo... De tanto quero eu livrá-lo... Sr. Conde, depois das minhas obrigações paroquiais, ver-nos-emos manhã.

– Até manhã, Sr. Abade.

Manuel de Távora vieram D. Inês e seu irmão despertá-lo de uma tristeza meditativa.

Lá dentro, naquele coração religioso e timorato, o terror e o prestígio acordaram alvoroços estranhos e dores misteriosas.

CAPÍTULO XVIII

Contam-se passagens que só o Demónio era capaz de adivinhar!

O padre Carlos da Silva teria tempo de chegar ao fundo da tortuosa escada do castelo, quando D. Inês e seu irmão entraram na sala. Pedro, a quem o verniz das viagens tinha dado este polimento de estoicismo, que hoje se adquire sem sair da aldeia, encarara a história do padre como coisa frívola, e própria de um abade de Santa Senhorinha de Vilamarim, com pretensões a misterioso e terrível. D. Inês, que era mulher e toda subordinada aos preconceitos e temores de um coração novo e crente, dera mais ouvidos à voz íntima dos terrores que lá dentro lhe segredava infortúnios do que às graciosas zombarias de seu irmão em desconceito da lenda trágica do profeta de Vilamarim, como ele, por não sei quê de escárnio, denominava o padre.

Cada um com as suas ideias, vieram encontrar o conde de S. Vicente, que por força devia também lá ter as suas.

O homem estava aterrado, e sucumbia como criança às funestas consequências de uma tragédia, cujo remate ainda não sabia. A existência de um grande crime que expiar já ele não ignorava: a precisão de ser expiado na pessoa de alguém era um artigo de fé indestrutível; mas o que mais atormentava aquela boa alma eram as conjecturas da vítima e do algoz! Seria a inocente filha de D. Cristóvão a pomba expiatória daqueles rancores? Estariam os alçapões do Inferno abertos para receberem todas as almas em contacto com o criminoso?

Era justamente este grave caso de teologia moral que escandecia a cabeça atordoada do conde, quando a melancólica menina e o risonho Pedro da Veiga cada um por sua vez lhe dirigiram estas animadoras palavras:

– Então o padre pediu as três ave-marias do costume?

O conde sorriu forçadamente ao gracejo do Veiga.

– Disse-lhe coisas que o entristeceram, não é verdade? Eu adivinho isso... Não to disse eu, Pedro?

O conde ergueu-se e apertou afectuosamente a mão de Inês, como a agradecer-lhe alentos, que tão precisos lhe eram. A fronte começava a iluminar-se-lhe por entre as nuvens de tristeza, ou o fogo dos lindos olhos dela aqueciam aquelas feições paralisadas pelo torpor de um medo sobrenatural. Eu estou por isto, e penso que não há inimigo vivo nem fantasma de túmulos que o homem não acometa, espiritualizando por certos olhos que infundem mais coragem que as arengas de César e Bonaparte.

As almas, que se decidem pelas primeiras impressões, decidem-se pelas segundas com milagrosa rapidez. Se não fosse esta lei da sábia Providência, haveriam perpétuos tolos, apaixonados insuportáveis, e homens feios muito infelizes com mulheres.

A alma do conde era uma daquelas. Se o deixassem só vinte e quatro horas, veria um cortejo de fantasmas povoarem-lhe a imaginação crendeira, e o espírito de Antónia Bacelar pô-lo-ia em uso de arruda, figas, e exorcismos.

Bom foi virem a Sr^a D. Inês e seu irmão exorcismar no nascedouro uma legião de demónios e feiticeiras, que povoariam a província de Trás-os-Montes, e inspirar a musa dos poetas da localidade.

O estróina do Veiga estava morto por saber na essência a sublime loucura do bastardo Carlos da Silva.

– Conte lá, Sr. Conde – dizia ele com ares de chasqueador *faceira*⁵ –, conte para aí

⁵ Equivalia a *janota* dos nossos dias.

essa jeremiada do profeta Carlos... Que diz ele? Quer levantar contra o pai os povos da freguesia? Temos excomunhão pontifícia, ou acendem-se as fornalhas da inquisição?

– Não escarneças, Pedro; eu tenho muito medo daquele homem... – disse D. Inês com muita brandura, e apertando convulsivamente a mão do conde. – Diga, ele entristeceu-o, não é assim? – continuou ela, olhando docemente para Távora.

– Entristeceu-me bastante... Quem não há-de sentir as desgraças de uma senhora que foi boa de coração e linda talvez como D. Inês da Veiga?!...

– Essa é boa! – interrompeu o irmão de Inês, enrugando a testa e emendando logo este gesto de aborrecimento com um sorriso de desprezo. – É muito boa essa, Sr. Conde de S. Vicente! V. Ex^a compara uma Bacelar com uma Veiga?!

– E então, isso que tem, mano? – perguntou sinceramente compungida D. Inês.

– Eu não comparo linhagens, Sr. Pedro da Veiga!... Permita Deus que novos dissabores por causa de pequices de nobiliarquia não venham aguardar-nos esta amizade nascente... O que eu disse foi que D. Antónia Bacelar teria um coração e uma formosura como a de sua irmã...

– Teria – tornou o Veiga, reprimindo os espíritos heráldicos alvoroçados. – Teria... pode muito bem ser que tivesse... mas não me sinto inclinado a santificar o coração de uma mulher ordinária, que se vale da sua formosura para calcular um casamento desigual, como eu me sirvo das boas maneiras com a filha de um meu foreiro para os únicos fins que posso aproveitar na filha de um meu foreiro...

– Que disseste, Pedro? – perguntou D. Inês com singela curiosidade.

– Não disse coisa que lhe interesse, menina – respondeu o conde; e voltando-se para Veiga continuou com circunspeção e gravidade: – Não estamos sós, meu amigo... A conversa, assim tratada com liberdade de rapazes, tenho direito a suspendê-la na presença da que há-de ser minha mulher...

– Tem razão, Sr. Conde... E lembrou muito bem... Minha irmã, e a reputação de minha família, sofrem com a demora do seu casamento. Não carecemos dos favores insignificantes do abade de Vilamarim. Qualquer padre e em qualquer capela... não é verdade?

– Decerto – respondeu o conde com resolução.

– Pois bem – continuou o Veiga –, partamos já para Vila Real. Veste-te, Inês...

– Eu estou vestida... não tenho mais do que isto – respondeu com muita simplicidade Inês, agitando graciosamente a meia cauda do seu vestido de seda com matizado a fio de prata, e mal enxuto da chuva daquela noite.

O conde e o irmão sorriram-se, e iriam talvez comentar a *toilette* crítica (palavra que só muito depois atravessou os Pirenéus de braço dado com a *soirée*) da menina – quando aquele lacaios, ferido horas antes por Pedro da Veiga, apareceu no limiar da porta do salão.

– Que queres? – perguntou o conde.

– Saberá V. Ex^a que estou mal arranjado deste braço... Não me acho nada bom... e custou-me bem a chegar cá acima...

João Lisboa, como o leitor se lembrará que ele se chamava, não tinha visto Pedro da Veiga, senão pelas costas, conversando com a irmã. Quando ouviu falar de braço, Veiga lembrou-se do encontro da madrugada, e olhou para o Lisboa, que não teve mais uma palavra, quando deu de cara com o seu *benfeitor*.

– Então que é o que tens?... caíste? – perguntou Távora.

– O que foi... – respondeu ele, virando as costas para sair – o que foi... aí está esse senhor que o diga... O que eu preciso é que me deixem curar antes de partir, ou então que me deixem confessar para morrer...

E saiu. O conde ficou perplexo, e o Veiga, apesar de toda a sua indiferença de

bom tom, mostrou-se embaraçado com a eventualidade. D. Inês, indecisa entre dois partidos que tinha a escolher, dizia lá na sua consciência que novas desgraças conspiravam contra ela.

– Posso saber – perguntou o Távora com gravidade – porque V. Ex^a feriu o meu criado?

– Pelos mais justos motivos. Ofendeu-me, como um vil, que eu mandaria açoutar se trouxesse lacaio comigo...

– Ó mano!... – acudiu Inês, como quem suplicava bons modos e brandura ao génio irritado de seu irmão, que se dera um ar de arrogância.

O Veiga continuou sorrindo:

– Mau é que V. Ex^a me interrogue por um facto a que me envergonho de responder...

– Não deve envergonhar-se, Sr. D. Pedro da Veiga – redarguiu o conde. – Nós, os fidalgos, temos obrigação de responder pelos nossos actos, sem corar de vergonha, quando eles nos não ficam mal.

– Mas – replicou o Veiga – eu suponho que o conde dê S. Vidente não quer ser meu juiz por eu ter disparado uma pistola no braço atrevido do seu criado!

– Quem sabe?! – replicou o conde com a mais fidalga serenidade.

– Oh meu Deus! – exclamou D. Inês em postura suplicante. – Pedro!... Sr. Manuel de Távora!... pelo amor de Deus e de mim não estejam com essas palavras, que parecem de inimigos!

– Que singular situação! – murmurava o conde, passando os dedos pelos anéis da desalinhada cabeleira.

– Diz bem!... – tornou o Veiga com intenção má e caprichosa. – Que singular situação!

– Princiam muito cedo os dissabores entre nós – disse o conde, entre repeso e enfastiado.

– Não sou eu que os promovo – redarguiu Pedro da Veiga.

– Nem eu, pois não, conde? – interrogou D. Inês.

– Decerto não: sou eu e mais ninguém... – respondeu o conde com sublime resignação e bondade.

– Agora a minha vez, Sr. Conde... – replicou o Veiga cada vez mais rapaz e mais estouvado. – Princiam muito cedo os dissabores entre nós.

– Quem tos causa, Pedro? – perguntou a irmã encantadora de mansidão e brandura.

– São todos! – respondeu imperiosamente Pedro da Veiga. – Repito as palavras do Sr. Conde: *é singular a nossa situação!* O meu pundonor ferido não se afaga, como caramunhas de rapaz. Aos olhos do mundo, o procedimento de minha mana e o de V. Ex^a, Sr. Manuel de Távora, perderão a sua desonestidade pela bênção matrimonial; mas, pela minha honra lhes confesso, que a minha consciência magoada não se concilia de barato com os maus precedentes deste casamento. Não me deslumbra o realce da minha família com esta aliança...

– Nem eu ousou crer que tal deva acontecer – atalhou o conde, sorrindo.

– Nem acontecerá. Orgulho por orgulho, Sr. Conde, já que não posso dar-lhe afronta por afronta.

– Ou eu o não compreendo, Sr. Veiga – disse o conde com acrimónia –, ou V. Ex^a tem uma condição que desmente a honradez cavalheirosa que eu lhe supus...

– Conde! pelo amor de Deus!... – atalhou D. Inês com aflicção e temor.

– Que quer V. Ex^a dizer? – interrogou Pedro da Veiga rispivamente, com as faces afogueadas de cólera.

– O que eu queria dizer é que V. Ex^a é caprichoso ou indiscreto de mais.

– Porquê?

– É incrível que mo pergunte! Qual foi o meu procedimento, desde que V. Ex^a entrou nesta sala?...

– Sim, sim – interrompeu D. Inês com aquela gentil intrepidez que caracteriza a mulher de paixões resolutas. – O Sr. Conde teve contigo algum procedimento digno dos modos grosseiros com que o trata?

– Teve! – respondeu com firmeza o Veiga, lançando sobre sua irmã um olhar rancoroso e ameaçador.

– Qual? – perguntou o conde.

– Fazendo valer mais o seu laçao que as razões que eu tive para o castigar... Basta de interrogatório! – exclamou o Veiga iracundo. – A certas perguntas é a minha espada que responde, Sr. Távora! em nome de meu pai, nego a minha irmã o consentimento para casar-se com V. Ex^a.

– Oh, meu Deus, quanto sou desgraçada!...

Esta improvisa exclamação de Inês, seguida de lágrimas, não sabemos que cenas tristes atalharia. Filosofando, como nos é lícito, sobre estes caracteres, qual o manuscrito os pinta, Pedro da Veiga, assim empavesado em fumaças da fidalguia briosa de justas e torneios, era um homem excêntrico na sua época, muito degenerada e nada ciosa nos brios da castidade de portas adentro, como é público e notório. Precavido contra a imputação de anacronismo, eu quero em nome do meu fidelíssimo manuscrito, que o leitor, medianamente versado na fisiologia das sociedades, confesse de boa mente a aparição destes homens, que se destacam do comum porque o demónio do ridículo se lhes encarnou no espírito. Há poucos anos, vimos nós na Atenas lusitana um académico, reptado para duelo, tirar o gorro e cobrir o capacete, despir a batina e vestir o arnês e cota de armas, largar as esburacadas meias de sarja e encadernar as tíbias infidelíssimas nas grevas e nos coxotes, e, com a mais irrisória boa-fé, arremessar-se ao campo da morte a todo o trance, com o triste do pagem de escudo e cavalo de estado. Se a hilaridade nas turbas foi o resultado da impressão deste espectáculo lamentoso de zombaria, não vedes o pobre do académico por isso representar nesta época – em que se vive no botequim e morre na cama com a maior simplicidade – o que Pedro da Veiga representava na sua, em que se amava e prostituía com aquela prazenteira lhaneza dos salões .de Luís XV, *tão filosoficamente* recebida nos da mulher de Afonso VI?! Valhanos Deus com este prurido de episódios, que mais de um detractor há-de jurar que são farrapos da minha pobre imaginação!

O grito de D. Inês, qual o- ouvimos tão expressivo de angústia, condoeu o coração raivoso do mano, mas não pôde aplacar-lhe na cabeça as iras do orgulho.

O conde de S. Vicente, irritado como não podia deixar de o estar a mais cândida paciência, mas por efeito de um artifício de sublime moral, grave e solene, sem desdizer do seu carácter nobre e apaixonado, retorquiou serenamente:

– Então V. Ex^a decerto está autorizado por seu pai para proibir o casamento de sua irmã?

– Não preciso repetir o que afirmei uma vez! – respondeu o Veiga com grosseira sobrançeria.

O conde, impassível e risonho, replicou:

– Podia emendar, na segunda afirmativa, a mentira da primeira!

– Sr. Conde! – bradou o Veiga, avançando um passo para Manuel de Távora, que se não moveu uma linha.

D. Inês, ajoelhada e de mãos erguidas, embaraçara o segundo passo ao irmão, quem tremia de cólera, e contorcia uns olhos de tirano melodramático.

– Sr. Veiga – tornou o conde com muita serenidade –, V. Ex^a é um fraco aos meus olhos... aos de sua irmã terá passado por valente... mas que lucra disso?

– São muitos insultos – vozeou o Veiga–, um florete, Sr. Manuel de Távora... ou uma libré de laçao para esses ombros!

Chegou ao conde a sua vez de convulsões. Os olhos que ele cravou, raiados de sangue sobre Pedro da Veiga, prestes se embaciaram de lágrimas ao verem que terror aflitivo se apossara de Inês, que, de joelhos ais)da, não tinha voz para suplicar, nem forças para separá-los, mas pálida, gelada e convulsa, erguia humildes para o conde aqueles olhos, que impossível fora não serenarem o furor do mais indomável sanguinário.

Imaginem a aflição da pobre senhora, quando, desafogada da primeira compressão de terror, exclamava com a voz entalada de suspiros:

– Pedro!... eu irei contigo... irei... mas, pelo amor de Deus, compadeçam-se de mim... Sr. Conde... não posso ser sua contra a vontade de meu pai... V. Ex^a não perdeu nada... Quem perdeu tudo fui eu... Eu só... mas irei... irei para onde quiserem que eu vá...

Os gemidos, que da alma lhe vinham em gritos de agonia, embargavam-lhe a voz. Pendida a cabeça sobre as mãos regadas de lágrimas, D. Inês, linda e angustiada como outra do seu nome, parecia prostrada aos pés de um bárbaro como Afonso IV, implorar a vida que ímpios punhais iam cravar-lhe no peito.

Pedro da Veiga, a pior alma daqueles dias, e o mais repulsivo em crueza de todos os irmãos, fulminava a irmã com o seu olhar de desprezo, e sorriso de mofa. O conde entorpeceram-no espiritual e materialmente a série de acontecimentos desgraçados, que em menos de duas horas o espedaçavam.

– Perdido! – murmurou ele com uma voz surda e tirada dos abismos da alma!

– Perdido... não... Manuel de Távora!... perdido não, porque não há forças humanas que nos separem...

E assim, transportada a um quase delírio, e arguida de improviso, como se um braço de um anjo salvador a levantasse da sua humildade pueril, D. Inês abraçava sofregamente o conde.

Pedro da Veiga, estranhamente sopeado nas suas iras perante aquela expansão livre de sua irmã, relutava com a desordem de paixões que o desvairavam, e sentia-se um instante envergonhado de si mesmo. A sua situação, se lhe tirarem o silêncio cómico, era de pesar-lhe com dor na consciência, e com vergonha na face! Até ali na sua presença, entre o conde e sua irmã, foi tudo aferido pelo pudor: nem um olhar que não fosse honesto, nem uma palavra que magoasse a sensibilidade pundonorosa de um irmão. E agora? um abraço cálido, embora aflitivo; um delírio apaixonado, um juramento de aliança, uma expansão de amantes, embora o destino venha selar de sangue aquele juramento, embora lágrimas sejam as flores das núpcias, e a campã o seu leito conjugal.

D. Inês soluçava, chorava, e, comprimindo com os dentes o lábio inferior, parecia violentar-se a disfarçar uma dor aguda que lhe varava o seio. Eram torturas de mais para uma organização tão melindrosa. A face há pouco febril nas vertigens de um amor, longo tempo retraído nas angústias do pudor e do medo, descorou pendida e desmaiada. Parecia morta, quando o conde ia sentá-la, ou conduzi-la ao quarto. Pedro da Veiga também ia auxiliar o conde, quando este, com um não sei quê de ferocidade nos olhos, lhe disse em tom rancoroso:

– Não ouse pôr-lhe a mão... O carrasco abandona a vítima depois que a mata...

Pedro da Veiga, imóvel e embrutecido como se na verdade sua irmã lhe caísse de entre os braços assassinada, num ataque de furiosa demência, não teve uma interjeição

que responder ao pungente daquela ameaça.

O conde, duvidoso se Inês da Veiga seria um cadáver, lançou sobre o leito aquele corpo alquebrado e frio. Sobre os lábios alvacentos achou-lhe na respiração tardia alguns sinais de vida. O pulso era debilitado e raro como nas agonias de um héctico. De resto, a existência desta menina, assim extenuada de fadiga, sem alimentos, e sobretudo tão martirizada sem esperanças, ameaçava finir-se muito depressa. O conde, contemplando-a, chorava. Pedro da Veiga deixava-se cair sobre uma cadeira, e, com a cabeça curvada sobre o seio, parecia sofrer remorsos, ou imaginar o bálsamo que guarecesse as feridas abertas naqueles dois corações tão bons e tão generosos.

Bem longe disso... Nem seria possível o contrário...

Veiga ergue-se repentino; vai como em delírio ao quarto de sua irmã; toma-lhe arrebatadamente o pulso; convence-se de que não está morta; e, virando-se sobranceiro e terrível para o conde, exclama:

– Não lhe compete estar ao pé de minha irmã enferma!... Quando lhe faltarem pai e irmão, virá um estranho velar as doenças da filha de D. Cristóvão da Veiga.

O conde, com admirável sangue-frio, respondeu:

– A civilidade manda-me ser o mais zeloso enfermeiro dos meus hóspedes. Quando eu for a casa dos Veigas zelar a saúde dos seus familiares, V. Ex^a, rude e incivil como é, mandar-me-á sair de sua casa.

– Sr. Conde! – replicou o Veiga – já não podemos transigir sem sangue!

– Assim o creio!

– Pois bem... E necessário que minha irmã saia dentre nos...

– Sairá! – respondeu o conde com sobressalto e nenhuma resolução.

– Não tenho um criado!... – murmurava o Veiga, esfregando a testa freneticamente.

– Temos meus às suas ordens, menos o que V. Ex^a...

– Matou! – respondeu o padre Carlos da Silva, encostado ao batente da porta do quarto!

– Que diz, senhor?... – respondeu Pedro da Veiga, desorientado e confrangido pelo terror natural aos mais prevaricados corações.

– Matou-o... que mais quer o filho de D. Cristóvão da Veiga? – respondeu, sem alterar-se, o padre.

– Não é possível! – murmurou o Veiga, comprimindo a testa convulsivamente.

– É possível tudo, Sr. Veiga!... – tornou o padre com um dos seus sorrisos melancólicos... – Tudo é possível e tudo se explica por uma só palavra... ANÁTEMA!

– Basta, senhores! – exclamou o Veiga, sentando-se à cabeceira de sua irmã, que não dera ainda novos sinais de vida.

O padre acenou ao conde e saiu. O conde seguiu-o, sem ter dado uma palavra, depois desta inesperada aparição do padre.

Fora na sala, a meia voz, foi este o diálogo que eles tiveram:

– Esta minha vinda surpreendeu-o, Sr. Conde?

– Por certo.

– Eu lhe explico: muito perto daqui chamou-me o seu caseiro, pedindo-me que tornasse atrás para ouvir de confissão o seu criado, que parecia escoar-se de sangue e morrer. Achei-o febricitante, lavado em sangue, e profundamente chagado desde o ombro direito até ao peito. perguntei-lhe quem o ferira; respondeu-me que este fidalgo, que estava com o Sr. Conde. Primeiro pasmei, depois... maravilhei-me da Providência de Deus... e achei que os homens não eram admiráveis por nenhum género de virtude ou crime... Eram quase ininteligíveis as suas palavras... Quis atar-lhe a ferida: era um vão esforço; não havia sangue a suspender; lá para o interior do peito via-se-lhe uma carne

lacerada e negra; era a morte, que não dava esperanças nenhuma. As poucas palavras que lhe entendi foram-me ditas para que eu as comunicasse a V. Ex^a. Este homem tem mulher pobre, e dois filhos, que não deixam ainda o colo de sua mãe. O morto pediu que lhos protegesse por caridade, e lhe mandasse dizer por sua alma cem missas do ordenado que V. Ex^a lhe tinha a dar pelo ano findo... Pouco mais disse... Acrescentou que perdoava a quem o matou, para que Deus lhe perdoasse os seus pecados...

– Oh meu Deus! – murmurou o conde – o que é a minha vida há um mês! que cenas tão desgraçadas eu tinha de causar com esta minha vinda à província!

– Agora, outro assunto – continuou o padre. – Há indisposição entre V. Ex^a e Pedro da Veiga?

– Imensa, Sr. Abade... e irreconciliável.

– Eu adivinhava-o, se não tivesse escutado as últimas palavras.

– Ouviu-as?

– Persuadi-me que o Veiga queria tirar-lhe a irmã.

– É verdade... e exige um desafio depois.

– ANÁTEMA! – murmurou o padre, sorrindo-se.

– Que diz, Sr. Abade?

– É uma palavra com que V. Ex^a já viu que eu explico os fenómenos desta família.

Não há nada a recear nem a perder.

– Há tudo.

– Tudo o quê? D. Inês em casa do pai, ou a vida no desafio?

– Que importa a vida, se tenho de perder este anjo?

– Poupe a vida, que esse anjo é seu, como a ideia da vingança é minha...

– Que quer dizer?... explique-se...

– Explicar-me!... só tenho aquela palavra que V. Ex^a sabe...

– Mas... eu não compreendi como é possível fazer minha essa infeliz menina...

– Dir-lho-ei.

– Quando?

– Logo que ela estiver em casa de seu pai...

– Pior mil vezes...

– Imagine um melhor meio, se pode, e despreze o meu conselho, Sr. Conde.

– Então dê-me uma escassa luz do que há-de fazer-se.

– Dar-lha-ei clara e imensa como a do Sol.

– E antes dela sair?

– Dê-lhe uma esperança, e diga-lhe que amanhã lhe será enviada uma carta sua...

Sr. Conde!... olhe para mim como para um amigo... Juro pelas sagradas ordens que me constituem ministro de Deus, e pela hóstia e cálix que consagro a Cristo, juro que D. Inês da Veiga será sua, tanto quanto uma mulher pode sê-lo de um homem!

– Eu lhe agradeço de todo o meu coração.

O conde abraçava calorosamente o padre, que continuou:

– Um dos seus criados deve já ir buscar uma liteira a casa de D. Cristóvão.

– Já?... quem sabe se poderemos ainda...

– O quê?

– Remediar com bons modos...

– Pois bem... se achar o remédio dos bons modos, despreze o meu conselho...

Procure-me como um recurso extremo, que há-de encontrar-me, Sr. Conde.

Nisto apareceu Pedro da Veiga. Vinha lívido, e trazia nos olhos resíduos de lágrimas. Se foram de cólera ou de contrição, não era fácil adivinhar. Vamos ouvi-lo e julgaremos:

– Minha irmã está melhor. Em nome dela peço ao Sr. Conde que me faça chegar

aqui uma liteira de minha casa.

– Em nome dela é que me pede? – perguntou o conde em tom de admirado.

– Em nome dela.

– Essas ordens devo recebê-las dela mesma.

– Não consentirei que ela lhe fale.

– Porquê, senhor?

– Não são uso da província de Trás-os-Montes, entre as pessoas de bem, entrevistas num quarto a sós com a pessoa que nos pertence por direitos alguns. Aquela mulher que ali está é minha irmã... basta que eu lhe diga isto. As demais explicações dou-lhas de cara a cara, em hora e local determinados... Creio que não se esqueceu...

– Não se esqueceu – respondeu o padre, sorrindo-se, com aquele sorriso que já não é preciso explicar ao inteligente leitor.

– Não falo com Vossa Mercê – retorquiu o Veiga.

– E comigo... Não me esqueci – tornou o conde.

– Bem... posso contar com o favor que lhe pedi em nome desta senhora que V. Ex^a introduziu de noite em sua casa?

– Pode... e já.

O conde saiu a um dos balcões do castelo. Chamou o primeiro criado que viu, e desceu ao primeiro sobrado. Pedro da Veiga, com insolente desprezo, entrou no quarto de sua irmã, fechou a porta na cara do padre, sem o menor gesto de atenção.

O padre sorriu-se, e disse no fundo da sua consciência:

– Entre o homem e a vingança interpõe-se o tempo. Nunca estive tão perto da minha.

Porque o diria?

Veremos, se o manuscrito lá chegar, o que Deus permita.

Padre Carlos era muito nervoso para estar quieto. Tirou da sua carteira de marroquim ataxiada de ouro um oitavo de papel. Deste cortou uma tira, e nesta escreveu o seguinte:

Manhã às quatro horas da tarde um mendigo estará sentado no segundo degrau da tua escada. Receberás uma carta, e com ela a esperança de seres minha como hoje o és pela alma. Nem uma lágrima. Ostenta a alegria de uma mulher satisfeita. É reabilitar-te para a honra.

Conde de S. Vicente.

O conde chegou. Vinha mortalmente triste. Leu o bilhete. Disse que lhe agradava, e lembrou a dificuldade da entrega.

Entretanto que o conde copia o bilhete, entremos no quarto.

D. Inês, sentada na cama, chora as mais amargas lágrimas de mulher, e de mulher virgem, e de virgem que vê caírem-lhe murchas as flores da sua grinalda sem que o coração tenha uma nódoa.

Pedro da Veiga, com a barba sobre a mão esquerda, e com a direita pousada nos copos da espada, parece saborear aquelas lágrimas com refinado cinismo.

– Pedro! porque queres a minha desonra? Que mal te fiz?

– Desonraste-me! Envileceste-me! Escreveste na campa de tua mãe um epitáfio de vergonhas. Arremessas teu pai ao túmulo, com o primeiro escarro na sua fronte de nobre!

– Oh meu Deus! como este homem é cruel!

Não invoques Deus! Ele é que me pôs aqui para punir-te.

– De quê? Eu não tenho uma acção que me envergonhe... não tenho um pecado na consciência... Estou pura...

– Ainda bem...

– E se o não estivesse?

– Matava-te, e... matava-o...

– A ele?... – exclamou Inês com um grito ardido e profundo de raiva. – A ele?... Nunca! O conde de S. Vicente não é uma pobre mulher, que tu escarneças.

– Silêncio! – replicou com voz soturna o Veiga.

Foi tarde a voz de silêncio. Fora, o padre e o conde ouviram a última exclamação.

– Silêncio! – disse também o padre. – Escutemos.

E escutaram, mas não ouviram mais que o sonido represado de vozes. Era ainda o diálogo, que nós poderemos ouvir se o travesso do Veiga não nos puser fora do quarto.

– Daqui a uma hora é necessário que esteja pronta

– Estarei – respondeu a lastimável menina já sem alento para lutar com um tigre.

– Há-de ir para casa.

– Irei... mas não me martirizes... Cala-te, que as tuas palavras são golpes que sinto no coração...

– Hás-de saber o que são golpes na clausura... fechada para sempre à luz do dia...

– Deixa-me!

Esta desesperada exclamação de Inês chegou aos ouvidos do conde e do padre como um brado de socorro.

Sem se consultarem, simultaneamente empurraram a porta, e encontraram os dois irmãos na postura em que os vimos.

Inês estremeceu, e saltou insensivelmente abaixo da cama. Pedro da Veiga arrancou meia espada da bainha, e sentiu a mão nervosa do padre obrigá-lo a embainhá-la com uma simples compressão sobre o seu punho. Esta cena rápida como um sonho mau foi silenciosa, mas muito expressiva e eminentemente dramática. Note-se que o padre nem aqui neste lance de perigosa crise economizou o seu infalível sorriso.

– Sr. Pedro da Veiga – disse o padre fria e pausadamente –, V. Ex^a é vítima de algum desarranjo mental... (O padre fora informado pelo conde de todos os precedentes.) A experiência, e o mundo que V. Ex^a correu, e que tantas vezes são um correctivo para as índoles malévolas, para o Sr. Veiga foram um deslumbramento que o cegaram...

– Não lhe peço moralidades, nem sermões, Sr. Abade... Aplique-os aos seus fregueses...

– A missão do homem honrado não limita as suas funções ao círculo de uma freguesia. V. Ex^a precisa que lhe falem doutrinas de moralidade, que lhe importa se é um pobre pároco que lhas diz em nome do Evangelho?! (E aqui o padre, depois de um ligeiro gesto ao conde, colocou-se de maneira que o Veiga não suspeitasse a passagem daquele bilhete, que lemos, para D. Inês da Veiga.) V. Ex^a é um ímpio, quando sacrifica aos caprichos de um orgulho estólido o coração de sua irmã, a *honra imaculada* de seu pai... (aqui sorriu-se) e os nobres affectos do Sr. Conde de S. Vicente...

– Há pouco – interrompeu o Veiga sarcasticamente –era eu o que lembrava ao Sr. Abade a precisão de casar minha irmã com aquele senhor... e Vossa Mercê... nem eu me lembro que razões frívolas inventou para adiar esta aliança... Agora...

– Mudaram-se as cenas, não é o que quer dizer? – interrompeu o padre. – Enganase, Sr. Pedro da Veiga. Eu não tolhi o casamento deste senhor com sua irmã. Anulei-me como padre para este sacramento... Tinha para isso as minhas razões de consciência... Encarregassem-me de mandar-lhe um outro sacerdote, menos zeloso dos preceitos eclesiásticos, ou desempoadado no foro da consciência, e veriam os noivos com que afã eu

curava de sua felicidade.

– Compreendo-o, Sr. Abade... – tornou o Veiga em tom Jocosos.

– Ainda bem... – replicou ele, fingindo-se desentendido.

– Eu sou claro e franco... Ouçam-me todos com bom juízo e recto espírito...

Salvem-se as reputações de todos... O mal feito não prejudica o bem que pode fazer-se... Podem todos ser felizes...

O padre Carlos não adivinhámos a que conclusões levaria os seus princípios, visto que a Sr^a Benta do João, já nossa conhecida, farta de chamar na sala, sem lhe responderem, bateu à porta do quarto. A pobre mulher limpava as lágrimas com o seu avental de serguita, e custava-lhe a vencer os soluços para se explicar.

– Que queres? – perguntou o conde.

– Vinha saber – respondeu ela, chorando cada vez mais

– o que se há-de fazer daquele morto.

– Há-de vestir-se e levar-se para a igreja – respondeu o abade.

Pedro da Veiga, que pela primeira vez fora homicida, sentiu-se aterrado, levou a mão às espirais descompostas do seu cabelo, levantou-se, e saiu para a sala. D. Inês escondera a face entre as mãos, e sabe Deus que aflitiva impressão não foi aquela! O conde lastimava-se, e lastimava tantas vítimas que ele fizera indirectamente. O padre... meditava na sua vingança... A Benta do João, mulher de boa alma como são todas as mulheres que não podem pela sua rudeza diminuir as dores com os lenitivos do grande tom, chorava por tudo sinceramente; e não choraria menos pela morte da sua galinha pedrês, ou do seu bácoro de orelha fanada, do que chorou pelo João Lisboa.

Além desta sua natural sensibilidade, a mulher tinha remorsos de ter inocentemente dado um púcaro de aguardente, e umas esfregações ao lacaio, que ela julgou, na melhor boa-fé do mundo, estar tolhido de frio. Não obstante este espinho cruelíssimo, que ela esperava arrancar da sua consciência, à custa de confissões, e rosários, e vias-sacras, a mulherzinha não prescindia de fazer os seus respeitosos cumprimentos à senhora; e para isso, aproximou-se o mais que pôde de D. Inês, que, sem espírito de orgulho nem fumos de aristocracia, não estava para aturá-la. A Sr^a Benta, que não tinha ainda lido nem ouvido falar na soberania popular, humildava-se carinhosamente à fidalga, e sentia-se cair de joelhos aos pés dela, quando o padre Carlos da Silva, cioso de que tais actos de humildade fossem usurpados a Deus, susteve-a e repreendeu-a com o seu olhar severo. A Benta, ao que parece, tinha pecado lá dentro que a não deixava sossegar sem pedir perdão a alguém. Mau é que o remorso na mulher do povo lhe nasça espontâneo sem que o confessor lhe cauterize a consciência com a ponta de ferro aquecido nas forjas do Inferno. A dor então é real, profunda, e, se quase sempre é filha de prejuízos e abusões, casos há em que o espírito se enluta daquele pavor de crimes, que é também mortalha para o corpo. Nas cidades, e nos salões, e nas *Aspásias* dos salões, é que não há dessas consciências, nem desses crimes, nem íntimos pavores, que o brilho deslumbrante da pedraria não desvaneça. Por cá, «no sepulcro branqueado das cidades», o espinho do crime descrava-se com facilidade do seio arquejante da mulher que se requebra numa polca-mazurca. Caído, o lindo pé do anjo passou-lhe por cima, e quantas vezes o espinho nascido no sangue, e pisado por ela tão donosa, transforma-se, como a crisálida, em flor inocente, que eu e tu, amigo leitor, lhe apanhamos debaixo dos pés, e aspiramos sequiosos do seu perfume!

Estávamos com a Benta do João, dizendo que ela estava mordida da serpente do pecado. A mulher, se tinha precisão de uma confissão geral, devia ajoelhar-se ao seu pastor, que estava ali, e não a D. Inês da Veiga, que era das que ali estavam a que mais precisava confessar-se pelo pouco que prometia de vida.

A Benta continuava a chorar, e tão copiosa foi nestas vertentes de sentimento

líquido, que o padre Carlos não resistiu à necessidade paroquial de chamar a sua ovelha à parte, e ouvi-la de confissão provisória.

– Que tem, mulher? – perguntava ele, chamando-a ao fundo do quarto, ao mesmo tempo que D. Inês lia o escrito, e o conde lhe traduzia nos gestos a impressão daquelas promessas.

Deixemos a Sr^a Benta confessar-se de algum pecado tremendamente misterioso, na certeza de que o padre Carlos não é homem que o cale, se for coisa de interesse romântico.

D. Inês iluminou-se-lhe a face de um brilho de alegria, que reflectiu com igual intensidade na face do conde. Pareciam transfigurados! Apertavam-se as mãos com frenesi. Lágrimas, como as que ambos choravam, serão sempre em faces amarelecidas pelo desgosto um grito silencioso de contentamento febril.

Costuma dizer o povo na sua linguagem cândida e desenfeitada, quando contempla extasiado uma linda criança, de olhos espertos, e sorriso angélico – «Este menino é de Deus... não viverá muito.» Sentia-se precisão de dizer «esta infeliz é do Céu», vendo aquela formosa e magoada menina, assim angustiada pelos cilícios da desgraça, e ferida de golpes mortais em tão poucas horas, e sem um só instante de júbilo que lhe suavizasse a gravidade do martírio!... O fel da morte bebe-se a longos tragos em poucos instantes. Uma grande paixão é surpreendida pela mortalha, que muitas vezes nem tempo deixa de pedir à esperança um raio de luz. Não foi assim feroz com D. Inês a morte que de tão perto lhe acenara durante onze horas de inconsolável suplício.

A consciência que ela tinha da sua virtude imaculada, as flores viridentes da sua coroa de virgem, poderiam servir-lhe ao menos de repouso à consciência, quando a tirania de sua família a arrancasse para sempre do coração do conde?

Não, realmente não. Nas paixões decididas, se a desventura as envenena no seu culto o mais ideal e o mais generoso, não cuideis que é consolação para a mulher a consciência do seu pudor sem mácula, ou para o homem a chamada consciência do seu cavalheirismo. A virgem que se abandona aos afagos espirituais do homem, esse coração que se embriaga e perde nas aspirações indefinidas do instinto, abdica toda a realeza e orgulho, quer só carinhos a troco da completa renúncia de si mesma.

D. Inês, arrastada para longe de Manuel de Távora, e convencida de entrar em casa de seu pai, cândida, inocente e pura como saíra, não acharia nesta convicção bálsamo para cicatrizar a ferida de morte que lhe golpearam no seio... embora intacto por mão de homem.

Adorada espiritualmente de joelhos, ou somente, em suma de todas as adorações, devorada pelo amor cálido de beijos frenéticos e sequiosos, D. Inês verteria as lágrimas, morreria no mesmo instante, e aos seus próprios olhos seria a mesma desgraçada. Aos olhos do mundo, é que ela não pediria indulgência nem amor. Mulher que se abisma no segredo da sua dor, e expira abraçada com a imagem de um homem por quem se perdera, essa não pense a opinião pública que a flagela em negar-lhe um perdão que ela lhe não pediu... Esquecida de si, desprezada pela própria consciência, a mulher esqueceu e desprezou primeiro esse pomposo sarcasmo chamado *opinião pública*. Na morte, os seus dois extremos gemidos repartiu-os por Deus, e pela saudade... da terra, não, do homem que na terra lhe fica para ler-lhe o epitáfio com os olhos enxutos e o coração tranquilo.

– Então onde fica a história? – pergunta o leitor, arrependido de gastar o seu dinheiro em um livro, que nem ao menos é uma sincera novela!

Judicioso burguês, barão, literato, ou o que quer que és! a história é tudo isto que aí vês, descorado aqui pela palidez, ali enérgico e vivo pelo interesse que me vem de acalorados sucessos; acolá estirado e confuso pelo remanso que a alma de escritor

saboreia nessas agonias sociais que o retratam no íntimo; umas vezes desleixado e risonho deste desleixado sorrir da infelicidade que olha para as cenas do passado amarguradas e doridas do flagelo da desgraça, que é o mesmo em todos os tempos; outras vezes grave e sisudo, analítico e regularmente histórico, como convém que o seja para não cair no desagrado do leitor, que exige os sucessos filhados e consecutivos como um capítulo genealógico do *Génesis*. Desta arte satisfazem-se as necessidades do leitor e as minhas, no que diz respeito ao espírito, que, nos foros sacrossantos da matéria, convençam-se os benévolos compradores deste livro, que nem é bom faltar, para não ficarem eles desacreditados como inimigos das letras, ou eu como inválido rabiscador de romances.

Depois de falar de mim e de ti, amigo leitor, bom é que o padre Carlos da Silva nos explique a mal reprimida risada com que respondeu ao breve entre parêntesis que teve com a lagrimosa Benta do João.

– Vá-se embora, mulher... – dizia-lhe com afabilidade o padre. – Se não tem outro pecado, as portas do Céu estão abertas para si...

– Então não é preciso pedir perdão a ninguém?... – perguntou ela, enxugando as lágrimas com o punho do seu jaqué de baeta.

– Não é, não... Mande buscar a Vila Real um hábito e um caixão, e reze-lhe por alma, que é como se paga aos mortos o mal que sem querer se lhes fez na vida. Vá com Deus...

A Tia Benta retirou-se, rezando o quadragésimo padre-nosso por alma de João Lisboa, e atravessando a sala susteve o *pão nosso de cada dia* para comentar a seu modo a fisionomia descomposta de Pedro da Veiga, que passeava na sala com os braços cruzados e os olhos eléctricos e cravados no chão.

– Tem cara de morte de homem ou de roubo de igreja! – disse a velha mentalmente contra todos os preceitos de uma boa gramática, e atou o fio do seu padre-nosso.

Dentro do quarto, D. Inês, quase delirante de prazer, já pôde com o sorriso nos lábios perguntar ao padre Carlos que terrores eram os daquela pobre mulher tão aflita. O padre, que, pelo que se vê, não era já um homem sinistro para D. Inês, respondeu que a Sr^a Benta do João, naturalmente caridosa, mas ao mesmo tempo estúpida em julgar do diagnóstico dos enfermos, erradamente entendera que os incómodos do defunto João Lisboa eram resultados de frio, e por isso lhe dera um púcaro de aguardente, que ela muito temia fosse causa da sua morte. É por isso que a mulher, julgando-se cúmplice neste homicídio aos olhos de Deus, vinha primeiro pedir perdão a SS. Ex.^{as}, para depois fazer uma confissão. Acrescentou que para remissão deste grande pecado prometera ir amortalhada à Senhora da Pena, e pesar-se a cera no Senhor dos Aflitos, e vender as vacas na feira dos 8 para mandar dizer missas por alma do defunto.

O padre Carlos da Silva não parecia gostar da tal ou qual intimidade que observara entre os namorados, protegida pela retirada súbita de Pedro da Veiga para a sala. Que pensamento de ruim mistério era o dele neste negócio? Perto de nós vem a página que o revelará.

Depois de uma ligeira meditação, o padre despediu-se de D. Inês e, acenando ao conde para afastar-se dela, falou-lhe assim:

– É certo que a Sr^a D. Inês vai recolher-se a casa?

– Suponho que sim.

– Aproveitou-se da ocasião que lhe proporcionei para dar-lhe o escrito?

– Foi-lhe entregue, e já o leu.

– Que impressão?...

– A melhor.

– Convém, sim?

- Em tudo que eu fizer... Tudo lhe prometi, confiado em padre Carlos.
- No meu juramento, não é verdade?
- Na sua honra...
- Não jureis o nome de Deus em vão... A que vem aqui essa palavra?
- Nega comprometé-la, Sr. Padre Carlos?
- Recorda-se do meu juramento?
- Devo recordar-me toda a minha vida.
- Eu lhe repito: pelo corpo e sangue de Cristo, que consagro, e pelas ordens que autorizam a este mistério augusto, e pelos sofrimentos de minha mãe (acrescento agora), prometo e juro que D. Inês da Veiga será do conde de S. Vicente, tanto quanto uma mulher pode ser de um homem... Foi assim, Sr. Manuel de Távora?
- Permita Deus que assim se cumpra.
- Cumprirá. Vou esperar na igreja o defunto... Manhã está V. Ex^a naturalmente sozinho... procurá-lo-ei...
- Hoje mesmo, Sr. Padre Carlos...
- É impossível. É quase meio-dia. Vou dizer missa, e aproveitá-la, para que esse infeliz não seja sepultado sem alguns sufrágios...

E partiu. Atravessando a sala em que Pedro da Veiga passeava ainda, furioso com a demora da liteira, o padre parou, fitou-o, mediu-o, como se costuma dizer, da cabeça aos pés, e, está claro... sorriu! O Veiga não foi estranho a este gesto indefinível: parou, e... sorriu também.

- Não nos compreendemos, Sr. Veiga – disse o padre.
- E Deus me livre de entrarmos em inteligências, Sr. Abade – respondeu no mesmo tom de ironia o Veiga...
- Folgava de ouvir-lhe a ironia afidalgada... o sarcasmo trajado à corte... se não tivesse de dizer uma missa por alma de um homem que V. Ex^a adicionou ao catálogo das vítimas de sua família...
- Retire-se... senhor! – retorquiu Pedro da Veiga, cruzando os braços e bamboando a cabeça.

O padre riu, e continuou sem visos de sobressalto:

- Teria eu quem me fizesse os sufrágios, se eu fosse o seu segundo troféu de sangue no dia 7 de Fevereiro de 1701?!... Deixe-me viver, Sr. Veiga, que não tenho família que me arranje com sufrágios melhor lugar no Céu do que seu pai me arranjou na Terra...

E saiu finalmente com aquele coração de rija têmpera, sereno como entrara, e esperançoso na sua vingança como nunca estivera.

Qual seria? Há-de saber-se, se tiverem a paciência de deglutir para o estômago moral mais alguns indigestos capítulos destes que, segundo me consta, já têm feito chorar e rir muita gente ao mesmo tempo, qualidade rara em romances, diga-se o que é verdade.

CAPÍTULO XIX

Grande maçada

Eram duas horas da tarde deste malfadado dia 7 de Fevereiro de 1701.

O conde de S. Vicente escrevia a seguinte carta ao padre Carlos:

Era uma hora quando chegou a liteira. Acompanhavam-na alguns homens de pé, e entre estes dois franciscanos. Logo que V. S^a daqui saiu, Pedro da Veiga chamou D. Inês; disse-lhe palavras que a fizeram chorar; travou-lhe do braço, e saíram a esperar a liteira fora do terreiro da torre. Conheci a intenção ofensiva deste vil procedimento. Pouco depois o cadáver do meu criado passava por diante do assassino... Que tremendo título, quando recai num irmão daquele anjo! Vi-a chorar... Ele voltou as costas, e Deus sabe que inferno lhe tumultuava nos abismos daquela alma!...

As lágrimas são do homem, Sr. Padre Carlos... Chorei quando a vi... não pude vê-la entrar na liteira... senti apagar-se-me a luz da razão, e invoquei a esperança... e o seu Juramento... para suportar o golpe incurável daquele punhal...

Soube que um dos franciscanos dissera a Pedro da Veiga que vinha autorizado para deliberar em nome de Cristóvão da Veiga, logo que o filho não pudesse representá-lo. Pedro foi surdo a todas as perguntas dos frades, às instâncias derradeiras da irmã, e bradou raivoso pela brevidade da partida. Foram!... A saudade amarga com que lhe escrevo, Sr. Padre Carlos, deve movê-lo à compaixão a meu favor... Sofro muito... Morreria... matara-me, se a esperança me não amparasse a vida nestas longas horas de martírio. Estou só. Mora o terror nesta solidão, onde a vi, como um anjo, que Deus me concedera em paga da paixão generosa com que a amara! Só e a minha dor, que tem o fel de todos os sofrimentos humanos!... Só... com o pensamento num homem que tremi de conhecer... num homem que me estende a mão carinhosa de irmão, e me promete a vida que a saudade me disputa sentada à beira do túmulo. A minha vida sinto-a tão extenuada e débil... tão quebradiça ao mais leve toque do desespero... que na minha situação estranha é-me preciso recorrer a protecção de todo o mundo... à protecção de uma criança que me diga que aquela infeliz há-de ser minha... Há tormentos em volta do homem que eu não podia adivinhar! O mais afortunado basta o flagelo de algumas horas para arremessá-lo ao abismo da desgraça... Desgraçado até morrer!... Eu sou um desses homens que Deus pune injustamente. Peço à minha consciência um grito de remorso... não o ouço... Amava esta mulher antes de vê-la abandonada à minha honra... Depois... foi uma adoração... um delírio... um sonho de que acordei para perdê-la... Perdê-la... não! Não tenho eu um amigo... um anjo tutelar meu e dela... não é V. S^a o meu enviado do Céu com o refrigério da religião?...

Manuel de Távora foi interrompido pelo subir apressado de alguém que se encaminhava para o salão.

Olhou, na dúvida... Era o padre Carlos da Silva!

Pela terceira vez este ente misterioso, carácter surpreendente, capaz de preencher as funções de quatro dramas no género campanudo, viera perturbar o entrecho desta emaranhada história. Verdade é que todos explicamos as idas e vindas do padre sem recorrer às reticências, nem à magia; mas era talvez mais grato às inteligências pacatas que o irrequieto sacerdote se tivesse sentado numa cadeira de sola cravejada de botões amarelos, e falasse de lá quando lhe pertencesse a palavra.

Pois não pode ser assim, sem menoscabo do manuscrito, cuja textura respeito.

Manuel de Távora abraçou ansiosamente o padre, e exclamou com expansivo contentamento:

– Não o esperava!... Como adivinhou os meus tormentos!... Quis surpreender-me?

– Adivinhei-o... condoí-me, e vim trazer ao conde de S. Vicente a consolação que ninguém levaria ao padre Carlos da Silva...

– Deus o livre de que as nossas situações se mudem...

– Não blasfeme, Sr. Conde! A minha situação... sabe-a?... adivinhara como eu lhe adivinhei os padecimentos de hoje?...

– Sei que sofre...

– Muito, Sr. Manuel de Távora!

O padre sentou-se, pousou a testa sobre as mãos, que sobrepôs na mesa, e passou instantes assim concentrados no ponto negro que lhe enlutara para sempre a vida.

Depois, erguendo de súbito a face onde corriam duas lágrimas tardias, cravou com apaixonado interesse os olhos no conde, e exclamou com voz trémula:

– Vou ler-lhe o diário de minha mãe...

– Ah! sim... tinha-me prometido... – tornou o conde com afectuoso entusiasmo.

– Tinha prometido... não cumpro com exactidão... paciência... Os tempos mudaram-se, e as circunstâncias também. Prometi que fosse manhã... é hoje... Convidei-o para a granja de D. Antónia Bacelar... é em casa do Sr. Conde de S. Vicente... que importa? o local e o dia nada têm com o diário, nem connosco, nem com a infeliz, a cuja morte V. Ex^a vai assistir pela primeira vez, e eu assisto todos os dias, desde que sei soletrar as sete letras que dizem ANÁTEMA...

– Sempre essa palavra fúnebre... – redarguiu o conde com tristeza.

– E uma palavra... escreveram-na aqui no diário... mas quem sabe se passará de uma palavra?... Sabe-o Satanás... Deus voltou a sua face divina daquela que a escrevera... Comecemos, Sr. Conde... Mas primeiro deixe-me dizer-lhe: quem escreve é a religiosa de Santa Clara, cuja correspondência lhe li hoje de manhã.

O abade tirou de um canudo de lata um rolo de papel, cosido à margem com cordão preto, e mais antigo na aparência do que realmente era. Leu:

De dia e de noite na minha cela, nas minhas rezas diante do meu oratório, ou no coro, orando a Deus, a alma de minha amiga vem perfumar de unção celeste as minhas orações, enxugando-me as lágrimas, que tanto desafogo me são desde que a perdi.

Consagrei-lhe a minha vida, porque não tenho vida que não seja a saudade. Não posso, ainda suplicando ao Senhor perdão das minhas culpas, chorar uma lágrima por mim... Choro por ela, como quem deseja morrer para encurtar o espaço que nos separa até o dia de juízo.

Fiquei num ermo desde que o esquife ma levou dos braços. Viúva de todas as consolações humanas, eu, pobre mulher, que a tinha a ela como um anjo, custou-me muito a vê-la separar-se de mim para sempre. Não tinha ninguém mais aqui: Órfã como ela, eu só queria da piedade divina que a

mesma mão caridosa nos fechasse os olhos de ambas. Deus não me achou digna. Eu curvo-me pecadora diante de quem chama a si os que sofrem na Terra, e vão no Céu receber a coroa do martírio. Morreu mártir! Eu fui testemunha da sua vida. Via-a, menina, colher flores. Vi-a, donzela, adivinhar o seu triste futuro, quando as lágrimas sem explicação lhe banhavam as faces, e eu lhas enxugava com as minhas. Vi-a retalhada em cada fio do coração, enganada em cada crença, desfalecida, abraçada com a morte, como quem busca o refúgio de mãe, que não pode repelir sua filha.

Nestas horas aflitas que me sobram das minhas obrigações de religiosa, venho aqui neste claustro, que foi para ela a sua derradeira paragem nos transe da vida... neste claustro, que já não é para mim remanso de paz, mas prisão de flagelos... e aqui vejo-a em toda a parte, sorrindo-me e chorando, chorando-se e lamentando-me... Vejo-a naquele leito, donde as agonias a lançaram para estes braços, onde devera morrer quem neles vivera tão pouco tempo, mas tão longo de amarguras. Vejo-a, com os olhos e lábios cerrados pelo selo da morte, sair aquela porta por onde entrara com o grito de socorro nos lábios e as lágrimas da desesperação nos olhos. Socorro... quem o não daria àquele anjo, que fugia do mundo, escarnecido na sua inocência, e ferido no coração com tamanha crueldade?

Eu era a sua amiga, a sua irmã, a sua mãe. Filha do meu coração, pranto que ela chorasse, dores que lhe queimassem o seu viçoso sorrir de cândida felicidade, eram as minhas dores e o meu pranto. Fui tudo para ela. Morreu-me, mas eu quero que a sua memória seja a minha pobre existência. Vou principiar a viver com ela. Todo esse passado de gozos e martírios quero copiá-lo do coração para este papel... Será a mim só que deve importar a sua vida e o seu fim... Não é... e praza a Deus que eu fosse a única a chorá-la; e do que ela foi quisesse o Céu que o meu coração fosse o único sacrário!...

Escrevo para mim... Ela vê-me do Céu... Sinto a sua mão tocar-me na face... São lágrimas, minha cara amiga! Bem sei que não há aí o chorar, nem o pedir de joelhos a Deus uma vida melhor. Mas o pouco, que eu tinha neste mundo, contigo se foi!...

Aqui há o refúgio da oração... repete-a aos pés de Deus, suplica-lhe que me escute... E a tua oração, minha irmã, é aquela que o desejo da morte te segreda nas grandes tribulações, e que tu me deixaste em herança. Pede comigo ao Senhor que nos Junte nos bens do Céu, como nos juntara nas desgraças da Terra.

Como há tamanhos sofrimentos, e como se pode viver com eles!

É muita coragem na dor pedir ao coração todas as palavras e movimentos, e esperanças, e desconfortos que ligaram a minha vida com a de Antónia Bacelar. É muito, meu Deus!... Mas as últimas instâncias dela tão choradas, tão ansiosas, quando a mão da morte lhas comprimia na garganta... como hei-de eu cumpri-las, se «aquele» infeliz tiver a desventura de sobreviver-me...

O diário, se tal nome pode dar-se a esta pungente recordação, tinha aqui algumas linhas traçadas. O conde de S. Vicente revelara já por lágrimas a sensibilidade que de antemão as suas próprias desventuras lhe enterneceram. O abade lia sem comoção. No tom com que lia denunciava-se uma frieza incoerente. Dir-se-ia que Padre Carlos da

Silva expunha d processo criminal de um réu, que tinha a condenar depois.

Continuou:

Conheci Antónia Bacelar no colo de sua mãe. Tinha eu dez anos, e ela sem articular palavra, chorava se a não deixavam abraçar-se-me ao pescoço, e rir... rir... rir para mim, como se quisesse vaticinar-me que tempo viria em que eu a visse chorar muito.

Abracei-a com muito amor um dia... Chorei quando ela saltava de contente sobre os meus braços; tive-a comigo horas e horas, até que ela, saudosa do colo de sua mãe, chamava por ela, e chorava já por a não ver... Quis entretê-la... Acarinhei-a... devorei-a de beijos; mas não era possível distraí-la... *Mãe! mãe!* – gritava ela... Que importava chamar? Sua mãe tinha sido enterrada naquele dia!...

Antónia tinha ano e meio. Seu pai, que não tinha outra, nem recursos para muitos, estremecia-a, e pedia a Deus que pela sua misericórdia me conservasse a mim, já que tão cedo lhe levava do mundo a mãe de sua filha. A criança parecia afagar-me com mais amor, como se adivinhasse que não tinha mãe. Era este nome o que ela me dava... Quando lhe diziam que eu era Rita e não era mãe, a pequenina chorava, e pedia-me que castigasse a pessoa que tal dizia.

Era muito linda. Apartava-se de todas as crianças pelas feições, onde se via alguma coisa de dolorosa predestinação... A face era pálida como estas flores, que descoram da sua alvura um momento depois de colhidas. Os olhos como debilitados pelas lágrimas tinham uma serenidade maviosa como os que se pintam nos quadros do Menino Deus no colo da Virgem Santíssima. O seu riso tornou-se de uma tristeza que entristecia os outros; e os seus cabelos louros era um gosto ver-lhos crescer tão anelados, por aqueles ombros que eu lhe humedecia com os meus beijos frenéticos

Aos quatro anos, em que principia a estação risonha dos brinquedos, Antoninha entretinha-se em enflorar de ramalhetes o seu oratório, e não consentia que outras mãos além das minhas lhe desordenassem a simetria, que ela supunha dar aos seus preciosos santinhos.

Ensinei-lhe o padre-nosso e a ave-maria. Depois disse-lhe que rezasse por alma de sua mãe. Fitou-me os olhos, viu-me a chorar, parecia compreender-me, viu-me ajoelhar, ajoelhou também, rezou comigo, e no fim da oração, apontando-me para o Céu, perguntou-me se estava lá. Disse-lhe que sim, e ela, pondo as mãos insensivelmente, repetiu a sua oração.

Encontrei-a depois a rezar muita vez: perguntava-lhe se rezava por sua mãe – respondia-me que estava a pedir-lhe que viesse ver os seus santinhos e a sua Ritinha, que era eu. Eu sorria-me e ela pendurava-se-me do pescoço, beijando-me sofregamente.

Os meios, não muitos, de seu pai, supriam as despesas de uma educação de mulher. Antónia aos oito anos era a maravilha dos que a conheciam em Vila Real. A melancolia e o desinteresse, que tudo que eram prazeres lhe causava, fizeram-na celebrar-se entre todas as educandas. Bordava primorosamente. Conservo eu tantas das suas tarefas de mestra, e tão reveladoras do que lá dentro se passava triste naquela alma infantil!... Aquele pano bordado, onde uma pastora afaga um cordeirinho que perde a sua mãe! Aquele outro, onde uma criança espalha flores numa campa isolada no adro de uma igreja!... Aquele lenço que ela bordou a retrós preto,

e marcou com estas ltuosas palavras – *para as lágrimas de Antónia Bacelar* –, não será isto o pressentimento da desgraça, que murmura uma profecia fúnebre nos segredos de um coração inocente para a culpa, mas fadado para o infortúnio?

Seu pai lutava com as adversidades da vida desde criança. Trinta anos antes seus avós eram ricos e nobres. Partidários de Espanha, caíram com o domínio de Filipe III, e perderam a fidalguia, e a honra, e sobretudo os elementos que granjeavam nas suas herdades.

Depois o decorrer dos anos, cada vez mais escassos de subsistência, fez que o passado, tão rico de prestígio e fortuna, se tornasse para Álvaro Bacelar, pai de Antoninha, como um sonho de felicidade, de que o infeliz acorda sempre no mesmo leito de dor.

Desde a aclamação de D. João IV que o pai daquele anjo de tristeza lutava com um poderoso, e esperava reivindicar uns bens que lhe foram violentamente usurpados com títulos de má-fé e desumana iniquidade.

Este poderoso era Vasco da Veiga – homem tão mau, que seria duvidar da justiça de Deus rezar hoje um padre-nosso por aquela alma eternamente condenada!...

No dia em que as leis calcaram a justiça de Álvaro: Bacelar, para aumentarem ao tesouro de um opulento delator o óbolo do pobre, aquele honrado homem adoeceu.

Antónia e eu sentámo-nos à cabeceira da sua cama. Pedimos-lhe por alma da que Deus lhe tirara do seu lado, que se lançasse nos braços da Providência antes de se lançar nos da morte. Chorou muito. connosco. Apertou ao seio aquela filha. Sentia-se. morrer de dor quando não podia consolar-lhe os gemidos abafados que saíam do coração dela a abraçar-lhe os beijos... Pedia a Deus, de joelhos sobre o leito, que o deixasse viver para amparo de sua, filha... Era já tarde...

Uma noite velávamos ambas ao lado do enfermo. Reclinado para a filha, pediu-lhe que mandasse chamar um confessor.

A infeliz não pôde suster-se; desmaiou, e neste: desmaio soltou um grito: «Meu Deus! levai-me a mim primeiro, que eu fico órfã!» Este brado devia compungir o Eterno, se a sua divina vontade não fosse um mistério para os que não podem julgá-la de entre. o pó da terra.

Durante o desmaio, Álvaro Bacelar quis ter a filha sobre o seu leito; mas redobrou de aflição quando, a sentir-se arder em febre, temia comunicar a doença a sua filha...

«– Melhor fora que ela não pudesse rezar por alma de seu pai...» – dizia ele, afastando-lhe os cabelos ensopados em lágrimas e suor.

Depois, voltando-se para mim, já com os lábios roxos como se a dobra da mortalha os empanasse, disse, com voz trémula e soluçante, estas palavras, que me foram escritas com lágrimas de sangue no coração:

«– Deus me dê vida... mas se está destinado que eu vá dar contas dos meus pecados... quem há-de revogar os decretos do Altíssimo?...»

Seguiu-se uma longa pausa, e um profundo gemer de atribulado na hora da morte. Passada esta síncope dolorosa, em que as trevas do túmulo lhe passavam terríveis diante dos olhos, o doente continuou, apertando-me a mão com a sua mão de fogo:

«– Esta menina... vai-me suspensa da minha alma aos pés de Deus... Lá pedirei por ela, que é tão linda e tão inocentinha...»

Os suspiros embargavam-lhe a voz. Eu chorava, e dera a minha vida por a daquele homem... Dera a minha vida por não ter conhecido esta família... por ter morrido um dia antes daquela cena atribulada!... Com que ânsia eu invoquei a Virgem Maria! Que promessas num momento eu não fiz para cumpri-las de rastos com as mãos e os joelhos ensanguentados!... Quis ajoelhar-me... mas aquela mão de moribundo apertava-me como se eu fosse a vida para aquele desgraçado que não queria morrer!...

Depois de um longo intervalo de gemidos abafados e quase extintos como um eco amortecido, Bacelar prosseguiu com os olhos fitos em mim e quebrados pelo langor da febre:

«– Mas este anjo fica no mundo... sem protecção... sem fortuna... sem futuro... Perdão... perdão... Ritinha... A senhora tem vinte anos... foi mãe desta órfã, foi protectora desta desvalida... foi tudo quanto Deus pode inspirar a favor de uma desgraçada... A minha filha não fica sem asilo... Os seus dez anos tão tenros... tão perigosos no abismo da perdição... há-de proteger-lhos, sim?... diga... não chore assim, que me parte a alma... há-de ser a mãe de minha filha... a herdeira das minhas lágrimas, para as chorar por ela?... diga... diga... que eu invoco a Virgem Maria para ser testemunha da sua promessa...»

«– Sim... sim» – respondi eu com todo o vigor da minha alma angustiada, comprimida, e esvaecida num transporte de dor. O pai de Antoninha violentara-se tanto para falar... esgotara tanto o resto de forças naquela aflitiva comoção de pensamentos, que, acenando apenas à minha resposta, pendeu a face lívida sobre o ombro direito, e, depois de um trabalhoso arquejar sobre a dobra do lençol que marcava os estos do coração, caiu desacordado.

As contorções que eu sofri... o excesso de mágoa despedaçadora, que me vibrou por todo o corpo, só depois outra vez o senti, e não há linguagem humana que o diga aos que não conheceram o requinte de dor, que envenena uma vida inteira, se a não mata logo:

Deus quis conservar-me os alentos. Peguei de Antónia e transportei-a à sua cama. Aí senti-me desfalecer... Colei os meus lábios aos dela, que me não sentia, e chorei a desgraça de nós ambas.

Chamei a criada única da casa, e pedi-lhe que chamasse a toda a pressa o confessor. Esta pobre mulher, que fora ama da mãe de Antoninha... que vira expiar o dia feliz daquela família, e nascer o primeiro de eternas desgraças... rompeu em soluços que tornavam mais tormentosa, se era possível, a minha situação. Consolei-a... eu, que tanto carecia de ânimo para salvar aquela família da extrema desolação!... Pedi-lhe que ao menos me chamasse meu tio... a única pessoa de minha família... o único amigo que eu tinha no mundo, depois daquele homem que se estorcia nos paroxismos da morte.

A minha querida Antoninha, quando abriu os olhos, e se viu sozinha no seu quarto, chamou o pai com aflitiva desesperação, como se acordasse de um sonho em que o visse amortalhado dentro do esquife. Fui em seu socorro: acarinhei-a, pedi-lhe que não agravasse a doença de seu pai; inspirei-lhe confiança na Virgem Maria, e lembrei-lhe que rezasse com fervor e esperança nas melhores dele. A infeliz ajoelhou, e nunca prece mais crente e lagrimosa foi de um coração inocente mover a compaixão do Senhor. Eu, vendo-a tão fervorosa, pensei que Deus a escutaria! Quando, se

reza com tanta aflição, deve-se esperar a misericórdia divina... dizia eu comigo, olhando-a tão bela no seu êxtasis doloroso, tão apaixonadamente animada naquele santo delírio!

Deixei-a naquela postura angélica, para acudir ao pai, que chamava sua filha. Não a deixei seguir-me. Pedi-lhe que não interrompesse a sua oração tão bem principiada... Fui só, e encontrei-o delirante. Não me conheceu... – «És a minha filha» – disse-me ele com grandes intervalos e dificuldade –, «és o retrato de tua mãe... Não a conhecestes... Foi bela no rosto e no coração... Nunca se queixou do destino... Morreu sorrindo-se para o mundo, que lhe fora um algoz... Eu não... eu amei-a... adorei-a... e inundei-lhe de minhas lágrimas aquele rosto, onde brilhava. uma luz celestial... um resplendor dos anjos, que nem o sopro da morte lhe apagou... Perdemos-la ambos, minha filha... Devêramos morrer naquele dia... A tua amiga... foi Deus que a mandou sentar-se ao pé do teu berço... Sem ela o que seria de ti... e de mim, que tenho passado a minha vida a lutar com a desgraça, para desviar-lhe os golpes da tua cabeça?... Não pude... filha da minha alma... não pude... Estás pobre... que eu morro como o último dos criados de teus avós... Em qualquer leito se morre... não e assim, Antoninha?... Mas a vida... a honra... a virtude é outra coisa!... Meu Deus!...»

Esta exclamação foi um brado improvisado como o de homem que apunhalaram de repente. Tremia em convulsões medonhas. Chamei-o com muita aflição, e com muito medo... não me respondeu com o menor gesto. Antónia veio angustiar ainda mais aquela situação. Entrou espavorida no quarto, afastando com frenesi os cabelos que lhe empastavam nas lágrimas da face.

«– Deus não quer as minhas orações.. .» – exclamou ela, abraçando-se comigo. – «Rezei muito, e não tive uma voz que me promettesse a vida de meu pai... Morre!...Ó Ritinha!... meu pai morre... e não há nada que possa valer-lhe...»

E caiu num choro tão dilacerante e inconsolável, que eu não sei como o Senhor, que tudo pode, lhe não suavizou tamanha agonia! Perdoai-me, meu Deus!... há existências tão virtuosas, tão atribuladas do berço até à morte, que seria ofender a Providência, julgando-as protegidas e vigiadas por ela...

Quando o cirurgião chegou, e meu tio com o padre, Álvaro continuava no seu delírio de palavras confusas e sumidas. O cirurgião, sem lhe tomar o pulso, nem indagar de nós os padecimentos do enfermo, segredou ao padre algumas palavras, que depois soubemos que foram recomendar-lhe a extrema-unção, no caso de que fosse impossível confessá-lo. Antónia adivinhou, como se o anjo do martírio lhe murmurasse aos ouvidos, cada palavra do seu futuro negro. Parece que as lágrimas tinham secado naqueles olhos! A infeliz soluçava, contorcia-se, arfava como nas agonias da morte, e causava terror!

Parece-me que ouço ainda a voz trémula daquele padre de cabelos brancos e rugas profundas no rosto. A sua missão era consolar os vivos, e prometer o Céu, em nome do Altíssimo, aos que iam das penas do mundo para a eternidade, Aos pés do leito do moribundo com as mãos entrelaçadas sobre o peito, pedia talvez a Jesus Cristo um intervalo lúcido para abençoar o enfermo de alguma falta, que lhe maculasse a sua vida toda de martírio e

de virtude. A nós que não podíamos curvar resignadas a cabeça à vontade de Deus, o padre falou-nos com a majestade de um inspirado:

«Tende coragem filhas!... Os espíritos que enfraquecem no dia da provação não podem ser os queridos do Senhor, que expirou na cruz sem um gemido de impaciência... Almas como as deste honrado homem, quando o Criador as eleva até si, pedem lá incessantemente pelos que ficam na Terra dilacerados pela saudade, ou pela herança de infortúnio. A religião deve consolar-vos nessa dor, minhas filhas. Ouvide a consciência... ela vos dirá que o virtuoso, desgraçado no mundo, tem uma vida eterna a viver na presença de Deus. Vede aquele rosto, onde o remorso não cavou uma ruga, se o não ilumina a claridade de uma alma, que vai deixar a mortalha do corpo, e levantar o seu voo ao extremo refúgio dos justos!? O que é a vida, se o excesso de infortúnio pode envenenar a alma do homem, que chegou à velhice com os lábios puros de uma blasfémia contra a Providência? Deus, que nos dá a vida, e que tão provada de dores a deu a este moribundo, levará em bem essas vossas lágrimas desesperadas? Eu vos digo que não, e em nome do Crucificado vo-lo digo! A vida é um empréstimo –uma passagem sobre espinhos ou flores, no fim da qual de abre o reino da glória para o que leva os pés ensanguentados dos espinhos, ou o reino das trevas para o que se coroou de flores regadas pelas lágrimas dos oprimidos... Filhas, ajoelhai comigo... Mostrai as vossas lágrimas àquele crucifixo; convertei-as em orações... pedi-lhe que leve deste mundo aquela alma, se na balança do Céu pesarem mais as suas virtudes... ou então, pedi-lhe para aquela fronte queimada pela febre ou refrigério da razão, um instante de inteligência, para que eu possa abençoá-lo e remi-lo dos seus pecados, pelo muito que descontou em amarguras...»

Rezámos. Antónia custava-lhe suster-se de joelhos, e pousou o rosto sobre o meu ombro.

De repente Álvaro Bacelar soltou um gemido agudíssimo. Depois de uma pequena pausa, prorrompeu nestas palavras convulsas e tiradas com violência do resto das suas forças. Eram talvez o derradeiro esforço da vida, exagerado pelo delírio da febre:

«Que mal fiz eu a esse Veiga, para tamanha perseguição?!... Juiz!... vais julgar um homem de probidade, que se refugia à sombra da lei... Não venhas roubar-me aqui o pão da minha filha, nobre desonrado!... Juraste cuspir-me na virtude, hipócrita!... Não... não cuspirás!... Quero legar memórias honrosas a minha filha, já que tu me não deixas legar-lhe o mesquinho torrão de meus avos... Desde 1640... há trinta e um anos, que a tua raça maldita da honra me persegue desde o solar de meus avós até estas palhas da extrema miséria! Espoliado, quase mendigo, mas calado e com os dentes cerrados para estranhos me não ouvirem um gemido... aqui com esta filha inocente... com este anjo que te não comove... aqui, amaldiçoado de Deus, chegou a tua mão assassina! Filha da minha alma, roubaram-te... mataram-me... Desvia os olhos do verdugo!... não vês aquele rosto calcinado pelo fogo do Inferno?! Foge... foge... abriga-te no meu seio... quero levar-te ao Céu cândida e inocentinha como de lá desceste!... Meu Deus!... eu vos entrego este anjo que ficaria no mundo a chorar a minha falta... Minha filha!... minha filha!...»

No decurso deste prolongado delírio, eram variadas as comoções do doente. Sempre com os olhos errantes, mas empanados de uma névoa que

lhe desconcertava a fisionomia, Álvaro Bacelar apertava-nos insensivelmente as mãos, e queria sentar-se, fazendo esforços que o padre lhe embarçava, tomando-o pela cintura. A sua última exclamação pela filha, que parecia estátua ou paralisada pela dor, fê-la com a voz enfraquecida e mortal, como se a língua se lhe atrasasse na febre que lhe vinha aos beiços em baforadas de lume.

Esperámos se reanimasse do quebrantamento em que o delírio o deixava. Entretanto o padre, zeloso da salvação daquela alma, e, porque assim o aconselhara o cirurgião, disse-nos que era bom sacramentar aquele moribundo. Estas palavras coaram nos ouvidos de Antoninha, como a notícia da morte de seu pai. O padre falou-lhe como um anjo de consolação, e não sei porque divino mistério as nuvens da minha alma se desvaneciam conforme a sua linguagem, perfumada de paciência e resignação e amor de Deus, se insinuava brandamente nos ouvidos, no coração e na consciência.

Quando estávamos na dolorosa diligência de serenar os transportes aflitivos de Antoninha, anunciou a criada que estava ali um homem, que necessitava falar ao Sr. Álvaro Bacelar, e que tendo ela dito que era impossível, por estar muito doente, o homem dissera que mesmo assim precisava falar-lhe, e acrescentou que dissera isto com grosseiros modos.

Mandámo-lo entrar, porque o padre nos disse que não havia razão para o contrário, visto que o homem instava.

Entrou, e ficou surpreendido quando nos viu à roda do leito de um moribundo.

«– Pois ele está assim doente?»

Ninguém respondeu palavra a esta pergunta.

«– Em tal caso» – continuou o homem –, «há-de ser intimado no parente mais próximo.»

«– Para quê?» – perguntou o padre.

«– É que eu venho intimar-lhe a sentença que o meritíssimo juiz de fora da comarca deu contra ele, e a favor do Ex.^{mo} Sr. Vasco da Veiga...»

Antoninha, como arrebatada e perdida, lançou-se de joelhos aos pés do meirinho, e exclamou de mãos erguidas:

«– Pelo amor de Deus não mate meu pai!... Vá-se embora antes que ele abra os olhos... Tenha pena de mim, que sou filha dele...»

O padre, reparando na humilhação de Antoninha, e na imobilidade estúpida do meirinho, fê-la erguer com suavidade, e voltando-se para ele proferiu estas palavras, com as lágrimas a descerem-lhe nas faces venerandas:

«– Que mais quer a justiça deste pobre homem?... O Sr. Vasco da Veiga venceu; pois que tome posse... e Deus julgará no seu tribunal de quem ela devia ser... Mas, o senhor bem o vê!... Álvaro Bacelar está para dar contas ao Supremo Juiz... Diga isto mesmo ao Sr. Veiga...»

«– Mas eu tenho de cumprir a minha obrigação» – replicou o meirinho –, «é preciso que me assinie alguém a intimação...»

«– Assino-lha eu, se isso vale de alguma coisa» – disse o padre com brandura.

«– Isso é que eu não sei se um padre pode assinar coisas de justiça...»

«– Pois eu também não... Vá saber e volte, com a graça de Deus.»

O meirinho saiu, e o padre socorreu com os seus afagos religiosos a minha querida Antoninha, que parecia desesperada e inconsolável. Eu, por

mim, como se Deus atendesse à precisão que eu tinha de ânimo para confortar a minha filha adoptiva, sentia-me reanimada, não pela esperança das melhoras, mas pelo alívio com que Álvaro Bacelar morreria, tendo uma voz íntima que lhe dissesse que eu cá ficava no mundo para amparo de sua filha.

Logo depois da saída do oficial de justiça, o pai de Antoninha abriu os olhos, contemplou-nos a todos com muita serenidade, e sorriu-se para a filha, e a mim apertou-me a mão. Se ele falasse e me pedisse com toda a ânsia do seu amor que fosse eu a mãe de sua filha, não me faria na alma maior impressão do que senti naquele aperto mudo e tão expressivo. A fisionomia do sacerdote iluminou-se de uma santa alegria. Não eram as esperanças da vida, naquele sorriso de Álvaro Bacelar, as que alegraram o padre. Eram esperanças que, acima das ilusões mentirosas do mundo, tinham a sua realidade no Céu. A confissão, que ele julgara impossível, ia preparar aquela alma, despi-la das tribulações mundanas, e perfumá-la dos incensos que do leito da morte já parecem recender aos pés do trono do Senhor.

Antoninha perguntou muitas vezes a seu pai se sentia melhoras: ele sorria-se e anediava-lhe os cabelos da testa. O padre fez-nos sinal de que saíssemos, e nós, por um esforço sublime da religião sobre a nossa vontade de filhas (eu se o fosse não o amara mais), deixámo-los, e viemos chorar diante do oratório, onde encontrámos aquela boa velha desfeita em lágrimas.

Inesperadamente, Antoninha abraçou-se em mim, e exclamou:

«– E se meu pai morre, ó Ritinha... que há-de ser de mim?!»

O grande amor que eu lhe tinha magoou-se com esta pergunta. Por mais que me reprimi, não pude conter esta resposta magoada:

«– Eu cuidava que me tinhas amor de filha, ou de irmã, ou de amiga, pelo menos...»

«– E não tenho?» – interrompeu ela aflitivamente.

«– Parece-me que não...»

«– Porquê, Ritinha?... diz!... eu que te fiz?... perdoa-me se te magoei...»

«– Pois tu perguntas-me o que há-de ser de ti se teu pai morrer?! Não sentes que a vida de ambas nós é uma só vida para o infortúnio?...»

«– Sim, sim, para o infortúnio...» – tomou ela, fitando-me nos olhos com estranha penetração, ao mesmo tempo que parecia distrair-se nas amargas conjecturas de infortúnio que a esperavam. Eu despertei-a daquele doloroso recolhimento de espírito, com estas palavras animadas sabe Deus com que esforço do meu próprio desalento:

«– Mas atende, Antoninha... Não sou eu a tua querida irmã?»

«– És, Rita... és...»

«– Pois então?... ficarás sozinha no coração de tua irmã?»

«– Não... mas meu pai amava-nos tanto a ambas!... Era a alma onde vivíamos juntas, e depois a quem havemos de chamar pai neste mundo?»

«– A Deus, nosso Senhor, que é pai da mais pobre das suas criaturas... Olha, Antoninha, se o Senhor determina que o teu... e meu pai não viva entre nós, é porque o chama à vida dos anjos... Se morrer na Terra para viver no Céu, viverá por nós também. Rezar-lhe-emos todas as horas, sempre juntas, sempre dignas de um dia quinhoarmos da sua glória... E não te parece que orar é conversar com os justos e com os santos?»

Antónia parecia não me escutar, ou a dor lhe entalava as palavras no coração. Respeitei aquele amargurado silêncio, que é a mais eloquente expressão de uma órfã, que não pode, sem sentir morrer-lhe metade da existência, consagrar a outra metade aos carinhos de uma irmã adoptiva. Fiz-lhe mal com aquelas ternas palavras, segundo ela depois me disse. Antoninha naquele conflito, quisera antes que eu lhe desse esperanças de seu pai viver, e lhe não falasse do que aconteceria depois da morte dele. Mas eu, escrava das minhas propensões para futurar o pior, não pude suavizar-lhe o padecimento com esperanças que me não suavizavam a mim. Disse-lhe o que sentia infelizmente... O coração dizia-me sempre desde que Álvaro Bacelar adoecera, que daquela cama para a sepultura só a mão de Deus poderia amparar-lhe a queda.

«– Então, não me dizes nada, Antoninha?» –disse-lhe eu, apertando-a contra o meu coração, e beijando-a nos lábios que me davam um triste sorriso.

«– Que queres que eu te diga, minha amiga?... que não tenho esperanças nenhuma na vida de meu pai?... É verdade... não tenho... perdi aquele pai, tão bom, tão nosso amigo... mas, se ele ainda vive, quero estar ao pé dele... deixem-me estar ao pé dele, já que Deus não quer que eu o siga...»

A transição para as lágrimas foi repentina. De novo os soluços, os gemidos, as contorções, e até o desespero vieram assaltá-la na sua resignada mansidão. Tremi pelo desarranjo mental daquela infeliz, quando a vi arrancar-se os cabelos desatinadamente.

«– É atroz» – gritava ela –, «é atroz, meu Deus, eu ficar sem meu pai!»

Debalde lhe repreendi aquelas pecaminosas arguições à Providência... Pareceu-me humano e mais religioso talvez deixar-lhe o dasafogo naquela suprema agonia, naquele combate dilacerante entre o amor ardente de filha e a resignação cristã, que parece (e Deus me perdoe se é um crime senti-lo) uma violência feita ao coração, quando com ela nos querem apagar na alma um grande incêndio no começo do seu ardor.

Decorrera meia hora, quando o padre veio dar connosco ao pé do oratório nestas lágrimas e nestas aflições. Acenou-me às escondidas de Antoninha, e disse-me que fosse ao quarto de Álvaro Bacelar, que ele ficava ali com a filha.

Fui... Oh meu Deus! as palavras que ele me disse, ouço-as ainda nos meus sonhos fúnebres, em que Álvaro Bacelar, nas agonias da morte, vem inundar-me as faces de lágrimas, que são, no meu despertar sempre triste, uma confirmação de que nasci para chorar noite e dia!

Quando abri a porta conheci-lhe nos olhos amortecidos a ansiedade com que me esperava.

Com muito grande esforço estendeu-me o braço, e eu beijei-lhe a mão, e tive-a longo tempo colada nos meus lábios. Parecia que isto lhe aprazia, como se a frescura de minhas lágrimas lhe refrigerasse a quentura febril da mão. Estivemos assim sem trocarmos uma só palavra, e eu não sei verdadeiramente o que desejava, mas parece-me que tremia de ouvi-lo, por saber que tinha de sentir-me estalar o coração quando ele principiasse a recomendar-me sua filha... Conhecia-se que Álvaro lutava com a fraqueza do peito para falar, ou quem sabe se com as angústias do espírito? Foi assim que ele começou, levantando-me o rosto para si:

«– Olhe, Rita... a sua bondade para com esta família infeliz, que lhe enlutou a mocidade com alheios pesares, não é um sentimento vão aos olhos de Deus. Se o Céu não há-de galardoa-la do muito que sofre por mim e minha filha, que devo eu, tão pecador, esperar da misericórdia divina!?... Faço-a sofrer bastante, não é verdade, menina?... Não chore assim, que então não posso dizer-lhe o que manhã não poderei...»

A fala enfraquecia-se-lhe tanto, que eu não podia, sem susto, contemplar-lhe as faces, que pareciam morrer rapidamente. Tinha medo de estar sozinha com ele: parecia-me que a mão lhe arrefecia de mais. Temia de o ver falecer, e estava para dizer-lhe que não falasse, porque eu adivinhava quantas coisas ele tinha no coração para mim, quando ele, depois de unia dolorosa pausa, continuou:

«– Deixo-lhe a minha filha. O coração diz-me que ela não há-de sobreviver-me muito tempo; mas não há órfã que tanto amparo precise. Ampare-a, Ritinha, que eu pedirei a Deus por si e por ela. Manhã que ela expirasse não lhe ficava no mundo quem lhe esmolasse uma mortalha e uma missa por sua alma. Eu tenho um irmão, mas pobre, porque é um honrado magistrado. Os filhos são-lhe de mau para consumirem o pão escasso do seu suor... A Ritinha tem alguns bens de fortuna: a sua amiga e irmã e filha não lhe será pesada. É um prato de mais, que faz; e uma desvalida de menos no número das desgraçadas que se perderam por falta de subsistência. Que lhe resta a ela dos avultados haveres de seus avôs? Aquela granja do Prado, que por escárnio me não quiseram usurpar! Contudo... e não sei porquê... tinha vontade que ela conservasse aquele último palmo de terra, que seu pai lhe legou... Quem diria que Álvaro Bacelar tinha de morrer assim tão pobre? Com que pressa se cumpre a vontade de Deus! Bendito sejais, Senhor, que destes ao desgraçado na hora da morte a esperança em vós! Bendito sejais, Senhor, que pusestes ao meu lado um anjo de consolação, que será o amparo da minha querida filha!...»

Os soluços abafavam-nos as vozes.

Eu quis reprimi-los, para poder a todo o custo dizer poucas palavras que lhe fossem de consolação. Não pude, nem ele pôde continuar. Nos meus beijos gravados naquela mão cada vez mais gelada, é impossível que ele não sentisse o juramento que eu mentalmente fazia de ser irmã de sua filha. Não valeriam mais as palavras, não O que eu senti não foi só a sagrada promessa feita a um agonizante; foi, como se eu curvasse humilde a cabeça às ordens do Céu, dadas pelo próprio Deus à sua indigna serva.

Senti bater na porta: fui ver; era o sacerdote a perguntar-me se Álvaro Bacelar me tinha dito o que queria. Respondi que me parecia que sim, e ele pediu-me que fosse estar com Antoninha, que desmaiara, enquanto se ministravam os últimos sacramentos ao moribundo.

Ao retirar-me senti passos de quem subia na escada; cuidei que era o abade com a extrema-unção, mas, não ouvindo rezar o bendito à porta, julguei que seria prevenção para não aterrar Antoninha. Enganei-me. Disse-me depois o padre confessor, que era um oficial de diligências e um cirurgião que vinham, a requerimento de Vasco da Veiga, examinar se na verdade Álvaro Bacelar, por doente, não podia ser intimado! «A tua mão assassina veio perseguir-me no leito da morte!», tinha dito o infeliz Bacelar no seu delírio; e assim acontecia!... (5 Ente Supremo! como são insondáveis os vossos mistérios, quando fazeis que um homem seja o flagelo de martírio

para outro que chamais para a bem-aventurança!

Eu tive um pensamento, que devia ser inspiração do Céu. Antoninha, assim desmaiada, ser-me-ia fácil transportá-la a minha casa, que era perto. Meu tio estava ali quinhoando da nossa dor. Achou, boa a minha lembrança; e tomando-a nos braços levou-a daquela casa para nunca mais voltar a ela. A vizinhança, que era do coração amiga de Antoninha, dividiu-se pelas duas casas. Eu queria poder estar em ambas; mas a minha infeliz amiga, quando acordou daquele angustiado sono, e se viu em minha casa e não me viu ali a reanimá-la, gritou, como se perdera o juízo, contra as pessoas que a consolavam, arguindo-as de terem morto seu pai e sua irmã.

Corri logo a casa; e achei-me abraçada por ela com quanta força a desesperada agonia podia dar-lhe a ela tão débil e esvaída!...

«– Meu pai morreu?» – bradou ela.

«– Não, Antoninha, não morreu; mas se Deus permitir que ele viva, precisa muito descanso, e tu bem vês quanto nos é difícil a quietação. Vieste para aqui, e logo que o cirurgião permita voltarás para tua casa.»

Ai! não voltou, nem eu voltei!...

Disse-me depois o padre que Álvaro Bacelar recebera os últimos sacramentos com todas as mostras de uma contrição sublime, e que repetidas vezes pronunciara o meu nome, e que perguntado se queria ver sua filha, erguera as mãos pedindo que lha desviassem dali. Uma vez redobraram as instâncias com que o moribundo me chamava. Vieram a toda a pressa a minha casa: eu ia já no fundo da minha escada, quando encontrei o sacerdote que me disse:

«– Morreu!»

Os ouvidos da minha alma ouviram ainda o grito que eu soltei com a maior dor do coração humano! Não sei o que se passou. Achei-me depois numa cama. Vi lágrimas em todas as faces. Perguntei por Antoninha, disseram-me que estava no quarto próximo, sem sentidos há quatro horas. «Talvez morta!», disse-me um pressentimento horrível. Corri ao quarto. Achei-a desacordada; mas o pulso batia-lhe, e o seio respirava. Ajoelhei então; ajoelharam comigo todas as pessoas e ao meu lado aquele augusto sacerdote, cujo semblante era severo de religião como a majestade do Senhor. Rezámos todos por alma de Álvaro Bacelar. Estávamos nesta oração fervorosa, chorada, e ouvida no Céu, quando Antónia despertou. Sentou-se na cama com ímpeto. Contemplou-nos alguns minutos com os olhos esgazeados e turvos como os de um demente. Buliu com os lábios sem proferir um som. Fez alguns gestos sem significação alguma. Depois... com o lume de uma alegria feroz nos olhos, e com um riso de possessa nos lábios, soltou uma risada medonha, convulsa, e arrepiadora.

«– Está doida!» – bradaram todas aquelas vozes!

Eu é que não articulei uma palavra!... Como a mãe a quem roubam a filha das suas entranhas, cingi-me a ela vivamente... freneticamente... com sofreguidão delirante, e não tive senão lágrimas para ela, que me encarava com aquele espanto dos dementes, ou com os trejeitos repulsivos e atemorizados dos idiotas.

«– Meu Deus! esta é a suprema de todas as desgraças!» – bradei eu na maior consternação! – «Perdoai a esta criatura, se ela tem culpas para tamanhos castigos!»

O cirurgião ordenou que se retirassem dali todas as pessoas, menos eu.

Quando assim se cumpriu, o sacerdote retirava-se com as demais pessoas, e Antoninha fez-lhe sinal de que não saísse. Eu quis persuadir-me que ela, por esta acção, não estaria doida, mas o que depois coligi foi que aquele homem de Deus exercia a sua divina autoridade sobre os espíritos sãos, e os espíritos enfermos e desvairados pela perdição dos infortúnios.

«– Que me quer, minha filha?» – disse-lhe o padre, correndo-lhe a mão pela face pálida.

«– Diga muitas missas por alma de meu pai, sim?» – respondeu Antoninha enternecida, e afável, com uma voz de carinhosa meiguice.

«– Pois sim, direi missas... muitas missas... mas seu pai não precisará de muitas para entrar no reino dos justos...»

«– No Céu?» – perguntou ela.

«– Sim, no Céu, que é a pátria dos que penam 1 torturas na Terra sem maldizerem a mão inimiga que os martiriza.»

«– Se eu fosse ver minha mãe!...» – tornou Antoninha com sobressaltada alegria. – «É verdade... ai! que prazer para ela!... Ritinha... não é? o pai... ver o pai, hoje, manhã, sempre no Céu, e por toda a eternidade... Diga, Sr. Padre... não estão juntos, abraçados, amando-se como cá, cercados de anjos e de serafins, na presença da Virgem Maria?...»

«– Estão, estão; minha filha. Agora o que eles pedem a Deus é que sua filha os imite na coragem em sofrer os espinhos da Terra, que rebentam no Céu em flores... Antoninha há-de imitá-los, sim?»

«– Hei-de rezar muito... isso hei-de, e mais a minha Ritinha; mas tu choras, Rita?... Então não sou tua amiga...»

Eu chorava, porque temia que ela não recuperasse o juízo.

Disse o cirurgião que lhe seria muito bom passar pelo sono. Receitou-lhe um medicamento com ópio, e produziu muito bom efeito. Antoninha, depois de desvairar em quase tudo que disse, adormeceu nos meus braços, e deles passou pára os do sacerdote, que já não quis separar-se da que ele chamava «flor da coroa de martírio de seu pai».

Antónia Bacelar tinha-me só a mim no mundo. Meditei muito na sua vida, e considerei-a, se não feliz, ao menos amparada pelo meu amor e pelos meus recursos. Dócil e humilde, com uma singeleza de alma levada ao infinito da inocência, Antoninha, quando as pungentes saudades de seu pai perdessem os espinhos dos primeiros tempos, olharia risonha para o mundo, e para mim com ternura de uma reconhecida irmã... *Reconhecida...* não. Eu não queria constituí-la em obrigações para comigo. O que eu queria era que ela me desse o seu coração todo cheio do meu amor, e vazio de sentimentos por tudo que não pudesse ser seu pai, sua mãe, ou uma amiga que a idolatrasse mais que eu.

Poderia ela depará-la no mundo? «Oxalá, oxalá»– dizia eu tantas vezes no fundo da minha alma! –«Permita Deus que todos a amem, e eu seja a que menos lhe mereça o seu amor, se bem que penso que ninguém poderá amá-la mais que eu.»

Antónia Bacelar estava de catorze anos, quando perdeu seu pai. Eu tinha vinte e quatro. Esta diferença de nossas idades, e o meu género de vida sempre triste e meditativa, fizeram-me sentir por ela alguma coisa que deve ser a semelhança do que sentem mães extremosas por suas filhas.

Eu cismava nestas conjecturas, quando ouvi os responsos do acompanhamento que conduziu o cadáver de Álvaro Bacelar. Toda eu

estremecia de cruéis abalos, que ainda hoje me comovem! Então é que eu senti o amor filial que o trato íntimo de família me habituara a alimentar no coração pelo pai de Antoninha. Não chorei, porque as minhas lágrimas parece que o fogo da dor as consumira; mas, pior mil vezes que o chorar, este. gemer surdo e recolhido no seio é a mão da amargura sufocando-nos a vida sem refúgio algum. Senti-me tão quebrada nos alentos, e descorçoada de mim, que cheguei a implorar ao Senhor que me desse ânimo e coragem, e saudade para desviar do coração de Antoninha os golpes que eu pudesse aparar no meu. A gente quando ora com fervor e esperança é sempre confortada. Conheci-me fortalecida com vigor de sobra para o martírio. Depois pedi por ela, pelo meu anjo, e, com tamanha fé na misericórdia divina, que mal a minha oração findara, Antoninha despertou, chamando por mim. Foi Deus.

As suas feições não estavam descompostas como há pouco. Lânguida na vista, e tão lívida naquelas faces angélicas, o seu ar era de quem se retraía à dor insondável da alma, e descreu das consolações mundanas. Magoava-me com o seu silêncio. Eu queria que ela chorasse e se queixasse, e me pedisse a mim o bálsamo para as suas feridas. Calar-se, era desconfiar de mim, era não querer entrar no meu coração, ou confiar no refúgio íntimo das suas consolações, e ter em pouco as alheias...

«– Antoninha» – dizia-lhe eu, abraçando-a e beijando-a –, «não tens uma palavra que dê à tua amiga? Fala... pelo amor de Deus... Não estejas assim calada, que me assustas... Que sentes?»

Sorria-se amargamente, e recaía logo naquela sonolência, talvez pior que a aflição, que tumultua, chorando e gemendo e aniquilando-se até cansarem as forças do corpo e as do espírito.

Quando o padre nos deixou, parece que ambas reservávamos algumas lágrimas para dar-lhe em recompensa do muito amor que ele nos dera.,

«– Seja nosso amigo, Sr. Padre António» – lhe dizia eu, beijando-lhe a mão. – «Bem nos vê sozinhas a mendigarmos conforto uma à outra para sermos menos infelizes na soledade em que vamos viver. Venha ter connosco sempre que possa. Seja o nosso guia para o Céu nesta dolorosa peregrinação da vida...»

«– Serei um vosso tio, minhas filhas... Serei como um pai que adoptais e recolheis no seio da Igreja... mas que precisão havemos destes parentescos? Sou um padre, filhas de Deus, e esta palavra resume em si toda a caridade, todo o Evangelho, e toda a protecção que um enviado do Céu poderia dar-vos. Recorrei às vossas orações, que hão-de subir sempre imaculadas aos pés de Jesus Cristo. Nos trabalhos do mundo, acercai-vos de mim, e eu orarei convosco para que a mão invisível do Senhor os afaste de vós. Ficai em paz! eu vos abençoo em nome de Deus.»

Antoninha abraçou-o com santo entusiasmo, e dos abraços dele veio lavada em lágrimas para os meus. Valeu-lhe muito aquele desafogo. O pranto é a respiração da alma abafada pela dor... Pareceu-me que ela me responderia a esta pergunta:

«– Sentes-te mais aliviada, minha querida?»

Acenou-me afirmativamente. Eu instei, porque necessitava ouvir-lhe uma só palavra que fosse:

«– Mas fala, meu anjo... estás menos oprimida?»

Depois de um profundo gemido, murmurou:

«– Eu...?»

«– Sim... tu, Antoninha... Estás melhor... mais aliviada, não é verdade?»

«– É... Estou mais aliviada... e tu?... sofres?»

«– Sofro muito por te ver sofrer mais do que podem as tuas forças...»

«– Muito... eu sofro muito... Meu pai já não vive... não torno a vê-lo...»

«– Hás-de vê-lo, Antoninha, no Céu... Não é tão consoladora esta esperança, que não mente como as esperanças do mundo?»

«– É... mas eu não queria viver... Há-de matar-me a saudade, mas quando será!?»

«– Quando for vontade de Deus... quando tiveres mostrado que és digna do Céu pela paciência com que sofreres os trabalhos, que Deus não dá em vão a quem é infeliz.»

Antónia fez-me um gesto significativo de que me calasse. Recostou a face ao meu seio, e apertou-me com estremecimento. Compreendi o amor e o sofrimento daquele abraço. Há dores assim que, no seu consternado silêncio, reclamam o silêncio dos outros. Depois é que eu conheci as angústias caladas e recônditas. Hoje é que eu compreendo o coração de Antónia Bacelar, depois que os vermes do sepulcro lho corroeram... depois, que um punhado de pó não pode reviver... suspirar... e sentir o afago das minhas lágrimas. Oh meu Deus! se não fosse a esperança que prende a saudade dos vivos a um anjo que de cá me levastes, o que seria de mim nesta viuvez em que me vejo de todos os enlaces mundanos?! Eu amaldiçoara o meu nascimento, e o destino sinistro, e a morte, que todos os dias me acena com as suas agonias, e tão caprichosa, ou tão cruelmente escarnecedora das minhas súplicas, não me quer ceder oito palmos de terra para meu descanso eterno!... Mas, perdoai-me, Senhor!... Eu anseio a morte, e é a vós que a peço, como a esposa que suspira pelos braços do esposo cativo, como a filha que chora pelo regaço da mãe, como Antoninha Bacelar chorava na vida pela morte, que a arrebatasse à bem-aventurança de seu pai.

Aquele anjo de martírio, três meses depois da sua orfandade, parecia transfigurado. O sentimento nunca em tempo algum lhe deixou brilhar no rosto festival rubor da mocidade, a radiosa alegria que transpira dos olhos e dos lábios como o perfume das flores. A sua cor era assombrada pela tristeza perene, que ela dizia nascer-lhe de pressentimentos vagos, mas todos melancólicos.

Depois da morte do pai, a sua paixão não respirava, nem as suas breves conversas, comigo mesma, eram sobre aquele magoado assunto. Eu fugia de tais recordações, por temer ferir-lhe a sensibilidade, que era sempre, na amargura, como estas flores que se contraem, quando são levemente tocadas. A dor também se concentrava mais naquele coração, e depois era de morrer de pena ver como o rosto lhe amarelecia, e os olhos se lhe orlavam de nódoas roxas.

Vivemos assim tanto tempo! Nunca um sorriso maquinal lhe descerrou os lábios, com todos os meus esforços e os daquela pobre velha, que pela sua bondade era uma manancial de consolações.

Padre António visitava-nos três vezes por semana, e instruía-nos nos livros sagrados, e na história profana, que ele dizia era preciso conhecer na essência para admirar o dedo de Deus apontando o destino das nações, e a

fraqueza dos arrojos humanos, e a altivez decaída dos impérios, sujeitos às predições dos profetas.

Antónia interessava-se nestes estudos, e era considerada como um portento de inteligência pelo padre.

Eu menos ávida de instrução do que ela, se não consegui tanto pelos meus estudos voluntários, devo-lhe à sua conversação tudo que aprendi, porque fiz propósito de cativar-lhe o espírito com as ciências, para distrair-lho das memórias lagrimosas de seu pai e da sua vida.

Seu tio Domingos de Serqueira Bacelar foi despachado corregedor de Viseu, e, melhorado de meios, estabeleceu-lhe uma mesada, que eu consenti que ela aceitasse para dar largas ao seu melindre, que poderia magoar-se com a lembrança da sua dependência! Como seria cruel esta lembrança para mim, se ela chegou a concebê-la uma só vez na sua vida!

Eu creio que não... Morro com esta consolação!... É a melhor recompensa para unia boa alma.

Decorreram dois anos neste viver obscuro. Começava a raiar uma frouxa luz de felicidade nos nossos invariáveis recreios de portas adentro. Antónia não me recordo vê-la chegar a uma janela, nem mostrar o menor desejo de ver a luz do dia. Ao amanhecer dos domingos, íamos à missa de alva; ajoelhávamos sobre a sepultura de seu pai; e recolhíamo-nos sem trocar palavras com alguém. As suas devoções eram no meu oratório, e ao princípio muito continuadas e excessivas, se é que pode haver excesso em falar com o espírito divino. Depois eram menos repetidas, porque padre António nos disse que a pura elevação da alma a Deus num minuto levava consigo muita adoração, e não o dispunha menos a nosso favor que as rezas obrigatórias de repetidas estações e coroas.

Acreditámo-lo, porque este santo. homem falava segundo as inspirações que lhe desciam de Deus.

A nossa vida, .pois, era a vida de clausura, com todos os prazeres que ali amparam a vida sagrada à religião, embora hajam mágoas do mundo que a desconsolam na sua íntima consciência.

Foi este viver que despertou em padre António o desejo de ver-nos religiosas num dos mosteiros em que fosse mais túbio o fausto, e mais acrisolada e austera a ordem.

Senti-me impressionada de comoções estranhas, quando o padre me propôs este voto de perpétua reclusão na casa de Deus. Eu tive sempre em grande respeito e temor as obrigações de uma esposa de Cristo, digna de tão majestoso nome.

O meu espírito vacilava timorato numa decisão tão grandiosa. A vocação era decidida; mas eu tremia diante de um futuro, que não podia de antemão talhar à minha vida, que não era só minha, mas daquela órfã, que mi adorava mais que a minha felicidade. Por ela, faria eu calar todas as minhas propensões em desarmonia com as suas.

Nesta luta silenciosa, que eu não podia nem me atrevia a revelar à minha querida amiga, surpreendeu-me ela uma vez, como se os segredos do meu coração lhe fossem denunciados pelas lágrimas que debalde tentei esconder-lhe:

«– Não chores, Rita» – me disse ela com meiguice –, «não chores por isso... Deveras antes chorar de remorso, para que eu te perdoasse o mistério que fazes da mágoa que te dói no coração... Porque não hás-de tu ser freira?

Há nada neste mundo mais próximo do Céu? Não há, não pode haver... Um convento parece-me um asilo, entre o Céu e a Terra, suspenso das mãos dos anjos... Ali é que a vida deve ser repassada das alegrias de Deus!... A oração muito sublime há-de ser na solidão do templo, e no escuro de uma cela onde não entram as vozes tumultuosas do mundo!... Se eu pudesse ser religiosa, ali nas Claras, onde eu ia visitar minha madrinha!...»

«– Antoninha!» – exclamei eu perdida de contentamento – «Antoninha, meu anjo, tu queres ser freira?... queres? diz... diz...»

«– Queria, queria!... se eu pudesse... se eu tivesse o dote...»

«– Tens, Antónia, temos um dote para nós ambas... Sou muito rica, muito, muito, minha irmã, para comprar a felicidade de nós ambas...»

Antónia sorriu-se para mim. Eu não sei como estaria; mas parece que o júbilo que senti devia transpirar dos meus gestos, das minhas feições, e daquela ansiedade com que lhe aspirava as respostas. A sua mudez tomei-a por assentimento. Ergui-me, abracei-a, corri como doida, disse às criadas, a meu tio, e queria contar a todo mundo que íamos professar – nós as duas existências vinculadas para o Céu, e para a soledade da clausura!... O padre António encontrou-me neste acesso de alegria. Maravilhou-se. Não lhe dei tempo de perguntar-me nada. Abracei-o, beijei-lhe as mãos, contei-lhe tudo, tudo, que tudo era pouco para a imensa expansão de gozo que minha alma pedia. Foi talvez demais o meu sobressalto; mas eu tinha sofrido desde o berço; era aquele o meu primeiro prazer; estranhei-o; delirei, vi-me comovida, capaz de rir e de chorar, capaz de tudo, menos de prever novos infortúnios na existência de nós ambas.

Padre António deu os parabéns à minha amiga. O meu contentamento brilhava nas suas faces venerandas. Transportou-se à mais elevada poesia da religião: falou como um homem iluminado por Jesus Cristo; arrebatou Antoninha; fez-nos chorar a todos, e abraçou-nos ambas juntas num êxtasis apaixonado, como agradecendo ao Céu a inspiração de nos fazer religiosas.

«– Então tu queres dotar-me, Rita?» – perguntou Antoninha num tom fagueiro e alegre.

«– Que tenho eu, Antoninha» – respondi eu–, «que não seja nosso? Não temos nós um leito para ambas? Os nossos vestidos e alimentos não os partimos como irmãs? Não são as nossas orações murmuradas ao mesmo tempo, com os mesmos lábios, e consagrados no mesmo coração? Não é isto assim, diz?»

«– É... foi sempre...»

«– E há-de sê-lo sempre, Antoninha?»

«– Sempre?!» – respondeu ela improvisamente contristada – «Quem sabe o que Deus dispõe? Não podemos contar com o dia de amanhã... Mal diria meu pai que me deixava tão cedo?... mal diria eu que, havia de sobreviver-lhe um dia, um mês, um ano, dois e três anos... E vivo... mas como, santo Deus!... tão infeliz!»

Rebentaram-lhe as lágrimas, e eu penalizei-me. Reconheci então que os prazeres para mim eram sonhos. Vieram logo as aflições, como compensação cruelíssima de um gozo momentâneo.

O padre, com palavras ungidadas pelo conforto do Céu, enxugou o pranto em ambas as faces de duas desventurosas amigas, que sorriam juntas e juntas choravam.

No dia seguinte ao deste lance de triste, mas saudosa lembrança para

mim, Antoninha, mal despertou, mesmo antes da sua oração da manhã, acordou-me, inquieta e sobressaltada, para me contar um sonho.

«– Escuta, Ritinha» – dizia ela com muito amor –, «senão esquece-me, e depois não terei outro tão lindo que contar-te.»

«– Diz, diz, Antoninha. .

«– Olha. Eu estava de joelhos, alta noite, pedindo a uma estrela que me alumiasse o rosto de meu pai...»

«– Oh, filha» – interrompi eu –, «no Céu há almas... e o espírito não tem rosto humano.»

«– Pois sim, mas querias tu que a alma a sonhar soubesse o que muitas almas não saberão acordadas!? Isto é um sonho... já te disse... ou estás a dormir, Ritinha?»

«– Não estou, não... E depois a estrela...»

«– A estrela respondeu-me que a luz dós justos era mais clara que a luz das estrelas, e que por isso as trevas não podiam alumiar o Sol. Depois eu chorei, porque o Céu era surdo às minhas súplicas, e um anjo desceu até mim sobre um trono de nuvens, que dardejavam um lume que cegava os olhos da face e alumiaava os do entendimento. E o anjo tocou-me na fronte com uma vara de fogo celeste e escreveu a palavra – MÁRTIR!»

«– E acordaste depois, Antoninha?»

«– Não... oxalá acordasse...»

«– Então?»

«– Tive um sonho mau, tristíssimo e aterrador... Foi logo em seguida... Eu curvei a face marcada pelo anjo, e adorei a vontade do Senhor.

«Nisto o céu escureceu-se; o ar enegreceu como o interior de um esquife, e eu tremia como a flor das montanhas açoutada pela tempestade. Orava, e as palavras crestavam-me os lábios, como se eu respirasse fogo. Queria fugir, e os joelhos sentia-os estalar, quando tentava erguê-los de uma pedra que era o sepulcro de meu pai. Depois ouvi o reboar dos trovões que rolaram, rolaram desde os confins do Céu até rebentarem sobre a minha cabeça. Vi um raio. Ao seu clarão negrejava o anjo das trevas, que alumiaava os olhos da face, e cegava os do entendimento. Desceu, desceu até mim, e com uma vara de fogo infernal escreveu-me na fronte esta palavra – ANÁTEMA!»

«– E depois?» – perguntei eu aterrada.

«– Acordei... Não é tão medonho, Ritinha?»

«– É... mas não passa de um sonho, não é verdade?»

«– Eu sei!... Não leste no *Génesis* o sonho de Faraó?»

«– Faraó era um criminoso, a quem Deus mandou ler em sonhos a sua sentença» – tornei eu, receando as apreensões daquele espírito quase infantil. – E tu és inocente como uma das onze mil virgens.»

«– Deus é que nos julga, Ritinha.»

E dito isto começou a sua oração da manhã, sem dar-me azo a replicar-lhe.

Eu estava agitada e ansiosa pela vinda do padre António. .Queria eu que ele fosse o intérprete daquele sonho, como José do Egipto. Mal chegou, contei-lho sem que Antónia nos escutasse. Assustei-me dolorosamente quando vi o silêncio daquele santo homem! Queria que ele sorrisse, e contudo não sorriu.

«– Devem-se crer os presságios dos sonhos?» – apressei-me eu a

perguntar-lhe.

Ele respondeu com firmeza e majestade:

«– Não há lei divina nem humana que dê crédito aos sonhos, e nos mande temer a realidade de prazeres ou desgostos sonhados; mas, minha filha, quando a alma se agita num corpo adormecido, sem desvairar por quimeras e disparates; e quando é o espírito sublime de Antónia Bacelar o que recebe a consolação do anjo de Deus e a maldição do anjo das trevas... eu não sei o que pense!... Deus manifesta-se às suas criaturas por tão variados modos!... A alma, que é do Céu, prevê tanto os infortúnios na alucinação de si próprio!... Enfim, Ritinha, não diga nada dos meus receios a esse anjo; mas eu quisera manhã, se possível fosse, vê-la protegida pelas telhas sagradas do convento... Deus me não leve sem que eu veja a realidade desta minha querida esperança...»

A incerteza do padre apavorou-me. Nesse dia falei sempre com Antoninha em entrarmos na clausura. Achei-a vivamente propensa para isto. Meu tio e tutor, que era um honrado executor da nossa vontade, fez-me entrega da minha fortuna, que avultava de mais para o nosso dote em qualquer ordem monacal. As licenças e as escrituras encarregou-se padre António de as preparar. Ardíamos ambos em desejos pelo consentimento do tio de Antoninha, a quem ela pedira licença como prova de reconhecimento aos seus benefícios. O tio felicitou-a, e disse-lhe que ficava pedindo a Deus lhe desse a ele meios para que suas filhas tivessem igual sorte.

Chegou o dia da nossa entrada.

Ninguém virou costas ao mundo com olhos mais enxutos... Seria por não termos conhecido as suas delícias? Deveria ser... Nós víamos tanta filha feliz, tanta esposa alegre e embebida nos prazeres de mãe; tanta órfã esperançosa em povoar o coração de afectos, e criar ligações mais ternas que as de pai; tanta desgraça, tantas meninas desvalidas sempre com o sorriso da alegria para o mundo que as lisonjeava e embevecia!... Nós é que só tínhamos a solidão, e a tristeza, e o desapego por tudo que não fosse a nossa vida monótona e circunscrita às relações de um padre que nos estremecia, e do meu velho tio que nos amava como filhas. Foi por isso que não tivemos uma lágrima de que o mundo possa vangloriar-se.

A nossa entrada foi sem pompa, quase ignorada, e desapercibida dos faustos, que acompanham a que vai do mundo renunciar aos pés do altar as alfaias mentirosas com que o amor-próprio lhe aformoseara o pó... o *nada* dg formosura.

Antónia chorava, quando a porta do mosteiro se fechou com um rodar triste de não sei que saudade vaga e fúnebre. Pedi-lhe explicação daquelas lágrimas: disse-me que a não tinha.

«– Bem sabes o meu coração!...» – ajuntou ela. – «Eu que tenho fora daqui? o túmulo de meu pai... e mais nada, que me desperte a vontade de viver com toda a minha liberdade... de chorar... Não é isto assim, Ritinha?...»

«– É» – lhe tornei eu, consolada de ver que não era o arrependimento.

E decerto não era. Antoninha, quando lhe cortaram o, cabelo, e lhe deram, em troca dos vestidos seculares, três túnicas e um manto de estamemha *vil no preço e na cor*, assim como o determina a regra do instituidor, olhava para mim com tal sorriso de bondade e abnegação de si, que eu, no fundo do meu coração, consternei-me por não adivinhar que

gosto ou dor misteriosa denunciava aquele sorriso.

Foi-nos dada mestra de noviciado. Era uma religiosa austera, das que cingem o cilício, e oram sempre fervorosas pelos pecados alheios. Era muito boa conselheira, e sobejavam-lhe esforços em nos inteirar das nossas obrigações, e da vida desapegada que tínhamos a viver em relação com o mundo. Mal sabia ela quanto demasiadas nos eram as suas práticas!... Tão espontâneas as nossas vocações, era santo mas vão trabalho experimentar-nos com a pintura de perigos assustadores para as almas débeis e tibiamente decididas. Padre António era que farte inspiração de nossos deveres, se a precisássemos. Foi-nos permitida, a custo, uma grade cada semana para o ouvirmos, e para ele nos bendizer a face prazenteira que lhe mostrávamos, tão folgadas dos nossos trabalhos, tão ditosas da clausura que para nós valia a maior liberdade marcada pelo dedo do Senhor, e tão ansiosas por maiores lutas de espírito em que provássemos a robustez de nossas vocações.

Assim o pensávamos – assim o criamos. Deus, porém, não era connosco nestes desejos.

Antónia Bacelar fora, desde menina, adoentada. A sua magreza natural aumentava todos os dias a olhos vistos; mas nem ela se intimidava da morte, nem queria que eu me atemorizasse por isso. Deus sabe o que eu sofria calada por tão débil e franzininha a ver assim continuamente deteriorada na saúde! Às vezes parece que as pancadas do pulso lhe refluíam ao coração: tal era o quase nada das pulsações, e tão violento lhe arquejava o coração encostado ao meu por aqueles abraços de amiga que teme perder a amiga – resumo de tudo que a sepultura ainda lhe não fechou.

No sétimo mês de noviciado, Antoninha estava desbotada, esvaída de vigor, e num definhamento de tísica aparente, que me fez chorar dia e noite, a ocultas dela, algum novo sobre tantos infortúnios.

O médico entendeu-se com o padre António, e aconselhou a saída de Antoninha a ares por alguns meses.

O padre, antes de comunicar-me esta precisão, rodeou-a de mil razões, e de tão santos argumentos para eu me sacrificar ao apartamento de alguns meses, que eu, em vez de lágrimas, tive o sorriso de gratidão para dar-lhe, a ele que tanto se empenhava na saúde daquele anjo único da minha desventurosa vida.

Por quantos desvios e melindres pude, cheguei a propor-lhe a saída. Antónia, então sim, apavorou-se não sei se da morte com que a ameaçavam, se da surpresa. Dizer-lhe que saísse do convento, quando ela principiava a desconfiar do seu cansaço na respiração, era o mesmo que dar-lhe a escolher uma campa no claustro do mosteiro, ou na igreja ao pé da de seu pai. Debulhou-se em pranto, e, em paga do amor com que a consolava, só teve estas palavras para dar-me, arrancando-as do coração:

«– Que importa morrer hoje aqui, ou amanhã lá fora?!»

«– Quem te fala em morrer, Antoninha?» – lhe repliquei eu com amargo fingimento. – «O que eu quero é remediar todas as tuas mortificações, que também são minhas. Não vês a magreza e frouxidão em que descais de dia para dia, e esse abatimento de corpo, que é donde provém a turbação da alma, em que sempre estás assombrada?! Se é necessário que saias para melhorar, porque não hás-de sair? Deus não agradece o deixar-se a gente morrer para mais depressa tocar o termo dos trabalhos da vida... É o

que diz o Sr. Padre António, e bem sabes com que verdade as palavras lhe descem do Céu ao coração...»

«– Mas quem diria» – replicou ela, limpando as lágrimas – «que serias tu a que tanto me rogasses a minha saída de ao pé de ti!...»

«– Oh minha filha!»–exclamei eu, abraçando-a –, «eu não te peço que saias de ao pé de mim... É o meu coração que cede à amizade e ao dever... Para te ter sempre ao meu lado, para que vivas mais que eu, Antoninha, é que eu te peço que vás buscar vida mais duradoura e vigorosa do que a que tens... Ora diz-me, não virás aqui à grade todos os dias se quiseres? Não será tamanha consolação para nós ambas a tua saúde completa, à custa do sacrifício da nossa separação por algumas horas no dia? diz, Antoninha?...»

«– Mas eu não posso estar sem ti um instante... Com quem hei-de eu viver lá fora?...»

«– Comigo sempre no pensamento... não será um alívio?!...»

«– Não... a saudade é uma paixão que mata... não vês como eu estou?! Não te parece, Rita, que era acabar-me separarem-me de ti?»

Eu não sabia responder a isto. Por mais resoluto que me quis mostrar, cedi com facilidade. A minha coragem era contrafeita... Deus sabe com que vontade a aconselhava para sair; mas a razão pesou tanto sempre nos meus juízos, que nunca até hoje me deixou um instante de liberdade ao coração... E saberei eu o que é a liberdade do coração?! Ah! sei... sei... Era acompanhá-la, sair com ela, mudar as minhas tenções se ela as mudasse, ser religiosa se ela o fosse...

Quando padre António soube da repugnância de Antoninha, arguiu-me de a não querer deixar sair, e vaticinou-me redobradas lágrimas, se lhe não zelasse a sua saúde, com alguns sacrifícios.

Chamei-a para me justificar da injustiça com que me acusavam. Arrependo-me disso. O meu coração era culpado, e as culpas, por mais escondidas que lá se abismassem, aos olhos perscrutadores do sacerdote eram visíveis como as nódoas na alvura da face.

Culpada disse eu que era, porque, aterrada pelo presságio que António me fez sentir da sua saída, nunca mais instei com ela.

Antoninha entendeu a precisão que eu tinha de ser salva por ela, e disse ao padre António que as minhas instâncias, por demasiadas que tinham sido, a tornaram desconfiada da minha amizade; e que eu, por conhecer quanto a dissaboreavam tais rogos, nunca mais lhe tocara nessa ferida mal fechada.

Foram tão ajustadas com a religião e com o juízo as razões que o padre António deu para a saída da minha amiga, que nem ela pôde, com toda a sua repugnância, balbuciar uma só palavra em abono da sua vontade.

Chorar, e nada mais, foi o que ela respondeu. Contrafiz-me quanto me foi possível para acalmar-lhe as penas. Fiz-lhe trocar pelo pranto o sorriso da esperança, que belos anos no futuro realizariam em perpétua felicidade para nós. Ela creu-me, e eu, tão crente como ela, não pressaguei a mais ligeira mágoa, além das pungentes saudades, cuja consolação estaria em nos vermos uma hora em cada dia.

Padre António não quis espaçar muitos dias a saída, logo que alcançou o consentimento de Antoninha.

Na manhã do fatal dia 10 de Fevereiro de 1673 choraram todas as religiosas que vieram acompanhar à portaria aquele seu anjo do Céu, como

todas lhe chamavam.

Quando me vi, sem ela, na minha cela, sozinha, e inconsolável aos esforços de tão consoladoras criaturas, senti a morte.

No momento em que escrevo... redobram as minhas lágrimas. O meu espírito varado pela saudade daquela dor... sinto-o relutar-me no peito com toda a agonia do desespero... Sofro muito, meu Deus!... Permitti, Senhor, conservar-me o claro entendimento, que tantas vezes sinto turvar-se e escurecer-se... A demência!... seria cruel, meu Deus!... A morte... antes a morte, que eu vos suplico com tanto amor, e que eu tanto mereço pela resignação com que tenho padecido.

.....

Aqui suspendeu o padre Carlos a sua leitura. Tinham decorrido três horas. O conde de S. Vicente, como estava magoado no coração, limpava as lágrimas muitas vezes. O padre não era estranho àquela comoção; mas lágrimas é coisa que ele não tinha, ou então esgotara-as à força de gastar a sensibilidade em repetidas leituras daquela história.

– Não lê mais? – perguntou ó conde.

– Hoje não. Vamos tratar agora dos vivos, e depois voltaremos aos mortos, não lhe parece razoável, Sr. Conde?

– Tratar dos vivos!?!... Ah!... sim... Mas eu tinha tanta vontade de ouvir o fim do diário de sua mãe... Porque o não acaba?

– É quase noite... Não vê que manhã tem de aparecer um pobre à Sr^a D. Inês? E suposto que os pobres se acotovelam em abundância por esses caminhos, ainda assim é preciso escolher e iniciar o mais esperto de todos... V. Ex^a não deve ficar aqui sozinho... É verdade... Venha ser meu hóspede à residência de Santa Senhorinha. Se sobrar o tempo das primeiras ocupações, leio-lhe o *finis coronat opus* da minha história.

Ao anoitecer saíram o conde de S. Vicente e o padre Carlos, e foram caminho da residência.

A Tia Benta do João, que os viu passar, fez à noite ao lar esta advertência ao seu marido:

– Ó homem! eu agouro mal deste *matrimônio*... E Deus me perdoe se peço. Aqui há dente de coelho!... Isto começou por morte de homem... e, como diz lá o ditado, «quem com ferro mata com ferro morre...»

– Isso é verdade... – respondeu o Tio João, cambaleando com sono. E não pôde dar outras razões do seu dito, porque adormeceu.

O leitor talvez se interesse tanto como o João da Benta nos românticos acontecimentos desta peregrina história...

CAPÍTULO XX

Vê-se que o editor desta verdadeira história não quis desfalcar a ordem do manuscrito, e por isso deu aqui remate ao lamentoso diário de Antónia Bacelar

A residência paroquial de Santa Senhorinha de Vilamarim era uma casa rústica, pequena, e sem presunções de nenhum estilo arquitectónico.

Por dentro era decorada pobremente, e essa mesma pobreza era afeiada pelo desalinho e sordidez que ressumava daquilo tudo.

Quatro taipas, milagrosamente suspensas e irriçadas de palhas barrentas, constituíam o reservatório, ou câmara do Sr. Abade daquela freguesia.

O abade já os leitores o conhecem, e não é pequena maravilha conhecerem-no como um sacerdote de mais aseados crepes que passeava na província. Não custa a deparar destes contrastes em todas as classes: hoje, porém, na do clero português, vereis muita soma de padre a transudar imundícia da batina ensebada; mas, se ele vos der licença de o visitardes, topareis o aprimorado da mobília, e o folheado das sanefas e dos guarda-camas, e os tremós com os diches chineses, e as odaliscas voluptuosas harpejando às plantas do sultão, pintadas, já se vê, nos papéis das paredes... Visto que em país cristão não é permitido pô-las ali de carne e osso, a contento de um folgado dervixe, zelador sincero das huris do profeta.

O conde de S. Vicente, quando se viu na amesquinhada vivenda do padre Carlos da Silva, deu visos de pasmado.

– Estranha? – perguntou o abade.

Reparo na simplicidade de tudo isto...

– Na pobreza é que V. Ex^a quer dizer... É porque eu realmente sou pobre... Pudera amontoar ouro, sem usurpar o alheio, mas de que me serve o ouro a mim, se eu não compro com ele a vingança de minha mãe?!

– Sempre essa terrível palavra, Sr. Padre Carlos! Porque não perdoa?

O padre sorriu-se. Espevitou a torcida de um enferrujado candeeiro de cobre, e, caminhando adiante do seu ilustre hóspede, entrou num pequeno quarto, cujas paredes eram forradas por estantes de livros postos para ali em desordem, e vinculados à perpétua moradia de não sei quantas famílias de répteis, em que predominavam aranhas corpulentas, e, ao que pareciam na sua inquietação, inimigas da luz.

– Pelo que vejo – notou o conde –, Vossa Mercê já teve mais gosto da vida...

– Porquê, Sr. Conde?

– Vejo que se deu aos livros... e, quando a vida se aborrece, aborrecem-se os livros, que não prestam consolação nenhuma.

– Estes livros, Sr. Conde – tornou o padre –, não me custaram um ceutil, e para aí estão como para aí entraram há seis anos. Foram livros que me legou aquele padre António dos Anjos, que V. Ex^a conhece da história... Alguns deles foram de minha mãe e outros de Soror Rita da Santíssima Trindade... Tomara eu nem vê-los... São lágrimas que aí estão... parecem-me vigias que estão dali a vigiar se eu adormeço no esquecimento da vingança...

O conde tirou da estante um livro, e veio à luz ler-lhe o título. Era o primeiro volume das *Obras de Santa Teresa*, com estas palavras manuscritas: *Pertence a Antónia Bacelar, noviça no Mosteiro das Franciscanas de Santa Clara em Vila Real – 10 de Outubro de 1673.*

– Aqui está um livro que era de sua mãe, Sr. Padre Carlos...

Não teve resposta alguma. O abade esfregava impaciente a testa com a mão

direita, como se tentasse comprimir nas pálpebras duas lágrimas que o acusavam de sensibilidade mulhêril.

Távora, folheando o mesmo livro, deparou um quarto de papel, escrito.

– Que será? – perguntou ele, mostrando-o ao padre. Este tomou-o com desinteresse, e murmurou:

– É alguma devoção de minha mãe... A letra é sua.

Enquanto o conde lia de passagem meia página das contrições da Santa, o padre leu algumas linhas do manuscrito de sua mãe, que rezavam assim:

O mundo não foi para ela um horto de espinhos. Reputou-se venturosa na culpa, votou-se às paixões que lhe encheram o coração, morreram-lhe as ilusões, mas não ficou vazia de afectos a sua alma ardente. Deus é todo amor. Foi ele que lhe sarou as úlceras daquela alma corrupta, e dignou-se assentar ali o seu trono... Depois do crime o remorso, e depois do remorso a santidade!... mas eu tão infeliz sempre... sempre...

O padre não prosseguiu este ligeiro comentário à vida de Santa Teresa; poderia, se continuasse, deparar com alguma invectiva à Providência, acusando-a de menos generosa com a sua alma ansiosa de comoções. Foi interrompida a leitura de ambos, por uma servente, que pôs um tabuleiro de pratos de estanho sobre a mesa, e retirou-se, sem gastar mais palavras que as clássicas do – *louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo*.

Não eram só pratos de estanho. Em unia travessa chinesa lourejava uma galinha assada, de que o conde se serviu quase nada, e o padre apenas provou, e trinchou distraidamente. Tomada esta parva, que era de sobejo para dois homens que se nutriam do fel das desgraças, o abade tomou o tabuleiro, colocou-o fora da porta, e fechou-a sobre si. Depois disse com afabilidade:

– Agora, Sr. Conde, quer V. Ex^a conversar com os mortos antes de curarmos dos vivos?

– É a continuação do diário que vai ler-me, não é verdade?

– Se lhe apraz...

– Aprazem-me tanto as tristezas... e estou tão afeito a elas desde que um fado mau aqui me trouxe...

– Bem mau que ele foi, Sr. Conde!... – atalhou o padre, dando a cada palavra um acento de profecia lúgubre...

– E não há-de fazê-lo melhor a sua amizade, Sr. Abade...

– Melhor!... quem sabe?!... a luz dos desgraçados é tão baça para derramar claridade nas almas alheias escurecidas pelo infortúnio!...

– Mas o seu juramento?! Não basta esse?

– Basta, realmente, basta, Sr. Manuel de Távora! O meu juramento é a sua felicidade?

– Cumprido que seja...

– Sê-lo-á.

Nesta expressão única do padre vinha o desabafo íntimo de uma vingança risonha, pensada, tremenda, e irrevogável. Este *sê-lo-á* tinha a firmeza das condenações irremissíveis.

Ali juiz, algoz, e lei, era o padre, só e livre, na sua consciência. Deus tê-lo-ia perscrutado; mas quando da mão de Deus é que o flagelo da punição desce à mão do homem, a alma sequiosa de sangue não transluz na face do que aí foi posto para flagelar.

Estava o padre desdobrando a folha que deixara com sinal, e o conde em frente

dele era todo ouvido para atendê-lo. O primeiro, antes de principiar a leitura pouco antes interrompida, cerimoniosamente disse ao seu bondoso hóspede, que no caso de enfadar-se com o estirado da história, sem reboço lho dissesse, para lhe ir mostrar a cama, onde poderia dormir sem receio de pouca limpeza. Estas considerações eram necessárias para qualquer pessoa melindrosa, que atendesse no desleixo daquela casa, e mais que tudo na variedade de bicharia miúda, que deveria surdir de cada buraco e de cada fisga das paredes.

Dito isto, ouçamos o padre, que lê em tom de entranhada melancolia o diário sentimental de sua mãe:

Padre António procurou-me à tarde no dia da saída de Antoninha. Vinha triste e muito recolhido em si. Abstraía-o uma dor grande, ou um avesso pressentimento. Falando-me dela, nas suas palavras via-se o mal fingido receio da doença incurável de Antoninha. Pedia-lhe com instância e aflição que me dissesse o que pensava da moléstia da minha amiga. Respondeu-me que era tão precisa a distracção como o ar que se respira, e como o arrependimento e a fé em Cristo aos que a precisam para se salvarem.

Antónia Bacelar passara toda a manhã em prantear-se. As saudades da sua cela, dissera ela que lhe redobravam a doença. O padre confortou-a, como ele só no mundo sabia fazê-lo, e foi baldado o seu conforto. Meu tio, acarinhando-a como filha, não a deixou um instante, e algumas vezes, assumindo a autoridade paterna, impôs-lhe o preceito de se acurvar com resignação à vontade das pessoas mais idosas.

A minha amiga era dócil como um anjo. Desde logo sufocou em si as angústias, e prometeu, sorrindo-se, não chorar mais, nem acusar alguém do muito que viesse a padecer.

Isto era ainda mais pungente para mim que as mesmas lágrimas. Cheguei a persuadir-me que ma não tratariam com a meiguice precisa para consolá-la. Eu enganava-me. Meu tio enganava-me. Meu tio amava-a quanto podia amar-se uma pessoa, que não carecia do amor compassivo pelo infortúnio; e a ela amou-a mais ainda por vê-la desvalida, órfã e pobre.

A manhã do seguinte dia passou-a Antoninha numa grade comigo, com a mestra, e com o padre António.

Vinha menos amargurada, ao que parecia, do que ma pintaram. Senti-me feliz com esta surpresa. Falámos dos nossos dias futuros sem interrupção de os vivermos juntos. Para tanta ventura, disse o padre que bastava a vontade de Antoninha: ponto era que ela cuidasse em desembaraçar-se de pensamentos tristes, dando-se às distracções do campo, que tão lindo era na estação das flores.

Conviemos em que Antoninha devia ir muitas vezes à sua granja do Prado, e passar por lá a maior parte do dia. Doroteia, a sua velha criada, deveria acompanhá-la, quando os encargos do sacerdócio lhe não cedessem a saudável companhia de padre António.

Assim o fez. Repartia os dias pela grade e pela sua granja do Prado. Lá entretinha-se em dispor flores, e a arranjar as copas das arvores, e as varas das ramadas para no Estio lhe darem sombra e esconderijo, que ela tanto amava, se a melancolia cismadora lhe era menos dolorosa na solidão.

Um mês depois que saiu, Antoninha pareceu-me reanimada: mais cores na face, mais vida nas expressões, e nos lábios aquele sorriso de

contentamento, que se estrema bastante do que vem amargurado e contrafeito de dentro.

Alegrei-me, e bendisse a misericórdia divina, que me amparava aquela metade da minha existência, e ma prometia com a saúde, e longa vida, para que eu viesse a ser um dia chorada por ela; e não ela perdida para mim.

Há pressentimentos terríveis.

Um dia chorei muito. Era de matar a tristeza que me enturvava o espírito. Quis desafogar-me daquela dor misteriosa com o padre António; mas o que eu padecia era inexplicável. Não atinava com a causa. Era o pressentimento.

Seguiram-se dias cada vez mais torvos para num. Antónia Bacelar pedia-me explicações; eu não lhas dava que não podia, e ela condoía-se; contristava-se consigo; e caía num profundo silêncio quando eu me calava.

«– Antoninha» – exclamei eu uma vez num tom afogado de angústia – , «Antoninha, tu não serás minha amiga como eras?!»

«– Que pergunta, Ritinha!» – respondeu admirada, mas menos sobressaltada do que eu ficaria se tal pergunta me fosse feita por ela.

«– Diz-me» – tornei eu, estendendo-lhe os braços pela grade em ar suplicante –, «és minha amiga como deves?»

«– Que faço eu para supores que não? Deixei eu de vir aqui algum dia? Viste-me já um gesto de enfadamento nas horas fugitivas que vivemos juntas?»

«– Não» – respondi eu –, «não tenho visto; mas então, já que és um anjo do Céu, explica-me porque eu estou tão triste...»

«– Eu sei!... Estarás doente... porque não sais!... Não te tenho eu pedido tantas vezes que...»

«– Vá viver contigo para não arrefecer a tua amizade?»

«– Isso não... eu nunca te disse tal, Ritinha... Tu queres fazer-me chorar... pois bem... conseguiste-o..

E chorava.

«– Que mal te faço para isto?» – prosseguiu ela, soluçando. – «E o mesmo que chamares-me ingrata... e esse crime é o maior de todos... Juro-te que o não sou... não sou... não... nunca o serei, por mais que a desgraça venha a desmemoriar-me dos benefícios que te devo.»

«– Nada me deves, Antoninha, se bem me pagas este grande amor que te tenho...»

«– Notas em mim alguma diferença?»

«– Não; e para que mo perguntas, se a consciência te não acusa?!»

«– Para que to pergunto?! Pois não será um capricho teu duvidares de mim sem dar-me uma só razão que me culpe?»

«– Deus me livre de podê-la dar... Morreria antes disso, minha filha... Está bom!» – prossegui eu, enxugando as lágrimas. – «Somos muito amigas... Estou consolada e arrependida... Perdoas-me, Antoninha, de recear que o teu coração estivesse repartido...»

«– Repartido!» – exclamou ela surpreendida.

«– Assustas-te!» – disse eu mais surpreendida que ela. – «Não podia ser muito facilmente...»

«– O quê?» – tornou ela cada vez mais enleada e absorta.

«– Amares... Haverá nada mais natural na tua idade e com o coração que tens?»

«– Não te amo eu a ti com todos os afectos do meu coração, Ritinha?!»

«– Amas?! Pois bem; eu não ambiciono mais nada... Sou mais feliz que tu, que não pudeste ainda suspeitar do meu amor um instante só na tua vida. Quando souberes como doem estes receios, verás a felicidade que vem de palavras animadoras e santas como as tuas... Estás tão longe... não posso dar-te um beijo!...»

«– Vês? Olha lá como nós somos felizes!... nem nos podemos beijar quando queremos!»

«– E que tem isso? Não é tão grata a certeza de que o faremos bem cedo, quando vieres para os braços da tua irmã?!»

Antónia não me respondeu. As feições parece que se lhe toldaram de uma nuvem negra. Foi uma transição espantosa. Então é que eu senti um ferro em brasa varar-me o coração. Faltaram-me palavras para lhe fazer uma pergunta. Toda eu tremia, e ela parecia vergar sob um peso de vergonha, ou de remorso, que lhe não deixava erguer a face para mim! Nem a experiência própria, nem o trato da vida das paixões alheias me dizia na consciência que Antónia Bacelar era mulher que amava um homem... Adivinhei-o, senti-o, repassei-me de uma dor suprema de verdade, li-o naquela vergonha, naquele rosto abatido, em todos aqueles gestos que denunciavam uma alma fraca, singela, e incapaz de mentir.

À custa de uma grande luta com as minhas lágrimas, pude perguntar-lhe:

«– Estás incomodada, Antoninha?»

Não me respondeu.

«– Vai, meu anjo, vai dar o teu passeio...» – tornei eu, quando o ressentimento, o ciúme, e a febre principiavam a operar em mim um sentimento estranho. – «Isto aqui está triste... Não percas um instante de saúde e de contentamento...»

«– Rita!» – exclamou ela com ansiedade.

«– Que queres, Antoninha?»

Respondeu-me com o silêncio das lágrimas. Compreendi-a, e desejei morrer neste instante.

A Providência do Senhor é prodigiosa. Neste transe aflitivo entrou padre António, e ficou perplexo, olhando-nos uma e outra, que não levantámos a face para ele.

«– Que tendes, meninas? Vós sois os meus pecados... Chorais mais lágrimas na roda do ano que as famílias todas de Vila Real, não exceptuando o vosso velho padre, que também chora às escondidas... Então? que é isso!?»

«– Nada!...» respondi eu; e Antónia, com a voz cortada pelos soluços, respondeu depois de mim:

«– É a minha desgraça... Sr. Padre António...»

«– A sua desgraça, minha filha!? Não a castigue Deus. É desgraçada quem é tão querida de todos, e tão sem mancha no seu coração de um anjo!?»

Eu adivinhava que pungir seria o destas palavras na minha infeliz amiga. *Desgraçada*, chamou-se ela então... Ah! decerto o era... muito desgraçada, meu Deus!... Para atalhar. as lágrimas involuntárias que o padre lhe causaria, disse eu, sorrindo-me daquela alegria dos que podem reprimir

na garganta o grito da desesperação:

«– Vão passear... ande, Sr. Padre António, tire-a daí, que está muito aflita...»

«– Pois sim» – tornou o padre, tomando-lhe a mão, e fazendo-a erguer. – «Vamos ao Prado ver se aquelas saudades e suspiros desabroçam... Tenho saudades das minhas flores, e quero ver como esta fada dos jardins encantados me cultivava uma flor que lá tenho, e que é só minha, pois não é, minha jardineira?»

«– Sim, senhor» – respondeu Antónia, com os olhos fitos no chão, e a alma sabe Deus distraída por onde...

«– Adeus, Antoninha, até manhã»–lhe disse eu com insuspeita ternura. – «Olha a minha rosa branca, que não seque, sim? Adeus!»

Saíram.

Doroteia, que tinha esperado no pátio por sua ama, quando a viu sair acompanhada pelo padre, voltou atrás a cumprimentar-me, e disse-me estas memoráveis palavras, quando saía:

«– Há grandes desgraças a futurar, menina... Manhã lhe direi... não posso já calar-me... Deus não me perdoaria se eu não dissesse...»

«– O quê?» – interrompi eu ansiosa.

«– Agora não... Estão à minha espera... Até manhã.»

Estava aclarado o mistério com os mais salientes traços. Não havia que duvidar. Antónia amava... Quem... e para quê? Era esta a angustiada pergunta que eu me fazia incessantemente. Já me não magoava a perda da melhor parte daquele coração. A desgraça menor cedia à suprema de todas as desgraças – *Desonra!*... esta palavra, maldita murmurou-me com desabrimento todo aquele dia o seu acento diabólico aos ouvidos da alma! *Desonra!* – e a desonra de Antónia Bacelar – da filha de Álvaro Bacelar, que, na hora da morte, me tinha dito: *entrego-lha... seja mãe desta desvalida!*

A noite que eu passei, Deus a não dê aos meus inimigos, se é que os tenho merecido, nesta minha vida toda de amor ao próximo, e de desenganos e ingratidões...

Muito de manhã, no dia seguinte, veio o padre António dizer-me que o nosso anjo estava doente de cama, com alguma febre.

O coração senti-o naquele momento respirar com desafio toda a sua dor retraída, mas a prudência calou-ma nos lábios. Iria eu dizer àquele santo homem suspeitas, que poderiam ser infundadas, ou adiantar-lhe segredos que ele saberia no confessionário? Não quis; não pude, e não devia.

Com muitos rodeios pude revelar timidamente o confuso temor em que eu estava a respeito de Antoninha. Perguntei-lhe se ela na granja do Prado era cortejada por alguém... Respondeu-me que não.

«– Porque me faz tal pergunta?» – continuou ele. – «Não aventure assim juízos temerários, minha filha, que são muitas vezes ansa para grandes culpas. Antónia Bacelar é inocente como há dez anos o era no seu colo. Peça perdão a Deus dessa indiscrição, que é pecaminosa, e peça também perdão à sua amiga...»

«– Pedirei...» – respondi eu–; «oxalá que ela tenha de perdoar-me...»

«– Pois então, Rita, a senhora duvida da pureza da sua amiga?!»

«– Não, Sr. Padre António... Deus me mate, antes que eu duvide da sua pureza...»

«– Eu acompanho-a, pelo menos, duas vezes por semana no seu passeio... Nunca por nunca deparei um homem que pudesse... que ousasse... nunca, minha filha, eu juro que ainda não vi por onde perca a inocência daquela virgem... E demais... Deus me perdoe!... bem sabe que eu sou o director espiritual de Antónia Bacelar...»

A primeira ideia que me assaltou foi que Antoninha se não confessara desde que saíra... Que valia a mais forte razão de padre António? Sustive esta contrariedade, e não quis alvoroçar a alma escrupulosa daquele homem crente e bom. Bastava eu para tamanho flagelo...

Mandei saber de Antoninha duas vezes nessa manhã, e tive em resposta que se erguera melhor às onze horas, e estava escrevendo uma longa carta.

Às cinco horas da tarde recebi-a, e ficará, com algumas outras, apensa a esta história, se, antes de concluí-la, a morte se não apiedar de mim.

Rita:

Se tivesse mãe, atirava-me ao seu regaço a chorar; se tivesse pai, ajoelhava-me a seus pés e soluçava até ser compreendida. Tenho-te, e foste e és tudo para mim. A ti me ajoelho, choro no teu coração... não me lances de ti... abraça-me, sorri-me, fala-me com brandura, que eu sou muito desgraçada.

Não tenho valor nenhum, Ritinha! Queria segredar-te as minhas dores; era-me tão bom dizer-tas abraçada a ti... contar-tas, e com as minhas lágrimas suavizá-las da culpa... e não tive alma ontem, nem hoje, nem a terei um dia de levantar a face, e dizer-te: eu amo – e sofro – e peço a morte, quando devera querer muita vida...

Não rasgues esta carta, minha querida amiga! Se me repeles, anjo protector, onde irei pedir consolações?

Consolações!... Não posso mentir-te... Não és tu quem podes dar-mas todas... Hoje... Ritinha, não és tu só; e, contudo, eu amo-te... quero-te como te queria há três meses, como te amarei até ao fim da minha flagelada vida...

Deixas-me conversar contigo? Não viras o rosto com desprezo à tua Antoninha, à tua querida irmã, que te abre o sacrário da sua alma, como a maior das infelizes quando pede à Virgem dos Céus o socorro, que não acha na Terra?!

Foi em uma tarde de insondável amargura... Eu estava cismando em ti, e em meu pai, e na minha pouca saúde, que me privava dos teus afagos, e do manancial das esperanças que me davas tão... desvanecidas.

A culpa não foi tua... nem minha... O destino... o destino, não... é Deus.

Nessa tarde, longa de dores e pressentimentos, um homem, ainda moço, e vestido de caçador, encostou-se ao portelo da minha granja, inclinou-se para dentro, cortejou-me com familiaridade... pareceu-me que deveria conhecer-me, pela liberdade com que o fez.

Tu bem o sabes, Ritinha: era a primeira vez que um homem, sem os carinhos paternos de teu tio, e a mão abençoadora de padre António, me dirigia uma palavra, uma saudação, um simples gesto. Estremeci, envergonhei-me, creio até que nem atinei com as maneiras corteses de

mulher bem-educada! Tamanho sobressalto me agitou o sangue, e aqueceu o rosto, que Doroteia me estranhou, e perguntou-me o que tinha. Poderia eu dizer o que sentia? Era pejo, ou surpresa, ou abalo nervoso, ou presságio de infelicidades? Eu não sabia...

Perguntei depois a Doroteia quem era aquele homem: respondeu-me com azedume que era Cristóvão da Veiga – o filho do inimigo implacável de meu pai!

Fiquei convulsa e aterrada. De relance passaram-me pela imaginação quantos quadros de dolorosa lembrança eu vira na minha infância. Afigurou-se-me o leito onde meu pai expirou. Ouvi as imprecizações agonizantes que ele soltara contra Vasco da Veiga. Delirei, Ritinha; a febre devorava-me, e temi algum acidente que me impedisse de ir para casa.

Saí logo da granja, e não disse uma palavra a Doroteia. Poucos passos caminhara na estrada, quando, outra vez, Cristóvão da Veiga, atravessando diante de mim, parou, e assobiou pelos cães. Preguei os olhos no chão, e não sei porque não cedi a uma força oculta que me impelia a retroceder. Acelerei o passo, e no momento que passei por ele conheci que se descobrira, e me saudara não sei com que palavras, a que Doroteia me parece que respondeu.

À entrada da vila, o mesmo homem, que se adiantara por atalhos, saltou uma parede e caminhou diante de mim. De noite, que foi uma estirada noite de inquieta vigília, cismei e sonhei com Cristóvão da Veiga. Ergui-me antes de amanhecer. Protestei não mais tornar à granja, para mais não encontrar um filho de Vasco da Veiga. Ansei pelas horas de falar-te, para me desvanecer dos terríveis prejuízos que a só presença de tal homem me revoltou no coração... E depois, ó R itinha, estive contigo, e nada te disse, e tantas vezes me lembrou dizer-te aquele mau encontro!...

Que seria? Se o meu temor encareceu aquele acontecimento, porque não te contei eu que encontrara Cristóvão da Veiga – um homem que me inspirou tanto medo, tanta repugnância, e mais nada? Eu não sei! A desgraça!... esta palavra explica todos os sentimentos escuros da minha alma.

Não fui dois dias à granja. Na manhã do terceiro morreu Vasco da Veiga, e que morte tão aflita disseram que foi a dele!

Lembrei-me que o filho não sairia de casa. Senti uma alegria infinita com esta certeza. Fui à granja. Padre António foi comigo, e com grande admiração mostrou-me um martírio, plantado e quase seco num dos meus canteiros!

«– Como veio para aqui esta flor tão murcha com tão poucos dias de vida?,

«– Não sei» – lhe respondi eu.

«– Alguém que sabe da sua tristeza» – tornou ele – (quis significá-la por esta flor... mas quem seria?...»

«– Talvez o tio de Ritinha» – disse eu; e assim ficámos na incerteza, até que à noite teu tio nos disse "que já estava em idade de não usar da linguagem das flores, quando tinha tão boa língua para falar". Eu não me ri, porque fiquei vivam ente sobressaltada.

Este sucesso já tu o sabias; mas eu não quero que me esqueça a menor das minhas culpas... culpas, ou... infelicidades?

– Que mistério é este?» – disse eu a Doroteia. A pobre mulher afligi-

se comigo, e não ma explicou, nem quis que me eu cansasse a pensar naquela brincadeira.

Continuei a ir regularmente à granja.

Eram passados quinze dias depois que vira Cristóvão da Veiga. Começava a assustar-me, que, findo o luto, ele tornasse à caça, e me aparecesse. E porque é que eu me assustava? Ó Ritinha, no meu coração tumultuavam uns pensamentos estranhos... uns pavores infantis...

Nunca pus mão naquele martírio. Doroteia assustava-me com bruxarias, e não sei que rezas andava a murmurar uma tarde, quando eu, distraída com os meus craveiros, deparei um papel dobrado entre os cravos.

«– Ó Doroteia!» – exclamei eu assustada. «– Que tem?»

«– Nada...» – lhe respondi eu... Não pude dizer-lhe que vira um papel! Apossou-se de mim um susto, uma surpresa vaga e misteriosa, uma espécie de fascinação, que me tolheu a fala. O coração batia-me em desordem. Nas faces sentia o calor do sangue. Trémula, perdida da cabeça, e cansada num tão rápido instante de aflição, sentei-me no colo de Doroteia, que parecia tão assustada como eu.

– Que tem, menina? deu-lhe algum vá gado?»

– Foi... quase nada» – respondi, afectando melhoras.

– Quer que vamos embora?»

«– Sim, e já... mas não» – emendei eu–, (não vamos já... que eu não posso... Passeemos... isto há-de passar.»

Custa-te a acreditar, Ritinha? Eu não minto. Aquele papel, se eu pudesse explicar o abalo que me causou, verias o que é o coração da tua pobre Antónia! Não pude, nem posso. Não haverá no mundo quem o sentisse assim? Só essa, que Deus fez com um coração igual ao meu, poderá compreender-me.

Eu já pensei se isto seria um encantamento!... Mas esta palavra, porventura, alguma coisa explica? Eu não sei se a vida tem segredos, que se não adivinham, ou se estes são atributo somente das pessoas infelizes! O que eu não posso é calar a voz íntima, que então me aconselhou que não mostrasse aquele papel a Doroteia! E contudo eu ignorava como ela as palavras que de tinha, se é que era um escrito.

Com disfarce e subtilidade, que pela primeira vez na minha vida me ajudou a ocultar uma acção, tirei o papel de entre os cravos, escondi-o em mim a tremer, e creio que me denunciaria pelo desassossego em que fiquei, se Doroteia estivesse de sobreaviso para vigiar-me os movimentos,

Naquela tarde não disse mais uma palavra, que não fosse a da saída da granja.

Mal me fechei no meu quarto, abalada por uma predição de dentro da alma, abri o papel, e li... essa carta que te confio, Ritinha:

Diz-me o coração que este papel irá às tuas mãos, anjo do Céu! Deus dá o dom da profecia às almas, que santamente se apaixonam pelas virgens, que ele mandou à Terra para ostentação da sua onnipotência.

Quem é que te escreve, Antónia Bacelar? É um Veiga!!

Não te horrorizes! Se há pressentimentos entre duas almas que devem ligar-se, na tua deverás ouvir esta resposta: – é um anjo!

Eu devo ter-te sonhado desde o berço! Um amor assim purificado nas lágrimas não nasce da impressão de um instante. Vejo-te no Céu, desde que os olhos da minha alma, ansiosa de amor, se levantam para Deus!

E vivias no mundo!

Uma vez oravas ajoelhada na sepultura de teu pai... Não te vi as lágrimas... era ao amanhecer... mas senti-as na minha face, e disse na soledade da minha alma: devem queimar assim as lágrimas dela!

Eu chorava remorsos... meus, não – os de minha família.

Que queimará mais? o pranto consolado da que pede pela alma do justo, ou o que desce pelas faces cavadas pelo remorso?

Perdão! filha de um homem virtuoso! perdão para o filho de um mau, que expirou nas tribulações do crime impenitente!

Perdão para mim, que pedi de joelhos a meu pai comiseração para o teu! Perdão, Antónia Bacelar, para Cristóvão da Veiga, que não pode com lágrimas de sangue lavar da memória dos homens um apelido que o desonra!

Meu pai não vive já! Não o maldigas! pede por ele, que a sua alma precisa das tuas súplicas, antes que desça às trevas eternas!

Os seus sufrágios foram comprados. Não se ergueram a Deus as mãos de um anjo... – pede por ele, que é o pai do homem, que se ajoelha a teus pés.

Que impressão te fez esta carta, Ritinha? Diz-ma, por quem és, que eu não posso dizer o que em mim se passou! Chorei, mas estas lágrimas que sentimento revelariam?! No fim da leitura senti dobrarem-se-me os joelhos: aos lábios subiu-me do coração uma prece pela alma mais necessitada do fogo do Purgatório. Orei com veemência, com devoção, e só com uma lembrança, um sentimento – a alma de um mau que se perdia!...

Caí de cama.

Lembras-te daquela febre, que me não deixou erguer tantos dias? Foi então que eu recebera essa carta, vinda do... Céu... sim, Ritinha, eu creio que Deus tolheria o braço de quem a escreveu, se a zombaria ou a mentira aí viessem para lançarem na sepultura a tua amiga.

Dia e noite a imagem daquele homem não me deixou sossego para uma hora de sereno dormir Sonhava-o. Via-lhe distintas as feições que tanto de relance uma só vez encarara!... adivinhava-o no menor dos seus gestos; despertava com o coração a pular-me no seio, e queria sufocar aquela alegria aquela saudade... não sei o que era, que me transtornava a minha vida, os meus costumes, tudo, até as minhas orações!

Quando supliquei a Deus com fervor foi num despertar, em que os meus lábios, agitados por um sonho, balbuciam esta palavra, que distintamente ouvi – amo-te! Então ajoelhei com a maior devoção de desgraçada. Pedi à Virgem Maria, a meu pai, à alma do justo mais querida do Senhor, que me tirasse do coração a imagem de Cristóvão da Veiga, e as letras daquela carta.

Não me ouviram, Ritinha!

Passaram-se dias... muitos dias que eu não fora à granja. Padre António, creio que instado por ti, fez que eu saísse. Fomos ao Prado. O martírio tinha sido tirado, e no seu lugar estava um ramo de cipreste. Novos

espantas para padre António. Para mim, ó Rita, mal sabes que fúnebre surpresa não foi aquele ramo! Tirei-o com uma certa resolução, que maravilhou o padre. Doroteia benzeu-se, e esconjurou os malefícios daquele novo sortilégio. Reparei em padre António, que se ria das credices da virtuosa mulher. Eu, por mim, bem sabia que encantamento o ramo tinha; mas não eram conjúrios humanos capazes de quebrar-lho!

Falávamos do martírio antes do cipreste, como símbolo da morte; ouvíamos o padre, que lançava tudo em conta de brinquedo, quando repentina mente divisei ao longe sobre uns rochedos Cristóvão da Veiga, sentado, com a espingarda inclinada sobre o braço esquerdo. Reconheci-o logo. Afoguearam-se-me as faces. Conheceram-me a alteração. Eu fiz-me incomodada da cabeça, e não tornei tão cedo a olhar para aqueles sítios. Ninguém deu por ele.

Antes de sairmos, olhei furtivamente... Lá estava, imóvel, triste... parecia-me que o estava... triste como eu o tinha visto tantas vezes nos meus sonhos...

Amava-o, Rita, amava-o, juro-te pela salvação da minha alma!

Bastava a lembrança de encontrar Cristóvão da Veiga face a face, para me irritar a doença. Era logo a febre a devorar-me, e o quebrantamento das forças, a necessidade de não sair da cama; e contudo, eu tinha desejo de viver, anelava a saúde, e parecia-me que a vida era muito preciosa para a mais infeliz das criaturas.

Acusaste-me, Ritinha, de esquecida de ti! Mal sabias que a doença me não deixava alguns dias ver-te; e eu, por não te magoar, pedia que nada te dissessem, embora eu passasse por ingrata, ou distraída!

Estás farta de ler, não é verdade? Ora deixa, minha cara amiga, que eu vou findar... perdoa-me... tu não te afadigas com a minha carta... Eu é que sou muita injusta... O coração não disse tal, Ritinha... Foi um gracejo por entre tristezas... Nunca sorriste com os lábios húmidos de lágrimas?

Eu já, e agora e sempre!...

Olha, Ritinha, vou falar contigo, como se estivera sentada no teu colo, com o braço à roda do teu pescoço, e com os lábios tão próximos dos teus, que te desse em beijos a paga de alguma repreensão!...

Não vês que tenho alguma alegria? Pois se eu abri o meu coração à minha amiga! Eu não sabia que era tamanha consolação o desafogo das paixões reprimidas! Calei-te a minha... não devia fazê-lo... estou bem punida...

A primeira vez que fui ao Prado, depois do encontro do cipreste, sentia menos retraimento em minha alma, e menos susto de Cristóvão da Veiga.

Desejos de vê-lo... isso não; creio que não; mas se o visse... é pudesse dizer-lhe que me esquecesse... isso, sim, fazia-o para seu desengano, e para meu sossego... Seria preciso dizer-lhe qual a minha vocação... falar-lhe no mosteiro, e na distância que ia da clausura ao mundo... Só assim é que ambos ficaríamos tranquilos; e Deus abençoaria esta minha nobre resolução... Com estas ideias enchi-me de ânimo, e fui; mas conforme diminuía a distância, ia diminuindo a minha coragem... Refazia-me de novo vigor, de firmes reflexões, de novos alentos, mas, dois... três passos dados, descoroçoava, enfraquecia, e sentia até faltarem-me forças para andar.

Nesta alternativa, a que Doroteia era estranha, cheguei ao Prado, e

no canteiro do martírio e do cipreste achei uma perpétua. Custou-me a aplacar os pasmos e momices da criada, que a vira primeiro que eu. Era-me forçoso concordar com as suas doutrinas de feitiços; mas nem por isso lha deixei pisar aos pés, como ela queria, depois de não sei que oração.

Estava eu cismando neste enigma de flores, que já então não era enigma para mim (quero ser sincera – eu estava tão lisonjeada com elas!...), quando Cristóvão da Veiga passava na estrada. Senti-lhe os passos; o coração adivinhou-o: acaloraram-se-me as faces; alvorçou-se-me o sangue: a coragem, as tenções, a memória foi-me tudo delido na alma, apenas concebi que era possível falar-lhe.

O acaso... (seria o acaso?...) fizera que eu estivesse encostada à parede mais baixa da granja. Da estrada via-se-me a metade do corpo. Quis retirar-me; lutei com as mais encontradas perplexidades... senti-me presa àquela parede, como se uma paralisia me tomasse de improviso.

Veiga estava muito perto de mim, Descobriu-se... e nem uma palavra me disse. De mim não sei o que pudessem dizer, Sei que até a vista se me enturbou, e a minha perturbação era como eu não sei exprimi-la. Queres que te não falte à menor das circunstâncias deste encontro? Olha... de repente secaram-se-me os lábios tanto, que me não era possível despegá-los!... Como é o amor, Ritinha!

Este silêncio não foi de instantes. Penso que lhe não ouvi palavra alguma, antes destas que ainda escuto:

«– É só uma pergunta... Possui uma carta minha?»

Baluciei muito, antes de responder-lhe:

«– Sim; senhor.»

«– Já sou menos infeliz» – tornou ele.

Eu não disse coisa alguma; nem ideia tive que o pejo me não deixasse exprimir. Fiquei petrificada; nem os olhos lhe lancei com afoiteza. Ora frio, ora calor é o que eu sentia lavrar-me por todo o corpo. Depois foi ele que me disse:

«– Sofre ainda muito da sua doença?»

«– Ainda sofro» – respondi, quando Doroteia se achegava de mim.

«– Com quem está a menina a conversar!?» – perguntou ela em alta voz.

Não pude responder-lhe... E que resposta poderia eu dar-lhe?... O silêncio, e as cores da vergonha no rosto...

Cristóvão da Veiga ouvira-a, e disse com graça:

«– Conversa com um jardineiro, que há-de cuidar-lhe das suas flores, se ele for capaz de tratá-las com o mimo com que foram criadas...»

Doroteia debruçou-se no muro, conheceu quem falava, e, retirando muito à pressa a cabeça, exclamou a meia voz:

«– Ai! Credo! Longe vás que dano não façais!... Te arrenego!... és Veiga... estão as inquirições tiradas»

E começou a acenar-me para que saísse dali, e quem sabe o que eu faria, se Cristóvão da Veiga me não prendesse a atenção com esta pergunta:

«– A minha carta mereceu-lhe uma lágrima?» Nada respondi. Ele prosseguiu:

«– Aflijo-a com as minhas perguntas .»

«– Não me aflige; mas não devo responder-lhe...»

«– Então sou eu o incivil... Desculpe-me, sim?»

Comoveram-me estas palavras. Não por elas, mas não sei porquê, as lágrimas embaciavam-me os olhos, e eu em vão fazia por ocultá-las. Estava morta por que ele se despedisse, e não podia já aturar os trejeitos e enfadamentos de Doroteia. Ele parece que me adivinhou, fazendo-me esta pergunta, a que eu de embaraçada não atinei a responder:

«– Sou já importuno... quer que a deixe?... Diga, não tenha dó de magoar-me...»

Ficámos calados algum tempo, até que Cristóvão da Veiga, ao despedir-se, me falou assim... creio eu que foi assim:

«– Penso que alcancei o mais que podia alcançar... Perdoou em mim os crimes de meu pai?!»

Eu atalhei rapidamente:

«– Por quem é... senhor... não pronuncie esse nome, que não é preciso...»

«– É, Sr^a D. Antónia»– replicou ele –, «é preciso que eu seja menos desgraçado com o seu perdão, já que o seu amor não pode ser para mim a felicidade da vida... Diga-me por quem é... aborrece-me?»

«– Não, senhor... porque hei-de eu aborrecê-lo?» – respondi, perturbada.

«– Eu lhe agradeço, com as lágrimas nos olhos... Não posso ambicionar mais ventura... Repita que me não aborrece...»

«– Não posso aborrecê-lo... não tenho porquê... As culpas de seu pai... Enfim (interrompi eu mesma a minha ideia com precipitação), não posso aqui demorar-me...»

Cristóvão da Veiga retirou-se. Eu fiquei como cansada de uma grande luta de espírito. Sentei-me por necessidade. Doroteia disse-me que eu de vermelha me tornara pálida, e por fim macilenta. Passavam-se em mim sentimentos tão variados de dor e de prazer, que nem eu sabia no que viria a parar a desordem da minha imaginação. Eu, Ritinha, temi sempre a demência desde que me disseste que eu, na morte de meu pai, estivera doida. Pensei então que o estava, e cheguei a apertar as mãos na cabeça, como se quisesse suster a razão, que me fugia.

Ainda que eu muito queira, não sei contar-te com vagar e fidelidade a história do meu coração desde aquele dia até esta hora em que te escrevo.

O amor, verdadeiramente sentido e mais sublime do que eu to posso explicar, aumentou, sem que Cristóvão da Veiga trabalhasse para me cativar quase todos os pensamentos da minha alma. Tu e ele! – não tinhas outras imagens de pessoas vivas que me adoçassem as saudades mortificadoras das que morreram. Para eu amá-lo tanto, não era talvez precisa esta carta, que da estrada para dentro do muro me foi lançada no dia seguinte àquele em que falámos. Lê, e vê se dela adivinhas as comoções que senti. A carta vi-a cair, quando felizmente padre António, afastado de mim, rezava no seu breviário.

Serei muito desgraçado, se me tiver iludido,

Não poderei queixar-me de Antónia Bacelar. Essa ainda me não disse palavra de esperança. Eu sou escravo do coração: é este que me fala em nome de um anjo, e me promete uma felicidade, que nem eu sei concebê-la... É um sonho o teu amor. No dia em que fosses esposa

de Cristóvão da Veiga eu acordaria no Céu.

Olha onde se eleva o sublime desta paixão! Para que te buscaria eu entre os anjos, Antoninha?!

Não me criminas, quando te ofereço esta alma não manchada pelas iniquidades de Vasco da Veiga.

Não posso crer que sou abominado! Disseste-me que o não era, Não o sou! mas é confiar demasiado em mim propor-te uma aliança, sem sondar-te a inclinação! Quererás ser religiosa... Pois bem... Eu considerar-me-ei a expiação dos crimes da minha família...

Atende-me porém, Antónia Bacelar. Meu pai usurpou-te a maior parte dos teus bens. Quero restituir-tos, e já. Vinculadas as nossas almas, tenho satisfeito perante Deus e os homens uma sagrada indemnização. Repellido, como teu marido, quero... peço-te que me digas a quem devo dirigir-me para renunciar estas propriedades, que são o meu inferno, e com elas as indemnizações que a minha honra me aconselha severa mente. Manhã ouvir-te-ei.

Cristóvão da Veiga.

Há três dias que recebi esta carta. Antes de ontem fui ao Prado, e quando abria a cancela fui surpreendida por Cristóvão da Veiga. Doroteia com ares de enfado, e não sei porquê, deixou-me ali com ele sozinha, perplexa, e envergonhada. Parecia que ele estava embaraçado como eu! Depois de muito silêncio, apenas interrompido por algumas palavras vagas de cumprimento, Cristóvão da Veiga disse-me isto:

«– Recebeu a minha carta... eu bem vi que a recebeu.»

«– Decerto» – lhe respondi, cada vez mais perturbada. Ele continuou com voz trémula:

– Não poderia lê-la com indiferença... Seria bem triste que assim a lesse... Pode responder-me?...»

«– Por enquanto não» – lhe tornei eu a tremer de pejo sem ousar fitar-lhe os olhos.

«– Precisa de consultar algum parente?»

«– É uma amiga, a mais carinhosa depois de minha mãe...»

«– Pois bem... consulte-a... ela não há-de estorvar-lhe a sua felicidade, se o meu amor pode fazê-lo feliz.»

Calei-me. Estava ansiosa por fugir dali. Doroteia aproximava-se de nós. Não sei porquê, mas reparei que Cristóvão da Veiga se envergonhava de falar diante dela com a mesma franqueza. Depois falou-me nas flores, e fez alusões ao martírio, ao cipreste e à perpétua, que já não eram precisas para eu decifrar o segredo.

Pouco depois retirámo-nos eu e Doroteia. Ele... bem notei eu a repugnância com que se despediu.

Não tornei mais a vê-lo, Sei que a sua imagem é a minha imaginação incessante. Não é preciso perguntar à minha consciência se o amo; é ela que mo diz continuamente, quando faço por esquecer um instante este amor que me alucina.

Aqui tens, Retinha, a minha alma, e as minhas lágrimas. Agora condena-me. Não tenho coragem de ir aí, enquanto me não sorris de lá com a indulgência do teu bom coração.

É tão tarde!... E disse tão pouco de tanto que tinha escondido na minha alma!...

Adeus!... Tua irmã

Antónia.

Não se dizem as alternativas de alegria e de terror que experimentei, enquanto li esta página do livro negro de Antónia Bacelar. No fim, o que tive na alma foi um sentimento indefinível de compaixão, de ciúme, de presságio medonho... de tudo, cuja expressão na minha face foram lágrimas abundantes.

Senti-me só desde aquele momento. Olhei para o interior do meu coração e achei-o ermo: reparei no que lá dentro se passava amargo e tumultuoso, e vi-me outra, mudada noutro viver, noutros pensamentos, e em desventuras infinitas.

Antónia Bacelar é uma ingrata! – foi a acusação de dorido ressentimento que lhe fiz. Depois invoquei todos os recursos da minha razão, e consolei-me com a certeza de que eu não podia dominar uma mulher livre, e cativa algum tempo ao meu amor pelos laços quebradiços da gratidão e da amizade.

Nessa mesma tarde escrevi-lhe este bilhete:

A tua felicidade, Antoninha, é a minha felicidade. Permita Deus que o casamento seja a suprema das tuas venturas. Lembra-te que tens uma amiga para sofrer e gozar contigo. No dia em que, esposa de Cristóvão da Veiga, soltares um gemido de arrependimento, esse gemido encontrará um eco no coração da tua Rita. Vem quando quiseres, que o teu lugar no meu coração suspira sempre por ti. Não o abandones tu, minha querida irmã. Consagra-lhe a tua amizade, que é um dever. Amor... não to peço:

em nós é uma ilusão infantil... Espero-te amanhã. Já vês que estou alegre, e dou-te o mais terno sorriso de indulgência, se é verdade que o precisavas, ou ambicionavas de mim.

Tua até .à morte extremosa amiga

Rita.

Antónia veio. Parecia que a felicidade lhe brincava na fisionomia! Estava um prodígio de formosura. A febre purpureava-lhe o jaspe das feições, e no seu sorrir expansivo e festival via-se a alma alvoroçada, que vem às faces animadas florescer em alegrias íntimas.

Então é que ela parecia delirar em sonhos de gozos impossíveis. Falava-me do seu amor com ternura, com frenesi, com exaltação, com êxtasis que a assemelhavam às vezes a uma doida. Por fim recaía na sua tristeza, e era então que, não sei por que adivinhação do instinto, eu ajuizava que aquele amor era uma grande paixão. Perguntei-lhe eu:

«– Ó Antoninha... Será bom que o nosso amigo padre António saiba desses amores?»

«– Pois sim...» – respondeu ela com ar de dúvida. Eu continuei:

«– Um casamento não se esconde como um crime... É um acto tão santo, tão público, não é verdade?»

«– Decerto... Pois sim, digamos tudo ao padre António, sim?»

«– E à tua mestra de noviciado, queres?»

«– Para quê? Essa não sei para que deva sabê-lo!...»

«– Lembrava-me eu que sendo ela tão boa para ti, nos dias das tuas amarguras, deveria alegrar-se hoje com as tuas alegrias...»

«– Pois então diz-se-lhe tudo...»

Neste momento chegou padre António, e abraçou Antoninha transportado em regozijo de a ver ali, quando lhe tinham dito que ela estava de cama.

Eu não quis demorar a impressão mais aprazível de padre António:

«– Não sabe que temos casada, não tarda, a nossa Antoninha?»

«– Casada... é verdade» – respondeu o padre–, «as esposas, de Cristo também são casadas com o divino Esposo.»

«– Nada, nada...» – repliquei eu, sorrindo –, «e um esposo profano.»

«– Está a gracejar a Ritinha?...»

«– Ela que o diga... Ó Antoninha... dize tu, que sabes dar mais entusiasmo aos teus desposórios. .

«– Estás a brincar comigo» – respondeu ela, sorrindo-se com tristeza.

«– Bem o dizia eu!» – tornou o padre.

«– Visto isso» – exclamei eu com azedume –, «estou aqui zombando com o Sr. Padre António por tua causa, não é verdade?»

«– Não, não estás» – disse Antónia com seriedade. – «É certo, Sr. Padre António, pode ser que eu venha a casar..

«– Tudo é possível, minha filha, e permita Deus que seja feliz como merece... Então quem é o ditoso que lhe tocou esse coração angélico?»

Antónia abaixou os olhos, e fez-se vermelha. Eu vi-me na irresolução de responder. O padre voltava-se para mim, interrogando-me com o seu silêncio, Quem nos espreitasse, sem quinhoar da nossa amargura, rir-se-ia daquela mudez incompreensível para o santo homem,

«– Então? esse esposo é anónimo, ou ainda não foi baptizado?» – replicou o padre com entonação de gracejo.

«– Tem nome» – respondi eu – «e um grande nome que ele tem. .

«– Ora vá... digam...»

É Cristóvão da Veiga» – respondeu Antónia Bacelar com energia, e com um certo entono de soberba.

«– Cristóvão da Veiga!» – murmurou o padre com a fisionomia transfigurada – «Cristóvão da Veiga!» –repetiu ele numa abstracção, que parecia ignorância daquele nome.

«– Sim, senhor!» – afirmou Antoninha, sem sobressalto.

O padre então ergueu as mãos para o céu, e exclamou:

«– Tudo é possível, meu Deus, quando Vós o quereis!...»

Fiz por abreviar este lance angustioso para o melhor dos homens, e o mais santo dos ministros do Senhor. Pedi licença a Antoninha para mostrar ao padre as duas cartas de Cristóvão da Veiga. Concedeu-ma com prazer, e quando as eu passava para fora da grade foi ela a que primeiro as tomou com sofreguidão e transporte tal, que... eu própria corei àquele excesso... Pareceu-me que o era... Não espero ser castigada na Terra por aquela injustiça... se o foi.

Padre António leu as cartas sem a mais leve comoção; dobrou-as vagarosamente; entregou-as a Antoninha, e disse-lhe com as lágrimas a

descerem-lhe nas faces cavadas por longos anos de trabalhos, mas não de experiência:

«– É impossível que Deus a não proteja, menina! O seu coração é sem mácula: eu não posso reçar que deva expiar nas vergonhas da Terra pecados que não tem... Ama este senhor?»

«– Amo... não devo mentir a alguém deste mundo, e menos ao meu confessor: amo-o, e tenho fé que sou muito amada por ele... juro-o...»

«– Pois, filha, eu hei-de afervorar as minhas súplicas ao Senhor por que não seja em vão o seu juramento... Deus há-de ouvir-me, que eu suplico por um anjo, por uma virtuosa órfã.»

«– Pois... suplique, suplique, Sr. Padre António» – exclamei eu, soluçando.

«– E quem sabe» – tornou ele – «se Deus há inspirado o coração de Cristóvão da Veiga para saldar com Antónia Bacelar as tremendas contas de Vasco?!...»

.....

Desde este dia em diante, Antoninha foi menos recatada no seu namoro. Cristóvão da Veiga (meu Deus!... que pavoroso nome! que resumo de crimes! que perversidade tão singular!)

.....

Aqui o padre Carlos da Silva fitou atentamente o conde, e esteve neste olhar eloquente e amargurado alguns instantes, que foram horas tormentosas para o seu hóspede. Depois continuou a leitura:

Cristóvão da Veiga já se não escondia de Doroteia, nem do padre António, nem dos que deviam lançar naqueles amores o fel, cuja amargura é só uma pobre mulher a condenada a senti-la. Uns escarneciam; outros amaldiçoariam a filha, que tão depressa olvidara as agonias mortais de seu pai. Todos, enfim. neste século imoral e ao mesmo tempo severo com os seus próprios crimes, lhe chamariam logo: *desonrada!*

Antoninha relatava-me de viva voz, desde então em diante, a mais simples troca de palavras que praticasse com Cristóvão da Veiga. Afiz-me ao seu contentamento, e já me era grata aquele aliança, que eu noutra tempo olharia como desgraça para mim, qualquer que fosse o homem que me roubasse a minha querida companheira de infância.

O próprio padre António mostrava-se contente do honesto andamento que Cristóvão dera àqueles amores. Regozijava-se de ser ele o que viria a santificá-los um dia no altar. Em nome de Antoninha, pedia-me que renunciasse a professar, e fosse depois saborear o meu quinhão de felicidade no manjar de delícias da minha amiga, ligada àquele homem tão nobre de coração, tão fidalgo de virtudes, e tão honrado, e benquisto de todos.

Eu sorria-me com isto... Antónia, com o coração ébrio do amor de seu marido, o que seria para mim? Uma amiga, cujo coração as recordações de infância não deixaram. resfriar de todo. Uma boa alma, agradecida, terna e sublime, porém sem vida, sem calor para mim, que fui lançada de seu seio, apenas o olhar de um mancebo lhe mandou que me repelisse.

Estes meus pensamentos, fielmente escritos hoje, nunca eu os disse a ninguém, nem aqui os escrevera, se esta história tivesse de ser lida antes da minha morte...

Doroteia veio, a chorar, denunciar-me os sucessos que eu já sabia. Era este o seu segredo. Pedi-lhe que nunca me escondesse a menor circunstância daquele namoro, embora Antónia não tivesse para mim segredo algum. Prometeu-mo... oxalá cumprisse...

O próximo casamento de D-. Cristóvão da Veiga com D. Antónia Bacelar era já público em Vila Real. Principiaram os respeitos para ela, que até ali passeava pelas turbas que se não descobriam, Lisonjearam-na estes cortejos intempestivos. O seu coração transfigurou-se. Nem a linguagem era a mesma da sua inocência. Sempre quieta e abstracta, sempre receosa e resoluta... não sei o que me pareciam aqueles modos estranhos, onde respirava a soberania, o orgulho, e outros sentimentos que lhe não ficavam bem.

Uma vez perguntei-lhe eu:

«- Antoninha! O amor faz tudo isso que tu és?»

«- E eu que sou?» – respondeu ela, sorrindo-se carinhosamente.

«- O que és? Nem eu sei!... Pareces-me outra...»

«- Ah!... decerto sou... Nem eu sei como esta mudança se fez em mim! ... Que me notas, Ritinha?»

«- Muita alegria...»

«- Se eu sinto-a!...»

«- Sempre?»

«- Não... Tenho horas de tristeza... quando a dúvida no amor dele me inquieta...»

«- Pois tu duvidas?»

«- Se eu amo-o tanto!... E se isto fosse um sonho, ó Ritinha?»

«- Era uma desgraça, pois não era?»

«- Era a morte!...» – respondeu ela, profundamente recolhida em si.

«- Deu-te ele alguma causa para temores e receios?»

«- Nenhuma.»

«- Então que vos falta? Tratai de vos unirdes.»

«- Se fosse isso só!...»

«- Pois que é? Eu cuidei que bastava a vontade de ambos!...»

«- É preciso pedir licença ao rei... Não vês que há esta maldita lei...»

«- E ele porque o não faz?»

«- Vai fazê-lo... Não vês que lhe morreu o pai há tão pouco tempo... »

.....
Achei boas todas as razões que Antónia me deu. Padre António aprovou-as, e até aconselhou a precisão de dilatar este casamento para mais tarde, a fim de não desprezar os costumes e usos, que tinham grande poder na opinião mundana. Eu não amava, nem tinha a experiência das paixões, mas parecia-me que cederia, se amasse, mais depressa aos desejos do meu coração do que aos usos e costumes friamente calculados. Parecia-me isto.

Há um intervalo, de que não tenho algumas reminiscências. Não sei o que então se passou. Antónia falava-me com o mesmo interesse, e falava sempre das virtudes que se escondiam em cada uma das palavras do seu amado.

Doroteia vinha quase sempre chorosa perguntar-me o dia do

casamento. Queixava-se do pouco caso que sua ama fazia dela. Impacientava-se por ver que Antoninha horas e horas conversava em segredo com D. Cristóvão. Eu consolava-a, e a pobre mulher custava-lhe a aquietar-se com os meus juízos, sempre bons a respeito daquele namoro.

.....

Eram passados três meses depois que Antoninha me escrevera a primeira carta.

Um dia, de manhã, mal se abriram as portas, procura-me meu tio. Quando mo anunciaram, senti um suor de morte por todo o corpo. Que negro presságio! Fui à grade. Quis logo adivinhá-lo pelo semblante. Vi-o lívido, desmaiado, trémulo, e assombrado de terror. Nem uma expressão me deu...

«– Que tem, meu tio?»

Sentou-se, afastando com desespero os cabelos, e escondendo depois o rosto entre as mãos.

«– Que tem... diga, meu tio, fale, pelo amor de Deus. Já sei que me vem anunciar alguma desgraça... Antoninha está doente?»

«– Morta!»

«– Meu Deus!» – exclamei eu.

«– Morta para a honra!» – disse ele num tom fúnebre e entrecortado de lágrimas.

«– Oh santo nome de Jesus!»

Eu não pude dizer mais nada. Encostei a cabeça à grade, e senti escorrer-me em bagas um suor frio pela face. Aquilo é que era um sonho aterrorador! Houve uma comoção de morrer dentro em mim... cuidei que morna... Ouvi meu tio:

«– Rita! Deus me perdoe, se te não devia trazer estes padecimentos... Não vêes que eu morreria ao peso de amargura... e de vergonha... se me não desses o teu coração para alívio?... Ajuda-me a levar esta cruz...»

«– Que foi, meu tio?...»

«– Sossega... depois saberás...»

«–Diga, diga já; que a incerteza atormenta-me...»

«– Prometes...»

«– O quê, meu tio?»

«– Ouvir com resignação...»

«– Sim, sim, eu prometo, e peço a Deus que me deixe cumprir...»

«– Pois pede, que eu também já lhe pedi... Ouve, Ritinha... Cristóvão da Veiga, ao romper do dia, saiu do quarto de Antónia Bacelar!»

«– Santo Deus!» – exclamei; e não me lembra que soltasse outra palavra. Passou-me diante dos olhos uma nuvem negra... o coração senti que mo despedaçavam... Desmaiei.

Quando acordei daquele sono, que Deus não permitiu me fosse o último, achei-me nos braços da mestra, e rodeavam-me muitas religiosas... Lembra-me que vi meu tio, e lhe fiz um sinal de silêncio, pondo o dedo sobre os lábios.

Nesse dia à tarde fui procurada por Antónia Bacelar, Disseram-lhe que eu estava enferma de cama, e acrescentaram-lhe .que de manhã ainda eu fora com saúde a uma grade falar com meu tio, e que viera de lá nos braços das religiosas.

Disseram-me que o rosto de Antoninha se turvara de uma espantosa amargura, e que não lhe ouviram senão um ai mal reprimido no coração, como um grito afogado na garganta. E retirou-se.

Doroteia suplicou, depois, que a deixassem ir à minha cela; não lho consentiram. Avisaram-me destas instâncias. Ergui-me, e quase me arrastei à grade. Soube que Antónia estava de cama a arder em febre; que meu tio a não procurava; e que Cristóvão da Veiga respondera a uma carta que lhe ela escrevera depois que fora do convento.

Doroteia não cumprira a promessa que me fez... sabia tudo, e fora ela quem avisara meu tio das suas suspeitas. Antónia jamais lhe confiara o segredo da sua... desonra... mas ela tudo espreitara, porque desde, o princípio agourou mal daquele namoro. Meu tio, depois de avisado, vigiou e viu um encapotado atravessar um salão, e entrar no quarto de Antónia Bacelar. Quis chamar testemunhas para o verem sair. Não as chamou. Pareceu-lhe que salvava a honra daquela infeliz com o seu silêncio. Ao romper do dia viu-o sair. Sozinho e desarmado, esperou-o no pátio. Impôs-lhe o preceito de dizer quem era. Cristóvão da Veiga desembuçou-se: pôs a mão nos copos da espada, e jurou por ela, e pela sua honra, de lavar com o seu próprio sangue, se tanto fosse preciso, as manchas da honra de D. Antónia Bacelar.

É isto o que Doroteia presenciou. Antónia ignorou quanto se passava; mas nada lhe era estranho depois que me procurou, e muito mais quando percebeu a mágoa de meu tio...

No dia seguinte, padre António procurou-me... eu pressentira a sua vinda; tinha-me erguido para o não fazer esperar; até em agonias de morte eu iria à grade, sendo ele o meu anjo consolador naquelas maiores tribulações da minha vida.

Tremi diante do aspecto severo e triste deste homem, quando o vi de braços cruzados sobre o peito. Parece que reprimia com os braços os saltos do seu coração naquela postura humilde.

Custou-lhe a falar. Eu, por mim, rompi em soluços, que então não pudera livremente soltar. Ele quis atalhar-me na minha aflição:

«- Rita! Se não fosse verdadeira outra vida depois desta... devêramos todos amaldiçoar a hora em que nascemos... Há desgraças que fazem descreer da nascemos... Há desgraças que fazem descreer da Providência de Deus... mas é aos duros do coração... aflição... Não há um passo de homem que o Senhor não meça, Ritinha... Não desespere da misericórdia divina... A sua amiga não há-de ser amaldiçoada de Deus, nem dos homens. As mártires que sobem ao reino dos justos não é pelo degrau da desonra... O lhe dera a desonra por coroa de martírio. Aquele anjo pelo coração que o é... Não lhe tire o seu amor... ame-a, minha filha, conforte-a, não lhe faça subir a cor da vergonha à face, console-a, que é hoje mais vergonha à face, console-a, que é hoje mais desgraçada que nunca. Abandonada que fosse a sua amiga pelo homem que a perdeu, Ritinha, a religião pede-lhe em nome da caridade que a não lance de si... Diga, filha... prometa-me consolar aquela desgraçada menina...»

«- Consolá-la!...» - respondi eu com impaciência -, «pois se ela está perdida, valerão de algum lenitivo as minhas consolações?!...»

«- Valem... E ela não está perdida, Cristóvão da Veiga casará com ela, Ouço uma voz do Céu dizer-me que sim...»

«– Oh meu Deus; eu vo-lo rogo pelas vossas cinco chagas!»

De joelhos fiz esta prece aflitiva. Depois, num transporte de saudade por Antoninha, exclamei:

«– Sim, sim, eu quero vê-la e consolá-la... Faça que ela aqui venha, Sr. Padre António... Diga-lhe que eu sou a sua mãe, que tudo lhe perdoa...»

«– Eu vos agradeço, Senhor!» – disse o padre, erguendo as mãos, e os olhos lagrimosos para um painel do Senhor crucificado.

.....
Ao anoitecer deste dia recebi esta carta de Antónia Bacelar:

De joelhos te agradeço, minha irmã. Não me desprezaste... Tenho o coração cheio de vida, Rita... e não encontro palavras... Não posso... não sei escrever-te. Desonrada... não! Não me dêem este nome, por piedade! Aquele anjo vai ser meu marido... Amo-o com delírio. Podia perder-me, desonrar-me, matar-me por ele; mas não me perdi... Quem me desprezar há-de ter remorsos. Não devo ser desprezada... não! É meu marido... sou dele como esposa, como escrava, como o insecto que morre debaixo de seus pés...

Rita!... ver-me-às:... e só então... no dia em que eu puder dizer-te: Sou esposa de Cristóvão da Veiga! Quem me cuspiu desprezos na cara tem o meu perdão... Adeus, Rita! Salva-me da vergonha de te aparecer...

Pelo desconcerto e confusão destas ideias, compreendi a lamentável situação de Antónia Bacelar! Com as mais animadoras esperanças no seu casamento, ainda assim pareceu-me que ela se debatia nas angústias de uma consciência pecaminosa!

O desejo de vê-la era-me impossível reprimi-lo, por mais considerações rigorosas que eu própria me fizesse. O que é a verdadeira amizade! Como a gente perdoa os crimes alheios primeiro que os seus, se porventura... ou por desgraça... tem um coração sempre compassivo para abençoar!

Perdoei-lhe tudo! Senti-me crente nas suas virtudes como dantes. A razão condenava-a... bradava-me que ela tinha perdido muito; e o coração, abrandado por padre António, dizia-me que aquele anjo despenhado tinha um novo incentivo para o meu amor...

Pedi-lhe que viesse ver-me. Interpus o valimento de padre António, e de meu tio, que lhe restituíra a sua amizade: não consegui que viesse falar-me.

Todas as tardes Cristóvão da Veiga a acompanhava à granja, e de lá à entrada da vila, onde se separavam depois de escurecer, sem que Doroteia se atrevesse a aconselhá-la. Padre António já não era embaraço para os namorados se não falarem. O mesmo Veiga parecia estimá-lo, respeitá-lo, e tanto o cativou das suas maneiras que o crédulo sacerdote chegou a jurar pela honra daquele nobre cavalheiro.

Faltava um mês para completar-se o prazo do luto. No fim de seis, Cristóvão da Veiga requeria a licença régia para os seus esponsais. O bom e pronto resultado era certíssimo. Depois, lidos os banhos, a minha Antoninha estaria com o seu coração purificado como no dia em que nos abraçámos em angustiada adeus na portaria do mosteiro... Que felicidade! que alegria de esperanças para o meu coração!

.....

«- Antónia está muito triste» – disse-me uma vez padre António.

«- Que será?... Talvez saudades minhas!... Ela deve ter sofrido bastante para cumprir a sua caprichosa palavra de aqui não tomar antes de casada... Será isso?» – perguntei eu.

«- Será? Mas essa tristeza nunca ela ma ocultou. As torturas de hoje são um segredo... Já me lembrou...»

«- O quê?» – interrompi eu com ansiedade.

«- Alguns anos de namorada... algumas criancices do coração, que tantas ele tem quando salta livre num peito de dezoito anos...»

«- Talvez!... Porque lho não pergunta?»

«- Já o fiz de mais... via-a chorar, e tomara eu não afligi-la...»

«- Teremos a lamentá-la como a mais desgraçada das mulheres?!» – repliquei eu, com excitação, e instância aflitiva.

«- Meu Deus!» – exclamou o padre – «esse pensamento é um veneno que me mata... Trago-o comigo, Ritinha, e não sei porque há dias rogo a Deus que me leve cedo para si.»

«- Assusta-me, Sr. Padre António!» – atalhei eu-, «pois não tem esperanças... diga por quem é... Antoninha fica perdida... impura... desonrada!?!»

«- Isso é impossível! Deus não permite humilhação tamanha a uma infeliz! Cristóvão da Veiga não pode ser tão sem temor de Deus que atraçoasse aquele anjo... Demais, Ritinha, que justos motivos temos nós para receios tão angustiosos?! Está triste Antoninha? Tristezas e lágrimas não foram sempre as noites e os dias da sua vida? Há muito que não chorava... Chora hoje... Quantas vezes na grande alegria há estes recolhimentos de espírito que folga sozinho consigo, e parece avarento do seu gozo!? A isto chamarão tristezas os que não sabem o que é o coração humano!... Ora pois, alegre-se das esperanças do seu velho padre, que tem muita confiança que a mão da Providência há-de acompanhar a nossa Antoninha até ao altar.»

.....

Não me valeram estas palavras ungidas de esperança. Desde logo o espinho da dúvida encravou-se-me no coração, e a ferida não teve bálsamo de fé que ma curasse.

Doroteia aumentava cruelmente o meu desalento com as suas dúvidas. Falava-me da melancolia incessante de Antónia, apenas desafogada por gemidos que, por nenhuns rogos da criada, ela explicava. As poucas cartas que lhe escrevi eram respondidas com duas palavras, e essas tocadas de um fingido contentamento... O segredo era para todos...

Os seis meses estavam completos. Eram passados três que eu não via Antónia Bacelar. Aí está a carta que recebi, em resposta à mais lagrimosa invocação que eu podia fazer-lhe da minha cela.

.....

- Esta carta – disse o padre Carlos da Silva – é a primeira que ,ontem lhe repeti de

cor. Está lembrado, Sr. Conde ⁶?

– Estou... foi quando ela, sentindo-se mãe...

– O manifestou a Soror Rita da Santíssima Trindade por estas palavras: *Até hoje só Deus via os meus crimes; de ora em diante eu sou criminosa aos olhos do mundo... Compreendes-me, Rita? A minha situação... o meu estado... meu Deus! Adivinha-me, minha querida amiga, antes que eu to diga...*

– E remata – atalhou o conde – pedindo à sua amiga...

– Que suplique de joelhos à Virgem para que *inspire aquele que a pode fazer virtuosa no conceito do mundo, ou abandonada por torpe e maldita de vergonhas...* Prossigamos agora no que escreveu Soror Rita:

Li esta carta repetidas vezes, até que a surpresa me deixou entendê-la. Eu já nem hoje me recordo da incomportável dor, que me paralisou o coração. Lembra-me que não pude chorar. É ó que me lembra daquele transe muito superior às forças de uma pobre mulher, e, mais ainda, às de uma amiga extremosa.

Mandei chamar o meu benfeitor... aquele amparo do meu coração nas suas quedas para o abismo do desconforto... Padre António veio com a alma cheia de consolações; mas eu não pude infelizmente ser compreendida!...

Escrevi a Antónia Bacelar. Reanimei-a. Pedi-lhe como de joelhos que não descesse na honra de Cristóvão da Veiga... Rogava-lhe que viesse a uma grade, que eu lhe daria consolações, como se a Virgem mas inspirasse para eu lhas dizer. Nada consegui. Esta é a resposta que recebi de todas as minhas súplicas.

.....

– É a segunda carta que ontem lhe li – disse o padre Carlos, sem olhar para o conde, que, em testemunho do seu bom coração, tinha os olhos rasos de lágrimas.

– Recordo-me dos pontos principais da carta – respondeu o conde.

– Podem resumir-se nisto – prosseguiu o padre com voz trémula, e as faces afogueadas de uma cólera que parecia ter-se incendiado lentamente – *Cristóvão da Veiga é outro homem... vejo-o impacientar-se, quando tímida e chorosa lhe falo na minha honra e nas suas promessas... Com ares de enfasiado pede-me que não ultraje o seu cavalheirismo, supondo-o capaz de faltar-me... mas não é o coração que lhe dá o melindre... não é, não, Rita, eu conheço que o não é, e não sei dizer-te a razão por que o conheço...* Estava traída, desonrada e abandonada, Sr. Conde de S. Vicente... não lhe parece natural?...

– Natural... não, Sr. Padre Carlos, parece-me atroz!... é uma ferocidade incrível!...

– Lá vamos ao remate – disse padre Carlos; e prosseguiu na leitura:

As minhas forças estavam gastas, esvaídas, e aniquiladas pela desesperança. Adoeci gravemente. A luz da existência apagava-se-me nos olhos, depois que a vi morrer-me no coração.. Eu chamei a morte em meu socorro, como um faminto pede um bocado de pão! Não quis ver alguém nos primeiros dias. A minha mestra aumentava com a sua contínua assistência a minha aflição. Eu queria gemer, chorar, gritar... e não podia... era forçoso morrer sufocada, retraída, naquela soledade, com a alma tão desviada de Deus, tão atribulada em angústias, que eu não podia sofrer em

⁶ Veja cap. XVII.

desconto das minhas culpas!... Que noites, meu Deus!... que noites e dias tão cerrados à luz de uma esperança por mais que eu a pedisse à minha imaginação!...

Recebi cartas de Antónia Bacelar. Queimei-as quase todas antes de as ler, para que mas não vissem... As que li eram cavadelas que aquela infeliz me dava na sepultura. Aquele coração devia de estar despedaçado! Era um chorar de desolação, de perdição, de abandono que condoía feras... Santo Deus, como a imagem de Cristóvão da Veiga se me afigurava horrorosa, esmagando debaixo de seus pés aquela inocentinha!...

Padre António conseguiu visitar-me na minha cela. Pediu para ficar só comigo. Consentiram-lho... tal era a santidade do seu nome, e o crédito de suas virtudes no mosteiro!

Lancei-me em seus braços, humedeci-lhos de lágrimas, vi-o chorar como nunca vira, nem pensei que um homem pudesse chorar... Então é que eu conheci que nada lhe era novo, e que aquelas lágrimas eram como a sentença de Antoninha: *perdida para sempre!*

«- Não há nenhuma esperança?!» – exclamei eu.

«- Nenhuma das que nascem da Terra... Do Céu sim, podem vir todas... Resignação, minha filha! Roguemos a Deus que a leve... e nos leve... Realizou-se o sonho da infeliz, quando era inocente. O anjo de Deus desceu do Céu, e escreveu-lhe na frente uma sentença – MÁRTIR –. O anjo de Satanás subiu das trevas, e traçou-lhe com fogo a maldição – ANÁTEMA – ... Lembra-se deste sonho, Ritinha?

«- Lembro...» – respondi eu a desfalecer, debatendo-me em incomportáveis agonias de um suor de morte, que me resfriava.

Padre António, assustado do perigo aparente da minha vida, pediu socorro, que eu tanto lhe instei por acenos que não pedisse. Os médicos consideraram-me perigosa. Mas... não é de mim que devo falar... Tão obscura corre a minha vida nesta cela, que só em aflições ignoradas pelo mundo eu pudera dar-lhe um frio interesse que me fizesse lembrada, durante o meu repouso eterno naquela clausura.

Eis aí o que eu soube de Antónia Bacelar, enquanto a doença me teve no leito da dor por espaço de quatro meses. Era o padre António que a furto me informava de ametade dos acontecimentos, que mais tarde me foram dados com as cores da mais negra traição.

Cristóvão da Veiga ao cabo de dez meses abandonou-a!

Este abandono foi assim: instando com lágrimas para que realizasse um casamento, cuja demora era um peso de vergonha para Antónia Bacelar, Cristóvão da Veiga fingiu que na corte, por motivos imprevistos, lhe negavam a licença régia para este casamento. Mostrava-se vivamente magoado deste estorvo, e protestava ir a Lisboa destruí-lo, à custa da sua fortuna, se tanto fosse preciso. Padre António, que de boa-fé acreditava nestes atraçoados artificios, foi espontaneamente a Braga falar com o arcebispo, e conseguiu deste licença para o casamento clandestino, e promessa de reconciliar qualquer desavença com a corte. Doido de contente, padre António propôs a Cristóvão da Veiga esta feliz maneira de se unirem, e encontrou frieza e aborrecimento. Aqui principiaram as suspeitas naquele santo homem, até então iludido. Soube da corte que Cristóvão da Veiga

jamais pedira licença para casar-se; e que, se a pedira, lhe não seria negada. Convenceu-se da traição. Comunicou-a a Antoninha. A desgraçada lança-se de rastos aos pés do seu sedutor. Suplica-lhe que a salve da desonra. Pede-lhe em nome do filho das suas entranhas. Pede-lhe pelas cinco chagas de Cristo. Vale-se da caridade religiosa. Sujeita-se a ser desterrada, desprezada, e apunhalada no dia em que a receba como sua mulher... consegue despezos, e enfadamentos, e mentiras, que só duram enquanto novos despezos as não desmentem.

Cristóvão da Veiga, uma tarde despede-se de Antónia Bacelar até ao outro dia de manhã. Promete-lhe arrancá-la do abismo do sofrimento, onde a lançara para experimentar-lhe a constância do seu amor... No dia seguinte uma cartinha de Antónia Bacelar é-lhe devolvida da casa de Cristóvão da Veiga com esta resposta: *O fidalgo saiu de manhã para a corte, e não disse quando voltaria.* Antónia recebeu esta carta na presença de padre António, a quem mandara chamar para alegrá-lo com a sua prometida felicidade. Leu-a. Não disse nada. As faces primeiro pareciam-lhe injectadas de fogo, depois embranqueceram como a dobra de um lençol de mortalha, e desmaiou. O despertar foi um grito arrepiador. Após estes seguiram-se outros gritos arrancados do coração. Os braços, em contracções nervosas, lançou-os ao pescoço do sacerdote. Com os dentes cerrados, os brados que soltava eram rugidos convulsos, que pareciam os do estertor de um agonizante. Enfim, quando o corpo se gelava como um cadáver, e cadáver tombava entre os braços do padre, um novo grito estrugiu como um derradeiro adeus ao mundo! Padre António vergou a tamanho peso. Ao dobrar-se para erguê-la do chão, sentiu... viu... ouviu os vagidos de uma criancinha... Antónia Bacelar era mãe... O ministro de Deus erguia do tabuado, e afagava ao seu seio aquele filho do crime, aquele anjo, que parecia chorar no nascimento o ferrete de desonra com que entrava no mundo.

O menino foi entregue a Doroteia. Meu tio e padre António vigiaram o leito em que Antoninha delirava. Era impossível o segredo. Veio o cirurgião, e julgou-a moribunda. No seu delírio, repetia o sonho dos doze anos. Repetia muitas vezes a condenação do anjo das trevas – ANÁTEMA! – Esta palavra repetia-a ora chorando, ora sorrindo para os que lhe rodeavam o leito.

Não morreu. É que na balança de Deus os seus pecados pesavam mais que o seu martírio.

Padre António adoeceu. Os seus setenta e quatro anos estavam à beira do túmulo. Bastava a mão desta suprema desgraça para lhos impelir. Ainda Antoninha se não erguia, nem parecia dar acordo das suas desventuras, quando recebi uma carta de padre António, que, depois de relatar-me estes pungentes sucessos, rematava assim:

Deus ouviu as súplicas do seu servo. Não tenho crimes. A pátria dos justos é a dos que não delinquiram. Creio na salvação, da minha alma. No dia da minha morte, Ritinha, abra esse oitavo de papel. Tenha piedade, se puder tê-la... É o dedo de padre António que ainda lhe aponta o caminho que leva ao Céu. Se a desgraçada viver, ampare-a. Aquela luz está extinta. É um anjo que se purifica. No dia do seu passamento hão-de os anjos tecer-lhe uma coroa, e subi-la em nuvens de incenso aos pés do Altíssimo. Neste, instante solene peço a Deus perdão para Cristóvão da Veiga... Adeus.

Reconheci que o Senhor me mandava erguer do leito da doença. As minhas forças tiveram-nas por um milagre. Eu, indigna pecadora, não me atrevo a considerar-me a eleita de Deus para a onipotência da sua obra; mas o meu corpo levantou-se vigoroso do seu leito da morte como o cadáver de Lázaro.

Meu tio anunciou-me que Antoninha se levantava. Perguntei-lhe como eram os seus sofrimentos. Disse-me que não lhe ouvia uma palavra – que lhe parecia moita –, que nem lágrimas lhe via. Acrescentou que tinha umas rosetas na face, e uma tosse incessante; mas que se não queixava de dores do corpo nem da alma.

Perguntei-lhe se o mundo sabia daqueles acontecimentos. Respondeu-me que não; mas que se dizia que Cristóvão da Veiga abandonara a mulher a quem prometera casamento... e mais nada. Concebi a esperança de poder tê-la comigo, sem faltar ao decoro do convento. Falei nisso a meu tio, e não achei palavras para lho propor a ela. Antónia aceitou com um simples gesto de afirmativa.

Estava eu orando na minha cela pela saúde de padre António. Ouço passos a falar no dormitório. O coração dá-me uma pancada. Batem à minha porta. Abro-a. Vejo-a... ela... meu Deus!... desconheço-a, abro-lhe os braços... «Antoninha!» – exclamei com sufocação; respondeu-me com um brado... um só brado – «*Socorro!*» Não sei dizer o espanto das que a acompanhavam! Pedi à mestra que, nos deixasse sozinhas. Respeitaram aquele lance nunca visto naquelas casas. Retiraram-se. Chamei-a com amor, com amargura, com desesperação, não me respondeu – estava desmaiada.

Neste momento ouvi chorar em altos gemidos no dormitório. Apliquei o ouvido... Ouvi pronunciar um nome, *padre António*, e pouco depois... uma palavra: *morreu!*

O Senhor tinha dito às amarguras: *assaltai essa infeliz, mas não a mateis!* Vergaram-me... pendí a cabeça ferida pelo último golpe... o coração partiu-se-me, a morte deu-me um abraço de inimiga, ludibriou-me, arrastou-me à borda da sepultura, e mandou-me esperar...

Padre António já não vivia. Tinha morrido um santo. Lembrou-me o oitavo de papel. Lancei Antónia sobre o meu leito. Abri aquele papel. Continha estas linhas:

O filho de Cristóvão da Veiga e de Antónia Bacelar foi posto em uma ama na cidade de Braga, Rua de Água, nº74 – Chama-se Carlos da Silva. Se ele viver, achará no Seminário de S. Pedro da mesma cidade um depósito de cinco mil cruzados para a sua ordenação. As cláusulas estão declaradas no livro das entradas e tenças do mesmo Seminário. Os meus livros ser-lhe-ão entregues do Convento de S. Francisco, logo que ele seja clérigo. – Padre António dos Anjos. – 2 de Janeiro de 1674.

A minha situação nem eu a posso recordar, porque não pude então avaliá-la. Era um acervo confuso de angústias insofríveis! Eu não queria ligeiramente falar a Antoninha na sua vida; mas, consolando-a, ia soprar-lhe àquelas lavaredas que pouco tinham a abraçar-lhe da existência!... Quando ela tomou a si, abracei-a. Deu-me um olhar quebrado pela morte, e murmurou:

«– Abraças um cadáver...»

«– Hás-de viver, Antoninha!...»

«– Pelas dores de Maria Santíssima... não me digas que hei-de viver... Diz-me que morro... Consola-me, anjo do Céu... não te envergonhes de fazê-lo...»

«– Não me envergonhe!... Ó Antoninha!... dá-me do teu coração todo o amor que me deste!...»

«– Não me fales» – disse ela com muito custo. –Cala-te, por quem es... matas-me... não posso responder-te...»

Antónia não se levantou mais daquele leito. No dia seguinte mandaram-na sacramentar. Em volta da sua cama estavam sempre as religiosas. O padre, que a confessou, saiu de dentro com a face lavada de lágrimas, e pediu-me que fôssemos ao coro orar por ela ao Senhor da Boa Morte. Aterrou-me com isto. Eu não fui; mas sei que as preces foram abundantes de lágrimas. No fervor dessa elevação de tantas almas queridas do Senhor, Doroteia desfaleceu nos braços das criadas, e sucumbiu dias depois com setenta anos de trabalhos, clamando até ao último instante por sua ama.

Antoninha chamou-me à cabeceira do leito, e perguntou-me em segredo:

«– Ele vive?»

«– Quem?» – perguntei eu, beijando-lhe as faces que escaldavam.

«– O meu filho... o meu filho... Rita!...»

Vive... vive...»

«– Coitadinho!... sem mãe... tão desgraçado... Ó Rita... quem diria isto?!... a que eu cheguei!...»

Os gemidos privavam-me a fala. Com violência pude responder-lhe a algumas perguntas, sem nexos, que me fez. O delírio deixava-lhe muito pequenos intervalos de razão... Penso que naquelas moléstias há até à última hora da vida uma animação que ilude muito.

À meia-noite, chamou-me dentre muitas religiosas que vinham ajudá-la a bem morrer. Fui, sabe Deus com que receio que lhe ouvissem alguma palavra da sua vida. Levantou ainda a cabeça, encostou-a às costas do catre, quis, mas não pôde, lançar-me o braço direito em roda do pescoço. Depois, com a entonação débil de uma voz que expira, balbuciou:

«– Perdoo-lhe...»

«– A quem?»

«– A quem?!... Perdoo-lhe, Ritinha... diz-lhe que lhe perdoo...»

«– Sim» – tomei eu –, «mas a quem?»

«– A... Cristóvão da Veiga...»

«– Que disse ela?!» – perguntou uma das religiosas.

«– Delira» – respondi eu sobressaltada.

«– Não deliro, não» – tornou a moribunda. – «É para que Deus me perdoe...»

Susteve-se alguns minutos, e perguntou:

«– Padre António?!... Não veio!... E tão meu amigo que é!... Foi a Braga... mandou a Lisboa... Tomou conta do meu... ah!...»

Foi um grito que nos fez estremecer a todas! Depois redobrou a febre e o delírio. A minha cabeça desvairou... nem eu sei o que ela disse... Os acidentes, um após outro, não me deixaram mais erguer de entre os braços

das religiosas. Mudaram-me para outra cela... Ao romper de alva, mal eu descerrava os lábios para perguntar por Antoninha, as lágrimas das que me vigiavam responderam-me que a desgraçada estava na eternidade.

«– Morreu?» – exclamei eu, saltando fora da cama.

Silêncio em todas!... Quis correr à minha cela, não me deixaram. De mim, o que se seguiu, foi um desses sofrimentos que nem assim podem chamar-se, porque perdem o carácter da dor, e somem-se no coração como entre cinzas e brasido de um grande incêndio.

Cristóvão da Veiga, esse homem amaldiçoado como Vasco da Veiga, e açoute da humanidade como seus filhos serão, casou, quando Antoninha se debatia nos paroxismos da morte!...

.....

Há seis anos que a minha amiga repousa no claustro. O sedutor vive feliz. Sei que tem uma filha. Salve-a Deus de ser a vítima expiatória de seu pai.

O filho de Antónia Bacelar vive. Se eu viver, receberá de minha mão a história de sua mãe. Se eu morrer, ser-lhe-á dada, para que chore lágrimas de filho, e saiba que tremendo crime lhe deu entrada no mundo.

As minhas lágrimas estancaram-se. Tenho hoje um sorriso para a morte, que se me avizinha devagar. Quer dar-me tempo de reconciliar-me com Deus. Bem-vinda seja!... – *Soror Rita da Santíssima Trindade.*

– Termina aqui o diário, Sr. Conde de S. Vicente – disse o padre Carlos, enrolando o maço, e atando-o com uma fita negra. – O resto sabe-o V. Ex^a Não conheci a freira que o escreveu. Este maço foi-me entregue depois da minha ordenação... Soror Rita da Santíssima Trindade morreu em 1681, ano e meio depois que escrevia este diário... Pediu que a enterrassem a par da sepultura de minha mãe... e nada mais sei desta religiosa... Está fatigado, não é. verdade?

– Estou moralmente fatigado – respondeu o conde, profundamente abstraído.

– A história verte uma tristeza lenta nos corações menos propensos para o pesar, não é assim?

– Muita tristeza, Sr. Padre Carlos... Nunca eu à senti tão inconsolável e amarga... Tem razão para sofrer muito, senhor!...

– Agora, Sr. Conde, vamos descansar as poucas horas que restam... Manhã temos de viver muito; é preciso não desperdiçar os espíritos... Eu vou guiá-lo ao seu quarto...

Separaram-se, deitaram-se, e é crível que nenhum adormecesse.

CAPITULO XXI

Vê-se que o duelo foi sempre uma caricatura em Portugal, e há-de sê-lo sempre enquanto a dor física for mais pungente que a moral. E mais se diz que mestre António sapateiro foi o único que lucrou vinte cruzados nestas águas turvas de tão infaustos sucessos

Convém saber o que é feito de D. Inês da Veiga, depois que a vimos entrar na liteira, e, acompanhada de seu irmão e dois franciscanos, ir caminho de Vila Real.

À entrada da vila debandou a comitiva. Pedro da Veiga foi adiante, e sua irmã, com as portinholas da liteira corridas, passou incógnita por entre os pasmados que dariam os dentes da sua boca por saberem quem ia na liteira dos Veigas, depois daquela celebrada fuga da fidalga.

Inês apeou dentro do pátio, com o portão fechado. A Sr^a Joaquina da Luz, sem correr à micromancia, fez os entes da razão, e concluiu que a menina entrara em casa naturalmente com o Diabo no corpo, como tinha saído.

Recolhida ao seu quarto, Inês chorou com a maior naturalidade. Bem que a esperança lhe sorrisse, e afiançasse a aliança com o seu conde, no fim de tantos padecimentos, o desamparo em que se via dos seus, e a saudade daquele que bastava a encher-lhe o coração de affectos, devia contristá-la muito. A entrevista, porém, que lhe fora prometida com um mendigo no dia seguinte, eram esperanças de sobra para consolá-la das tristezas do seu passado, e das imprevistas consequências que daí proviriam.

Nem uma criada lhe apareceu durante a tarde. Ao anoitecer levaram-lhe um tabuleiro com a ceia, e não se maravilhem desta ceia ao anoitecer, visto que naquela época, regularmente estomacal, o almoço era na madrugada, o jantar ao meio-dia, e a ceia ao recolher das galinhas, como ainda hoje usam os que lêem pelos aforismos daqueles tempos. A civilização é que reformou os estômagos.

A noite que D. Inês passou não devia ser mais repousada que a do conde de S. Vicente.

Ao nascer do Sol, Cristóvão da Veiga, apesar do cruel reumatismo, veio ao quarto de sua filha. Encontrou-a chorosa, mas menos aterrada do que ele a supunha, quando a fulminasse com a sua presença de catadura severa. A menina ergueu-se e pediu-lhe a mão. O pai negou-lhe a bênção repelindo-a, e fitou-a com indignação. Inês pendeu a cabeça sobre o peito, e esperou que seu pai falasse. Cristóvão da Veiga, colérico e carrancudo, falou assim:

– Venho aqui enxovalhar-me ao seu quarto, mas era preciso que viesse... São só duas palavras, que meu filho se envergonharia de dirigir-lhe, ainda que não estivesse esta hora punindo o seu cúmplice pelas afrontas feitas à minha honra, denegrida pela senhora...

– Meu pai!... – exclamou Inês, ajoelhando-se.

– Não me vexe com esse título... – bradou iradamente D. Cristóvão, afastando-se da filha. – Quero fazer-lhe uma esmola para salvá-la da extrema miséria. Vai recolher-se a um convento. Tenho dito tudo... prepare-se... – E saiu.

Assim, com tão desabrida fereza, deixou o pai a lagrimosa menina, que de aterrada nem teve um ai que lhe valesse uma súplica. Deixá-la experimentar o que são paixões, sem que por isso no seu padecimento a possamos assemelhar ao requinte de martírio que vinte e cinco anos antes penou D. Antónia Bacelar.

Tomemos à residência de Santa Senhorinha de Vilamarim. Dia claro, Pedro da

Veiga procura o conde de S. Vicente na sua casa de Lordelo. Dizem-lhe os caseiros que o fidalgo saíra de noite com o Sr. Abade. O Veiga informa-se do préstito que os acompanhava, e pela simplicidade com que saíram lembra-se muito bem de que o conde fosse pernoitar à residência. Rápido, quanto o cavalo esporeado pelo ódio lhe permitia, corre à residência. Antes que descavalgasse, já padre Carlos o vira, e lembrou-se então do duelo, provocado no dia anterior. Os seus planos, quaisquer que fossem, sofreram um abalo com esta inesperada aparição, que realmente não esquecera ao conde.

Veiga erguia o braço para bater no portão, quando este lhe foi aberto por padre Carlos.

– Madrugou, Sr. Veiga!... – lhe disse o padre, sorrindo.

– Está aqui o conde de S. Vicente? – interrogou o Veiga com o seu rude orgulho.

– Está.

– Avise-o da minha chegada.

– Espere que ele se levante – respondeu o abade com a mesma rudeza.

– A minha honra não concede esperas... Vossa Mercê não me conhece?

– De mais, Sr. Veiga... A que vem a pergunta?

– A fazer-lhe saber que não lhe farei segunda... Reptei o conde de S. Vicente... Se o covarde não deixa os prazeres da cama, nesse caso retiro-me, e mandarei mais tarde o meu laçaiio procurá-lo...

Manuel de Távora chegara eventualmente à janela e ouviu as últimas palavras do Veiga. Desceu desvairado ao pátio. As suas armas eram a intrepidez que nasce do desatino. Face a face com o Veiga, a raiva faiscava-lhe dos olhos, e contudo a prudência dava-lhe um ar de galharda nobreza, um sorriso tão soberano de desprezo, que nunca o homem se apresentou, cômico da sua superioridade, com mais altivez diante do seu inimigo. A um gesto seu, padre Carlos retirou-se.

– Ouvi-o falar em laçaiio, Sr. Pedro da Veiga – disse o Távora, encostado ao batente do portão.

– Falei, sim, prometi mandar procurar mais tarde o Sr. Conde, se a covardia o não deixasse sair das delícias da cama.

O conde aproximou-se mais do Veiga, e com o mais aparente sossego de espírito lhe disse:

– Quero eu por um instante supor que o Sr. Pedro da Veiga é o laçaiio com que fui ameaçado. Que desforço tiraria de tal laçaiio, apresentando-se-me armado como cavalleiro? Era este...

Na face esquerda de Pedro da Veiga estalou uma bofetada; em seguida o braço, que arrancava a espada, rangeu-lhe agarrado pela mão do conde: um repelão em cheio dobrou-o para o chão, e por fim o peito arquejava-lhe debaixo do joelho do Távora, quando padre Carlos, empenhando toda a força de seus braços, pôde salvá-lo de ser ali afogado pela mão nervosa, que parecia cravar-lhe os dedos no pescoço.

Pedro da Veiga, apenas solto daquelas algemas, que o prenderiam talvez à sepultura, erguido, lançou a mão aos copos da espada, vozeando *covarde!* a altos brados. O conde sorria-se; mas o padre Carlos sustivera a espada na bainha, sem para isso empregar metade do esforço que um momento antes fora preciso para salvar o filho de seu pai.

O manuscrito aqui tem uma lamentável lacuna. Dá-nos a entender que Pedro da Veiga, rugindo vinganças e epítetos afrontosos, montara com menos garbo do que desmontara o seu cavalo, e fora caminho de Vila Real. Távora, pelos modos, e não deixa de ser natural, recolheu-se à residência, e, valha a verdade, almoçou melhor do que ceara.

O que o manuscrito claramente conta é que, estando o padre no pátio da

residência, conversando com um seu freguês sobre os precisos para uma festa de missa cantada na primeira domingo de Março, passara ali o mestre António, o sapateiro dos sócios do Veiga, e perguntara se por ali teria passado o Sr. Fidalgo D. Pedro da Veiga. Que o padre respondera, conscienciosamente, que ali estivera, e que, no decorrer da conversa sobre vários assuntos, o sapateiro perguntara ao abade se queria comprar-lhe um anel. O abade examinou-o, e leu com bastante pasmo o mote que o circuitava: *Reges descendunt a nobis, non nos a regibus*. Posto a preço, o sapateiro deixou-o ficar por vinte cruzados, e retirou-se contentíssimo da boa feira que fizera, visto que tudo era ganho, e não seria fácil que tal anel, ali sepultado numa aldeia, viesse a aparecer em Vila Real. Acrescenta o sincero historiador destas minuciosas passagens que o padre, observando miudamente o seu anel, lhe descobrira uma mola, que se abria por dentro, e dava ao anel uma forma de uma caixinha destapada. Maravilhado por isto, novas maravilhas o surpreenderam, quando leu, no interior das lâminas que formavam a caixinha, este nome muito seu conhecido: *Manuel Carlos da Cunha e Távora*.

Finalmente, reza ainda o manuscrito que o bom do padre, tendo o dono em casa, calou-se com o anel: reserva esta digna de repreensão, se o ministro do Evangelho lhe não der outra saída.

O leitor é penetrante de mais para saber, sem que lho digam, que este anel caiu do dedo de D. Inês da Veiga na noite de 6 de Fevereiro de 1701.

CAPÍTULO XXII

De como mestre António era um refinadíssimo agiota, e destarte cumpre a promessa que nos fizera de fazer-se ladrão. Imaginações que conspiram na cabeça do padre, e levam por diante aquela bernarda moral, à custa de ferro e fogo

Às quatro horas da tarde deste dia 8 de Fevereiro estava um mendigo sentado nas escadas de Cristóvão da Veiga. Quem reparasse no cuidado que ele punha em aconchegar-se o manto andrajoso que o cobria devera desconfiar do pobre àquelas horas ali sentado, sem pedir esmola.

– Agora não são horas de dar esmola, irmãozinho... – disse o mestre sapateiro, que o via lá do interior da sua furna domiciliária.

– Eu não lhe peço nada, mestre... – respondeu o mendigo.

– E faz bem – continuou o sapateiro, batendo sola. – Eu cá não peço por não ter saco.

– Deus o não castigue, irmão!

– Mais do que estou? Isso não sei... mas só se me der a lepra que deu a Job. A respeito de cobre... cruces, nem um maravedi!...

– Deus o não castigue, irmão!... Vinte cruzados é dinheiro que não tem nenhum remendão em Portugal...

– Vinte cruzados?! – exclamou o sapateiro espantado.

– Que quer isso dizer?!

– Que não há razão para se queixar da sorte, Senhor Mestre... porque vinte cruzados, ganhos do pé para a mão, sem trabalho nenhum...

– Fale baixo, fale baixo, pois você sabe...

– Que há achados muito bons, quando o dono não aparece a querer acertar o dedo com o anel...

– Cale-se, cale-se, por quem é... Eu não furtei o anel...

– Mas parece-o... Então, se o não furtou, que medo tem?! ... Ora venha ca...

O sapateiro aproximou-se humildemente.

– Eu quero juntar mais cinco a esses vinte cruzados, se me fizer um serviço...

– Então você quem é!?

– Que lhe importa?... O dinheiro ganha-se com os olhos tapados... Quer servir-me por este preço?...

– Conforme foro serviço...

– Não é pesado. Saiba-me primeiro onde está a Sr^a D. Inês...

– Se é isso só, posso dizer-lho já. Está no seu quarto fechada, e vai manhã para um convento...

– Manhã! – exclamou o pobre – Manhã!... Sabe-se isso de certo?

– Se sei... Eu sou dos que vão na comitiva, com uma carga de caixões... Que mais quer?

– Deixa-me entrar no seu sótão?

Aqui o mendigo desmandou-se na voz, e esqueceu o artifício. O sapateiro conheceu logo que falava com o comprador do seu anel...

– Agora já o conheço... é o Sr. Abade de Vilamarim!...

– Cale-se...

– O meu sótão está às ordens de V. S^a podia já ter dito isso... Ora esta!... quem havia de conhecê-lo com estes farrapos, e estas barbas tamanhas!... mas, a falar a verdade, estão ao pintar!... são como as barbas dos santos *mártiles* de Marrocos da

procissão de Cinza! Ora vamos, a casa não é própria, mas é o que há... Faz favor de sentar-se, e esteja à sua vontade...

Padre Carlos, fechada a porta do sótão, deixou cair o manto de farrapos, desfez-se das espessas barbas que lhe enquadravam a cara, e de mendigo que era, exceptuando os socos, que lhe ficavam pessimamente, no resto parecia um salteador calabrês, atendendo às coronhas de duas pistolas que lhe saíam de entre a abotoadura do seu radingote de veludo azul.

– Vamos a saber, mestre, devo contar consigo?

– Eu já disse... isso lá é conforme...

– O preço?

– A respeito de preço ninguém nos há-de ouvir; eu estou aqui para tudo que souber no possível.

– Está dobrada a parada! São dez cruzados se fizer chegar às mãos de D. Inês, antes da noite, uma carta...

– Isso, há-de perdoar-me, mas não lhe vejo furo... O que pode fazer-se, pode fazer-se; mas lá isso de entregar uma carta sempre lhe devo dizer que não é para ninguém, salvo a Tia Joaquina da Luz, que *a propósito* de feitiços é como se quer...

– Deixemo-nos de feitiços. Das duas uma. Ou você pede dinheiro, e me serve, ou então eu sou capaz de o perder com aquele anel.

– Ó Sr. Abade, por alma de quem lá tem, não me bote a perder! Cego eu seja dos olhos ambos de dois, se eu furtei aquele anel!...

– Não furtaria; mas eu posso levá-lo a um tribunal e fazê-lo condenar... Está bom... Eu bem sei que o mestre sai bem das empresas em que se mete. Nada de ameaças. Quem reina é o dinheiro. Você fica com dez belos cruzados, e com a sua boa reputação de honrado... Vamos... entrega-se a carta?

Mestre António meditou, fez diversas caramunhas, e por fim decidiu-se a tentar o arrojado.

– Então há-de ser já enquanto os fidalgos estão no fogão entretidos com os frades – exclamou o mestre.

Padre Carlos escreveu a lápis e entregou ao sapateiro este bilhete:

Coragem, senhora! Manhã entra V. Ex^a num mosteiro, Depois não há salvação possível. Durante a noite esforce-se por fugir. Da meia-noite em diante é esperada pelo conde de S. Vicente à porta do quintal. Não tem outro refúgio.

P.^o Carlos da Silva.

Mestre António foi e demorou-se bastante na volta. O abade já estava impaciente.

– Entregou? – perguntou vivamente o padre.

– Creio que sim... Ainda bem que estavam todos pára o salão do meio. Atravessei o corredor, sem topar viva alma. Cheguei ao cabo, onde está o quarto da menina, e estropeiei à porta. Falou-me ela de, dentro, Disse-lhe que. era eu. Respondeu-me que estava fechada. Meti-lhe o escrito por debaixo da porta, e ela disse-me que ficava entregue... que mais quer?

– E que provas me dá de que foi entregue o escrito? Você demorou-se tanto só para isso!...

– Ora aí está como se tapam as bocas às más-línguas... Pegue lá... aí tem...

– Isto que é?! – perguntou o padre, aceitando um papel.

– É a resposta... Então? ganhei ou não ganhei honradamente os dez cruzados?!

- Ganhou quinze.
- Como quinze?!

Mestre António fez sérias diligências por saber se estava acordado, enquanto o padre lia a resposta de D. Inês:

O sapateiro tem uma chave da porta do quintal com que antes de ontem ficou. Que a dê. Abram a porta, e ajudem-me a descer da minha janela do quarto, que não é alta, Depois da meia-noite espero com ansiedade. Salvem-me, senão morro.

Padre Carlos sorriu-se de uma satisfação, que é a alegria perversa do quê satisfaz uma vingança longo tempo solicitada. Qual seria? Mais de um leitor tem os olhos fitos numa cena de sangue!... Ai da vitima que for imolada nas aras cruentas da vingança! ... Maldito ANATEMA!...

Mestre António cedeu... – não, vendeu a chave por bom dinheiro, visto que eram honestos e virtuosos os fins para que a vendia. O homem mostrou-se cordialmente interessado no casamento da menina, que, segundo ele, a ninguém mais se devia, se chegasse a efectuar-se, como era Justo para tapar as bocas do mundo.

Temos o padre no caminho de Vilamarim, morto por despojar-se das insígnias a quem ele devia o mais valioso triunfo do seu plano.

O conde esperava-o com o coração inquieto. Nas horas que passou sozinho na biblioteca da residência pungiu-o vivamente o remorso de ter feito descer tanto um irmão de D. Inês da Veiga. Por mais que se entranhasse do rancor que as afrontas do Veiga deviam provocar-lhe, não podia serenar a sua consciência, que o acusava de um feio excesso, de uma vileza afidalgada pelos moldes da peonagem. O sentimento que mais lhe agravava o remorso era o amor de Inês, que, esquecido no momento afogado dá desafronta, remanesceu depois animado, apaixonado, e repeso de enodoar-se. num lance de força bruta. Nestas amarguras encontrou-o padre Carlos da Silva. Ardente de entusiasmo, comunicou-lhe os bons frutos que colhera, e as mais gratas esperanças que lhe adjudicaria ao seu futuro.

O conde abraçou-o com transporte, e jurou-lhe o seu eterno reconhecimento. Pensava ele que a suspirada vingança de padre Carlos morria satisfeita no dia em que D. Inês fosse esposa de um homem contra vontade de seu pai! Haviam assim muitas inteligências míopes, que pouco aumentaram de vista nas inteligências netas, que são as contemporâneas, tais quais as vemos por aí estudando a fisionomia do coração humano, como quem estuda as quatro operações!...

Padre Carlos não mais falou na vingança, nem no diário de Antónia Bacelar, É certo, porém, que o homem pensava profundamente. O conde achava-o sempre abstraído, quando lhe dirigia alguma pergunta. Às vezes o padre, naquele afogo de pensamentos tumultuosos, que o impacientavam, dava murros na banca, erguia-se em desespero, e parecia arrepiar-se! A figura é cómica, mas era exacta! Há destas índoles.

Veremos que judiciosos motivos ele tinha para este desganhado agastamento consigo mesmo.

CAPÍTULO XXIII

O padre assenta a primeira bateria. Vê-se o que são as vinganças nos caracteres perversos. Antiguidade das cartas anónimas. De como uma tulha é o melhor valhacouto contra corregedores e meirinhos. Descubrem-se três familiares do Santo Officio, que por força ou por jeito deviam entrar no romance

Era meia-noite.

D. Inês espreitava pelos rótulos das portadas da sua janela se a porta do quintal se abria.

Não esperou cinco minutos. Abriram-na, e entraram dois encapotados. O primeiro, que era padre Carlos da Silva, levantou, debaixo da janela de Inês, o conde de S. Vicente à altura que pôde. A menina apoiou os pés, necessariamente lindos, sobre o ombro do conde; depois inclinou-se até lhe encontrar as mãos, e assim veio descendo sem perigo e sem temer até face a face se abraçar ao conde.

Não se trocaram palavras. Atravessaram a vila calados, e acautelados com os poucos encontros que tiveram,

A direcção estava traçada. Era a residência de Santa Senhorinha de Vilamarim que devia receber no seu pobre seio os ilustres fugitivos.

Chegados, Inês parecia ébria de uma alegria desatinada; o conde também: o padre era um mistério.

Depois separaram-se. A casa tinha duas câmaras, e uma era do reverendo abade... Aqui perdoe-me o fazedor do manuscrito, mas em vez dos seus alambicados rodeios, vão por conta da sã moral e decoro literário estas duas linhas de panaceia universal.

.....

Às duas horas da noite o padre Carlos escrevia o seguinte, e um seu criado ao pé da mesa esperava a carta:

A Cristóvão da Veiga.

Sua filha não está em casa. Foi-lhe à meia-noite roubada, Se quer salvá-la da prostituição, da vergonha, e do abandono, faça passar ordem para os alcaides e corregedores os não deixarem passar. Afirma-se que só depois de manhã sairão daqui destes subúrbios. Providências prontas podem resgatá-la das garras do sedutor, Quem lhe escreve, senhor, é um homem zeloso da sua honra,

– Parte... – disse o padre ao servo – não venhas sem que essa carta seja entregue a D. Cristóvão. Bate, até que a porta te seja aberta. Logo que a entregues, desaparece... que te não percebam a direcção. Se te perseguirem, esconde-te.

O criado partiu.

Em seguida entrou outro criado, e o padre escrevia o seguinte:

Irmão em Cristo.

Denunciai ao Santo Officio, com a prontidão do vosso zelo, que Manuel Carlos da Cunha e Távora propaga doutrinas heréticas e fala irreverentemente dos augustos dogmas da nossa santa religião. Qualquer

demora ser-vos-á levada em conta no tribunal de Jesus Cristo. Fazei que o capturem na sua casa de Lordelo, onde se acha em braços de uma infeliz, que roubou a seu pai. Aquela é filha do nosso prezado irmão Cristóvão da Veiga. – Vosso em Cristo, e familiar do Santo Ofício.

P.^o Carlos da Silva.

O sobrescrito da carta era assim:

Ao muito reverendo padre-mestre frei Álvaro da Encarnação. Familiar do Santo Ofício.

Coimbra

O servo levou a mula à rédea, para que os passos se não ouvissem, e quando lhe ficou atrás o povoado, cavalgou, e acelerou a corrida quanto lhe era possível.

Feito isto, padre Carlos deitou-se, e adormeceu,

Mais profundo era o sono de Cristóvão da Veiga, quando lhe foram à cama entregar uma carta de muita urgência. Leu-a. Bradou que lhe trouxessem o portador. Quando o procuraram, tinha o portador cumprido fielmente as ordens de seu amo: desaparecera.

Entraram no quarto de Inês. Viram a janela aberta, e naquela solidão uma espécie de escárnio mudo à prepotência de um pai, e aos brios covardes de um irmão.

Pouco depois o corregedor e mais justiças da comarca enchiam os salões de Cristóvão da Veiga. Os enviados partiam para alcaides, e corregedores, juizes de fora, e mais autoridades civis e militares, a quem o fidalgo, alcaide-mor de Vila Real, dava poderes discricionários, como hoje se diria.

No dia seguinte era uma inglesia na vila. Todos queria fazer montaria ao lobo, todos se ofereciam para ampliar o cordão de captura ao roubador de D. Inês. Parece, não obstante, que roubador e roubada dormiam folgadoamente.

O padre despertou cedo. Do adro da igreja viu uma turba de cavaleiros e peões que se dirigiam a Lordelo. Compreendeu a missão, e exultou. Subiu rápido ao quarto do conde. Chamou com fingido sobressalto. Sem que a porta lhe fosse aberta, aterrou-os com a necessidade de se esconderem, visto que suspeitava lhe dessem uma busca na residência para capturá-los. Inês ia desfalecendo: alentou-a a coragem do conde.

A residência tinha uma tulha subterrânea na adega.

– Estão salvos – disse o padre – e basta que se escondam, se eles se avizinharem daqui.

Não tardou a realidade da hipótese. Bateram à porta da parte do corregedor. Subiram corregedor, beleguins, escrivães, ajudantes de cartório, notários, afora soldados, e povo, e galegos, e mestre António, que ficaram à porta. Rebuscaram em vão e muito ligeiramente. O corregedor também era familiar do Santo Ofício... Isto podia valer muito, se preciso fosse.

Estavam salvos.

– Foram tomadas algumas providências, Sr. Corregedor? – perguntou o abade.

– Todas, dez léguas em circunferência.

O conde de S. Vicente e a sua trémula companheira do subterrâneo ouviram isto.

Estamos perdidos! – exclamou ela.

– Não estamos – respondeu o conde. – Este padre protege-nos... Como te enganaste com ele, Inês!...

– É verdade!... enganei-me felizmente... Bem se vê que o meu sangue lhe gira nas veias...

– Não me lembres que é teu irmão – disse o conde tristemente meditativo.

– Porquê?!...

– É uma história incrível de atrocidades...

Nisto o padre deu sinal para que saíssem da tulha.

Vinham pálidos e enfiados de susto! O amor dá coragem e dá fraqueza. É, e será sempre, um mistério. Se o corregedor os autuassem, e dali os fizesse entrar na igreja como condenados a casamento, isso era o mais grato galardão daqueles travessos delinquentes; mas, no razoável entender do conde, a condenação seria outra, depois daquela bofetada, e de um rapto em duplicado, que devia ser crime espantoso à face das *Ordenações do Reino*. Nestas, os raptos e bofetadas fidalgas, se as mulheres e as faces eram plebeias, expiavam-se com um passeio recreativo até Castro Marim; mas aqui era mais séria a pena, visto que D. Cristóvão da Veiga não era homem que transigisse sem o *morra por ello* daquela graciosa dádiva do rei de Espanha.

Quem, ainda assim, mais apavorado parecia era o padre Carlos! O conde quisera tomar ânimo da coragem dele, mas viu-o tímido, frouxo e acovardado.

– Ouviu o que disse o corregedor? – interrogou o abade.

– Ouvimos... – respondeu D. Inês, como ansiada por saber o acréscimo de infortúnios que tinha de experimentar.

– Já vêm – prosseguiu o padre – o risco em que estão se saírem daqui estes primeiros dias...

– E padre Carlos da Silva – interveio o conde – tão generoso, tão nobre para conosco, negar-nos-á o asilo da sua casa por alguns dias?

– Nunca!... prouvera a Deus que esta choupana fosse um palácio, alcatifado de ricos tapetes da Pérsia, que os desenfastiasse da vida enclausurada a que têm de sujeitar-se, se não quiserem ser vistos e denunciados.

O conde abraçou o padre, e Inês sentiu-se impelida a acompanhar o seu amado naquele lance de gratidão e fervorosa amizade.

O abade continuou:

– Aqui temos, se não opíparos banquetes, ao menos sobejam-nos alimentos sadios, e a boa vontade, que é o melhor dos acepipes. E demais – disse ele sorrindo – o amor é meia manutenção, e as esperanças de mais brilhante futuro são manutenção inteira... não é assim?

– É, é... – disse Inês com animada rapidez.

– Pois não é tanto assim! – tornou o gracioso sacerdote.

– Deus a livre de jejuns que não manda a Santa Madre Igreja. Abstinências completas bolem com a cabeça, com o estômago, e com o coração...

Riram-se ao mesmo tempo do remoque, e conversaram serenamente em assuntos relativos às suas circunstâncias, como a natureza do caso pedia.

Os prometidos esposos viviam como não podem imaginá-lo os que não tiveram na sua monótona e obscura existência episódios apaixonados, e, por dias e noites clandestinas, sob o véu do mistério, uma extremosa mulher, que se nos entrega corpo e alma, em recompensa de muitas lágrimas, de sacrifícios penosos e de grandes desfalques na reputação... Não queremos colorir de mais o quadro, que não vá ele dar muito nos olhos pela viveza dos traços. Camões definiu a situação em dois versos, que valia a pena citá-los aqui, se não parecessem, de velhos e safados que estão, um pedantismo de rapaz de escola: o coração adivinha, quando é consultado nestes mistérios, que são todos dele; e como o leitor ou leitora nada paga nessa consulta, eu penso *que é melhor experimentá-lo*. Enquanto ao conde de S. Vicente nada há mais fácil

que julgá-lo. O leitor tem direito a que eu lho diga; *mas julgue-o.* Deus me salve de escrever romances cujo incenso de um fino amor vai perfumar olfactos embotados. E escrever de amor para *quem não pode experimentá-lo.*

CAPÍTULO XXIV

Traição e vingança

Leitores! O romance perdeu o seu mau sestro de estopador. Exultai! Agradecei ao manuscrito, que, chegando a estas alturas, já não é manuscrito, é um carril de factos que roda acelerado num caminho-de-ferro, que outra coisa não pode chamar-se à impaciência veloz com que o colector destas coisas se arremessou ao termo final delas. Por não ter melhor coisa em que pensar, penso sinceramente no rápido desenlace desta enreada lenda, e chego a persuadir-me que o autor do manuscrito era velho, sentia-se desfalecer cada vez mais, não quis morrer sem deixar cimentos para que *melhor pena tomasse sobre si o encargo de tão árdua tarefa*, como se diz nos prólogos. Por um triz não invento algum episódio imaginoso, e o encravo a martelo nesta verídica, mas algumas vezes desapegada história. Tenho sinceridade literária. Dói-me a consciência de perturbar o século XIX com questões renhidas sobre a veracidade desta mentira. Faço votos por que a neta da actual Academia Real das Ciências (cuja raça Deus não há-de permitir se perca) se não ocupe em questionar e traduzir estes gatimelhos, que muito é de crer sejam para eles o que são os caracteres árabes para os sócios da actual.

Deveis pois saber que padre Carlos da Silva foi uma desgraça fazê-lo herdeiro daquele diário de Antónia Bacelar. Este homem, só no mundo, farto de lamentar-se na insolação de filho sem pais, quando lhe disseram: *mataram tua mãe com o punhal da traição*, o seu primeiro grito foi pedir o nome do assassino. Assassino era seu pai, que o arremessara para os abismos do mundo, onde cairia se não o amparasse na queda a mãe caridosa de um estranho. A dorida paixão com que aquele diário fora escrito irritou a vingança irada do sacerdote, que morreria amargurado e só no mundo, mas talvez generoso e bom, se lhe pedisse lágrimas para a mãe no túmulo. Pedir lágrimas àqueles olhos que não as tinham, àquele coração que se devorava na impotência de as poder verter no regaço de mãe... era pedir-lhe sangue... Esse, sim, dera-o ele todo pelo instante da sua vingança!... salpicara com ele o altar de Deus, se fosse preciso ir ali enterrar o punhal no seio do matador de sua mãe!

Estes planos atrozes abortaram na manhã do dia 7 de Fevereiro. Outros se inflamaram das cinzas daqueles; e esses vê-los-á o leitor delineados no decorrer deste fúnebre capítulo.

Haviam decorrido dez dias. O conde e D. Inês eram ainda hóspedes do abade. Este a cada instante lhes anunciava, fingidamente assustado; novas providências para a sua captura. Demais, os familiares do Santo Ofício, autorizados pelo inquisidor conimbricense, buscavam por toda a parte cuidadosamente o conde, incurso em heresia e desacato, depois que em vão o procuraram na sua quinta de Lordelo. O conde principiava a afligir-se da sua situação, e mais ainda pela infeliz, que outra protecção não tinha além da sua. O padre, porém, suavizava-lhe o martírio, oferecendo-lhe pela milésima vez a sua casa, e os seus recursos, e a sua vida.

Manuel de Távora, sem que a infeliz menina o instigasse, falou ao padre num casamento clandestino, para salvar Inês da desonra no caso de algum atentado imprevisto contra a sua vida. O abade respondeu afavelmente que sim; mas que sem licença régia seria uma temeridade, visto que ele conde perderia a graça do rei, e azedaria o ódio do tribunal eclesiástico.

Estas razões eram contrariadas por Távora, mas as do padre venciam sempre.

O conde escreve para a corte, e as primeiras cartas são-lhe descaminhadas pelo padre. O conde é chamado à corte, e o padre queima placidamente as ordens régias!

São passados três meses.

D. Inês da Veiga chora de dia e de noite... Sente-se mãe... e aquele filho, que parece acusá-la já das entranhas, é fruto de um crime... e sê-lo-á talvez por fim de uma vergonha.

Padre Carlos delira de contentamento feroz!

É então que ele escreve para Lisboa, pedindo uma ordem régia, que promete fazer chegar à residência incógnita do conde de S. Vicente.

Neste tempo Pedro II liga-se ofensivamente e defensivamente com França e Espanha contra a casa de Áustria. Fazem-se aprestos de guerra, são chamados os nobres, e o conde de S. Vicente é invocado com graves penas no caso de insubordinação, e reputado traidor à Pátria se não vier ao chamamento de el-rei.

Esta ordem chega às mãos do conde. Padre Carlos surpreende-o, chorando sobre o seio de Inês, que lhe caiu desmaiada nos braços.

Reanima-o. Lembra-lhe que corra à corte a alcançar licença para casar-se, e a destruir as intrigas que Cristóvão da Veiga lhe urdira no Santo Ofício. Oferece-se para ser o depositário de D. Inês, e o seu companheiro depois, visto que lhe seria difícil salvar-se com ela de uma captura no circulo de dez léguas, onde redobram de vigilância todos os dias.

O conde resiste a estas insinuações, agradecendo sinceramente os valiosos serviços do padre, mas resolve aventurar-se aos perigos contanto que D. Inês o acompanhe. O abade, que vê baldos conselhos e prognósticos sinistros, na véspera da partida faz que um novo assalto à casa de Lordelo, capitaneado por familiares do Santo Ofício, o contenham ali atemorizado na residência de Santa Senhorinha. Como estas combinações se fizeram entre o padre e os assaltantes, isso é que se não diz no manuscrito, e eu não invento nada.

Agora é já a própria Inês que implora ao conde a sua ida, embora ela tenha de chorá-lo ausente, mas não perdido.

Távora é um homem que ama com o virtuoso amor de um anjo. Aquela mulher, possuída à custa de tantos trabalhos, não o enfatiara um instante, nem lhe magoara o coração com o espinho do arrependimento. Instado de joelhos por ela, e afervorado pelas admoestações cavilosas do abade, o conde, em uma noite tempestuosa, atravessa, com um guia, montanhas intransitáveis, como se as estradas lhe fossem vedadas pelas alabardas dos alcaides-mores, e, pior ainda, pelos farricocos do Santo Ofício.

Incólume, conquanto fatigado de desvios inúteis, Távora escreve do Porto a Inês, verte lágrimas de paixão nessa carta consoladora, e promete-lhe a felicidade, que só a suprema vontade de Deus poderia converter em desdita. Inês, tão feliz com esta carta, no êxtasis febril da sua alegria, abraça o padre Carlos, e dá-lhe pela primeira vez o doce nome de irmão. O padre, porém, sorriu-se! Este riso era um escárnio. O escárnio era um cinismo cervical do algoz.

Cristóvão da Veiga perde as esperanças à sua desforra. De Lisboa dizem-lhe que não há novas do conde de S. Vicente. Desde o momento que imaginou sua filha pervertida, prostituída, e desonrada, o desventurado pai recorda-se muitas vezes de Antónia Bacelar, e o espectro desta mulher volteia-lhe nos seus pesadelos de velhice lacerada pelo remorso! Pedro da Veiga esquece que é assassino, e aviltado por uma bofetada, e desonrado pela irmã, enquanto as fáceis mulheres da fidalguia, apesar de primas pela maior parte, lhe suavizavam os espinhados alentos da mocidade com o amaciar estremecido e carinhoso das suas franquezas.

O. Inês conta por lágrimas os minutos que tanto lhe demoram novas do seu anjo.

Passam-se trinta dias, e nem uma carta! Padre Carlos era depositário de três, que ela nunca viu. O conteúdo da última dizia assim:

Tudo a nosso favor, anjo da minha alma! Vem! Esse generoso irmão que te acompanhe, e que venha ter partilha no delírio da nossa felicidade! Consegui licença para seres minha, e para não arriscar este ano na guerra uma vida que é tua. Debelei as intrigas da inquisição, e as da corte, que mais me atribulavam. Este casamento convencionado aqui era a minha desgraça...

O resto da carta eram lugares-comuns do amor idealizado, perfumado, e doidejante das mais risonhas esperanças. Inês não viu esta carta. A que ela viu era escrita por uma letra estranha, rezava assim:

El-rei condenou-me a partir logo para Madrid, em castigo da minha resistência ao chamamento. Não demorei uma hora em Lisboa. Vim unir-me ao exército. As saudades que de ti me angustiavam aniquilaram-me o espírito e o corpo. Estou doente; nem o punho pode manear uma pena, que te retrate o que é martírio incomportável no coração do homem, que com lágrimas te escrevera. Vem, Inês! A tua alma está vinculada à do conde de S. Vicente. Se não queres que a morte despedace estes vinculos sagrados, vem como o anjo da vida sentar-se à cabeceira do moribundo. Adeus! Pede a esse virtuoso sacerdote, e generoso protector que te acompanhe. Rua do Carvajal, em Madrid – 10 de Junho de 1701.

Conde de S. Vicente.

Inês leu esta carta. Antes de desfalecer, ajoelhou aos pés do padre e rogou-lhe por alma de sua mãe que a não demorasse um instante...

– Por alma de minha mãe! – murmurou o padre. – E sabe a menina se minha mãe precisa de sufrágios?...

A infeliz não podia responder-lhe: estava desmaiada, e permitisse Deus que dali a erguessem para a lançarem no túmulo!

.....

Alta noite, padre Carlos da Silva e D. Inês da Veiga saíram em robustas mulas com um criado de pé. Ao romper da aurora estavam em Chaves. O sol de Espanha derramou os seus primeiros raios na face pálida daquela virgem... de coração! O tigre da vingança, o filho de Antónia Bacelar e do pai daquele anjo, ia concentrado em si como o algoz, que, no caminho do cadafalso, sente o pavor de si próprio retrair-lhe a alma!

Caminharam.

Desde Brime a Madrid, Inês, se fora a mulher penetrante destas nossas eras de esperteza prematura, sondara o coração atraído do sacerdote! Eram forçados e frios os seus carinhos. As conversações, que, promovidas por D. Inês, eram sempre sujeitas ao conde, distraia-lhas o padre com outras relativas às impressões de jornada, aos monumentos, à natureza luxuriante daquelas formosas várzeas de Espanha, que tão despercebidas eram para a temerosa amante de um homem que a chamava atribulado do leito da doença.

Em Madrid não existia a Rua do Carvajal. D. Inês esperou na estalagem que padre Carlos se informasse da residência do conde. Era melindrosa a situação do traidor! Nem ele pensara talvez na maneira de diferir o fingimento até ao dia da sua vingança. Era necessário que aquele nefando segredo, durante cinco meses, não transpirasse abafado

num véu densíssimo de sucessos premeditados tanto que o não traíssem. A inocente era fácil de enganar-se; mas há nos corações mais cândidos um instinto, uma vista dupla, que devassa no coração dos grandes perversos. Até aqui, porém, D. Inês da Veiga confiava cegamente em seu irmão, e, dando-lhe este título, julgava que o prendera à sua felicidade pelos vínculos do sangue, e pelos socorros devidos a uma fraca e desamparada senhora.

Passara-se uma hora de estirada agonia que D. Inês da Veiga esperava o padre, quando este chegou com a fisionomia assombrada de uma tristeza mentirosa.

– Então?! – exclamou ela.

– Não existe em Madrid – respondeu o padre, amparando a cabeça com o braço direito firmado sobre uma mesa.

– Não existe em Madrid?!...

– Não, senhora.

– Mas... diga, Sr. Padre Carlos, onde está... para onde foi?!...

– Ignora-se...

– Oh meu Deus!... que desgraça!... Pois não se sabe?!

– Não, senhora.

– Mas não estava ele tão doente!?

– Estava, sim...

– Eu não entendo o que isto é, Sr. Padre Carlos!... Ó Virgem Maria! sede em meu socorro!

D. Inês, num êxtasis de desesperada agonia, ajoelhou com as mãos erguidas. O abade, imóvel na sua postura meditativa, afigurava-se o homem prostrado pela dor, que já nem pode socorrer-se de Deus, elevando-lhe o espírito aflito. E Deus sabe que mão de angústia infernal o suspendia pelos cabelos sobre o abismo da vingança cavada por ele para aquela vítima sem culpa! As torturas de Inês começavam a emparelhar-se com as de Antónia Bacelar. Amuas mães, ambas abandonadas, o vilipêndio, a desonra, e a perdição principia para D. Inês como um ponto escuro no horizonte alvíssimo das suas esperanças, qual vinte e seis anos antes negrejava para D. Antónia Bacelar. Padre Carlos cismava nestas comparações. Delas é que sua alma se alentava, quando a compaixão por sua irmã começava a abrandar-lhe as ferezas de vingança

A filha de Cristóvão da Veiga não tinha ali uns braços carinhosos que a sustivessem no seu desespero. O seu companheiro de jornada parecia contemplar friamente aquele despedaçar-se de uma alma infantil no alvorecer das suas crenças, poluídas tão cedo pela úlcera da desonra, insanável no mundo. Era a cena do infortúnio, sem luz de esperança, e o cinismo avarento de outras lágrimas.

Decerto: eram outras as lágrimas que D. Inês da Veiga fora condenada a chorar, no dia 7 de Fevereiro, quando padre Carlos da Silva, no castelo dos Távoras, deparou uma virgem como sua mãe o fora, e uma vítima de perpétua desonra como sua mãe viera a ser.

Que pressentimentos não foram os da pobre menina na manhã daquele dia!

O abade de Santa Senhorinha reanimou-se, depois que sua alma bebeu na taça das angústias de Inês o primeiro sorvo da sua vingança.

– Não desespere, senhora!... – disse ele com maviosidade, despertando-a da sua absorção de espírito. – Não desanime... Há aqui um segredo, que não podemos decifrar sem tempo...

Inês respondeu-lhe com incessantes soluços. O padre continuou:

– Ânimo, menina! O conde de S. Vicente foi naturalmente chamado a Lisboa para o repararem de injustiças que a intriga lhe fez... Nem tempo lhe deram de lhe escrever... Talvez que a alegria o arrebatasse até ao delírio... ao esquecimento de que mandara vi-

la...

A crédula principiava a confortar-se destas frívolas razões. O coração tem estas simplicidades, quando a paixão lhe enturva a luz do juízo...

– Talvez!... – redarguiu ela com a face iluminada de esperança.

– É tão possível!... – continuou o sacerdote. – E, supondo que são outras as razões, é preciso que se saibam... Em mim, Sr^a D. Inês, não tem um irmão como Pedro da Veiga, tem um escravo que irá de rastos punir o seu traidor onde quer que ele esteja...

– Não fale assim – exclamou Inês assustada.

– A traição é uma grande infâmia... não é, D. Inês da Veiga?...

– Decerto! É impossível que eu fosse enganada pelo conde...

– Impossível... não! – redarguiu o padre, abaixando a voz em tom sinistro. – Impossível!... se a menina soubesse como foi traída...

– Quem?!... – atalhou ela a tremer.

– Ninguém! – respondeu o abade, sorrindo com indefinível inspiração de angústia e de sarcasmo.

Após uma longa pausa, em que o silêncio era só nos lábios, mas o ruído da cólera tumultuava lá dentro naquele coração, adjudicado ao demónio da vingança rancorosa, o abade prosseguiu:

– Quer ser dócil aos conselhos de um homem que quer salvá-la?

– Ah!... sim... quero, quero... Entrego-me a si de todo o meu coração... Salve-me, se pode, que eu porei a face onde o meu salvador puser os pés...

– Não se humilhe, senhora. Erga essa face, onde brilha a fidalguia dos Veigas!...

– Que palavras, Sr. Padre Carlos!... eu não lhe mereço esses motejos...

O padre calou-se. A compaixão abalara-o ligeiramente; mas o edifício do ódio era robusto: os cimentos foram amassados com lágrimas e assentavam sobre o sepulcro de sua mãe.

A desgraça é a que perverte o homem.

Não protrairemos o diálogo em que D. Inês, no desatino da sua dor, chega a banhar de lágrimas as mãos do seu algoz; em que padre Carlos da Silva, no delírio da sua maldade, a muito custo pode reprimir a hediondez das suas tenções.

O certo é que dois dias depois D. Inês entrava num recolhimento, e padre Carlos da Silva despediu-se dela. A infeliz fora dócil, como prometera, aos conselhos do ministro do Evangelho. O que lhe ordenou foi que ela se recolhesse por alguns dias àquele asilo, enquanto ele ia a Lisboa procurar o conde, e convencê-lo da urgência daquele casamento.

A pensão de Inês era magnífica. As ordens, dadas a ocultas, com mãos cheias de ouro, foram um rigoroso segredo na entrada daquela portuguesa no recolhimento.

Padre Carlos não saiu de Madrid.

.....

A escala dos sofrimentos humanos é infinita. A morte seria o menor deles para os que sofrem como D. Inês da Veiga em Madrid, e Manuel de Távora em Lisboa!

A rede que lhe fora tecida a ele no Santo Ofício bastou a sua presença na corte, e a graça real de quem muito podia sobre as intrigas inquisitoriais, para desfazê-la.

É verdade que o conde de S. Vicente fora prometido em casamento a D. Isabel de Noronha; mas Pedro II, que tirara a primeira mulher ao irmão, não devia ser rigoroso em fazer cumprir estas promessas, que não prejudicavam os foros da honra externa, e apenas boliriam com os espíritos cavalheirosos em corações com brios. O seu não tinha muito disso, e a corte modelava-se por ele.

Removidos estes obstáculos, e alcançada a licença régia para o seu casamento

com D. Inês, o conde fez o que razoavelmente lhe convinha, mandando-a vir a toda a pressa a Lisboa, como consta da carta roubada pelo padre.

Duas cartas sem resposta deviam perturbá-lo. Esperou ainda a volta de um enviado; as novas eram incríveis e aterradoras. Não existia tal abade em Santa Senhorinha de Vilamarim! Havia mês e meio que desaparecera, e ninguém sabia se era vivo ou morto! A justiça, suspeitosa de algum assassínio, rebuscara vigorosamente a casa, e devassara na vizinhança, mas nenhuns indícios colhera!

Há organizações fortes, que não podem aniquilar-se. O suicídio foi a primeira consolação que o conde achou nos recursos que pediu à sua consciência. Depois a fuga de padre Carlos da Silva com D. Inês, umas vezes parecia-lhe uma traição sem nome no complexo dos mais atrozes crimes; outras vezes recordava-se daquela vingança, daquele ANÁTEMA conjurado diabolicamente pelo filho de Antónia Bacelar ao assassino de sua mãe. Mas que plano era aquele de vingança! – pensava o conde no tumulto de angustiadas conjecturas. – Padre Carlos cravaria um punhal no peito da infeliz? Seria ela a expiação do pai? O assassino morreria de remorso e terror salpicado do sangue da inocente?!

O leitor já previu o alvo do sacerdote. E talvez não o previsse. Há crimes que se não crêem, nem se adivinham. E contudo, hoje mesmo neste século humanitário e socialista, muitos crimes se passam nas trevas, e se remexem no lodo de algumas consciências, escondidas por detrás de uma estudada pureza de fisionomia...

O conde adoeceu. A sua vida era já chorada, e a causa da sua morte deixou de ser mistério na corte, logo que Inês da Veiga, tão suspirada por damas e cavalheiros, não apareceu. Cristóvão da Veiga foi chamado à corte. Aí, quando el-rei lhe pediu contas de sua filha, o velho alcaide de Vila Real, de joelhos, jurou que lha tinha roubado o conde de S. Vicente e nada mais sabia. Certo de que já não era o conde o primeiro possuidor de Inês, Cristóvão da Veiga, tocado pela morte, recolheu-se à província, e encerrou-se no quarto a chorar as últimas lágrimas da sua vida. As indagações multiplicaram, e cada vez eram menos os indícios de Inês – eram nenhuns! Ninguém já falava de padre Carlos da Silva, ninguém achara um cadáver, nem os próprios ministros em cortes estrangeiras puderam colher a mais duvidosa informação.

.....

Era no mês de Novembro de 1701.

D. Inês da Veiga, transfigurada pelo sofrimento, com a alma já embotada das recordações do conde, e decidida a morrer sem poder salvar a sua honra, pedia a Deus que lhe abreviasse aqueles últimos transes da agonia. A regente do recolhimento queria ampará-la naquele descair rápido na sepultura, mas não pudera. Nesse dia, pois, é Inês chamada à portaria. Foi. O coração babou-se-lhe de uma alegria instintiva. Era o padre Carlos da Silva, que ela não vira havia quatro meses, e julgava mofo. Arremessou-se ao ralo como para abraçá-lo. Balbuciava palavras ininteligíveis naquele delírio de contentamento, e parecia doidejar como num acesso de loucura.

Padre Carlos disse-lhe que saíria na tarde daquele dia.

Saiu.

Ao anoitecer deixaram Madrid, e vieram caminho de Portugal, o mesmo caminho que tinham ido. Disse o padre a D. Inês que o conde de S. Vicente fora levado a Lisboa como preso, e encarcerado tivera de responder às acusações do Santo Ofício, instigadas por D. Cristóvão da Veiga. Acrescentou que a ele padre se devia a saída do conde, a sua reputação ilibada, e a conclusão daquelas núpcias, que iam ser realizadas na província, a contento da sua família.

A todas as perguntas de Inês respondeu o padre convenientemente, e com a

serenidade de uma alma sincera. Inês acreditou-o.

Nos dois últimos dias de jornada, Inês queixou-se de algumas dores extraordinárias...

.....

O padre acelerou o passo. Em Chaves redobram aquelas dores; e Inês não conseguiu uma hora de descanso, por mais que a suplicasse ao sacerdote.

Anoitecia, quando o abade de Santa Senhorinha pediu aos caseiros do conde de S. Vicente a chave do seu castelo.

– Para que é a chave do castelo? – perguntou Inês sobressaltada.

– É de lá – respondeu o padre – que há-de ser levada em triunfo ao seio de sua família. Na semana que vem chega aqui o conde. Seu pai não a recebe em casa enquanto a menina não puder lá entrar condessa de S. Vicente.

Inês achava-se outra vez naquele quarto, onde tantas aflições a martirizaram nove meses antes. A Sr^a Benta do João chorava piedosamente, vendo-a tão mudada, tão acabada, tão outra do que fora em formosura e graça! Queria falar, mas padre Carlos, inteirado do que se passara na sua ausência de quatro meses e meio, impusera-lhe silêncio, e privou-a de longas conversações com a fidalga. Não seria preciso. D. Inês estorcia-se em dores que lhe arrancavam gritos penetrantes.

Entretanto o padre Carlos escrevia esta carta:

Saiba, D. Cristóvão da Veiga, que sua filha, a meretriz do conde de S. Vicente, está, a esta hora, gemendo as dores de parto, no castelo do seu amante. A justiça de Deus quis que esta mulher na hora da sua solene desonra, perdida e abandonada, se aproximasse daquele que há vinte e sete anos fez morrer Antónia Bacelar, depois dos transe... que foram os mesmos da filha de D. Cristóvão da Veiga.

P.^o Carlos da Silva.

Esta carta foi ao seu destino.

Inês estava com duas mulheres encerrada na câmara. As dores desvairavam-na a ponto de lhe arrancarem invocações ao seu conde, ao seu anjo, que tão longe dali se debatia noutras angústias... as da desesperança, mais atrozes talvez!...

Padre Carlos da Silva passeava no salão. A fisionomia nervosa, alquebrada, e lívida pelas vigílias da sua irrequieta vingança, turvaram-lhe as sombras sinistras que descem no rosto de um celerado ferido pelo remorso. Remorso!... era cedo ainda. O crime era de mais sanguentas aspirações. A vingança incompleta não lhe matava a sede do ódio.

Os gritos convulsos de Inês redobravam de fortaleza e angústia.

.....

Cristóvão da Veiga, ao ler a carta do padre Carlos, tomado instantaneamente de uma convulsão violenta, caiu, sem cor, sem um gemido, como se o braço da morte o sufocara ali de improviso.

Pedro da Veiga acudiu ao estrondo da queda e às lamentações das criadas. Leu a carta que estava ali no chão, e aterrou-se na presença de uma degradação, que jamais previra. Baralharam-se-lhe os pensamentos na cabeça afogueada, e não atinou com o mais conveniente naquela situação infernal. Cristóvão deu sinais de vida. Ao ver-se rodeado, fez sinal ao filho que ficasse, e mandou sair os domésticos.

- Leste essa carta, Pedro?
 – Sim, senhor.
 – Que infelicidade, filho!... disse o velho com a face banhada de lágrimas, e lançando-se nos braços de Pedro. Este não balbuciava uma palavra consoladora a seu pai.
 – Que faremos a isto? – prosseguiu D. Cristóvão.
 – Não sei... meu pai...
 – Lembra-me... Oh meu filho... ajuda-me nesta luta... é preciso salvarmos a desgraçada da morte... já que não pudemos salvar-lhe a honra...
 – Como, senhor?
 – Vamos a Lordelo... procuremo-la... consolemos-lhe o coração... Faremos que ela se recolha a um convento, como secular, e mais tarde diligenciaremos fazê-la professar num mosteiro de Espanha, onde a não conheçam...
 – Pois sim – redarguiu o filho comovido –, vamos já... ou irei eu...
 – Não... tu não... Ainda me lembro, Pedro, daquelas desgraças de 7 de Fevereiro... Silêncio!... O que se passou tudo é perdido e sem remédio. Façamos hoje o possível.
-

Partiram.

Eram onze horas da noite. A Lua espelhava-se nos lagos das várzeas de Lordelo, O vento ramalhava nas florestas que remoinhavam ao sopé do castelo. O céu era azul como em noite de Estio.

Padre Carlos da Silva, encerrado num quarto do primeiro andar da torre, tinha uma criança nos braços, e atava-lhe ao pescoço uma espécie de nómina, ou bentinhos, enquanto o recém-nascido soltava vagidos dolorosos.

A seus pés via-se um fogareiro com brasas, e uma agulha de ferro, ainda vermelha do fogo. Que seria?... Junto do padre estava uma mulher do campo, e um homem do mesmo trato, que pareciam esperar as ordens do sacerdote. Bateram à porta da torre. O padre espreitou da janela para baixo, e reconheceu os dois vultos. Mandou abrir, e murmurou àquele homem poucas palavras.

Cristóvão da Veiga e seu filho seguiram o homem que os encaminhava. Quando eles subiam a escada para o segundo andar, descia a do primeiro aquela mulher com a criança nos braços, e uma carta subscrita a um padre João Álvares, morador na Rua de S. Marcos, em Braga.

Pedro da Veiga bateu à porta do quarto de Inês. Não lhe falaram. Chamou-a. Inês solta um grito de estranho pavor.

– Meu irmão! o meu assassino! Conde! socorre-me, que me matam!...

O sangue subira-lhe à cabeça. Estava doida. A porta cedeu violenta pelos puxões de Pedro da Veiga. A desgraçada tinha saltado fora do leito, e corria desatinadamente na extensão do quarto e do salão, invocando o seu conde a grandes brados.

Cristóvão da Veiga chorava. Pedro tentava debalde segurá-la.

– Foge! assassino!... fuge, fraticida!...

Eram as imprecações estridorosas daquela infeliz! Mas as diligências do irmão, já iracundo, não se aquietavam... Quando Inês se viu amarrada, estrebuchou com uma robustez sobrenatural. Era a força muscular da demência furiosa, ou talvez a força morai da desesperação, que é o agonizar da morte.

– Conde! conde!... Salva-me deste assassino...

Pedro da Veiga, que cedera a um repelão, e que viu fugir-lhe a irmã dos braços em grandes gritos, irou-se, e, com os olhos injectados de sangue colérico, correu rancoroso após ela, exclamando:

– Chama, chama, infame, que chamas o teu prostituidor... *Chama! Chama!*

Inês da Veiga, com as mãos amarradas, cinge-se ao parapeito de uma janela, que padre Carlos abrira meia hora antes para observar a chegada de D. Cristóvão. O pai adivinha-lhe as tenções. Vai para suspendê-la, chamando-a enternecidamente... Era tarde... Inês precipitou-se do balcão ao fosso da torre, e deixou um pedaço da sua túnica alva e ensanguentada na mão do pai...

Eis aqui o seu tálamo, as suas esperanças, os seus amores! Tanta formosura, tamanho coração, e no fim de tantas agonias, vede-a... é um cadáver despedaçado na rocha! Buscai naquelas faces laceradas a pele mimosa onde se colaram os beijos ferventes da paixão! pedi àqueles lábios, embaciados pela crusta do sangue, um sorriso alegre para a vida, que ali se esvaeceu com tantas esperanças

mortas! pedi àqueles olhos estorcidos um olhar imperioso, uma ternura fascinadora, uma lágrima de alegria, ou aquele pranto de sangue que devera, aos olhos de Deus, remi-la de um morrer tão aflitivo....

.....

Está explicado o mistério da Torre de D. Chama, contado (veja o capítulo V) pelo Tio António da Maria. O que não podia saber-se, sem a perífrase do manuscrito, é que o cadáver de D. Inês da Veiga foi nessa mesma noite transportado à capela dos Veigas, e aí enterrado por Pedro da Veiga, que não derramou uma lágrima. E outrossim era impossível adivinhá-lo o Tio António da Maria, se o manuscrito o não contasse, que Cristóvão da Veiga, levado em braços para a cama, foi nos braços erguido para o esquife, onde desceu com mostras de sincero arrependimento, visto que à hora da morte, por um esforço sobrenatural, ajoelhou na cama, suplicando perdão ao espectro de Antónia Bacelar, que lhe rodeava o leito nos últimos dias da sua agonia.

Padre Carlos da Silva desapareceu.

.....

Agora, amigo leitor, queres saber a razão deste retrocesso de vinte anos? Era preciso dizer-te quem era aquele Timóteo de Oliveira, seminarista de Braga, que em 1720 seduz a filha de um honrado cuteleiro. Nem mais nem menos— era o filho de D. Inês da Veiga e de Manuel Carlos da Cunha e Távora, conde de S. Vicente.

Quem se der a escrever romances, há-de dar razão do seu dito.

CAPÍTULO XXV

Que vale a pena de ler-se por ser o ultimo, e por encerrar a acção de mais de meio século, coisa por certo nova e admirável, não só pelo muito que se diz, mas pelo muito mais que se poderia dizer, se o autor quisesse escrever o seu romance em quatro volumes

Não achei modos de atinar com o destino do filho ou filha de Timóteo de Oliveira, nem o manuscrito se entretém com o fim do cuteleiro António Gil. Micaela sabe o leitor que era irmã de Jacinta Rosa', e esta, como dito foi em lugar competente, era sinceramente cortejada por João Cambado, neto de mestre António, que naturalmente morreu de velho nos sótãos dos Veigas. Este João enamorado é o mestre João Rodrigues Cambado, que em 1750 manifestava a sua mulher um programa de vida nova: «Vou fazer-me ladrão!» – dizia ele à feia, mas honrada filia daquele bom cristão, e talvez sofrível cuteleiro da terra da cristandade, como é público e notório a respeito de Braga.

Realizadas as núpcias daqueles cônjuges, Micaela veio para Vila Real com sua irmã, para fugir às mofas que em Braga lhe agravavam a dor da sua desonra. De casa da irmã é que ela passou para o serviço de Pedro da Veiga.

Fiquemos nestas alturas: vamos fazer convergir aqui novos sucessos.

Timóteo de Oliveira fugiu do seminário no dia seguinte ao da publicidade do seu crime. Em Coimbra foi recebido nos braços da Companhia de Jesus, e, salvo no confessional, o seu crime foi calado, ou desvanecido pelo prodígio que ele era em ciências, e pelo acatamento que se irrogava aos seus valiosos serviços à confraria. Mais tarde vê-los-emos inquiridor no Santo Ofício.

E o conde de S. Vicente?

Esse é a maravilha deste romance. Da morte de Inês, à excepção de padre Carlos, Cristóvão e Pedro da Veiga, nunca soube alguém. Julgaram-na fugida, perdida, e barregã de um padre por esses mundos de Cristo.

O conde de S. Vicente militou. Em 1703 desfez-se a liga ofensiva e defensiva contra a casa de Áustria, e el-rei D. Pedro entrou no tratado da grande aliança com o imperador Leopoldo I, Inglaterra e Holanda, para entronizarem na Espanha o arquiduque Carlos.

Filipe V opôs uma tenaz e desesperada resistência. o exército português, capitaneado pelo marquês das Minas, escalou muitas praças de Castela antes de bater às portas de Madrid.

O conde de S. Vicente viram-no arcar freneticamente com a morte em Valença, em Cória, em Albuquerque, em Palência, e Ciudad Rodrigo.

D. Pedro II entra em Madrid aos 2 de Junho de 1706. Faz aclamar rei de Espanha Carlos III. Exulta na mais grandiosa, e única talvez, glória do seu reinado. Chama em volta de si os fidalgos que lhe granjearam aquele triunfo, e chora nobremente, quando a chorar lhe contam a morte do conde de S. Vicente, na ultima refrega às portas de Madrid.

Morrera... ou melhor é dizer, suicidara-se!

Agora, adiante.

Padre Carlos da Silva vergou ao peso do remorso. Vagou foragido e pobre a mendigar o pão do estrangeiro. O remorso envelheceu-o, e este criminoso desgraçado já não tinha refúgio, nem esperança, nem recursos em si para arrancar-se o espinho do crime, ou iludir o remorso que o matava. Socorreu-se de Deus. Confessou a atrocidade da sua vingança: nenhum sacerdote lhe quis perdoar sem a indulgência especial do papa.

Carlos da Silva foi a Roma. Clemente XI repeliu-o de si, e despojou-o das vestes sacerdotais, e das funções do culto, que ele não exercia desde aquela noite horrorosa. A desesperação calou na alma daquele homem, que desde então a adjudicou a Satanás em troca de uma inteira vingança do género humano.

Voltou a Portugal. O crime seguia-o, e a face marcada pelo Demónio, que o comprara, acusava-o. É preso em Lisboa como suspeito, e o tribunal em que responde, o do Santo Ofício, ignora que o réu é seu familiar. Padre Carlos receia uma fogueira eclesiástica, ou uma forca civil.

Um dos inquiridores é o reverendo padre Timóteo de Oliveira, que funciona entre os Domínicos como no Colégio de Santo Antão. Padre Carlos da Silva, depois de três anos de cárcere, réu de ocultar seu nome e estado, vai ser posto a tratos para aclarar suspeitas. Antes da tortura, é interrogado a sós pelo inquiridor Timóteo de Oliveira.

No dedo deste jesuíta brilha um anel, circundado pela legenda *Reges descendunt a nobis non nos a regibus*.

É aqui necessária uma explicação.

Padre Carlos, desde a noite do suicídio de D. Inês da Veiga, que é a mesma da remessa do recém-nascido para Braga, nunca mais teve novas da criança, nem poderia havê-las pela precipitação da remessa, sem um indício que no futuro lhe indicasse aquele filho de pais incógnitos. Vinte e quatro anos depois, quando voltou à Pátria, buscou na Rua de S. Marcos, em Braga, esse padre João Álvares; mas vinte anos eram passados depois da sua morte, e ninguém dava notícia de uma criança, que fora educada em sua casa. E, demais, padre Carlos era um mendigo, e ninguém lhe prestava atenção nem os incómodos de uma séria investigação sobre o destino da criança. Poderiam informá-lo no Seminário de S. Pedro, onde em 1706 entrara um menino de cinco anos, com um pecúlio, de antemão aí depositado por um anónimo, que precisamente era o sacerdote a quem fora confiada a sua criação, o qual pecúlio era o seu património clerical.

Quando, em 1750, padre Carlos da Silva, o homem suspeito de crimes misteriosos, respondia à inquirição do jesuíta Timóteo de Oliveira, nada poderia descortinar o segredo que prendia estes dois homens, um curvado sob o peso de setenta e cinco anos de sede de vingança e amarguras de remorso; o outro de quarenta e oito anos também ervados de desgosto pela orfandade, e de remorso pelo crime de sedução.

Mas o anel do dedo do jesuíta era um clarão destas trevas, que, a não ser ele, deveriam perpetuar-se.

Padre Carlos contemplava atentamente a legenda, e tanta era a absorção naquele reparo, que Timóteo de Oliveira reparou também.

– Estais muito distraído com o meu anel...

– Se Vossa Reverendíssima me permitisse...

– O quê?

– Aproximar-me, e reparar de mais perto... Aproximai-vos...

– Se consentísseis que eu visse esse anel...

– Aí tendes...

O padre carregou na mola, que quarenta e oito anos antes abrira.

– Que é isso? – exclamou o inquiridor. – Descobristes um segredo, que eu nunca descobri...

– Nunca?

– Não... Que é o que buscais dentro...

– Um nome – respondeu padre Carlos, fortemente sobressaltado. – Um nome...

Ei-lo...

– Deixai ver...

O jesuíta leu: *Manuel Carlos da Cunha e Távora*.

– Que nome é este?... – exclamou ele perplexo.

– Que anos tem Vossa Reverendíssima? – perguntou o padre Carlos.

– Quarenta e oito...

– Este anel foi sempre seu?

– Sempre.

Padre Carlos, exaltado, enérgico, forte de uma vida convulsa e febril, lançou ambas as mãos ao braço direito de Timóteo de Oliveira.

– Deixe-me ver este braço...

– Sabeis porventura...

– Sei... Tendes uma palavra escrita com fogo neste braço...

– Tenho...

– ANÁTEMA!...

– Sim, sim, e quem sois vós?!...

O réu não respondeu. Dos braços de Timóteo passou quebrantado e desfalecido para a cadeira do inquiridor. O jesuíta permanecia numa suspensão idiota, quando entrou um segundo inquiridor a indagar aquela demora. Timóteo de Oliveira não respondeu às perguntas que lhe fez o frade domínico. Este, vendo o réu desmaiado, desapertou-lhe caridosamente o gabão, que parecia comprimir-lhe os estômagos violentos do peito. Neste desapertar caiu um papel desenrolado; apanharam-no ambos, e o primeiro que lhe leu o título foi Timóteo de Oliveira. Não ligou ideia alguma à significação deste mistério – *Diário de Antónia Bacelar* –; mas, sem comunicar ao seu companheiro as suas comoções, sumiu em si sofregamente aquele rolo de papel, como quem esconde um tesouro dos olhos de um ladrão.

Padre Carlos da Silva foi transportado a um catre decente no dormitório dos frades de S. Domingos.

Timóteo de Oliveira assistiu-lhe na sua doença com muita caridade, e pediu-lhe no fim, como recompensa da sua soltura, a história do seu nascimento.

– Sois filho do conde de S. Vicente, que morreu em batalha no ano de 1706, e de D. Inês da Veiga, filha de Cristóvão da Veiga, que morreu depois do suicídio de vossa mãe em 1701. Não posso dizer-vos mais nada.

– E vós quem sois?

– Um homem a quem deveis o que sois. Pagai-me esta dívida com o vosso silêncio sobre mim e sobre vós.

.....

Padre Carlos da Silva viveu ainda cinco anos, num bairro retirado de Lisboa, subsistindo de esmolos, e escrevendo uma história que ele intitulou A MINHA VIDA, e que estava no manuscrito do quinto volume, quando o terramoto de 1755 o esmagou com a sua obra no entulho do sótão que ocupava.

Timóteo de Oliveira, em 1764, veio à província de Trás-os-Montes, foi incognitamente hospedar-se em casa de Pedro da Veiga, e no segundo dia de residência nessa casa foi alta noite chamado para ouvir de confissão uma criada da casa, que parecia morrer de uma dor de cólica.

No decurso da confissão geral desta enferma, o confessor soltou um grito e desapareceu como um possesso.

A confessada era Micaela, que, julgando-se nos paroxismos da morte, pedira ao padre a bênção do seu crime, por isso que ela perdoava de todo o seu coração a Timóteo de Oliveira, que tão desgraçada a fizera.

Dois anos depois, o jesuíta Timóteo de Oliveira foi desterrado, como cúmplice no

atentado regicida contra D. José 1, no mesmo dia em que o padre Malagrida foi queimado.

Micaela pode dizer-se que morreu de pasmo, dias depois daquele conflito da sua confissão. O segredo, porém, daquela fuga improvisa só o confessor lho arrancou do coração quase gelado pela morte.

Pedro da Veiga, depois de uma vida corrupta e digna de seus avós, casou, como o leitor sabe há muito, com sua prima D. Custódia Osório de Mesquita. O que o leitor não sabia, nem convinha dizer-lhe senão agora, é que o fidalgo casou os seus setenta e quatro anos aos vinte e cinco de sua prima. Houveram aquele filho, chamado Manuel, se bem que os contemporâneos rosnavam daquele filho apenas legitimado por ter nascido durante a constância do matrimónio. *Pater is est quem nuptiae demonstrant*. Não sabemos o que queriam dizer com isto... Más-línguas, naturalmente.

O sapateiro João Rodrigues Cambado decidiu-se por fim, e não valiam lágrimas da mulher que o desviassem de se fazer ladrão.

Na véspera da sua partida, a ocultas da mulher, o sapateiro foi fustigado pelo chicote de Manuel da Veiga. O artista queixou-se ao pai do menino, e teve em reparação da afronta ordem de sair dos sótãos. O fidalguinho, alentado por este recurso de seu pai, quando o sapateiro mudava para outro sótão a mobília, repetiu a dose de chicotadas, e parecia aplicar-lha mais suprida, quando o Cambado lhe enterrou no peito uma faca, e lhe afogou na garganta o grito de socorro.

O último representante dos Veigas foi enterrado com todas as solenidades, e, dois meses depois, Pedro da Veiga morreu de raiva impotente contra o sapateiro, que nunca mais foi visto em Portugal.

Jacinta Rosa, e seu filho, apesar da sua monstruosa fealdade, acharam quem lhes valesse na fome durante dez anos, no fim dos quais unia avultada quantia lhe foi mandada do Brasil pelo capitalista João Rodrigues de Magalhães, que já não era *Cambado*, e para lá partiram.

D. Custódia Osório de Mesquita, a viúva de Pedro da Veiga, teve filhos bastardos de um cavalheiro pobre de Vila Real, que acabaram mais pobres que seu pai.

Os netos do sapateiro são actualmente barões, e esperam sair viscondes na primeira fornada. Tudo isto é verdade.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
